

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

VIVIAN RAFAELLA PRESTES

A posição sadomasoquista da mulher: suas interfaces entre o amor e o ódio no vínculo materno – uma leitura psicanalítica

Maringá

2015

VIVIAN RAFAELLA PRESTES

A posição sadomasoquista da mulher: suas interfaces entre o amor e o ódio no vínculo materno – uma leitura psicanalítica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia

Área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Regina Perez Christofolli Abeche

Maringá

2015

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá, PR, Brasil)**

P936p

Prestes, Vivian Rafaella

A posição sadomasoquista da mulher : suas interfaces entre o amor e o ódio no vínculo materno : uma leitura psicanalítica / Vivian Rafaella Prestes. -- Maringá, 2015.
209 f.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Regina Perez Christofolli Abeche.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2015.

1. Sadomasoquismo. 2. Inconsciente. 3. Vínculo materno. 4. Amor e ódio. 5. Psicanálise. I. Abeche, Regina Perez Christofolli, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDD 21.ed. 150.1952

GVS-002641

VIVIAN RAFAELLA PRESTES

A posição sadomasoquista da mulher: suas interfaces entre o amor e o ódio no vínculo materno – uma leitura psicanalítica.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

COMISSÃO JULGADORA



Prof.^a Dr.^a Regina Perez Christofolli Abeche
DPI/Universidade Estadual de Maringá (Presidente)



Prof. Dr. Helio Honda
DPI/Universidade Estadual de Maringá



Prof.^a Dr.^a Débora Patrícia Nemer Pinheiro
Universidade Positivo

Aprovada em: 24 de abril de 2015.

Local da defesa: Sala 06 do Bloco 118 (sala de vídeo do DPI), Campus da UEM.

Para

Rosa Prestes Piconi (*in memoriam*), por me
apresentar a primeira história instigante sobre
amor e ódio

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me concebido com o dom de desejar tocar o íntimo da alma dos que chegam a mim;

À Regina P. C. Abeche, minha orientadora em diversos sentidos. Obrigada pela paciência e respeito ao acompanhar meus pequenos passos. Sou grata por sua dedicação e amor investido no meu trabalho. Por algumas vezes, você acreditou no meu sonho muito mais que eu mesma!

Ao professor Helio Honda, por aceitar o convite de compor a minha banca. Obrigada por transmitir a psicanálise com tanta seriedade e por me estimular, ainda que involuntariamente, a questionar todo e qualquer conhecimento. Suas aulas e valiosas contribuições me auxiliaram a desenvolver reflexões críticas;

À professora Débora Patrícia Nemer Pinheiro, por também compor a banca. Sou grata pela leitura atenta, críticas e sugestões que iluminaram essa construção;

Às duas colaboradoras, pela coragem em relatarem suas histórias e por terem depositado tanta confiança em mim;

Aos amigos do mestrado, especialmente a Daniela, Ana Celi, Rose, Fernanda e Mônica, por compartilharem os momentos de angústia. E aos amigos que acompanharam esse processo, mesmo que distantes, Carla, Irene, Fernanda e Ariane.

À Rosangela Maria Lopes que, ao corrigir cada linha do meu trabalho, demonstrava interesse pelo tema. Entre concordâncias verbais, crases e acentos, você despertou em mim a vontade de acertar cada vez mais;

À Rosana Parré, registro minha gratidão por ter acompanhado o início dessa gestação;

À Monica Prado, minha analista, pela possibilidade em reescrever aquilo que me marcou, facilitando a composição de novas histórias, incluindo esta;

Aos meus pais, Simone e Beto, seus respectivos cônjuges, Ademir e Jaqueline, meus avós, Helena e Tonho, e minha irmã, Ana Paula. Grata pela paciência, por me confortar no cansaço, entender a ausência e por me oferecer o chão firme sustentado pelo amor;

Ao meu noivo, Alexandre L. M. Ponce, pela paciência – que não foi pouca –, cumplicidade e disponibilidade constante em me ouvir falar, “recordar, repetir e elaborar” minha pesquisa;

“(...) freqüentemente desejo não mais vê-lo entre os vivos. Se isso ocorresse, porém, sei que seria ainda mais infeliz (...)”

(Platão – O banquete)

A posição sadomasoquista da mulher: suas interfaces entre o amor e o ódio no vínculo materno – uma leitura psicanalítica

RESUMO

Essa dissertação investiga a psicodinâmica sadomasoquista da mulher a partir de suas relações afetivas. A questão central que norteia esse trabalho é o que as mantém em tal relacionamento, ou, qual é a satisfação inconsciente que garante adesão a tal posição. Também se objetivou desarticular a ideia de sadomasoquismo com as sevícias relacionadas às práticas sexuais, ponto de vista tão bem explorado por alguns livros de literaturas, como a obra *Cinquenta tons de cinza*, de E. L. James. Para tanto, dispomos de duas histórias verídicas e distintas que contemplam posições sadomasoquistas nas suas mais diversas configurações e arranjos. Os relatos foram analisados à luz da teoria freudiana, por isso, consideramos os conteúdos manifestos, bem como os conteúdos latentes. A metodologia utilizada é a pesquisa com o método psicanalítica, a qual é fundamentada nos conceitos de inconsciente, associação livre e atenção flutuante. Apresentamos a origem do termo sadismo e masoquismo, provenientes da literatura, e a contribuição de Freud para a compreensão deste fenômeno. Ressaltamos a importância dos sentimentos ambivalentes que a criança direciona a mãe, bem como sua vivência pré-edípica com a figura materna, experiências que contribuem como ponto nodal dessa trama.

Palavras-chave: sadomasoquismo, inconsciente, vínculo materno, amor e ódio, psicanálise

The sadomasochistic position of women: their interfaces between love and hate in the maternal bond - a psychoanalytic reading

ABSTRACT

This study investigates the sadomasochist psychodynamic of the women from their emotional relationships. The central question guiding this work is what keeps them in such a relationship or what is the unconscious satisfaction which ensures adherence to such symptoms. We aimed also is to separate the idea of the sadomasochism with cruelty related to sexual practices, point of view as well exploited by some literature books, such as the work *Fifty Shades of Grey* written by E.L. James. For both, we have two true and distinct stories which come of sadomasochistic positions in its various configurations and arrangements. The reports have been analyzed in the light of Freud's theory; therefore, we consider the manifest content, as well as the latent content. The methodology used is the search with the psychoanalytic method, which is based on the concepts of unconscious, free association, and floating attention. Here is the origin of the term sadism and masochism, from literature and Freud's contribution to understanding this phenomenon. We emphasize the importance of ambivalent feelings that the child directs the mother, as well as her experience pre-oedipal with the maternal figure, experiences that contribute as a nodal point of this weft.

Keywords: sadomasochism, unconscious, maternal bond, love and hate, psychoanalysis

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 – A GÊNESE DOS TERMOS SADISMO E MASOQUISMO: DA LITERATURA À CONTRIBUIÇÃO FREUDIANA.....	21
1.1 Sacher-Masoch e “A Vênus das peles”	21
1.2 Marquês de Sade e “Justine ou os infortúnios da virtude”	26
1.3 O Sadomasoquismo em Freud	29
1.3.1 Primeira teoria sobre o sadomasoquismo.....	30
1.3.2 Segunda teoria sobre o sadomasoquismo.....	47
CAPÍTULO 2 – ENTRE O AMOR E O ÓDIO NO VÍNCULO MATERNO: OS (DES)CAMINHOS PARA A SEXUALIDADE FEMININA	61
CAPÍTULO 3 – ANGELINA E ROSA: DUAS HISTÓRIAS QUE SE ENCONTRAM. 84	
3.1 Apresentação e análise do caso Angelina	85
3.1.1 Informações gerais	85
3.1.2 “Minha mãe só fui ver depois que meu pai foi embora”: a marca edipiana	86
3.1.3 Os relacionamentos afetivos	88
3.1.4 A mãe que tive e a mãe que sou:	92
3.1.5 A psicodinâmica e o posicionamento sádico e masoquista	94
3.2 Apresentação e análise do caso Rosa	98
3.2.1 Informações gerais	99
3.2.2 A marca da rejeição materna.....	99
3.2.3 Os relacionamentos afetivos	103
3.2.4 A mãe que tive e a mãe que sou.....	113
3.2.5 A psicodinâmica e o posicionamento sádico e masoquista	115
3.3 Divergências e convergências.....	120
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	123
REFERÊNCIAS	127
ANEXOS	133
Anexo A – Modelo do termo de consentimento livre e esclarecido	134
Anexo B – Parecer consubstanciado do comitê de ética e pesquisa (CEP).....	135
APÊNDICES	141
Apêndice A – Caso Angelina.....	142
Apêndice B – Caso Rosa.....	166

INTRODUÇÃO

Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, algumas pessoas questionaram o tema da dissertação. Ao responder, sucintamente, que tratava sobre o sadomasoquismo, muitas atrelavam o assunto às sevícias realizadas durante o ato sexual. Percebemos, então, que no imaginário e linguagem do senso comum, ser sadomasoquista está associado às práticas sexuais que envolvem dor e humilhação relacionados ao uso de instrumentos como chicotes, algemas, salto pontiagudo e roupa de couro. Deveras, o comportamento relatado também pode ser caracterizado como sadomasoquista, haja vista a relação que o indivíduo tem com o próprio corpo, solicitando uma inscrição corporal de dor, sofrimento e, em alguns casos, mutilações. Tal pensamento popular é alimentado por literaturas eróticas as quais tratam a temática dessa forma, como, por exemplo, o livro *Cinquenta tons de cinza*, de Erika Leonard James (2012).

O livro mencionado tornou-se *best-seller* e, segundo Bosman (2012), na sessão Arts Beat do site The New York Times, foram vendidas mais de 10 milhões de cópias do exemplar nos Estados Unidos em seis semanas. Boscov (2012) publicou no site da revista Veja a seguinte informação: “Mais de 20 milhões de exemplares já vendidos nos Estados Unidos, outros 10 milhões nos demais países de língua inglesa, 500.000 na Alemanha em apenas cinco dias, dezenas de milhares de cópias voando das prateleiras no Brasil [...]”. Recentemente, a história do livro ganhou versão nas telas do cinema. O site G1 aponta que o longa metragem conquistou o quarto lugar de maior estréia no Brasil.

Considerando tais estatísticas, questionamos o motivo de tamanho sucesso e, para entendermos a conjuntura, vale relatar brevemente o conteúdo do livro. O enredo é composto por dois personagens principais: Anastasia Steele e Christian Grey. Ela, uma jovem universitária de 21 anos e virgem, trabalha em uma loja de materiais de construção. Ele, com menos de 30 anos, é um empresário milionário e sedutor. O casal se conhece quando a moça entrevista Gray e sente-se “desesperadamente” atraída por ele que também a deseja, mas para que fiquem juntos e tenham relação sexual, ele estabelece algumas ressalvas, por isso, elabora um contrato que Anastasia assina, consentindo experiências sexuais sadomasoquistas. A obra *Cinquenta tons de cinza* é o primeiro de uma trilogia e as duas continuações são *Cinquenta Tons Mais Escuros* e *Cinquenta Tons de Liberdade*. É possível obter mais informações, além do acesso ao primeiro capítulo de cada livro, no site <http://cinquantatonsdecinza.com.br/>.

A autora do livro concedeu uma entrevista à Isabela Boscov (2012) e esclareceu algumas das razões do sucesso ao dizer que o sadomasoquismo é uma fantasia em relação à qual as mulheres desconhecem os “princípios básicos” e afirma que essa “novidade” exposta foi responsável pelo elevado número de leitores atraídos pela obra. É provável, então, que o triunfo seja devido à identificação do público com o caráter sadomasoquista que recheia o livro, afinal, Freud (1905/1996), nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, já dizia que tanto o sadismo como o masoquismo são partilhados por todos. Essa constatação requer um pensar sobre as particularidades dos vínculos afetivos na relação homem e mulher, especificamente aqueles que explicitam o caráter sadomasoquista.

Surgiu, pois, a questão: quais homens e/ou mulheres iríamos investigar? A resposta foi composta por dois momentos diferentes: o primeiro, em 2011, quando estagiei na 9ª Subdivisão Policial – Delegacia da Mulher e, ao acompanhar os boletins de ocorrência, observei o “vai e vem” de algumas mulheres que relatavam suas experiências de violência e humilhação praticadas pelo parceiro. O fato é que, logo depois, retiravam a queixa e a representação criminal era interrompida, mas, muitas dessas mulheres buscavam novamente a instituição pelos mesmos motivos. O segundo momento firmou-se em 2012, quando iniciei a prática clínica e me deparei com uma jovem que se submetia aos impropérios de seu namorado, o qual, frequentemente, se relacionava com outras mulheres e permitia que tal situação fosse de conhecimento da paciente. O relacionamento era marcado de términos, promessas e reconciliações, ainda que as situações de infidelidade, seguidas de brigas, tornassem a se repetir.

Diante dos momentos citados acima, optamos por estudar mulheres que se colocam e permanecem na posição de vítimas. Despertaram-nos a curiosidade e o desejo de entender os mecanismos que regem a dinâmica psíquica dessas mulheres. Por que o inconsciente insiste em repetir tais escolhas que, olhando de longe, fazem-nas sofrer? Ou, ainda, por que tais mulheres procuram situações as quais despertam sentimento de humilhação e inferioridade? Há satisfação ao se colocarem no lugar de vítimas sofredoras? Ou, melhor dizendo, qual a natureza da satisfação desse comportamento? Essas indagações levaram ao conceito de sadomasoquismo, aprimorado por Freud ao longo de suas obras, e de compulsão à repetição. Foi à luz de tais conceitos que desenvolvemos esta pesquisa.

Objetivamos com este trabalho examinar a dinâmica sadomasoquista na mulher, a partir de suas relações afetivas, tendo como referencial teórico as formulações que Freud

elaborou sobre esse conceito. Para isso, investigamos o vínculo pré-edípico, bem como o edípico das entrevistadas, sublinhando os sentimentos de amor e ódio. Também há o propósito de desvincular a ideia popular a qual atrela o sadomasoquismo, invariavelmente, a práticas sexuais envolvendo agressões físicas. Assim, este trabalho se respalda na concepção freudiana que explica os comportamentos agressivos – não, necessariamente, fazendo o uso da força física – como uma postura sádica e a submissão às humilhações de qualquer cunho como uma característica relacionada ao masoquismo.

Temos por finalidade compreender o fenômeno sadomasoquista com o intuito de contribuir tanto para a prática clínica, quanto para com instituições as quais atendam essa população de pessoas, uma vez que tal compreensão possibilitará uma escuta que vai além do discurso de vitimização, ou seja, perceber esse indivíduo afetado pelo sofrimento como vítima, mas também cúmplice de si mesmo.

Para tanto, foram verificados os principais textos nos quais Freud trabalhou com o tema proposto, com o desígnio de entender a teoria sobre o fenômeno sadomasoquista. Buscamos o verbete “sadomasoquismo” no dicionário de psicanálise da Roudinesco e Plon (1998) para definir o itinerário a seguir. Foram estudadas as obras elencadas pelos autores, a saber: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996), *Pulsões e destinos da pulsão* (1915/2004), *Batem numa criança* (1919/2010) e *O problema econômico do masoquismo* (1924/1996). Para compreender com mais clareza este último, foi lido o texto *Além do princípio do prazer* (1920/2006).

A fim de mantermos a proposta de Freud – pesquisa atrelada à prática –, decidimos pensar em algum local que viabilizasse material clínico. Gay (2012) conta que Freud sempre buscou unir sua experiência prática à teoria e vice-versa. Quando o pai da psicanálise decidiu pela carreira médica, seu intento não era tanto pela paixão, mas, principalmente, pelo desejo de conhecimento, ainda que, durante o curso de medicina, tenha confessado seu anseio em curar ou aliviar as dores dos pacientes. Freud sempre foi um pesquisador, estreando sua vocação na academia, primeiramente no laboratório de zoologia, dissecando enguias, depois como fisiologista, investigando o sistema nervoso dos peixes e, posteriormente, nos seres humanos. Essa influência neurológica é nítida no texto de 1895, *Projeto para uma psicologia científica*.

Em 1882, Freud decidiu sair do laboratório para iniciar sua profissão no Hospital Geral de Viena e, após o contato com Charcot, entusiasmou-se com a hipnose e prosseguiu

sua exploração com as histéricas. O terreno fértil deu origem ao texto de 1893, *Estudos sobre a histeria* (1996), escrito em parceria com Breuer. Foi mediante as observações dos casos atendidos que as formulações teóricas psicanalíticas, principalmente no que tange à sexualidade como etiologia da histeria, tiveram fundamento, já que as lesões orgânicas não eram comprovadas. Nota-se, então, que a psicanálise foi criada e é constantemente repensada a partir da prática, seja ela em consultório ou em qualquer instituição. É por intermédio da prática que podemos confirmar e/ou reformular a teoria. Ambas - teoria e prática - complementam-se e Safra (1993, p. 120) ratifica que “A articulação teórica sem referência à clínica corre o risco de aproximar-se das manifestações de pensamento delirante. A clínica sem a conceitualização teórica pode perder-se na indisciplina de uma prática onipotente e sem rigor metodológico”.

Dessa forma, com o desígnio de coletarmos materiais clínicos os quais pudessem auxiliar na elaboração de algumas considerações sobre o sadomasoquismo, definimos entrevistar algumas mulheres atendidas na Unidade de Psicologia Aplicada (UPA) por estagiários de psicologia da Universidade Estadual de Maringá. Tal caminho foi facilitado pela orientadora do trabalho a qual é supervisora nessa clínica-escola. Para localizarmos as entrevistadas, a professora orientadora, Regina Abeche, entrou em contato com as demais supervisoras da instituição e, após explicar o objetivo da pesquisa, identificou nos grupos dois casos com as características que se busca entender: mulheres com queixa de terem um relacionamento “difícil¹” com seus companheiros.

Antes de iniciarmos as entrevistas, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá, aprovado sob o parecer 883.485 (Anexo B). Uma vez aprovado em seus aspectos éticos, foi feito contato com os estagiários responsáveis pelas duas pacientes, a fim de explicar a pesquisa e pedir autorização deles. Ambos concordaram e questionaram se as pacientes tinham interesse em participar de uma pesquisa de mestrado a qual tinha por objetivo estudar o aspecto sadomasoquista das relações entre homem e mulher. Com o consentimento delas, marcamos a primeira entrevista.

¹ As queixas das pacientes consistiam em reclamações dos relacionamentos com seus companheiros, os quais, segundo elas, eram marcados por brigas e mágoas. Apesar da difícil convivência entre o casal, a decisão de romper o vínculo não era considerada, ou, as tentativas eram frustradas, já que, ao reatarem, os comportamentos eram mantidos.

A priori, não havia um número de encontros pré-determinados para as entrevistas acontecerem, ou seja, não fixamos uma quantidade de entrevistas e o tempo de cada uma delas. Guiamo-nos, portanto, respeitando a demanda da entrevistada. Angelina, a primeira, dispôs-se ao primeiro encontro sem limitação de tempo, o que possibilitou numa única entrevista de duas horas e sete minutos, obtermos os elementos necessários para análise. A segunda, Rosa, necessitou de três encontros, o primeiro com duração de uma hora e dezessete minutos, o segundo uma hora e dez minutos e, o último, uma hora e trinta minutos. Rosa tinha outros compromissos e, por isso, carecia que as entrevistas fossem interrompidas sem que se esgotasse a demanda. Assim, as subseqüentes foram marcadas até que o assunto findasse. Todos os encontros foram gravados em áudio digital e transcritos integralmente (apêndices A e B) para que o material auxiliasse nas análises dos discursos.

O procedimento deu-se da seguinte forma: para ambas apresentei-me, repeti as informações já passadas pelos estagiários, esclareci que alguns dados pessoais, como nomes próprios, seriam mantidos em sigilo e, para isso, usaria um nome fictício para cada uma delas e para as pessoas envolvidas nas histórias relatadas. Nosso objetivo é distorcer alguns dados de identificação, a fim de preservar o anonimato das participantes, pois o que nos interessa no estudo é entender a forma como se organiza o funcionamento psíquico destas mulheres em específico, de forma a colocar em evidência o inconsciente delas. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo A) foi apresentado e assinado com o intuito de registrar o conhecimento das entrevistadas sobre a pesquisa e seus direitos como participantes. Logo após, foi-lhes solicitada permissão para que a entrevista fosse gravada, no que assentiram e, então, iniciei-a, em separado, com a mesma pergunta: conte-me sobre sua história.

A metodologia utilizada foi a pesquisa com o método psicanalítico que, segundo Figueiredo e Minerbo (2006), requer a presença do psicanalista em atividade analítica e, independentemente da pesquisa ter como campo de estudo a clínica ou algum fenômeno social, o objeto será o inconsciente. Além disso, há mudança tanto para o pesquisador, como para o pesquisado. Segundo os autores,

A entrega do “pesquisador” ao “objeto”, o deixar-se fazer por ele e, em contrapartida, construí-lo à medida que avançam suas elaborações e descobertas faz desta “pesquisa” um momento na história de uma relação que não deixa nenhum dos termos tal como era, antes de a própria pesquisa ser iniciada. (p. 260).

Foi confortante encontrar nos autores citados acima o registro de que a dupla entrevistador-entrevistado é afetada de alguma forma, ou seja, cada um não sai como chegou.

Ainda que soubéssemos disso, baseadas no conceito de transferência e também pelo conhecimento da pesquisa participante², havia o receio de estar usando as entrevistadas apenas para colher informações. Figueiredo e Minerbo (2006) sublinham que “O olhar do psicanalista é um olhar fora da rotina, que desopacifica o objeto. Ele ressurgue diferente, desconstruído, transformado. O sujeito também se transforma na medida em que se torna capaz de ver coisas que não via antes” (p. 260). A experiência também toca o entrevistador que se transforma pela história singular que a ele é confessada.

A pesquisa psicanalítica ou, como a descrevemos, com o método psicanalítico, suscita críticas particularmente daqueles que seguem o positivismo. Como salienta Silva (1993), para que o conhecimento produzido seja aceito como “verdade”, ainda que momentânea, requer que, ao ser reaplicado nas mesmas condições de antes, o resultado seja o mesmo obtido outrora, ou seja, o conhecimento precisa ser universal. Sob a ótica da psicanálise, como sabemos, reaplicar o conhecimento não garante ter o mesmo desfecho, pois, cada indivíduo tem uma história singular marcada por suas peculiaridades. A autora sublinha que sujeito e objeto não estão separados, informação essa que a física quântica pontua, uma vez que a presença do observador altera o observado. Nas palavras da autora,

a relação S-O substitui-se assim pela relação S-S, ou seja, entre dois sujeitos, cada um com uma parte consciente comunicando-se “oficialmente” com o consciente do outro, e uma parte inconsciente de cada um utilizando-se de seu estilo peculiar de interação, que passa despercebido. (p. 17).

Trabalhar com essa metodologia não é sinônimo de ser anticientífico, ou mesmo de sermos guiado pela intuição, mas de adotarmos uma metodologia que venha ao encontro das especificidades dessa área do saber e, conseqüentemente, desse objeto, o inconsciente. Por isso, ainda segundo a mesma autora, a ciência só se desenvolve quando abdicamos da procura pela Verdade, a qual ela escreve com letra maiúscula para representar o conhecimento absoluto. Silva (1993) afirma: “Vemos assim que a neutralidade científica é um dos mais caros mitos da modernidade, e mesmo o conceito de verdade objetiva, universal e atemporal vai cedendo lugar à noção de construção assinada e datada [...]” (p. 19). Ao se tratar de psicanálise, o próprio Freud (1923/1996) assevera que

A psicanálise não é, como as filosofias, um sistema que parta de alguns conceitos básicos nitidamente definidos, procurando apreender todo o universo com o auxílio deles, e, uma vez completo, não possui mais lugar para novas descobertas ou uma melhor compreensão. Pelo contrário, ela se atém aos fatos de seu campo de estudo, procura resolver os problemas imediatos da observação, sonda o caminho à frente com

² Segundo Brandão (1999), a pesquisa participante busca a interação entre pesquisador e pesquisado, considerando que ambos são ativos e podem criar um conhecimento em conjunto

o auxílio da experiência, acha-se sempre incompleta e sempre pronta a corrigir ou a modificar suas teorias (p. 264).

A psicanálise não tem a pretensão de construir uma verdade inquestionável, já que conhecimento e a ciência estão em constante movimento. Em 1914, no texto *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1996), Freud distingue o que ele chama de teoria especulativa e ciência construída a partir da interpretação empírica. A primeira visa à investigação minuciosa de algum fundamento que tem por base e deve ser “logicamente inatacável”, isto é, busca sua confirmação. A segunda lida com conceitos nebulosos “[...] que espera apreender mais claramente no decorrer de seu desenvolvimento, ou que está até mesmo preparada para substituir por outros [...]” (p. 85). Monzani (1989) ensina que Freud, ao deparar-se com questões e problemas impostos pela clínica, tinha que revisar sua teoria até então postulada, modificando algumas ideias e pressupostos. O autor nacional nomeia tal movimento como “espiral”, significando que, apesar das mudanças ao longo da obra freudiana, havia uma coerência entre os pensamentos do “antes” e do “depois”.

Um exemplo disso é a teoria da sedução, proposta por Freud ao ouvir alguns pacientes relatarem lembranças de terem sido abusados sexualmente quando crianças. Eles diziam que haviam sofrido passivamente atentados sexuais por parte de algum adulto, geralmente o pai. Entre 1895 a 1897, Freud atribui a esse fato, considerado como uma vivência real, a etiologia das psiconeuroses, especificamente a histeria. No entanto, o autor recua ao perceber que algumas dessas cenas de sedução são, na verdade, derivadas de construções fantasísticas. A partir disso, anuncia a importância da fantasia na constituição psíquica e elabora conceitos fundamentais à psicanálise, como realidade psíquica (contrapondo-se à realidade material), sexualidade infantil e fantasia inconsciente. Em sua última década de vida, Freud retoma a teoria da sedução real, porém, atribui à mãe o papel de sedutriz, uma vez que lhe compete os cuidados de higiene corporal e, como será visto no segundo capítulo, tais cuidados provocam as primeiras sensações de prazer sentidas pela criança. Monzani (1989) explica que Freud não abandonou a teoria da sedução, mas, como em um percurso espiral, que aparece ao longo de sua obra, ele recupera ideias, construções e engendramentos em outro patamar, um nível superior de raciocínio que resgata o mesmo ponto de antes.

O método psicanalítico aplicado ao objeto deste estudo – mulheres que assumem posições sadomasoquistas – seguiu as regras fundamentais desenvolvidas por Freud em 1912, no texto *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise* (2010), a saber: a atenção flutuante por parte da entrevistadora e a associação livre por parte da entrevistada. A atenção

flutuante significa escutar o paciente (nessa pesquisa corresponde à entrevistada) sem se fixar em algum ponto em particular para que não ocorra o risco de selecionar o material e, conseqüentemente, “perder” as associações inconscientes. Nesse texto, Freud define tal regra da seguinte forma:

[...] consiste apenas em não querer notar nada em especial, e oferecer a tudo o que se ouve a mesma ‘atenção flutuante’ [...]. Pois, ao intensificar deliberadamente a atenção, começamos também a selecionar em meio ao material que se apresenta; fixamos com particular agudeza um ponto, eliminando assim outro [...] (p. 149).

Antes de iniciarmos a entrevista com a pergunta disparadora – conte-me sobre sua história –, as entrevistadas foram orientadas a falarem em associação livre, ou seja, dizer o que lhes viessem à cabeça, sem se preocupar com certo ou errado. Em 1923, no texto *Dois verbetes de enciclopédia* (1996), Freud faz uma nota específica sobre a associação livre e nela descreve que tal regra conduz o sintoma ao pensamento e lembrança a ele relacionado, isto é, percorre um caminho inverso até chegar ao conteúdo inconsciente.

Com a prática clínica, o autor observou que era comum os pacientes não comunicarem alguns pensamentos conscientes devido à crítica que eles próprios se impunham. Textualmente encontramos a seguinte indicação: “[...] daí surgiu a técnica de ensinar o paciente a abandonar toda a sua atitude crítica e fazer uso do material que era então trazido à luz para o fim de revelar as conexões que estavam sendo buscadas” (p. 250). Nesse mesmo texto, encontra-se o verbete sobre “A regra técnica fundamental”. O autor explica que se deve pedir ao paciente que comunique ao analista tudo o que lhe vier à consciência, “[...] não retendo da comunicação nenhuma idéia, mesmo que (1) sinta ser ela muito desagradável, (2) julgue-a absurda ou (3) sem importância demais ou (4) irrelevante para o que está sendo buscado” (p. 250).

Todo pensamento levará à alguma associação. Como saber, então, que a corrente a qual leva um pensamento arbitrário à outro, guiará, de fato, ao inconsciente? Freud antecipa tal objeção no capítulo VII do livro *A interpretação dos sonhos* (1900/1996). O autor fala sobre o determinismo psíquico, indicando algo que vai além da causalidade objetiva, ou seja, demonstra a intencionalidade que a dinâmica inconsciente exerce no indivíduo, afirma, assim, a existência de ligações psíquicas já estabelecidas entre os pensamentos associados. Para isso, forja o conceito “representações-meta³”. Freud desenvolve esse raciocínio para explicar as

³ O termo aparece primeiramente em *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1996).

associações dos sonhos, mas adverte que “[...] nosso procedimento na interpretação dos sonhos é idêntico ao procedimento pelo qual resolvemos os sintomas [...]” (p. 555).

A associação livre, ou seja, falar livremente, significa abdicar das representações-meta conscientes para que as representações-meta desconhecidas, isto é, inconscientes, assumam o fluxo das associações. Nas palavras do autor, as representações-meta “[...] assumem o comando e, daí por diante, determinam o curso das representações involuntárias” (p. 555). E mais adiante afirma que “[...] não ocorrem cadeias de pensamento desprovidas de representações-meta [...]” (p. 556). Isso significa que o encadeamento entre os pensamentos não é algo puramente mecânico, mas há ligações entre todas as representações evocadas, evidenciando a lei inconsciente a qual rege tal processo. Há certa “atração” entre os elementos associados, como um caminho “facilitado” o qual orienta o percurso dos pensamentos.

Freud (1900/1996) ratifica que *“Sempre que um elemento psíquico está vinculado a outro por uma associação objetável ou superficial, há também entre eles um vínculo legítimo e mais profundo [...]”* (p. 557, grifos do autor). Explica que o motivo de haver preeminência das associações superficiais deve-se à pressão da censura. Nas palavras do autor “As associações superficiais substituem as profundas quando a censura torna intransitáveis as vias normais de ligação”. No entanto, ainda que o caminho esteja obstaculizado, devido ao conteúdo intolerável à consciência, permanece a ligação essencial que une os pensamentos “superficiais”, os quais agiram apenas como substitutos.

Diante desse pilar que compõe a técnica psicanalítica, Freud (1900/1996) conta que

Quando instruo um paciente a abandonar qualquer tipo de reflexão e me dizer tudo o que lhe vier à cabeça, estou confiando firmemente na premissa de que ele não conseguira abandonar as representações-meta inerentes ao tratamento, e sinto-me justificado para inferir que o que se afigura como as coisas mais inocentes e arbitrárias que ele me conta está de fato relacionado com sua enfermidade. (p. 558).

Essa mesma análise sobre as representações-meta é aplicada à compreensão dos esquecimentos, por parte do paciente, de palavras, nomes de familiares, lapsos de língua e escrita, leituras erradas, certos erros, danos a si próprio, aparentemente acidentais, sonhos, chistes, músicas murmuradas “sem pensar” e os sintomas (Freud, 1923 [1922]/1996). Isso mostra que o pensamento nunca é arbitrário, mas denuncia uma condução guiada pelo inconsciente e, por isso, todo e qualquer fenômeno relatado acima deve ser considerado como “escritura sagrada”

Em 1923, Freud expõe que “[...] a dinâmica da formação dos sonhos [é] a mesma da formação dos sintomas” (p. 253) e explica que em ambos os casos há um conflito entre o conteúdo inconsciente, o qual pressiona para realizar o desejo e alcançar a satisfação, e a consciência, a qual censura tal desejo por provoca-lhe certo desprazer. Para resolver esse impasse (realizar o desejo inconsciente ou reprimi-lo), as duas instâncias (inconsciente e consciente) entram em um “acordo”, isto é, estabelecem uma formação de compromisso permitindo que ambas tenham satisfações parciais, uma vez que o conteúdo é admitido na consciência, porém com ressalvas e deformações, atendendo às exigências defensivas. Nesse mesmo texto de 1923, o autor afirma que a essência do sintoma é uma satisfação sexual substitutiva. Textualmente, encontramos a seguinte constatação: “[...] o sintoma não pode escapar inteiramente às forças repressivas do ego, tendo assim de submeter-se a modificações e deslocamentos [...] através dos quais sua característica de satisfação sexual se torna irreconhecível. Conseqüentemente, os sintomas [...] representam uma realização porém incompleta [...]” (p. 258).

Ao interrogarmos o posicionamento sadomasoquista das mulheres entrevistadas nesta pesquisa, podemos associar, baseadas na descrição apresentada acima, que, ainda que não seja um sintoma, mas uma posição, o sadomasoquismo pode contemplar uma dinâmica inconsciente, a qual mantém uma satisfação (direta ou indireta), isto é, abarca um benefício. Diante do conflito psíquico, ou seja, das exigências internas antagônicas entre si⁴, uma das saídas possíveis é a forma como a pessoa se comporta ante ao outro. A compreensão do sintoma nos oferece elementos para entender a dinâmica do sadomasoquismo, já que é uma forma de relação entre o indivíduo e o mundo.

O sintoma é uma combinação entre a proibição de um conteúdo que, por ser censurado pela consciência, permanece no inconsciente, mas encontra a satisfação em um substituto sintomático. Freud (1919/1996) sintetiza tal ideia na seguinte frase: “Tudo o que para a consciência foi reprimido e substituído por outra coisa é mantido no inconsciente e permanece capaz de atuação” (p. 322). Como intervir, então, ante a esse laço formado pelo sintoma? Como explicitar ao indivíduo essa verdade escondida em tal manifestação de comportamento? Em 1990, no texto *A interpretação dos sonhos* (1996), Freud constrói o protótipo de uma técnica psicanalítica que responde a essas questões: a interpretação. No texto referido, a interpretação é uma ferramenta para acessar o inconsciente por meio da análise dos sonhos e

⁴ Por exemplo, um desejo incestuoso pelo progenitor (Complexo de Édipo) e a exigência moral que a sociedade impõe, interditando a realização de tal desejo.

consiste, então, no trabalho que o analista realiza ao desvelar a relação existente entre o conteúdo manifesto no sonho e o conteúdo latente (inconsciente). Garcia-Roza (2014) alerta que “O que se oferece à interpretação são enunciados, e estes devem ser substituídos pelo analista por outros enunciados, mais primitivos e ocultos, que seriam a expressão do desejo do paciente” (p.64).

Freud, em 1911, no texto *O uso da interpretação dos sonhos na psicanálise* (2010), assevera que a interpretação deve ser considerada como mais uma técnica a ser somada durante o tratamento psicanalítico. Nas palavras do autor: “Portanto, advogo que a interpretação de sonhos no tratamento analítico não seja praticada como uma arte em si mesma, mas que o seu uso seja submetido às regras técnicas que presidem a realização da terapia” (p. 129). Isto é, há de se avaliar as regras para, por exemplo, saber o tipo de interpretação (das resistências, do desejo, da transferência, etc.), bem como o momento para fazê-la, de modo a evitar uma interpretação selvagem.

A técnica foi expandida para compreender a dinâmica psíquica diante de qualquer produção inconsciente e, em 1901, Freud escreve *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1996) a fim de demonstrar com diversos exemplos a relação do inconsciente com os lapsos de memória, lapsos da leitura e escrita, atos falhos, etc. Laplanche e Pontalis (2001) esclarecem que, em última análise, a interpretação tem por finalidade revelar ao indivíduo o desejo que engendra tais manifestações do inconsciente. Roudinesco e Plon (1998) reforçam a mesma ideia e explicitam que a interpretação tem por objetivo “[...] fazer um sujeito compreender a significação inconsciente de seus atos ou de seu discurso, quer estes se manifestem através de um dito, um lapso, um sonho, um ato falho, de uma resistência, da transferência etc.” (p. 388). Assim, o método da interpretação oferece ao indivíduo o acesso ao sentido latente, é, portanto, uma proposta de ampliação do sentido.

O trabalho de interpretar sempre trouxe certa nebulosidade à psicanálise, pois era comum na época de Freud, e ainda o é atualmente, que os analistas sejam arbitrários na interpretação, isto é, que exerçam a onipotência diante do esclarecimento a que se propõem fazer. A fim de tentar ponderar esse comportamento, Freud desenvolve um texto já nos últimos anos de sua vida. Escreve, em 1937, *Construções em análise* (1996) e evidencia a importância da construção para evitar uma mera explicação do fenômeno inconsciente.

No texto supracitado, o autor critica um erro – não tão raro. É comum ocorrer que, quando o analista interpreta determinado fato, se o paciente concorda, significa que foi assertivo, se nega, é devido ao mecanismo de resistência, ou seja, de uma forma ou outra o analista está certo. Para evitar tal equívoco, Freud sugere o exercício das construções, as quais

devem ser pautadas em todo material que o paciente oferece como, por exemplo, as repetições. Nas palavras de Freud (1937/1996, p. 276), “É dessa matéria-prima – se assim podemos descrevê-la – que temos de reunir aquilo de que estamos à procura”.

Cabe ao paciente associar livremente. E ao analista? No texto *Construções em análise* (1937/1996) o autor responde: “Sua tarefa é a de completar aquilo que foi esquecido a partir dos traços que deixou atrás de si ou, mais corretamente, *construí-lo*” (p. 276, grifo do autor). Tal inferência é feita por intermédio “[...] dos fragmentos de lembranças, das associações e do comportamento do sujeito da análise” (p. 277). O autor, diante da explicação do processo de construção, diferencia-o da interpretação e nos diz que

[...] construção é de longe a descrição mais apropriada. ‘Interpretação’ aplica-se a algo que se faz a algum elemento isolado do material, tal como uma associação ou uma parapraxia. Trata-se de uma ‘construção’, porém, quando se põe perante o sujeito da análise um fragmento de sua história primitiva, que ele esqueceu [...] (p.279).

Ao se tratar de uma sessão, a construção é comunicada ao paciente e, a partir de sua resposta, o analista sabe se aquela informação é verdadeira ou não. O termômetro para saber se está no caminho certo ou não, não está apoiado na resposta afirmativa ou negativa do paciente. O assunto merece outro estudo que o desenvolva, porém, Freud assegura que a reação do analisando após a fala do analista, servirá de bússola. Nas palavras do autor,

É do maior interesse que existam formas indiretas de confirmação, que são, sob todos os aspectos, fidedignas. Uma delas é uma forma de expressão utilizada (como que por consenso) com muito pequena variação pelas mais diferentes pessoas: ‘Nunca pensei’ (ou ‘Nunca teria pensado’) ‘isso’ (ou ‘nisso’). Isso pode ser traduzido, sem qualquer hesitação, por: ‘Sim, o senhor está certo dessa vez – sobre meu *inconsciente*’ (p. 281, grifo do autor).

Esta pesquisa está apoiada nos conceitos expostos até aqui, a saber: a associação livre das entrevistadas como um caminho para compreensão da dinâmica psíquica inconsciente; a atenção flutuante da entrevistadora, o inconsciente como objeto de estudo da psicanálise; a interpretação das manifestações inconscientes e a construção das lacunas no relato das entrevistadas, com base na teoria freudiana. Todos esses elementos fazem parte do método psicanalítico e estão presentes nesse trabalho.

Assim, o percurso deste trabalho foi organizado em três capítulos. O primeiro apresenta a origem dos termos sadismo e masoquismo na literatura de Marquês de Sade e Sacher-Masoch e o caminho percorrido por Freud para desenvolver esse conceito. Para tanto, dividimos em dois pontos, a saber, a primeira teoria sobre o sadomasoquismo e a segunda teoria sobre o sadomasoquismo, a fim de destacarmos a diferença e evolução dessa temática

na obra freudiana. No segundo capítulo, abordamos a importância do vínculo da menina com sua mãe e os sentimentos daí derivados, especificamente o amor e o ódio. O propósito foi clarificar os efeitos dessa relação e suas possíveis consequências na escolha objetal. No terceiro capítulo, tentamos articular a teoria exposta nos capítulos anteriores com dois casos entrevistados.

CAPÍTULO 1 – A GÊNESE DOS TERMOS SADISMO E MASOQUISMO: DA LITERATURA À CONTRIBUIÇÃO FREUDIANA

Richard von Krafft-Ebing, psiquiatra austríaco e fundador da sexologia, elaborou e publicou, em 1886, o livro *Psychopathia Sexualis* (versão brasileira publicada pela Martins Fontes em 2001), um manual que continha as diversas perversões sexuais, como estupros, pedofilia, exibicionismo, sadismo e masoquismo. Estes dois últimos termos foram extraídos do nome de dois autores: Marquês de Sade e Sacher-Masoch, respectivamente (Ferraz, 2008). A escolha dos nomes não foi eventual, pois, como afirma Gay (1995), o Marquês de fato era sádico e ficou conhecido, dentre diversos escândalos, por levar uma prostituta para casa e açoité-la. Sacher-Masoch, considerado masoquista, teve a fama de engendrar contratos com mulheres tiranas, adjetivo apreciado por ele, os quais determinavam sua submissão a elas. Segundo Gay (1995), “Ambos ensaiaram na vida real o que mais tarde fixaram no papel, praticando antes de pregar” (p. 200).

Freud utilizou os conceitos sadismo e masoquismo desde 1905 até o final de sua obra, porém, sua opinião ia à contramão da ideia desenvolvida por Krafft-Ebing no que concerne à gênese da perversão, como abordaremos neste capítulo. Para o autor austríaco, o sadomasoquista não é, necessariamente, perverso. Por outro lado, o pai da psicanálise concordou e reafirmou a concepção de complementaridade entre o par de opostos.

Tentaremos, neste trabalho, reconstruir o caminho percorrido por Freud e, por isso, descreveremos os textos que inspiraram a nomenclatura masoquismo e sadismo, *A Vênus das peles*, de Sacher-Masoch, publicado em 1870, e comentaremos a obra *Justine ou os infortúnios da virtude*, de Marquês de Sade, com a primeira versão datada de 1787. Ainda que Freud não tenha registrado o contato com tais obras, supomos que ele tenha lido, principalmente por ter argumentado as hipóteses de Krafft que retirou seus exemplos perversos tanto da clínica, como das referidas obras literárias.

1.1 Sacher-Masoch e “A Vênus das peles”

Na introdução do livro, traduzido para o português por Saulo Krieger, o psicanalista Flávio Carvalho Ferraz apresenta a primeira obra que compunha o projeto conhecido como “O legado de Caim”, que tinha por objetivo retratar a condição humana na Terra. *A Vênus das*

peles, como veremos, explicita o prazer obtido pelo sofrimento que, mais tarde, veio a ser conhecido como “masoquismo”, derivado do nome Masoch. Este, segundo Ferraz (2008), viveu uma história semelhante à do livro quando, aos 33 anos, apaixonou-se por uma mulher que muito se parecia com a personagem da Vênus das peles.

O texto narra a história de Severin, jovem de quase 26 anos de idade, que se apaixona por uma mulher viúva chamada Wanda. Tudo começa quando ele vai morar em um local onde, além dele, residiam essa viúva, a dona da casa, uma mulher idosa, um cão e um gato. Descreve Wanda como uma mulher bonita e rica de, no máximo, 21 anos. Sua verdadeira paixão, no entanto, era por uma estátua de pedra, Vênus, a qual, segundo ele, era a mulher mais bonita que já havia visto até então e, por isso, devotava todo seu amor a ela. Vez ou outra, a estátua demonstrava sua benevolência e se fazia viva diante de Severin que “[...] era tomado de um medo inominável, o coração ameaçava saltar [...]” (p. 35) e fugia de sua amada, sem saber explicar o porquê de tal comportamento.

Nota-se que o protagonista, às vezes, confundia Vênus com a viúva, deixando indícios, desde o início, que essa confluência entre as duas poderia resultar na projeção da primeira em detrimento da segunda. Certo dia, por exemplo, observou um vestido de mulher que aparentava ser da Vênus, mas percebeu ser Wanda. Neste momento, ela é descrita como encantadora, com olhos verdes, cabelos vermelhos e delicada, ainda que carregasse uma malícia retida. Ele confessa: “Ela é, de fato, a minha Vênus” (p. 40).

Quando ambos se aproximam e começam a ter um relacionamento mais estreito, a moça fala da sua admiração por Severin, de como se encanta com a forma de ele ver o amor e a mulher. Agrada-lhe, também, sua “crueldade atraente”. Ele imediatamente corresponde ao flerte e expressa seu fascínio pela jovem ao dizer que o lugar dela é no Olimpo, junto aos deuses. Wanda, desde as primeiras conversas, deixa claro que é pagã e quer vivenciar tal conduta, por isso, não concorda com a ideia de “Pertencer a um homem a quem não amo simplesmente porque um dia o amei? Não, eu a tanto me recuso; amo a quem me agrada, e faço felizes todos os que me amam. Feio isso? Não.” (p. 42). Severin não se espanta, ao contrário, sente-se encantado com a sinceridade da deusa e, por colocá-la neste lugar, sugere-lhe a ideia de que, assim como os gregos, ela possa alcançar a felicidade se tiver escravos. Ela acha a ideia interessante e pergunta se ele quer ser seu servo. Severin, logo, apoia-se em Goethe ao utilizar a seguinte metáfora: no amor não existe companheirismo, ou se é o martelo ou a bigorna. Para ele é excitante a ideia de ser subjugado.

Wanda demonstra seu interesse por Severin, diz ser possível amá-lo e então fala do seu ideal de homem: alguém que se impunha a ela, que a submetia pela força, que ela fique de joelhos. Em seguida, como se ele não tivesse ouvido nada, joga-se aos pés da jovem. Para que ela tenha certeza que o amor entre eles perdure, afinal, como ela mesma diz, “A natureza não fez duráveis as relações entre homem e mulher” (p. 42), propôs a ele que a conquiste no prazo de um ano. Se ele obtiver êxito, ela será sua mulher. A proposta é aceita.

A partir de então, a maior parte do romance baseia-se no mesmo enredo: Severin constantemente se declara para sua deusa, manifesta que sua vida depende dela. Ela diversas vezes o adverte: “Sou boa, boa quando me tratam de maneira séria e razoável, mas quando se entregam em demasia, eu me torno... prepotente.” (p. 52). O jovem parece gostar, pois insiste que ela seja despótica com ele, uma vez que prefere tê-la como dona a não tê-la de forma alguma; se não pode desfrutar da felicidade ao lado dela, melhor usufruir do sofrimento causado pela mulher amada. Quanto maior crueldade, diz ele, melhor. Wanda não perde a oportunidade e diz que quer tê-lo como brinquedo. Ele concorda e diz que “[...] qualquer pessoa sabe e sente que o pleno prazer e a crueldade são entre si aparentados”. (p. 55). Tal prazer seria mais completo se ela vestisse peles do tipo *kazabaika*, uma espécie de casaco de veludo.

Neste momento, o leitor, curioso com o fetiche, agradece à Wanda por questionar a origem dessa atração. Como em associação livre, Severin relata suas lembranças. A primeira refere-se à sua timidez, quando mais jovem, frente às mulheres, porém, diante da pequena estátua de gesso da Vênus, o comportamento era diferente. Beijava seus pés e lábios, mas, na alegria que acreditava ser proibida, ele fugia. Chegava a sonhar com a deusa que o aterrorizava com o braço levantado. Em seguida, conta um episódio de quando tinha 14 anos: a mãe tinha uma criada bonita que, certa vez, beijou os lábios do adolescente. A reação dele foi sair correndo, indignado com a cena. Por fim, recorda-se de uma situação que, para ele, foi inesquecível: em determinada ocasião a família recebeu uma tia distante que, apesar da beleza atraente, despertava sentimentos hostis no jovem, comportamento esperado, já que a família disseminava a ideia de que ela era má. Devido à ausência dos pais em certo dia, a tia aparece ante ao garoto, vestida com um casaco de veludo e acompanhada da cozinheira e da moça que lhe havia beijado. As criadas amarraram-lhe as mãos e pés para que a tia lhe batesse com uma vara. Bateu até sair sangue e, quando terminou o serviço, ordenou que ele ajoelhasse e beijasse sua mão, como sinal de agradecimento pelo castigo.

É depois dessa experiência que Severin sente-se atraído pelo sexo feminino

Sob a vara da bela e opulenta mulher, que me aparece em seu casaco de peles feito monarca tomada pela ira, despertam pela primeira vez os meus sentidos para o sexo feminino. E desde então minha tia se me pareceu a mulher mais atraente sob o sol. (p. 58).

Assim, ele explica o encanto pela pele, dando-lhe o significado de beleza e poder por associar a situação vivenciada com a tia e a imagem da nobreza, na qual a peliça se fazia presente.

Percebe-se que o jovem buscava em sua deusa a repetição do prazer outrora experimentado com a tia. É assim que os acontecimentos se sucedem: Severin salienta quão excitante fica quando a mulher lhe trata com crueldade e infidelidade. O sofrimento se torna prazeroso, e é por isso que, mesmo tendo a oportunidade de ter Wanda como sua mulher, reitera o desejo dela ser sua déspota, seu demônio, que faça dele o que bem entender.

Inicia-se a relação tirana-escravo, com fustigações seguidas de piedosas preocupações se havia machucado o subjugado. Reconhecendo o prazer sentido por ele, que confessa querer “Ser teu escravo! Sem qualquer limite, tua propriedade, sem vontade, para que disponhas de mim a teu bel-prazer, e que disso não tenhas o menor arrependimento” (p. 78), e também a excitação provocada nela, por ser cruel, o vínculo entre eles continua. Wanda elabora um contrato, no qual Severin, por palavra de honra, confirma ser seu servo enquanto ela desejar. Havia, entretanto, uma única condição: ela sempre apareceria adornada com peles.

Para que a realização do desejo ocorresse sem nenhum empecilho, ela decide que ambos mudariam para outro país, só assim ele poderia aparecer publicamente como seu criado. Ele concorda e partem para a Itália, lugar onde Severin dependeria totalmente de sua deusa, inclusive financeiramente, e agora teria outro nome dado por ela: Gregor. Na viagem, ele foi privado de comida, sono e ficou 36 horas sem refeição nem bebida. Ao chegarem ao local de destino, foi ordenado que ele dormisse em um quarto sem lareira, passando frio. Ainda assim, ele diz que quanto mais ela o maltratasse, mais ele a adoraria.

Wanda, mais uma vez, adverte, em vão, seu amado-criado, diz que poderia desistir de tudo isso, pois o contrato não havia sido assinado e ele era livre, mas ele não aceita e decide transcrever e assinar o documento, dando à sua Vênus o direito de propriedade ilimitada. Não satisfeita, ela exige que outro contrato seja redigido por ele, ordenando que escreva uma carta suicídio, caso seja útil a ela. Ele escreve: “[...] por livre e espontânea vontade eu ponho fim a

minha vida inútil” (p.106). Nesse momento, concretizou-se sua submissão à jovem, o que o colocava como objeto, brinquedo e passatempo dela.

Ela, sempre vestida com a pele, o chicoteia, ainda que ele não tenha feito nada de errado. Severin, cada dia mais, fica fascinado com a amada dona. Um componente é acrescentado na trama: a infidelidade por parte dela. Ambos já haviam comentado isso, tanto ela ao dizer que não pertenceria a um homem, caso não o amasse mais, como ele quando afirma que “Na verdade jaz na infidelidade da mulher amada algo de um doloroso encanto, da mais elevada voluptuosidade.” (p. 77). Ela conquista, assim, vários admiradores e faz com que seu servo investigue o nome e endereço de um dos pretendentes, um grego. Severin, nesse instante tratado como Gregor, descreve o ciúme como uma “angústia de morte” e reconhece a inveja da masculinidade daquele que conquistou o olhar e o apreço de sua amada.

Com o decorrer do tempo, Wanda passa a tratá-lo com indiferença. Confessa seu interesse pelo grego e que se entregará a ele. Severin ameaça se matar, mas a cena não a comove, e ela diz: “A mulher precisa de um senhor, precisa adorá-lo” (p. 145). Gregor, não aceitando a rejeição, ameaça-a, pois se ela não for dele, não será de mais ninguém. O momento de tensão se desfaz quando ela revela se tratar de uma encenação. Diz que ainda o ama e resolve que eles iriam embora de Florença. No dia seguinte, antes de partirem, ela decide flagelar seu amante mais uma vez e, quando termina de amarrá-lo, eis que o grego aparece e é ele quem chicoteia Severin.

Depois de ter sido abandonado por Wanda e seu amante, Severin decide voltar para sua cidade e ajudar o pai doente nos negócios. O desfecho da história sucede quando uma carta de Wanda é recebida. Nela, ela registra que o amou, mas, no momento que ele se doou como servo, ela já não conseguiria tê-lo como marido. Termina dizendo que seu objetivo era curá-lo e que “(...) a cura foi cruel e radical” (p. 157). Severin se sente curado. Fala ao seu colega que a moral da história é que a mulher é inimiga do homem, pode ser escrava ou déspota, jamais companheira. Nós temos a escolha de ser martelo ou bigorna, diz ele, e acrescenta: “Quem se deixa açoitar merece os açoites” (p. 158). Cura questionável, afinal, Severin apenas deixou de ser bigorna para ser martelo, ou seja, foi de um extremo ao outro e, talvez, a descrição que um amigo lhe faz no início do livro seja a expressão do seu sintoma: um comportamento metódico, já que fazia tudo na mesma hora, acompanhando não só o relógio, mas fazendo uso do termômetro, barômetro, hidrômetro e que, às vezes, contorcia-se e parecia que bateria com a cabeça contra a parede, caso alguém não evitasse tal conduta.

Foi baseado nessa literatura que Krafft desenvolveu o conceito de masoquismo, articulando-o como um tipo de perversão que sente prazer por meio do sofrimento. Ferraz (2008) aponta que a história de Severin demonstra a excitação influenciada pelo sofrimento físico e moral, afinal, o protagonista permitiu ser amarrado, chicoteado, foi exposto ao frio e privado de sono (sofrimento físico). Além disso, obedecia aos mandamentos de Wanda, consentindo com as humilhações que ela infligia, como envolver-se com amantes.

Nessa obra literária de Sacher-Masoch, é possível observar a elaboração freudiana sobre a associação entre atividade com masculinidade e passividade com feminilidade. Essa questão não pode ser comparada ao gênero homem e mulher, respectivamente, pois como vimos, nesse caso, Severin desempenhava uma função passiva diante de Wanda, ainda que para conquistar tal posição ele tenha exercido a atividade, como o início da história evidencia nas cenas de cortejo por parte do rapaz. O próprio Freud (1933/1996) comenta essa dinâmica entre os pares de opostos quando diz que “[...] para chegar a um fim passivo, pode ser necessária uma grande quantidade de atividade” (p. 116). A combinação entre tais pares opostos será explicada mais adiante, quando detalharmos o conceito de sadomasoquismo na obra freudiana.

1.2 Marquês de Sade e “Justine ou os infortúnios da virtude”

Conforme Gay (1995) conta, Donatien-Alphonse-François, conhecido como Marquês de Sade, foi um ator e escritor francês, nascido em 1740. Pertencia a uma família nobre e teve sua vida marcada por escândalos de cunho sexual. As histórias iam desde o relacionamento incestuoso com a cunhada, até o envolvimento com prostitutas, orgias, relações homossexuais e masoquismo. Chegou a ser preso por acusações de praticar sexo anal com meretrizes, o que era considerado crime na época. Viveu muitos anos na prisão, aproximadamente um terço de sua vida, e tentando escapar dela. Foi entre as quatro paredes da cela que Sade produziu a maior parte de sua obra. Essa era sempre uma forma de manifestar sua insatisfação com a realidade, como a divisão social e o preconceito. Criticou o casamento, representante da hipocrisia, pois era transmitido como sacramento, mas, na prática, seu real objetivo era solidificar ou melhorar a condição financeira das famílias envolvidas no contrato. Seu nome foi relacionado com maldição e influenciou os ideais fascistas, nazistas e, até mesmo, a Santa Inquisição. São notáveis suas marcas em poetas como Gregório de Mattos e Álvares de Azevedo. Para além desses fatos, Sade deixou exemplos pessoais e literários que demonstram

diversos tipos de perversão, dentre eles, aquele associado ao seu nome: sadismo. (Peixoto, 1979).

O sadismo pode ser encontrado em toda obra do Marquês. Escolhemos, no entanto, o texto *Os infortúnios da virtude* (Sade, 2008) por ser considerada uma das mais conhecidas. Welldon (2005) comenta que Justine e Juliette, personagens do referido livro, à primeira vista parecem ter comportamentos extremamente opostos, mas, uma análise mais aprofundada oferece elementos para entender que, na verdade, ambas se complementam, assim como o sadismo e masoquismo. Borges (2008) escreve na introdução desse livro de Sade que ele foi escrito em duas semanas, mas teve constantes ampliações. A primeira versão data de 1787, quando Sade estava preso pela Bastilha e, em 1791 e 1797, o texto teve cenas acrescentadas.

A história é baseada no destino oposto de duas irmãs: Justine e Juliette. Ambas foram criadas em um dos melhores conventos de Paris. Quando tinham doze e quinze anos, respectivamente, tiveram que deixar o lugar devido às dívidas acumuladas pelo pai. Cada uma, então, seguiu um caminho diferente. Justine se apoiou nos valores cristãos, como virtude, benevolência e castidade, enquanto sua irmã se fundamentou no vício, astúcia e crimes para conquistar dinheiro e buscar a felicidade.

Justine, ao sair do convento, procurou ajuda na casa da costureira de sua mãe, mas o favor foi recusado. Buscou conselho em um padre, que a tratou com segundas intenções e, ao perceber que não seria correspondido, expulsou a moça. Justine, enfim, alugou um quarto por um tempo, até pensar no que fazer. Enquanto isso, Juliette se dirigiu a um prostíbulo e em quatro meses se deitou com oitenta pessoas. Foi nesse lugar que aprendeu e aperfeiçoou seus crimes, seduziu homens e roubou alguns deles, acumulando sua riqueza. Aos vinte anos, casou-se com um conde que, além de oferecer dinheiro, deu-lhe o sobrenome. Após algum tempo, matou o marido para usufruir a herança. Continuou com os assassinatos que, no início tinham como único objetivo o acúmulo de fortuna, mas depois passou a ser associado a prazer sexual. Peixoto (1979) expõe que na história de Juliette, as orgias eram completas quando havia a morte proposital do outro, só assim o prazer era alcançado. Enquanto a irmã mais velha acumulou riquezas e jamais era punida por seus crimes, a mais nova enfrentava a pobreza e era punida por crimes que nem ao menos havia cometido.

Justine, acreditando na providência divina, suportou a infelicidade que lhe atingiu toda vez que seguiu o caminho da virtude. As irmãs se encontraram num albergue, quando Justine chegou presa, acusada por diversos crimes. Juliette, sem reconhecer o parentesco, pediu para

ouvir a história da infortunada que se pôs a contar os detalhes do seu sofrimento. Justine trabalhou para um casal regido pela cobiça e ganância por riqueza. Decidiram roubar um vizinho e atribuíram a tarefa à moça. Ela imediatamente recusou o convite, fato que fez seu patrão ficar magoado e, por vingança, acusou-a de ter furtado um diamante seu. Em consequência de sua condição financeira, Justine foi presa. Na cadeia, uma senhora também condenada arquitetou um plano: o local pegou fogo e os encarcerados conseguiram fugir.

Sua saga continuou acompanhada de desgraças. Para poupar sua vida, foi obrigada a ser criada do marquês Bressac e de sua mãe. Confessou que seu único erro foi ter se apaixonado por aquele homem. Sentimento não correspondido, já que o marquês nutria afeição por pessoas do mesmo sexo. Talvez esse seja o único momento em que Sade usou o sentimentalismo, pois Justine encontrava-se cega pelo amor, ao ponto de renunciar à sua vida. Ela diz: “[...] se o marquês me houvesse pedido a vida, eu lhe haveria sacrificado mil vezes, acreditando ainda não fazer nada por ele” (p.59). A paixão de Justine aumentava à medida que o marquês se comportava baseado no vício. Diz: “[...] e o pérfido Bressac jamais me parecia mais adorável do que quando eu reunia diante de mim tudo que me devia fazer odiá-lo”. (p. 62). Ao deduzir o afeto que Justine nutria por ele, Bressac propôs a ela que matasse a mãe dele envenenada. Tentou convencê-la de que o assassinato não era crime, pois ao matar uma pessoa, a natureza geraria mil insetos. É a ideia de que a natureza não destrói nada, mas cria. No primeiro momento, ela recusou, mas ao ver que o crime seria realizado inevitavelmente, decidiu aceitar, assim poderia poupar a vida da condessa. O marquês, no entanto, concretizou o crime e incriminou Justine pelo fato. Com isso, o marquês ficou mais rico e impune ao assassinato, prova de que a prosperidade acompanha o crime. Ainda assim, Justine manteve-se firme na virtude e se consolava com a ideia de que haveria um lugar melhor que a aguardava.

Foi socorrida por um médico que aprisionava uma garota para realizar experimentos anatômicos. Ao descobrir, Justine salvou a menina, mas sofreu as consequências: teve um dedo amputado em cada pé e foi marcada por um ferro. Conseguiu fugir e acabou em um convento com quatro padres. Foi enclausurada por eles, os quais praticavam atos libertinos com ela e outras cativas. Ao suplicar que eles a libertassem, utilizando argumentos baseados em um ser supremo, os padres responderam: “Vede, pois, que não há poder humano ou divino que possa vos tirar de nossas mãos [...]” (p. 100). Sem ter como escapar, Justine passou a ser objeto para saciar os desejos sexuais dos quatro padres, participava de orgias, levava socos, mordidas e tapas. Quanto mais infligiam dor nas vítimas, mais prazer os padres sentiam.

Justine constata: “[...] e tive a cruel satisfação de aprender ali que se há homens que, guiados pela vingança ou por volúpias indignas, conseguem se divertir com a dor alheia (...)” (p. 147).

Justine foi acusada por causar incêndio, matar uma criança e roubar. Condenada à morte, ficou naquele albergue aguardando sua sentença. Ao terminar de ouvir toda história, as irmãs se reconheceram e o marido de Juliette se responsabilizou pela infortunada que acabou indo morar com a irmã e teve a oportunidade de desfrutar de todo luxo conquistado pelo vício. Certo dia, em meio a um temporal, Justine foi fechar a janela e morreu ao ser atravessada por um raio. Nessa tradução de 2008, Juliette se arrependeu de tudo que cometeu, voltou para o convento Carmelita e se tornou um modelo de comportamento a ser seguido. Sade evidenciou que o vício traz ascensão financeira e prazer, enquanto a virtude só pode proporcionar infelicidade e injustiça.

1.3 O sadomasoquismo em Freud

Ao longo de sua obra, Freud modifica e amplia progressivamente as concepções sobre o sadismo e o masoquismo. As alterações ocorreram, principalmente, devido à sua segunda teoria pulsional, anunciada em 1920, no polêmico texto *Além do princípio do prazer* (2006), que descreve a existência da pulsão de vida e da pulsão de morte em todos os indivíduos. Se no início, em 1905, no texto *Três ensaios*, Freud considerava o sadismo e o masoquismo como perversão, a partir de 1924 surge um tipo de masoquismo, primário e erógeno, necessário à sobrevivência do indivíduo.

Antes de prosseguirmos, assinalamos a dificuldade em traduzir a palavra alemã *Trieb*, já que não há um correlato específico em português. Por isso, as traduções para a nossa língua esforçaram-se para definir um termo que garanta o sentido correspondente. A obra traduzida por Luiz Alberto Hanns (2004), *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (editora Imago), empregou a expressão “pulsão”, no entanto, a Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud (editora Imago, 1996) optou por “instinto”, bem como a tradução direta do alemão feita por Paulo César de Souza, publicada pela editora Companhia das letras em 2010. Já a tradução organizada por Renato Zwick (editora L&PM) nomeia como “impulso”, a fim de evitar neologismo, como é o caso da palavra pulsão.

Neste trabalho, é aplicada a primeira opção e justificamos tal escolha apoiados na explicação de Hanns (1996), o qual fundamenta que Freud tinha à sua disposição a palavra

Instinkt (instinto), porém, preferiu não usá-la devido à sua limitação nos significados quando comparada à *Trieb*. Além disso, Laplanche e Pontalis (2001) expõem que, em alguns momentos, Freud utiliza *Instinkt* e atribui a essa palavra a compreensão de “[...] um comportamento animal hereditariamente fixado e que aparece sob uma forma quase idêntica em todos os indivíduos de uma espécie” (p. 394). Instinto, de acordo com essa premissa, teria a conotação de algo inato, um impulso natural que não é exclusivo do ser humano. Os mesmos autores alegam que *Trieb* preserva o sentido de impulsão. Segundo eles, “[...] a ênfase se coloca menos numa finalidade definida do que numa orientação geral, e sublinha o caráter irreprimível da pressão mais do que a fixidez da meta e do objeto” (p. 394). Freud esclarece no texto *Pulsões e destinos da pulsão* (1915/2004) que não há meta ou objeto específico ou determinado para a pulsão, mas, ao contrário, o objeto é alterado quantas vezes necessárias, já que a mobilidade faz parte do seu atributo. Falaremos especificamente sobre esse conceito mais adiante. Sublinhamos que todos os textos utilizados por nós nos quais apareceu a palavra *Trieb*, entendemos por pulsão, ainda que a obra empregasse o termo instinto ou impulso. Notificamos, no entanto, que, em casos de citações diretas, a frase foi mantida no original.

1.3.1 Primeira teoria sobre o sadomasoquismo

O primeiro texto que Freud trabalha o tema sadismo e masoquismo é *Três ensaios* (1905/1996). Essa obra representa um grande marco para a psicanálise, pois é quando Freud amplia a teoria da sexualidade, já anunciada em 1900 na *Interpretação dos sonhos*, fundamentando-a com a ideia de sua existência na infância. Sabe-se que é a partir de então que toda a teoria freudiana se sustentará, visto que os sintomas passaram a ser compreendidos como expressões de conflitos psíquicos reprimidos, sempre de ordem sexual. É possível observar, por meio das notas de rodapé, que os ensaios foram revistos em 1910, 1915, 1920 e 1924, portanto, houve significativas alterações se comparado com sua primeira versão de 1905. A seguir, faremos uma breve apresentação de cada ensaio.

O primeiro é destinado às aberrações sexuais. Destacamos como ponto importante o conceito de bissexualidade, aliás, motivo de desentendimento entre Freud e Fliess⁵, já que este alegava ser o pioneiro de tal ideia. Freud defendeu que todos os indivíduos têm características

⁵ Médico otorrinolaringologista, amigo e correspondente íntimo de Freud (Roudinesco, Plon, 1998).

femininas e masculinas, mas, ao longo do desenvolvimento, os traços tendem a se convergir para o homossexual, permanecendo apenas vestígios do sexo oposto, isto é, ao alcançar a genitalidade, a tendência é que ocorra uma síntese de tais traços. Nesse primeiro ensaio também foi exposta a noção de pulsão, definida como o limite entre o psíquico e o somático, opinião retomada no texto *Pulsões e destinos da pulsão* em 1915, como veremos.

O segundo ensaio é marcado por um pensamento polêmico na época. Freud expandiu sua teoria sexual ao afirmar a sexualidade presente na infância. Frisou que o desenvolvimento humano depende das impressões vividas nessa etapa da vida. O caráter sexual na criança pode ser evidenciado a partir dos três anos de idade, quando, por exemplo, é possível observar a masturbação infantil e a curiosidade relacionada a assuntos de concepção e diferença de sexo. Enquanto os mais velhos acreditavam que as crianças não tinham nenhuma compreensão sobre a sexualidade, o autor vai à contramão desses pensamentos e afirma que quando o infante, por algum motivo, acaba presenciando uma cena de relação sexual (seja entre os pais ou até mesmo entre os animais), desenvolve teorias que concebem “[...] o ato sexual como uma espécie de sevícia ou subjugação [...]” (p. 185). Dessa forma, imagina a cena sexual como uma situação de maus-tratos e crueldade.

Além disso, Freud declara a predisposição perversa polimorfa nessa fase do desenvolvimento, ou seja, a criança dispõe de diferentes partes do corpo como potencialmente prazerosas, as quais ele chamou de “zonas erógenas”. Dessa forma, zona erógena é o conceito que expressa a ideia de que toda e qualquer parte do corpo, bem como os órgãos do sentido, podem suscitar um tipo de excitação, sendo assim, a pulsão é auto-erótica, pois a satisfação é proveniente do próprio corpo da criança. Nesse mesmo texto, o autor explicita: “Trata-se [zona erógena] de uma parte da pele ou da mucosa em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa de determinada qualidade” (p. 172).

Ainda nesse segundo ensaio, Freud desenvolve o conceito de pulsões parciais, as quais, segundo Laplanche e Pontalis (2001), são elementos que compõem a pulsão sexual. Consoante aos autores, “[...] a maioria delas [pulsões parciais] podem ser facilmente ligadas a uma zona erógena determinada; outras definem-se por sua meta (por exemplo, a pulsão de dominação), embora possamos ligá-las a fontes somáticas (musculatura, no exemplo dado)” (p. 402).

É oportuno acentuarmos que Freud apresenta, nesse momento, o elemento de crueldade da pulsão sexual. Nas palavras dele, “A crueldade é perfeitamente natural no caráter infantil, já que a trava que faz a pulsão de dominação deter-se ante a dor do outro – a

capacidade de compadecer-se – tem um desenvolvimento relativamente tardio” (p. 181). Essa citação nos leva a pensar sobre o ódio primordial desenvolvido no texto sobre as pulsões, assunto abordado mais adiante. O autor prossegue com o raciocínio supondo que “[...] o impulso cruel provenha da pulsão de dominação” (p. 181). Segundo o autor, isso ocorre na fase pré-genital, quer dizer, quando não há primazia da sexualidade genital.

Laplanche e Pontalis (2001) explicam que o termo “pulsão de dominação” não foi esclarecido com precisão ao longo da obra freudiana. Em alemão, Freud utilizou a palavra *Bemächtigungstrieb*, a qual encontra dificuldade na tradução. Os autores explicitam que esta pulsão não tem por finalidade o sofrimento de outrem, uma vez que este sentimento não é considerado, conseqüentemente, é anterior à piedade e ao sadismo. Para Freud, neste texto, a pulsão de dominação não está a serviço da pulsão sexual e, nas palavras de Laplanche e Pontalis (2001), “[...] só secundariamente se une à sexualidade e cuja meta é dominar o objeto pela força” (p. 398).

Retornando à formulação sobre a sexualidade na infância, Freud acrescenta, em 1915, que ao longo do desenvolvimento humano incide a tendência à “[...] vida sexual normal do adulto, na qual a obtenção do prazer fica a serviço da função reprodutora, e as pulsões parciais, sob o primado de uma única zona erógena, formam uma organização sólida para a consecução do alvo sexual num objeto sexual alheio” (p. 186), ou seja, há o declínio do autoerotismo para que outra pessoa possa ser investida como um objeto de amor⁶. Para explicar como ocorre esse processo, o autor descreve as organizações pré-genitais, isto é, período anterior à zona genital, a qual tem como objetivo a reprodução, em diferentes etapas que a pulsão parcial percorre.

A primeira etapa identificada é denominada “oral”. É o momento em que o infante ainda depende do outro para nutri-lo, geralmente a mãe ou alguém que a represente. Laplanche e Pontalis (2001) explicaram que “O prazer sexual está predominantemente ligado à excitação da cavidade bucal e dos lábios que acompanha a alimentação” (p. 184). Evidencia-se que a necessidade fundamental de ser nutrido serve como base para essa pulsão sexual, isso significa que, no início desse período oral, a satisfação obtida pela zona erógena oral se dá por apoio a essa função essencial a todo ser humano que é ser alimentado, porém, posteriormente, desvincula-se de tal função e busca o próprio corpo como fonte de deleite. É

⁶ De acordo com Laplanche e Pontalis (2001), a expressão “objeto de amor” pode se referir, em psicanálise, a uma pessoa que suscita atração no outro. Só é possível que ocorra isso após a puberdade, quando o objeto, ou seja, a pessoa, passa a ser concebida em sua totalidade, devido ao declínio das pulsões parciais.

possível observarmos resquícios dessa organização oral quando a criança suga o próprio dedo ou algum objeto, como a chupeta, demonstrando que a excitação oral proporciona satisfação.

Sobre a noção de apoio na fase oral, Garcia-Roza (2014) adverte sobre o equívoco em compreender tal conceito com o apoio da criança na mãe. Afirma, ainda: “O apoio a que se refere Freud não é o da criança na mãe, mas o da pulsão sexual em outro processo não sexual, ‘sobre uma das funções somáticas vitais’[...]” (pp. 99-100). Tal função vital tem como protótipo a amamentação. Nesse momento, o objeto não é o seio da mãe, mas o leite. “É a ingestão do leite, e não o sugar o seio, o que satisfaz a fome da criança” (p. 100). Paralelamente à satisfação por ter uma necessidade fisiológica satisfeita – a fome –, o fluxo do leite estimula a região dos lábios e língua, suscitando “[...] uma satisfação que não é redutível à saciedade alimentar apesar de encontrar nela o seu *apoio*” (p.100). Isso significa que há correlação entre a sexualidade e a conservação da vida.

A segunda fase da organização pulsional é designada “sádico-anal”. Aqui, é apontado o modo de relação com o objeto caracterizado pelo par de opostos ativo e passivo⁷. A atividade é assim qualificada devido à pulsão de dominação exercida por meio da musculatura do corpo, já a passividade pode ser caracterizada pela “mucosa erógena do intestino”. A zona erógena, logo, encontra-se na região anal. Laplanche e Pontalis (2001) observaram que reter ou evacuar as fezes possui um valor simbólico. Podemos lembrar que, por volta dos dois aos quatro anos de vida, aproximadamente, os pais ou cuidadores valorizam as funções retentiva e expulsiva das fezes da criança quando, por exemplo, estimulam-na a controlar os esfíncteres de acordo com as exigências do meio em que vive. Eliminar o bolo fecal pode ter diversos significados, desde a criança por para fora um produto seu e querer oferecer aos outros esse “presente”, ou, ao contrário, pode sentir que uma parte do seu corpo vai embora quando a defecação acontece e, para evitar que algo “bom” seja eliminado, passa a controlar a musculatura do intestino a fim de reter as fezes (FREUD, 1917/1996). Isso posto, é possível ratificar a frase de Laplanche e Pontalis (2001), os quais dizem: “Vemos aqui afirmar-se o sadomasoquismo em relação com o desenvolvimento do domínio da musculatura” (p. 185).

Uma nota de rodapé acrescentada em 1924, no texto *Três ensaios*, aponta a fase fálica⁸, a qual Freud caracteriza como um momento em que já ocorre a escolha de um objeto sexual, bem como desejos sexuais direcionados a ele, ou seja, as pulsões parciais estão sob a

⁷ A relação entre atividade e passividade é importante para a compreensão das oposições posteriores, a saber, fálico-castrado e masculino-feminino (Laplanche e Pontalis, 2001). Falaremos sobre esses três elementos inversos posteriormente

⁸ Citando Laplanche e Pontalis (2001), “A fase fálica corresponde ao momento culminante e a do declínio do complexo de Édipo”.

primazia dos órgãos genitais, aproximando a sexualidade infantil com a do adulto, porém, na criança, a maturidade sexual impossibilita a função reprodutora. Freud descobre esse período em 1923, quando publica *A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade)*. No referido texto, Freud (1923b/1996) pontua as devidas considerações sobre a fase fálica e sobre ela afirma: “Ela consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino” (p. 160). O autor descreve que, no caso do menino, ao perceber a diferença anatômica entre os sexos, ele rejeita que algumas criaturas não possuem o pênis, nas palavras do autor: “[...] [acreditam] que o pênis ainda é pequeno e ficará maior dentro em pouco, e depois lentamente chegam à conclusão emocionalmente significativa de que, afinal de contas, o pênis pelo menos estivera lá, antes, e fora retirado depois” (p. 161). Neste momento se instala o complexo de castração, quer dizer, o indivíduo que não possui um pênis foi castigado. Apenas posteriormente que o menino estende tal compreensão para todas as mulheres, incluindo sua mãe.

Freud (1925/1996), no texto *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, avança sua compreensão sobre o impacto do complexo de castração e dessa vez inclui os caminhos os quais a menina poderá percorrer⁹. A menina, na fase fálica, identifica o clitóris como um pênis diminuto. Nesse período, então, instala-se o conflito entre ter e não ter a genitália masculina, quer dizer, a diferenciação dos sexos parte da premissa “ter falo” ou “ser castrado”, e só na puberdade se reconhece o oposto masculino-feminino. Nas palavras de Freud (1923b/1996),

No estágio seguinte da organização genital infantil [fase fálica] [...] existe *masculinidade*, mas não *feminilidade*. A antítese aqui é entre possuir *um órgão genital masculino* e ser *castrado*. Somente após o desenvolvimento haver atingido seu completamento, na puberdade, que a polaridade sexual coincide com *masculino* e *feminino*. A masculinidade combina [os fatores de] sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade. (p 163, grifos do autor).

Por fim, Freud (1905/1996) postula que o último estágio, efetivado na puberdade, ocorre quando a organização genital é sintetizada em função da reprodução, dessa forma, as pulsões parciais se integram e o prazer das zonas erógenas não genitais tem o papel de servir apenas como preliminares do orgasmo. Verificamos que os locais que agem como fonte de prazer corporal sofrem uma metamorfose conforme a maturação física.

O conhecimento do desenvolvimento da organização genital auxiliou Freud (1905/1996) a expandir as ideias sobre a escolha objetal. Conforme ele, “Os resultados da escolha objetal infantil prolongam-se pelas épocas posteriores; ou se conservam como tal ou

⁹ Trabalharemos os possíveis caminhos no capítulo 2.

passam por uma renovação na época da puberdade.” (p. 189). Essas mudanças que podem ocorrer na puberdade é o assunto que inicia o último ensaio.

O terceiro ensaio, destinado às transformações da puberdade, elucida com clareza os caminhos percorridos para que ocorram as escolhas de objeto, ou seja, quando o indivíduo chega à fase adulta, genital, e elege o companheiro amoroso. Tal escolha não se faz de forma aleatória, pois, como Freud apresenta, o encontro do objeto segue um percurso que já foi preparado desde a infância, uma vez que o indivíduo apoiará suas decisões nas vivências da relação com os progenitores e de acordo com as experiências do Complexo de Édipo. Citando o autor “O encontro do objeto é, na verdade, um reencontro” (p. 210), ou seja, há similitude entre o objeto escolhido na/após a puberdade e o objeto da primeira infância – os pais, ou, especificamente, a mãe, como veremos no segundo capítulo. Uma nota de rodapé acrescentada em 1915 esclarece essa frase. Freud explica que a escolha do objeto se dá de duas formas: por apoio, ou seja, tendo como referência as relações infantis com os progenitores no que tange às suas necessidades básicas (como alimentar-se), bem como entre eles, como fora descrito anteriormente, e por narcisismo, referindo-se ao indivíduo que busca seu próprio Eu no outro.

Algumas passagens desse ensaio chamam a atenção, pois se evidencia a importância da mãe (ou quem a represente) como modelo para os relacionamentos posteriores. Nas palavras do autor, “[...] para criança, a amamentação no seio materno torna-se modelar para todos os relacionamentos amorosos” (p. 210). Em seguida, Freud complementa esse aspecto valorativo da figura materna quando diz: “[...] a criança aprende a **amar** outras pessoas que a ajudam em seu desamparo e satisfazem suas necessidades, e o faz segundo o modelo de sua relação de lactente com a ama e dando continuidade a ele” (p. 210, grifo do autor).

Ainda sobre a escolha do objeto sexual, o autor alerta que

[...] qualquer perturbação desse relacionamento [com os pais] terá as mais graves conseqüências para a vida sexual na maturidade [...]. As desavenças entre os pais ou seu casamento infeliz condicionam a mais grave predisposição para o desenvolvimento sexual perturbado ou o adoecimento neurótico dos filhos. (p. 216)

Apreendemos, na leitura desses ensaios, que Freud aproveita as ideias de Krafft-Ebing, psiquiatra que fundou a sexologia e ficou conhecido, principalmente, pelos estudos detalhados sobre perversões sexuais (Roudinesco, Plon, 1998). Dele, Freud utiliza a concepção do sadismo tendo como característica a atividade e o masoquismo como passivo. Também emprega a compreensão de que ambos, sadismo e masoquismo, são pares complementares e indissociáveis, ainda que sejam opostos, pois enquanto o primeiro representa o prazer ao

infligir dor e sofrimento ao outro, o segundo diz respeito ao prazer obtido por se sentir humilhado e subjugado. Posteriormente, agregou ao primeiro o correlato masculino, enquanto o feminino foi associado ao último.

Abordamos, anteriormente, os seguintes pares opoentes: ativo-passivo, fálico-castrado e masculino-feminino. Explicaremos, brevemente, o significado de cada um e quais são as articulações entre eles para que, por fim, possamos compreender a associação que Freud faz ao agregar a ideia de sadismo e masoquismo como mais um par oposto, ambos contemplando características do outro par inverso.

Sobre o par ativo-passivo, conforme detalha Laplanche e Pontalis (2001), devemos considerar que não há pulsão ativa e passiva, pois Freud a caracterizou com o primeiro adjetivo apenas. Os autores observam, no entanto, que a passividade pulsional pode ser observada em alguns casos como, por exemplo, o indivíduo que quer ser maltratado (masoquista). Isso quer dizer que, a pessoa terá a atividade pulsional ao decidir se comportar e se colocar em determinada situação que lhe traga satisfação, porém, a condição para que isso ocorra é se dispondo à mercê do outro. Ao nível da fantasia, então, coexistem tanto a atividade como a passividade.

A dualidade fálico-castrado está relacionada à fantasia advinda da diferença anatômica sexual – presença ou ausência do pênis. Na fase fálica, a criança, ao acreditar na universalidade do órgão reprodutor masculino, depara-se com a ausência deste nas meninas e, então, elabora a ideia de que algumas pessoas foram castradas como resultado de uma punição. Freud atrela a posição fálica com a atividade, enquanto ser castrado corresponde à passividade.

Por último, masculino-feminino, são opostos que carregam três interpretações possíveis, as quais Freud expõe em uma nota de rodapé nos *Três Ensaios* (1905/1996). O autor apresenta o sentido da biologia, ou seja, o corpo anatômico é a referência para masculino e feminino e, dessa forma, o primeiro é caracterizado pela presença de espermatozóides, enquanto o segundo tem o correlato com os óvulos. Há, também, o significado sociológico no que tange às funções atribuídas ao homem e à mulher no meio social. Por fim, o terceiro é associado à atividade e passividade. Freud aponta que esse é o sentido mais utilizado pela psicanálise. O autor afirma que não há masculinidade ou feminilidade pura, já que cada pessoa pode apresentar uma mescla de ambos os traços (bissexualidade). Laplanche e Pontalis (2001) ilustram esse aspecto com a atividade profissional exercida por uma mulher, a qual exija atributos como liderança, autonomia e iniciativa. Essa mulher não é, necessariamente, mais masculina que outra por conta da sua

postura. Nas palavras dos autores: “[...] de modo geral, o que é decisivo na apreciação de um comportamento em relação ao par masculinidade-feminilidade são as fantasias subjacentes, que só a investigação psicanalítica pode descobrir” (p. 273).

Baseado na bissexualidade, Freud afirma em *Três ensaios* (1905/1996) e *Pulsões e destinos da pulsão* (1915/2004) que os opostos são encontrados na mesma pessoa, e acrescenta que todo sádico é sempre um masoquista. Tal ideia é preservada até o final de sua obra.

Freud, no entanto, dissente da explicação do sexólogo Krafft-Ebing, pois este acreditava que a gênese da perversão seria por degeneração. Freud recorre, novamente, à bissexualidade e esclarece que todos os indivíduos possuem aspectos sadomasoquistas. Essa característica faz parte da sexualidade tanto das pessoas “sadias”, como das perversas. A diferença é que o sadismo é considerado perversão quando o prazer está estritamente relacionado aos maus tratos aplicados ao objeto sexual. De modo análogo, o masoquismo é concebido como perversão quando o prazer estiver associado unicamente à “[...] dor física ou anímica advinda do objeto sexual” (p. 150). Foi baseado nesse pressuposto que ele afirmou que “[...] **a neurose é, por assim dizer, o negativo da perversão.**” (p. 157, grifos do autor). Isso quer dizer que, enquanto o neurótico fantasia, inversamente, o perverso atua.

Ao decorrer de quase vinte anos, Freud conserva o seguinte ponto de vista: na organização psíquica, o sadismo antecede ao masoquismo. Ele mantém esse princípio por considerar, como nos diz em *Pulsões e destinos da pulsão* (1915/2004), que “[...] no sadismo, a fonte orgânica, que provavelmente é a musculatura capaz de exercer uma ação, remete diretamente a outro objeto, ainda que situado no próprio corpo” (p. 156). O masoquismo seria a modificação do sadismo, uma vez que toma o próprio indivíduo como objeto. Essa construção também é apresentada no referido texto metapsicológico, como diz Freud: “não parece haver um masoquismo original que não derive do sadismo [...]” (p.153).

Gay (2012) conta que em uma das correspondências de Freud com Abraham, aquele anunciou a elaboração de um livro que se chamaria *Ensaaios preparatórios para a metapsicologia*. Seu objetivo era reunir 12 textos denominados por ele como metapsicológico¹⁰. Escreveu a Lou Andreas-Salomé que o primeiro texto seria sobre pulsões e suas vicissitudes, assim, em 1915, como prometido, Freud o publica com o título *Pulsões e*

¹⁰ A metapsicologia é um conceito forjado por Freud o qual busca dar um respaldo teórico para a teoria por ele criada. A metapsicologia consiste na compreensão do aparelho psíquico sob três perspectivas: tópica (inconsciente, pré-consciente e consciente), dinâmica (conflito das forças entre Eu, Id e Supereu) e econômica (ponto de vista quantitativo da energia psíquica). (Laplanche e Pontalis, 2001).

*destinos da pulsão*¹¹ (2004), recordando a descrição de pulsão que havia feito nos *Três ensaios* (1905/1996). Declarou naquele texto, novamente, que “[...] o estímulo pulsional não provém do mundo externo, mas do próprio interior do organismo.” (p.146). Isto é, a pulsão torna-se o representante psíquico dos estímulos endógenos, os quais alcançam a mente, por isso, faz parte da natureza pulsional a qualidade de “força constante” ou, especificamente, pressão constante, colocando ao aparelho psíquico certa exigência de trabalho.

Honda (2011) aponta, baseado em Freud, que a pulsão compreende uma fronteira entre o psíquico e o somático, mas não só isso, já que também é um representante psíquico dos estímulos endógenos, bem como “[...] uma medida de exigência de trabalho imposto ao psíquico devido sua relação com o corpo” (p. 407). A pulsão, portanto, é reconhecida como um conceito metapsicológico que delimita o campo psíquico e o somático. O representante psíquico, outra característica da pulsão, diz respeito aos estímulos que provêm do interior do corpo, ilustrado pelo autor com a sede e a fome, e encontram um representante “[...] seu procurador, como aquele que traduz e presentifica no plano do anímico aquilo que tem a ver com as demandas somáticas da fome ou da sede, dando concretude no psiquismo a espécies de sede ou fome anímicas” (p. 408). Por fim, a “exigência de trabalho imposto ao psíquico”, outra peculiaridade da pulsão, remete à ideia de uma quantidade de energia despendida do corpo erógeno e compele ao aparelho psíquico certo movimento que reivindique satisfação, portanto, põe o psiquismo em funcionamento devido à necessidade de descarregar e/ou diminuir o acúmulo de tensão gerada.

Esclarecidos os significados possíveis que envolvem o termo pulsão, passemos para os elementos que Freud (1915/2004) definiu como componentes da pulsão: pressão [*Drang*], meta [*Ziel*], objeto [*Objekt*] e fonte [*Quelle*]. Segundo ele, “Por *pressão* de uma pulsão entendemos seu fator motor, a soma da força ou a medida de exigência de trabalho que ela representa.” (p. 148, grifo do autor). Pressão designa a essência da pulsão, aquilo que exige trabalho, por isso, a pulsão é ativa. O autor observa que, ao falar sobre pulsões passivas, ser espancado, por exemplo, quer dizer apenas que a meta desta é passiva. Laplanche e Pontalis (2001) ajudam a entender o adjetivo “pressão” ao explicitarem o caráter quantitativo que Freud sublinha, ou seja, toda pulsão é revestida por um *quantum* que busca uma ação, por meio motor, para ser satisfeita.

¹¹ A partir daqui iremos nos referir ao texto como *Pulsão e destinos*.

Segundo Freud (1915/2004), “A *meta* de uma pulsão é sempre a satisfação, que só pode ser obtida quando o estado de estimulação presente na fonte pulsional é suspenso” (p. 148, grifo do autor). Os caminhos para alcançar a descarga da energia que gera tensão e atingir tal meta podem variar. É possível, assim, ter diversas metas que se aproximam à meta final.

“O *objeto* da pulsão é aquilo em que, ou por meio de que, a pulsão pode alcançar sua meta” (p. 149, grifo do autor). Considerando essa informação, o objeto não está ligado originalmente à pulsão, mas é por meio dele que se atinge a satisfação, por isso, pode ser mutável e se deslizar para outros objetos substitutos, além de não se restringir a um objeto externo, já que pode ser uma parte do próprio corpo. Laplanche e Pontalis (2001) asseguram que não é qualquer objeto que pode satisfazer a pulsão, “[...] mas que o objeto pulsional, muitas vezes bastante marcado por características singulares, é determinado pela história – principalmente a história infantil – de cada um”. (p. 322).

Freud (1915/2004) observou a possibilidade de haver adesão entre a pulsão e o objeto, corroborando com a fixação da primeira ao último. Nas palavras do autor, “Essa fixação ocorre com frequência em períodos muito iniciais do desenvolvimento da pulsão, opõe-se então intensamente à separação entre pulsão e objeto e põe fim à mobilidade da pulsão”. (p. 149).

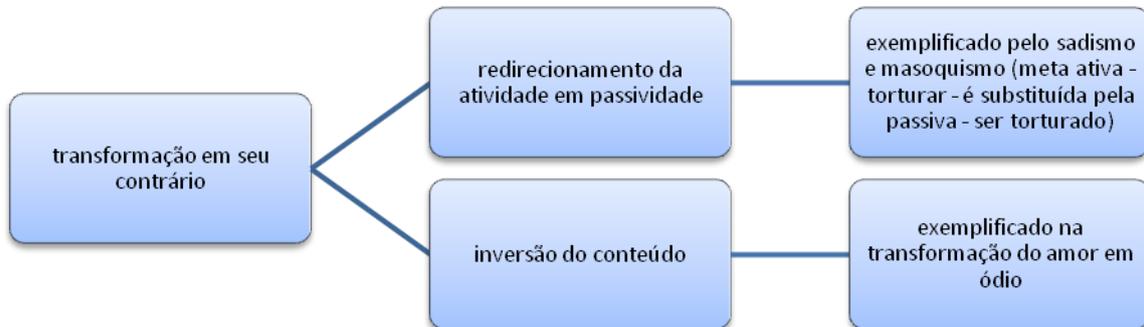
A fonte da pulsão é um “[...] processo somático que ocorre em um órgão ou em uma parte do corpo e do qual se origina um estímulo representado na vida psíquica pela pulsão” (p. 149). O autor confessa que o estudo pormenorizado sobre a fonte não pertence ao campo da psicologia e que, apesar da origem pulsional estar na fonte somática, “[...] a pulsão só se faz conhecer na vida psíquica por suas metas” (p. 149). Laplanche e Pontalis (2001) esclarecem que a palavra “fonte” pode aludir tanto ao órgão que suscita excitação, como as zonas erógenas, como “[...] o processo orgânico, físico-químico, que está na origem dessa excitação” (p. 193).

Após organizar os atributos da pulsão, Freud questiona quantas pulsões podem existir. Propôs, então, decompor aquelas cognoscíveis em duas classes: pulsões do Eu, ou de autoconservação, e pulsões sexuais. Tal hipótese constitui a primeira teoria das pulsões e, segundo o autor, é baseada nos casos de investigação clínica, principalmente os quadros de histeria e neurose obsessiva, os quais evidenciaram o conflito entre ambas as pulsões. A primeira categoria de pulsão, a de autoconservação, indica, conforme Laplanche e Pontalis

(2001), as necessidades relacionadas às funções corporais, por exemplo, a fome. Desse modo, são pulsões que procuram ser satisfeitas para manter a conservação da vida. Por outro lado, as pulsões sexuais ultrapassam o significado referente à capacidade de reprodução. A referida pulsão não tem um objeto pré-estabelecido e, segundo os autores, “[...] suas modalidades de satisfação (metas ou objetivos) são variáveis, mas especialmente ligadas ao funcionamento de zonas corporais determinadas (zonas erógenas) [...]” (p. 403). Ao explicar as vicissitudes da pulsão, Freud se limita às pulsões sexuais, pois, segundo ele, são as mais conhecidas. Assim, expõe os quatro destinos possíveis: a transformação em seu contrário; o redirecionamento contra a própria pessoa; o recalque e a sublimação. Os dois últimos assuntos não foram desenvolvidos por Freud no texto sobre as pulsões, mas em artigos específicos, por isso, detemo-nos aos dois primeiros caminhos, principalmente por elucidar o tema desta pesquisa: o sadomasoquismo.

Mijolla (2005) sublinha que na obra *Pulsões e destinos* (1915/2004), Freud anuncia a primeira concepção do masoquismo para a psicanálise ao descrever que esse se origina por um duplo retorno do sadismo, primeiro sobre a própria pessoa – redirecionamento contra si própria - e depois pela mudança da atividade em passividade – transformação em seu contrário; ambos os processos se integram. O primeiro repete a ideia já exposta, ou seja, o masoquismo representa o sadismo, mas contra a própria pessoa, ocorrendo a mudança de objeto, apesar de a meta ativa permanecer. Já o segundo alude às metas da pulsão: a meta ativa da pulsão sádica - torturar - é substituída pela passiva - ser torturado. Assim, neste último caso, há dois processos distintos: a reorientação de uma pulsão ativa para passiva, evidenciada no sadismo e no masoquismo, e a inversão do conteúdo que só pode ser observada na mudança do amor em ódio. Este último será explanado no segundo capítulo.

A fim de organizarmos a ideia exposta de maneira mais clara, é apresentado um quadro esquemático demonstrando o primeiro caminho: a transformação em seu contrário.



Freud

d continua o texto detalhando o processo de redirecionamento contra a própria pessoa e o exemplifica com a transformação do sadismo em masoquismo, consistindo em três etapas:

- 1) O sadismo como exercício da violência contra outra pessoa eleita como objeto¹²;
- 2) Substituição do objeto pela própria pessoa, modificando, assim, a meta ativa em passiva, evidenciando o sadismo originário;
- 3) Outro indivíduo é procurado como objeto para assumir o papel da pessoa inicial, considerando a mudança da meta¹³, ou seja, se agora a pulsão é passiva, busca-se alguém que ocupe a posição ativa.

O masoquismo acontece na última etapa, quando o indivíduo assume a posição passiva diante do outro e associa a dor e o desprazer com excitação sexual, portanto, como algo prazeroso. A diferença entre o período 2 e o 3 dá-se porque, no masoquismo, além do redirecionamento contra o próprio Eu, há de se procurar outra pessoa que assuma a ação. A partir disso, quando o sentir dor assume o papel de meta masoquista, o contrário pode ocorrer, ou seja, infligir dores ao outro (meta sádica) também pode ser prazeroso, uma vez que há identificação com o objeto sofredor. O caráter sexual só é possível quando ocorre a transformação do sadismo em masoquismo, aliás, o sádico só terá o prazer sexual quando

¹² Como sublinha Birman (2009), a violência seria o movimento ativo na tentativa de recuperar o estado de homeostase a qual foi perturbado por sensações desprazerosas, o que está em pauta, então, é a afirmação da potência de viver e não a destruição, dominação ou humilhação do outro.

¹³ Freud (1915/2004) diz que o objetivo final da meta é sempre a satisfação, no entanto, pode haver outras metas que conduzam a esse objetivo. Para isso, o organismo tende a diminuir ou eliminar os estímulos que causam desprazer, optando por alguns caminhos específicos.

ocorrer uma segunda inversão, isto é, por identificação com o outro, o masoquismo se transforma em sadismo. O exemplo para esse caso (período 2) seria a neurose obsessiva em que o indivíduo inflige a si mesmo o sofrimento e passa a se autotorturar. Assim, Freud diz que só então

As dores tornam-se apropriadas para servir de meta masoquista passiva, pois temos boas razões para supor que as sensações de dor, bem como as outras sensações de desprazer, transbordam para a excitação sexual e produzem um estado prazeroso, em nome do qual o desprazer da dor também pode ser aceito. (p. 153).

Isso quer dizer que o prazer não é pela dor em si, mas por conta da excitação sexual que é gerada. A diferença entre o sadismo e o masoquismo seria, então, a de substituir o objeto, mas a meta – satisfação na dor – seria a mesma.

A terceira parte do processo, quando o indivíduo busca alguém que ocupe o lugar ativo, portanto, sádico, deu abertura para a interpretação de que, na verdade, é o masoquista que dirige toda a cena e cabe ao outro obedecer ao roteiro estabelecido pela fantasia. Tal suposição, como indica Ferraz (2008), na introdução do livro *A Vênus das peles*, deve-se a autores pós-freudianos que estudaram esse tema, como Joyce McDougall, Janine Chasseguet-Smirgel e Masud Khan.

No texto de 1919, *Batem numa criança: contribuição ao conhecimento das gêneses das perversões sexuais*¹⁴ (2010), Freud avança sobre a teoria do sadomasoquismo ao explicar, baseado nos relatos de fantasias dos seus casos clínicos, como ocorre a transformação do sadismo em masoquismo. Ele observou que, com frequência, seus pacientes descreviam fantasias de terem sido espancados quando crianças, ainda que isso não tivesse correspondência com os fatos reais. Tais fantasias proporcionavam certo prazer que, por vezes, eram acompanhadas pelo ato masturbatório e isso era narrado com sentimento de culpa¹⁵ e vergonha por parte dos pacientes, os quais remontavam ao período escolar, por volta dos cinco e seis anos de idade, quando relatavam cenas do professor batendo em outra criança. Assim que as surras cessavam e os pacientes já eram maiores, a fantasia era

¹⁴ A partir daqui vamos nos referir ao texto como *Batem numa criança*.

¹⁵ Na tradução de Paulo César de Souza, encontramos a expressão “consciência de culpa” em lugar de “sentimento de culpa”. Preservamos a primeira expressão nas citações diretas, mantendo na íntegra o texto do autor referido, porém, entendemos o vocábulo “sentimento de culpa” como coerente e mais apropriado, apoiados na explicação de Laplanche e Pontalis (2001). Esses autores comentam que o sentimento de culpa abrange as motivações inconscientes as quais levam o indivíduo a ter condutas de insucessos e derrotas, bem como postura delinquente e qualquer comportamento que inflija sofrimento ao próprio indivíduo. Os autores frisam que a palavra sentimento não remete, necessariamente, à experiência consciente, ou seja, a pessoa pode sentir-se culpada a nível inconsciente, mas conscientemente negar.

alimentada por leituras de textos que tinham o mesmo caráter de antes. Freud, porém, afirma que a fantasia foi apenas despertada na idade escolar, quer dizer, já haviam traços dela antes desse período.

Curioso com essas constatações, o autor investiga quem poderia ser a criança que apanha ou quem bate, mas não obteve nenhuma resposta mais detalhada, pois os pacientes diziam não saber. Assim, ele expõe os seis casos que atendeu – quatro mulheres e dois homens - e que auxiliaram em algumas elucidações sobre esse assunto. Esses pacientes tinham queixas de neurose obsessiva e histeria, ou seja, não eram perversos. Por isso, Freud afirma que “[...] nem toda disposição vem a se tornar enfermidade [...]” (p. 299).

Freud expõe, primeiramente, os casos das mulheres que atendeu e busca detalhar as diferentes fases que constituem a fantasia. A primeira ocorre no início da infância. A criança que apanha não é a que fantasia, geralmente quem ocupa esse lugar é um irmão considerado rival por disputar o amor dos pais, e quem bate é sempre o pai. Essa primeira fase é resumida na frase “meu pai bate na criança que odeio”, portanto, quem não apanha é amado.

Na segunda fase, permanece o personagem que agride, ou seja, o pai, mas quem apanha agora é a criança que fantasia. Essa fase não é recordada conscientemente pelas pacientes, mas Freud a constrói por inferência lógica baseado na análise. Ele considera esse momento o mais importante e declara que há prazer masoquista implicado na fantasia que se resume na frase “sou castigada por meu pai”. Apanhar, ser surrada pelo progenitor, simboliza o ato sexual. Retomamos a tese que Freud expôs nos *Três ensaios*, em que a criança interpreta a relação sexual dos pais como uma cena de violência, por tanto, o inverso pode ser verdadeiro: uma cena de violência pode representar o ato sexual. Soma-se a esse desejo incestuoso a culpa por senti-los, por isso, acredita que ser punida é necessário.

A terceira e última fase retoma alguns aspectos da primeira, pois quem apanha, geralmente, não é quem fantasia, mas são vários meninos os quais não são reconhecidos individualmente. Quem bate não é o pai, mas um representante dele, como um professor, e a criança que fantasia apenas observa. A fantasia, caracterizada nesse momento como sádica, é acompanhada por excitação sexual que se satisfaz com a masturbação.

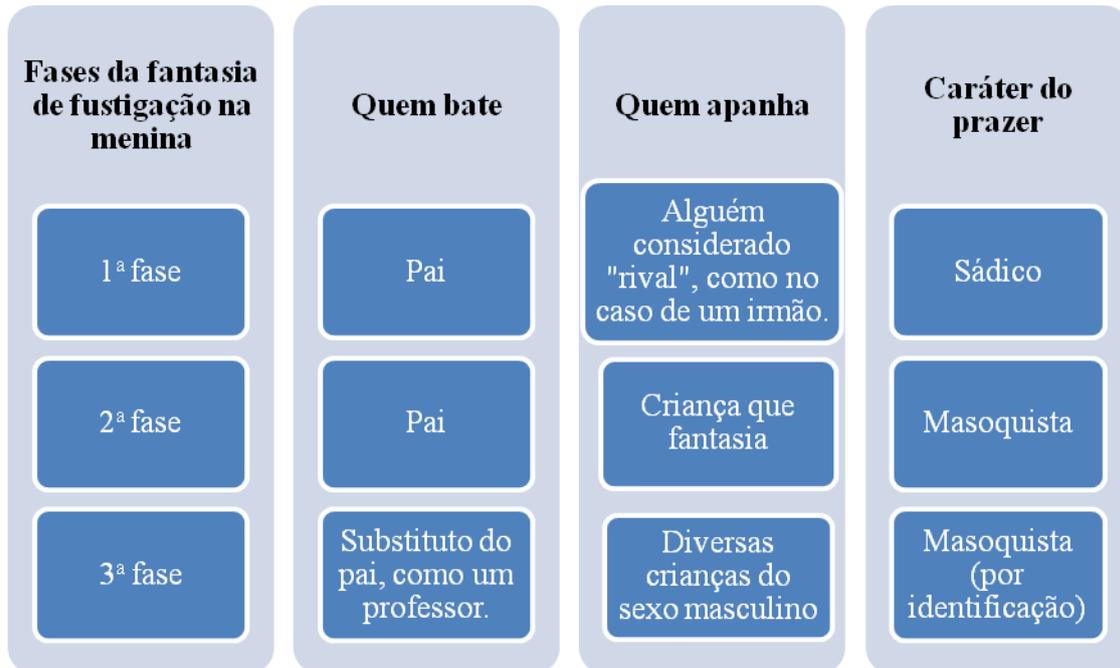
Continuemos com a contextualização e explicação que Freud fez no que se refere a como ocorrem às transformações nas fantasias supracitadas. Essas acontecem na idade em que a criança está vivendo o complexo de Édipo e, por isso, no caso da menina, estabelece relação

de amor com o pai e rivalidade com a mãe ou qualquer outro que exija o amor do progenitor, como irmãos. A criança se sente enciumada ao presenciar cenas as quais consistem no amor dos pais dirigido ao outro ou ao irmão, então, é comum comportar-se manifestando seu ódio com o “concorrente”. Percebe, assim, “[...] que apanhar, mesmo quando não dói muito, significa uma retração do amor e uma humilhação” (p. 305). Dessa forma, o significado da fantasia pode ser expresso por “meu pai não ama esse outro, ama a mim”. A fantasia é movida pelo ciúme da criança, por isso, nesse momento, ela não suscita excitação, já que é sustentada pelos desejos egoístas.

Como a criança não é atendida no seu desejo incestuoso, esse amor é reprimido e, concomitantemente, surge o sentimento de culpa, já que o desejo continua no inconsciente. Devido à culpa, na segunda fase, a criança que apanha coincide com a que fantasia, logo, tem caráter masoquista. A grande contribuição está aqui: “[...] a consciência de culpa é o fator que transforma o sadismo em masoquismo” (p. 307). Freud aponta que a essência do masoquismo é respaldada no fato de que apanhar, aqui, reúne o sentimento de culpa e erotismo, uma vez que a surra tem relação com a punição pela relação genital censurada e também age como um “[...] **substituto regressivo para ela** (relação genital proibida)” (p. 308, grifos do autor).

A terceira fase apenas aparenta ser sádica, no entanto, a satisfação que dela emana produz prazer masoquista, pois as crianças que apanham são substitutas da criança que fantasia, uma vez que essa se identifica com aquelas. Freud explicou que, ao abandonar o amor incestuoso pelo pai, as meninas ativam seu “complexo de masculinidade”, já que a bissexualidade faz parte da constituição do indivíduo. A menina, destarte, se identifica com os garotos da fantasia e, por isso, obtém prazer masoquista. O autor sintetizou que a transformação do sadismo em masoquismo parece acontecer devido ao sentimento de culpa pelo desejo incestuoso direcionado ao progenitor do sexo oposto.

Antes de prosseguirmos com as devidas considerações que Freud fez sobre as fantasias nos meninos, vejamos o quadro que resume esse processo de fantasia na menina, a fim de apreendermos com mais clareza o encadeamento entre as fases:

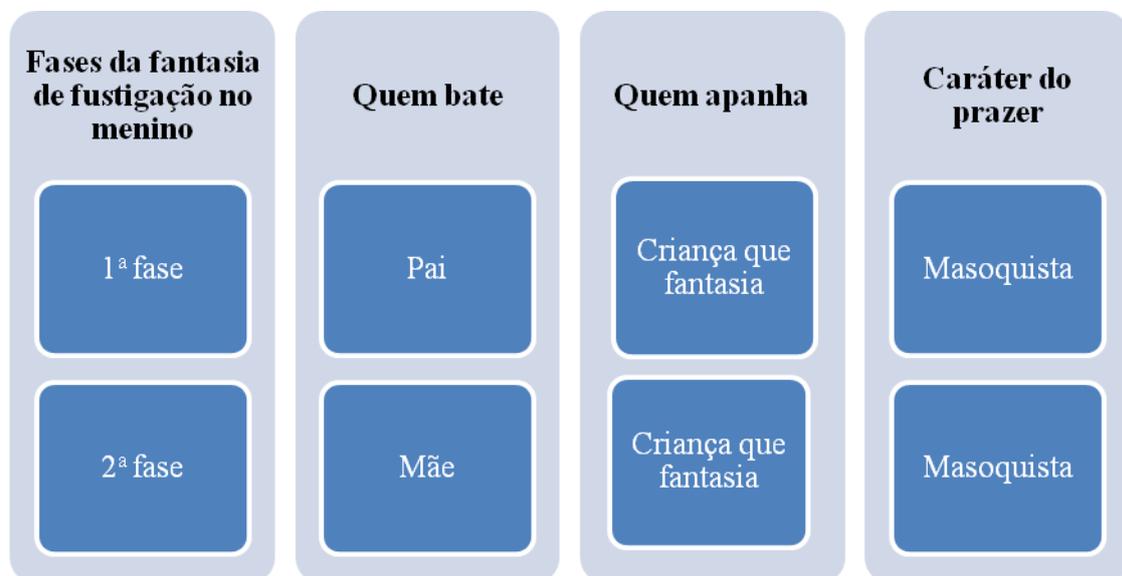


Em seguida são expostas, ainda que sucintamente, as diferenças e particularidades das fantasias masoquistas nos homens que, para realizá-las, assumem posições femininas. Freud diz que “[...] as fantasias de surra dos homens relaciona-se outro tema [...]” que não foi explorado nesse texto. Talvez, a principal peculiaridade é que não há as três fases que acontecem nas meninas. No caso dos homens, a primeira fantasia, que é inconsciente, consiste em apanhar do pai, portanto, assemelha-se com a segunda fase da menina. A fantasia da surra carrega um significado amoroso no sentido genital, pois, como visto, a criança assimila a relação sexual dos pais como uma cena de violência. Essa fase pode ser resumida na frase “sou amado por meu pai”, ou seja, a agressão é sexualizada. No caso do menino, a fantasia é passiva devido à posição feminina diante do progenitor.

O autor constata ter em comum entre as fantasias dos homens e mulheres o desejo incestuoso pelo pai, logo, ambas as fantasias condizem com uma posição feminina. Porém, enquanto a menina atravessa o complexo edípico em sua forma direta, desejando o genitor do sexo oposto, o menino passa pelo Édipo invertido, ou seja, o objeto de amor é o pai e não a mãe. Na segunda fantasia do menino, o pai é substituído pela mãe, mas permanece quem apanha, isto é, a própria criança. Ao mudar quem bate, o menino afasta sua homossexualidade, considerando a bissexualidade constituinte em todos os humanos, mas permanece na posição feminina para com a mãe. A título de exemplificação, recordamos que na obra literária *A Vênus das peles*, Severin, protagonista da história, confessa que, quando

jovem, após beijar os pés e lábios da estátua Vênus, sentia-se culpado ao ponto de sair correndo. Em seguida narra que era comum sonhar que a deusa Vênus o aterrorizava com a ameaça de fustigá-lo. Vênus, possivelmente, poderia estar representando, inconscientemente, a figura da mãe. O desejo incestuoso produzia sonhos os quais Freud explicou como sendo a fantasia de ser espancado pela mãe. Outra cena retrata a posição feminina do personagem, a saber, quando percebe que outro homem provoca desejos em sua amada Wanda. Nesse momento, Severin diz sentir inveja da masculinidade daquele homem, ou seja, ele não se sentia na posição masculina, fato que lhe despertou ciúmes.

Isso posto, vejamos o quadro que resume a fantasia de fustigação no menino para que, em seguida, fique mais clara e explícita a diferença com a fantasia da menina.



Freud confessa não ter encontrado a fantasia originária que fosse sádica nos meninos, já que ele continua com o pressuposto do sadismo primário. O autor diz: “Não pude demonstrar, no menino, um estágio preliminar de natureza sádica, comparável à primeira fase da menina [...]” (p. 320). Lembramos que esse texto foi escrito pouco antes de *Além do princípio do prazer*, então, Freud, possivelmente, estava com as ideias de pulsão de morte e de pulsão de vida em mente, conceitos que o levaram a modificar a teoria do sadomasoquismo, como veremos adiante. Talvez por isso ele tenha insistido com a apresentação dos casos masculinos, ainda que eles contrariassem o que havia falado até então – sadismo originário –, já que a primeira fantasia pressupunha primeiro o masoquismo. Nas palavras do autor, “Não avancei tanto no conhecimento das fantasias de surra dos meninos, talvez porque o material fosse desfavorável”. (p. 317).

O autor conclui, nesse texto de 1919, que o complexo de Édipo é o núcleo das neuroses, mas também pode ser a fonte da origem das perversões. Aponta o papel da sexualidade infantil como um fator que contribui na construção da formação dos sintomas. Ele nos diz: “Espero haver suscitado, nesta comunicação, a expectativa de que as aberrações sexuais da criança, assim como as do adulto, derivam do mesmo complexo.” (p. 327).

1.3.2 Segunda teoria sobre o sadomasoquismo

Em 1924, Freud escreve *O problema econômico do masoquismo* (1996) e reformula sua premissa de que o sadismo é precursor do masoquismo. A mudança foi devido aos problemas que o conceito de pulsão de morte, anunciada em 1920 no texto *Além do princípio do prazer* (2006), apontava quando o assunto era sadomasoquismo. A partir dessa obra, a tese defendida é a de que o masoquismo é primário, tendo em vista que a relação do Eu com o mundo externo é passiva, já que exige a dependência dos cuidados do outro para que o indivíduo se desenvolva. Devido à importância do referido escrito de 1920, dedicaremos-nos à sua explanação sucinta e, em razão da sua complexidade, apoiaremos-nos nas considerações e explicações que Monzani (1989) e Figueiredo (1999) fazem da referida obra.

Desde o texto pré-psicanalítico *Projeto para uma psicologia científica* (1895/1996), passando pelo início “oficial” da psicanálise em *Interpretação dos sonhos* (1900/1996), até os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996), *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico* (1911/2004). entre outros anteriores a 1920, Freud sustenta que o aparelho psíquico é regido pelo princípio de prazer-desprazer. Para explicá-lo, o autor recorre à neurofisiologia e empresta o modelo do “arco reflexo”, caracterizado como uma atividade involuntária que o corpo exerce após receber um estímulo externo. Essa resposta ocorre porque o estímulo gera uma tensão a qual precisa ser eliminada. Como ilustração, vemos que, quando alguém recebe uma martelada no joelho, tendo como condição uma quantidade “x” de força que provoque a tensão, a resposta motora é erguer o joelho. Também quando os olhos são submetidos a uma iluminação forte, a tendência é fechá-los. Isso significa que, quando a estimulação ultrapassa certo limiar, a sensação é desprazerosa. A resposta, como podemos observar, é automática e involuntária e tem por finalidade escoar a tensão gerada. Freud descreve que o aparelho psíquico, do ponto vista econômico, funciona da mesma forma, ou seja, atua da seguinte maneira: busca reduzir ou eliminar a tensão que gera desconforto para, então, recuperar o prazer.

Alguns desprazeres, como a fome e a sede, podem ser sanados com ações específicas: comer algum alimento e beber água. Sucede que, na vida psíquica, o indivíduo sempre se encontra sob o efeito da tensão, pois há estímulos internos que não cessam, ou cessam temporariamente, os quais Freud denominou pulsão. Vale recordar que no texto *Pulsões e destinos da pulsão* (1915/2004), o autor explica que um dos componentes da pulsão é a pressão e a define como a própria “essência”, uma atividade ininterrupta, portanto, nunca haverá satisfação plena.

Além desse esclarecimento, Freud hipotetiza dois princípios que auxiliam na compreensão da dinâmica psíquica: o princípio do prazer e o princípio de realidade. O primeiro tem por finalidade buscar constantemente a satisfação que já foi experimentada alguma vez, no início da vida. Em 1911, no texto *Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico* (2004), Freud fundamenta a concepção do segundo princípio. Segundo ele, com o desenvolvimento do aparelho psíquico, o princípio de realidade surge para impor algumas substituições ou adiamento do desejo, caso seja necessário, diante da avaliação da realidade exterior. Assim, o princípio de realidade trabalha em prol do princípio do prazer. Nesse mesmo texto, Freud explica que:

Na verdade, a substituição do princípio do prazer pelo princípio da realidade não implica a destituição do primeiro, mas sim a garantia de sua continuidade. Desse modo, um prazer momentâneo e incerto a cerca de suas conseqüências só é abandonado para assegurar que mais tarde, por novas vias, se obtenha um prazer garantido. (p. 68).

Em 1920, na obra *Além do princípio do prazer* (2006), ele asseverou que o princípio de realidade é uma metamorfose do princípio do prazer. Figueiredo (1999) expõe essa análise ao dizer que o princípio de realidade inflige um quinhão de desprazer, mas a busca do prazer permanece. Acrescenta que, ao adiar o prazer, esse ganha força, aumenta sua valência quando sua realização se tornar possível. Por isso, o desprazer é imprescindível para que se conquiste o prazer. Nas palavras do autor nacional,

Os desprazeres impostos pelas renúncias pulsionais diante da dura realidade apenas aumentam o valor e as possibilidades de mais prazer, pois que este só pode se dar como redução da tensão associada ao desprazer. Nesta medida, o princípio de realidade é uma mera modificação do princípio de prazer que aprofunda e amplia seu domínio. Adia o prazer, mas o domínio do prazer cresce. (p. 59).

Em *Além do princípio do prazer* (1920/2006), Freud recapitula as ideias sobre o funcionamento psíquico baseado no prazer-desprazer e as coloca em questionamento ao pronunciar que, para além do princípio do prazer, o psiquismo trabalha sob outra perspectiva:

a da pulsão de morte. Isso quer dizer que a psique tem uma disposição a algo destrutivo. Tal noção foi negada por muitos psicanalistas, agindo como um divisor de águas, segundo Monzani (1989), já que muitos não concordaram com tal visão, como Reich, Fenichel e Horney. Monzani (1989) pontua que, entre as diversas interpretações as quais os psicanalistas tentaram fazer para explicar o porquê Freud elaborou a ideia de pulsão de morte, uma delas é a de que o texto oscilante e recheado de hiatos talvez estivesse representando “[...] os conflitos e as moções pulsionais contraditórias que habitam o autor [Freud]” (p. 151). Os seguidores da teoria freudiana ousaram fundamentar psicanaliticamente os motivos que levaram Freud a alimentar hipoteticamente um conceito que não era possível comprovar na prática clínica, porquanto o próprio autor afirmou que a pulsão de morte é de difícil observação pura, pois ela se revela por meio de comportamentos, como a agressão. Freud (1924/1996) pronuncia que “[...] jamais temos de lidar com instintos de vida puros ou instintos de morte puros, mas apenas com misturas deles, em quantidades diferentes”. (p. 184).

É em 1920, no texto *Além do princípio do prazer*, que Freud reorganiza sua teoria ao observar que há algo no humano o qual não busca o prazer, mas a morte. Ideia semelhante havia sido desenvolvida por Sabina Spielrein, psicanalista russa, e, aliás, Freud a mencionou em uma nota de rodapé da obra supracitada, porém, não deu crédito a ela por considerar seu trabalho um tanto obscuro. O trabalho do autor é motivado por algumas evidências na clínica e um exemplo em sua vida particular. Ele infere a noção da pulsão de morte ao ouvir os sonhos traumáticos os quais eram recorrentes aos soldados que sobreviveram à guerra. Tais sonhos eram caracterizados pela repetição do evento traumático – a guerra – e, dessa forma, parecia que o aparelho buscava o desprazer vivido anteriormente. Somado a isso, constata uma brincadeira infantil, protagonizada por uma criança de um ano e meio – seu neto – o que lhe chama a atenção pelo caráter repetitivo. O menino, quando afastado de sua mãe, lançava um carretel para dentro do berço, ao passo que não podia mais visualizá-lo e, em seguida, puxava-o para perto de si. Freud interpreta a brincadeira como uma tentativa de dominar o sofrimento gerado pela separação da mãe, já que o jogo possibilitava ao menino sair da posição passiva para a ativa, pois era ele quem expulsava o carretel para longe e controlava o momento de reencontrá-lo. Além disso, questionou o comportamento de alguns pacientes que pareciam trabalhar contra a própria melhora dos sintomas, isto é, repetiam comportamentos que dificultavam a atividade de recordar.

Se a brincadeira infantil expressa a mudança da postura passiva para a ativa, a fim de dominar a experiência, os sonhos da neurose traumática indicam algo parecido, pois, ao reproduzir a situação vivida, o sonhador tenta controlar o ocorrido ao se “preparar” para o desprazer, ou seja, ao não ter o componente do “susto” ele também assume o papel ativo. Ambos os casos ilustram que a repetição está a serviço de um impulso de dominação.

Até então, os pacientes atendidos por Freud tinham sonhos que evidenciavam o desprazer para o Eu e para a consciência, todavia, havia prazer no inconsciente, ou seja, um desejo que não podia ser satisfeito, por exemplo, o do incesto, foi recalcado, mas, como já dito, continua a pressionar para ser realizado. Como essa realização seria insuportável para o Eu e o consciente, há uma deformação no sonho que possibilita a satisfação, ainda que não seja de forma direta, já que carece de elementos substitutivos, deformando o conteúdo latente. Embora esses sonhos sejam desagradáveis, trazem consigo satisfação. Freud afirma no texto de 1920 que “[...] não há dúvida de que todo desprazer neurótico é desta espécie: um prazer que não pode ser sentido como tal” (p. 138).

A neurose traumática, porém, não impôs ao Eu que recalcasse o conteúdo por ser insuportável, ao contrário, faz com que ele reviva unicamente o desprazer experimentado. Freud, por isso, assegura que a compulsão à repetição não é regida pelo princípio do prazer, mas por algo mais arcaico. Diante dessa investigação, o autor assevera que o aumento da tensão associado ao desprazer, bem como sua diminuição e o prazer, não têm uma relação simples e direta. Introduce, então, a concepção de que, além da quantidade armazenada, há o fator qualitativo. O texto de 1920, Freud (2006) certifica que esse fator é caracterizado pela “(...) magnitude de redução ou aumento da excitação durante certo espaço de tempo” (p. 136).

Freud observa com esses exemplos ilustrativos - sonhos dos soldados, brincadeira da criança e a reação terapêutica negativa¹⁶ de alguns pacientes - que o aparelho psíquico busca, por meio da compulsão à repetição, algo que não está relacionado ao prazer, mas ao seu antônimo, o desprazer. Monzani (1989) sublinha que o valor dessa constatação freudiana está no fato dela estar inserida em uma série, quer dizer, os exemplos isolados seriam insuficientes para orientar uma hipótese, no entanto, o arranjo e encadeamento entre os fenômenos apresentados permitem notar que há algo em comum nessa série.

¹⁶ Comportamento que alguns pacientes apresentam durante o tratamento psicanalítico, considerado um tipo de resistência à cura. Laplanche e Pontalis (2001) detalham que “[...] cada vez que se poderia esperar uma melhora do progresso da análise, produz-se um agravamento, como se certos sujeitos preferissem o sofrimento à cura” (p. 424).

No capítulo IV do texto *Além do princípio do prazer* (2006), Freud apresenta a metáfora da vesícula indiferenciada como representante de um “[...] organismo vivo em sua versão mais simplificada [...]” (p. 150). Seu propósito é explicar como um organismo se comporta diante de uma ameaça, seja por estimulação externa ou interna (endógena) e aplicar tal entendimento ao funcionamento do aparelho psíquico. A seguir, vejamos como o autor descreve as características de tal vesícula.

Essa vesícula possui uma superfície que mantém contato com o mundo exterior e está diferenciada das outras partes. Uma de suas finalidades é a de receber os estímulos que a atingem e, em consequência da incidência permanente dos estímulos sobre a parte externa, forma-se uma crosta “[...] que estaria tão abrasada pela ação dos estímulos que ‘se tornaria uma camada ideal de recepção e transmissão desses estímulos, e estaria alterada de modo tão definitivo que não mais poderia sofrer qualquer modificação posterior’” (p. 151). Além disso, essa vesícula encontra-se em um mundo exterior repleto de energia de grande intensidade. Para proteger-se dessa energia, o organismo desenvolveu um escudo protetor, pois, caso contrário, a força contínua de tal carga poderia destruir a vesícula. Porém, o interno não é dotado de tal defesa. Sobre o escudo protetor, Freud diz que ele

[...] se forma quando a superfície mais externa da vesícula perde a estrutura característica de matéria viva, isto é, quando, até certo ponto, ela se torna inorgânica e passa a funcionar como um envoltório especial ou como uma membrana destinada a amortecer os estímulos. (p. 151).

Isso significa que o escudo protetor transmite para as camadas mais baixas apenas uma fração de intensidade da energia, protegendo, assim, o organismo vivo. Figueiredo (1999) observa que, nesse momento, Freud evidencia a morte sob duas perspectivas: a) a incidência de energia intensa que pode matar a vesícula e b) a defesa que a vesícula cria para proteger-se. Diz ainda que: “A membrana é uma espécie de morte que protege a vida” (p. 70) e isto permite que a vesícula conserve a vida. Aqui, pode-se notar um raciocínio que vai além do simples dualismo entre morte e vida relacionados a algo negativo e positivo, respectivamente.

Consoante a Monzani (1989), “[...] os fenômenos do traumatismo põem diretamente em questão a maneira pela qual o organismo e o aparelho psíquico recebem os estímulos e, sobretudo, como procuram neutralizar seus efeitos perturbadores” (p. 158). O problema é explicar como um evento traumático, pensando, por exemplo, nos soldados que enfrentaram a guerra, consegue romper o escudo protetor, produzindo desequilíbrio no aparelho psíquico. Quando o escudo é violado devido à intensidade da excitação externa, sucede que as energias

dispostas dentro do aparelho psíquico (pulsão) se agrupam com o designo de “contra-atacarem” a energia que invade o organismo, ou seja, devem impossibilitá-la. Monzani (1989) utiliza uma ilustração para simplificar essa explicação: “a melhor imagem aqui é, sem dúvida, a bélica; fixação do agressor num determinado ponto, impedindo que ele avance pela contraposição de forças estritamente equivalentes” (p. 162). Essa é a atividade psíquica diante da dor.

O mesmo autor alerta que a dor não é o aumento de tensão, mas “[...] o encontro da energia livremente móvel, desligada, que tende a escoar-se por todo o aparelho, com a energia mobilizada para bloqueá-la, fixá-la, ligá-la” (p. 162). A dor, então, pode ser definida como o trabalho de vincular a energia livre à energia ligada. Assim, trauma e dor dependem da “[...] intensidade de energia invasora e da quantidade de energia quiescente [ligada] que o aparelho mental pode mobilizar [...]” (Monzani, 1989, p. 162). Para que isso aconteça, é necessário ter um depósito, uma reserva de energia, a fim de que se possa utilizá-la em momentos que seja necessário bloquear certa quantidade de estímulo que irrompe para dentro do organismo. Usando a ilustração que Figueiredo (1999) nos presentia, a energia mobilizada age como uma “bandagem” para estancar essa “espécie de hemorragia”.

O mecanismo exposto dá conta de explicar o que acontece na neurose de guerra, a qual é considerada por Freud como um tipo de neurose traumática: o escudo protetor foi rompido pela grande intensidade de estímulo. Freud tenta aproximar o trauma externo, físico, com o trauma psíquico, e explica que em ambos ocorre o rompimento do escudo protetor, a diferença, todavia, é que o trauma psíquico conta com um elemento a mais: o susto, ou seja, o fato de não estar preparado para a situação. Com o indivíduo despreparado pelo elemento surpresa, o aparelho não se organiza para o “contra-ataque”, isto é, não ocorre o agrupamento de energias que se direcionam a fim de bloquear a energia que afeta o organismo, ou seja, não há defesa. Na neurose traumática, então, ocorre a repetição a fim de que o aparelho psíquico tente executar a tarefa de ligar a energia incidida. Ao tentar executar esse trabalho, o princípio de prazer fica suspenso, uma vez não se trata de escoar a energia, mas, antes disso, é imprescindível atá-la, transformando-a em energia ligada. Essa, de acordo com a explicitação de Monzani (1989), é uma função que antecede o princípio de prazer, sendo, portanto, anterior e independente dele. O movimento que visa ligar [*Bindung*] a energia livre pode ser definido como “além do princípio do prazer”, quer dizer, antes de descarregar a energia que gerou tensão, seguindo a lógica do princípio do prazer, é imprescindível ligá-la. Vale ressaltar a síntese que Figueiredo (1999), fundamentado em Freud, faz: Freud supõe que,

quando a quantidade de energia livre aumenta, há desprazer e o contrário também é verdadeiro, ou seja, quando a energia livre decresce, há prazer. Não há, contudo, uma lógica proporcional que defina a quantidade de energia livre e sua relação com o desprazer. Figueiredo (1999) finaliza: “[...] talvez o decisivo sejam aumentos e diminuições em um dado período de tempo, o que nos remete, Freud não o explicita, à questão dos *ritmos*” (p. 53, grifo do autor). O autor nacional elucida essa questão com o exemplo do sono: se estamos habituados a adormecer em locais barulhentos, “[...] o sono resiste a grandes variações nos ruídos, mas se dormimos em locais silenciosos, ruídos relativamente fracos podem nos acordar” (p. 57). Isto é, a alteração dos níveis de decibéis é o que faz ter a percepção.

Retomando o trauma físico e a neurose traumática, Monzani (1989) resgata Freud ao apontar a diferença entre ambos. Para que a última ocorra é necessário, segundo Freud, que não haja nenhuma lesão orgânica. Segundo este autor, “[...] um ferimento ou ferida concomitante geralmente impede o aparecimento da neurose” (p. 139). Se isso acontece, ou seja, se há lesão física, a energia proveniente do interior é conduzida ao órgão afetado, ou seja, ela tem um destino e pode ser escoada, fato que dificultaria a eclosão de uma neurose traumática. Seguindo esse raciocínio frisado por Monzani (1989), se não pode haver lesão grave, de onde deriva a energia que toma o aparelho psíquico ao ponto de ser conjecturado um evento traumático? Esse mesmo autor responde que, desde os Três ensaios (1905/1996), Freud ratifica que “[...] todo evento físico ou mental que ultrapasse certos limites é capaz de provocar uma excitação de caráter sexual [...]” (Monzani, 1989. P. 171). Isso quer dizer que, por exemplo, no caso de algum acidente, produz-se a liberação em demasia da libido que permanece livre dentro do aparelho por não ter um objeto específico que funcione como um canal que desvencilhe o excesso de energia. Nas palavras de Monzani (1989),

[...] é exatamente esse desencadeamento interno da energia pulsional que exerce um efeito traumatizante, só que agora a partir do interior. Ou seja, não é o acidente em si, o seu choque, que é diretamente traumático: o que ele faz é desencadear um fluxo pulsional, interno, esse sim traumático, para o aparelho psíquico (p. 172).

Sobre os sonhos que reincidentem a cena traumática, como no caso dos soldados que vivenciaram a guerra, por exemplo, conclui-se que a compulsão à repetição seja uma tentativa de preparação para o evento, ou seja, afasta-se o susto, o elemento surpresa, a fim de soldar a excitação demasiada. Entretanto, e se a tarefa de vincular a energia excessiva para dominá-la e, por fim, descarregá-la, falhar? Monzani (1989) declara, baseado em Freud, que, nesse caso, aparece a compulsão à repetição, haja vista o aparelho psíquico represa energia que não está dominada, portanto, permanece livre. Aquele autor nos diz

[...] segundo Freud, seriam as longínquas experiências infantis que sucumbiriam à compulsão à repetição, seja nos seus atos no decorrer da vida, seja na situação analítica, onde o paciente é obrigado a repetir em vez de recordar. Esse material reprimido e repetido é sempre algo referente a alguma parte da vida sexual infantil. (p. 178)

Ao retomar os três exemplos que Freud elucida no texto *Além do princípio do prazer* (1920/2006) – sonhos dos soldados que repetem as cenas traumáticas da guerra, brincadeira da criança com o carretel e a reação terapêutica negativa – Monzani (1989) pontua que, nos jogos infantis, a repetição pode ser associada à experiência agradável, uma vez que, ainda que a experiência seja desagradável, ocorre a mudança da posição passiva para a ativa. Na neurose traumática acontece o mesmo, pois a pessoa retoma, retrospectivamente, a cena do abalo com o propósito de ligar a energia excedente que provém do evento, como mencionado anteriormente. Porém, na reação terapêutica negativa, a cena de caráter sexual infantil não é desconhecida à pessoa, fato que “[...] faz com que a repetição não se ‘enganche’ numa situação, mas, isso sim, utilize um conjunto quase indefinido de situações nas quais a mesma matriz (padrão de comportamento) é aplicada” (p. 182). Neste último caso, então, a repetição se opõe ao princípio do prazer. O que se repete na situação transferencial, nas palavras de Freud (1920/2006), seria:

A reprodução que então emerge com uma fidelidade tão indesejada invariavelmente se desenrola no campo da relação transferencial com o médico e tem sempre como conteúdo um fragmento da vida sexual infantil, ou seja, do complexo de Édipo e de seus sucedâneos. (p. 144)

Baseado nesse fragmento da obra freudiana, Monzani (1989) afirma que a repetição é uma forma que o inconsciente encontra para tentar elaborar seus conteúdos, sendo assim, parafraseando esse autor, a repetição é um dos modos de funcionamento do inconsciente.

Ao recapitular os componentes da pulsão – fonte (somática), finalidade (satisfação, eliminação da tensão), objeto (aquilo que propiciará a satisfação, podendo ser o próprio corpo) e pressão (exigência de trabalho) - Monzani (1989) sintetiza que “[...] a pulsão aparece no domínio psíquico como uma energia que pressiona no sentido da descarga através de um objeto apropriado [...]” (p. 185). O autor avança na compreensão ao elucidar que, então, há energia livre que se movimenta no inconsciente, exigindo a satisfação (finalidade). Se há essa energia livre no inconsciente, significa que “[...] isso está inscrito na natureza da pulsão” (p. 185). O autor continua: “[...] isso significa dizer, então, que o modo de existência dos fenômenos inconscientes é determinado [...] pelas características e atributos das pulsões enquanto existem na forma livre” (p. 185). Assim, o autor conclui que a compulsão à

repetição é uma característica inerente à pulsão, sendo assim, prevalece sobre o princípio do prazer. Logo, tal repetição denuncia “[...] uma característica fundamental da pulsão, muito mais arcaico e primitivo, algo que a faz ser uma tentativa constante e incessante de repetir um estado originário [...]” (p. 187). O próprio Freud (1920/2010), ao questionar a relação entre a pulsão e a compulsão a repetir, diz: **“Uma pulsão seria, portanto, uma força impelente [Drang] interna ao organismo vivo que visa a restabelecer um estado anterior** que o ser vivo precisou abandonar devido à influência de forças perturbadoras externas”. (p. 160, grifos do autor).

Com esse pensamento, a pulsão passa a ser qualificada como uma inclinação a recuperar um estado anterior, algo inicial à vida, sugerindo, então, o retorno ao inorgânico, já que é esse estágio que antecede ao orgânico. Para que tal objetivo ocorra, é necessário descarregar totalmente a energia do organismo, fato que culminará na morte. Vejamos o que Freud (1920/2010) assevera:

Portanto, esse objetivo [da tendência orgânica] deve ser muito mais o de alcançar um estado antigo, um estado inicial, o qual algum dia o ser vivo deixou para trás e ao qual deseja retornar mesmo tendo de passar por todos desvios tortuosos do desenvolvimento. Se pudermos admitir como um fato sem exceção que todo ser vivo morre, ou seja, retorna ao estado inorgânico devido a razões **internas**, então podemos dizer que: **O objetivo de toda vida é a morte**, e remontando ao passado: **O inanimado já existia antes do vivo**. (p. 161, grifos do autor).

Após essa concepção, Freud argumenta no mesmo texto a existência de pulsões de vida (Eros) e pulsões de morte (Tânatos). Enquanto o primeiro grupo tem como propósito a manutenção da vida ao sintetizar, agrupar, ligar energia e proporcionar tensões no organismo, o segundo tende a buscar o desligamento da energia e eliminação das tensões.

Figueiredo (1999) chama a atenção para não reduzirmos a dicotomia pulsional – vida e morte – como algo puramente dualista. Há complexidade, a qual não se resume em Eros representando as ligações se opondo a Tânatos como equivalente ao desligamento e destrutividade. Ambos os pólos podem fazer acordos e se unirem, como podem se divergir e serem antagônicos. O autor esclarece que

Se Eros procura ligações, há formas de Eros que produzem desligamentos e os dois movimentos podem ser absolutamente simultâneos: como Freud observa, o casal apaixonado que se liga eroticamente de modo quase (imaginariamente) perfeito, desliga-se do resto do mundo e ameaça a cultura que, para sobreviver, deve inibir as metas sexuais e implementar outras formas de relação erótica (amizades, coleguismo etc.), controlando a excessiva erotização dos apaixonados. (p.33).

Nesse contexto, a energia desligada pode estar a serviço do desenvolvimento, não apenas conduzindo-nos à morte, natural a todo ser humano, mas, por exemplo, ao propiciar que a menina desligue sua energia do pai para que consiga prosseguir em outras escolhas objetais.

Sobre o prazer-desprazer, Monzani (1989) recapitula que no texto *Além do princípio do prazer* a ideia do desprazer, que é ocasionado pelo acúmulo de tensão, passa a ser entendido, nas palavras do autor nacional, como “[...] o grande motor que aciona e desenvolve o aparelho psíquico [...]” (p. 190). Isto é, para que haja vida, é imprescindível a existência de certo nível de tensão, pois a total eliminação de excitação levaria o organismo à morte. Nessa linha de raciocínio, advém a associação entre prazer e morte, uma vez que o organismo só alcançaria o prazer máximo com a abolição total de tensão, por isso, a vida só é possível quando há o acúmulo de tensão, mesmo que seja no nível mais baixo possível. Conforme aquele autor, “[...] a ‘vida’ psíquica só será possível se um mínimo de tensão (a energia ligada) for mantida e sem o que tudo escoará para o nada da excitação” (p. 230).

Monzani (1989) aponta uma das objeções dessa lógica do desprazer relacionado ao aumento da tensão e prazer à diminuição: o problema do masoquismo. Para esse autor, “Nesse caso, o sofrimento é condição mesma para o gozo. E não no sentido temporal, em que o sujeito sofreria para **depois** poder ter prazer” (p. 213, grifo do autor). Isso significa pensar na equação desprazer = prazer. Há prazer no sofrimento e isso é inexplicável do ponto de vista econômico do aparelho psíquico. Essa questão é retomada por Freud (1924/1996) no texto *O Problema econômico do masoquismo*, quando contesta que nem todo aumento de tensão é sentido como desprazer e o contrário também é verdadeiro, ou seja, nem toda diminuição de tensão é sentida como prazer. O exemplo que serve como protótipo para tal afirmação é a relação sexual, pois o aumento de tensão, nesse caso, pode ser sentido como prazer. Freud, então, insere a noção que, como bem observa Monzani (1989), já é velha em seu pensamento: o aspecto qualitativo. Freud (1924/1996) diz que não é possível caracterizar o fator qualitativo, mas levanta a hipótese de que “Talvez seja o ritmo, a seqüência temporal de mudanças, elevações e quedas na quantidade de estímulo. Não sabemos.” (p. 180).

No referido texto de 1924, o autor dissocia a ideia de que o princípio de prazer estaria exclusivamente a serviço da pulsão de morte. Ele mantém a opinião que o aparelho psíquico tem uma tendência a reduzir a tensão, mas o princípio de prazer passa a ser uma “exigência da libido”, isto é, procura unicamente a satisfação, ainda que ela possa levar à morte: é a pulsão de vida amalgamada à pulsão de morte. Essa noção foi elucidada já em 1920, pulsões de vida

e pulsões de morte não se contrapõem apenas, mas podem se complementar, ou seja, as exigências de cada pólo são atendidas parcialmente.

Ante ao exposto até aqui, o autor elabora a nova proposta sobre o sadismo e masoquismo. Freud conjectura a hipótese de o masoquismo anteceder ao sadismo, como ele nos diz no texto *Além do princípio do prazer* (1920/2006), “[...] poderia também existir um masoquismo primário que emana do Eu [...]” (p. 175), já que a pulsão parte do Eu para o objeto. Considera, ainda, que o sadismo é constituído por uma pulsão agressiva, a qual visa atacar o objeto, por isso, é um representante da pulsão de morte que foi repelida do Eu.

Essas ideias são retomadas em 1924, no texto *O problema econômico do masoquismo* (1996), quando o autor decide aprofundar o tema ao decompor o masoquismo em três tipos de manifestação: Masoquismo erógeno, ou primário, que dá origem ao masoquismo feminino e moral. Ao primeiro é atribuído o prazer na dor. O segundo é o mais acessível a observações e foi exemplificado no texto *Batem numa criança* (1919/2010), por fim, o masoquismo moral que se aproxima do masoquismo feminino devido ao componente do sentimento de culpa. A seguir, são apresentadas as especificidades de cada um.

Masoquismo erógeno: Freud explica que a função da pulsão de morte, como já dito, é reduzir ou deixar o grau de tensão no mínimo possível. Diante disso, para evitar que o organismo retorne ao estado inanimado (tensão zero), o aparelho psíquico, movido pela pulsão de vida, tende a projetar a pulsão destrutiva para o mundo externo sob a forma de pulsão de dominação, pulsão de destruição ou pulsão de poder. Parte da pulsão de morte, porém, fica retida no organismo, mas se torna inócua a ele, visto que a pulsão de vida e a pulsão de morte estão ligadas e não é possível identificá-las em estados puros. O masoquismo erógeno é definido pelo autor:

Após sua parte principal [da pulsão de morte] ter sido transposta para fora, para os objetos, dentro resta como um resíduo seu masoquismo erógeno propriamente dito que, por um lado, se tornou componente da libido e, por outro, ainda tem o eu (*self*) como seu objeto. (p.184)

Nesse masoquismo, como explicitado, a pulsão de vida protege o indivíduo contra o autoaniquilamento. O conflito entre pulsão de vida e de morte é elementar para a manutenção da vida. Freud (1937/1996) salienta que “Somente pela ação concorrente ou mutuamente oposta dos dois instintos privemos – Eros e o instinto de morte –, e nunca por um ou outro sozinho, podemos explicar a rica multiplicidade dos fenômenos da vida” (pp. 259-260). Acentuamos que, no texto *O problema econômico do masoquismo* (1924/1996), o autor

postula a possibilidade de que o masoquismo projetado em forma de sadismo regresse ao Eu, proporcionando o masoquismo secundário.

Masoquismo feminino: é manifestado nos sonhos de punição aplicada pelo pai, pois, como vimos no texto *Batem numa criança* (1919/2010), a fantasia de ser fustigado pela figura paterna retrata o desejo de ter relação sexual passiva, portanto, posição feminina. Tal regressão ao complexo edípico provoca sentimento de culpa por conta do caráter erótico incestuoso. Busca-se a satisfação pela punição no sofrimento e, devido ao componente da culpa, faz transição com o masoquismo moral.

Masoquismo moral: nesse caso, o aspecto mais relevante se refere ao sofrimento, independentemente de quem atua para operá-lo, pois o importante é ser castigado. Como é dito pelo autor: “(...) o verdadeiro masoquista sempre oferece a face onde quer que tenha oportunidade de receber um golpe” (p.185). Podemos ilustrar esse fenômeno na história relatada no texto *A Vênus das peles*, a qual detalhamos no início deste capítulo. Severin permitia ser humilhado por Wanda, por exemplo, quando concordou que ela tivesse relações com outro homem.

Se o sentimento de culpa emerge depois da dessexualização do complexo edípico, no masoquismo moral há a regressão e, conseqüentemente, ressexualização, já que o referido complexo é revivido, por isso, existe satisfação ao ser castigado e sentir dor. O importante, então, é se comportar de tal forma que as escolhas, ainda que inconscientes, assegurem certo grau de sofrimento por sentir-se culpado pelo desejo incestuoso, por isso, o masoquista, nas palavras de Freud, “[...] deve fazer o que é desaconselhável, agir contra seus próprios interesses, arruinar as perspectivas que se abrem para ele no mundo real e, talvez, destruir sua própria existência real” (p. 189).

Após a apresentação dos principais textos em que Freud trabalha o tema sadomasoquismo, faremos um resumo dos aspectos úteis à nossa análise dos casos entrevistados. Recordamos que nosso objeto de estudo são mulheres as quais manifestam comportamentos na escolha amorosa que podem ser caracterizados como sadomasoquistas, uma vez que há a repetição de situações as quais, a princípio, fomentam sofrimento. Detalharemos os casos entrevistados no terceiro capítulo.

O fio condutor que nos orienta, então, é a escolha objetal que essas mulheres fazem. O texto *Três ensaios* (1905/1996) traz informações importantes sobre esse aspecto, pois Freud postula, como vimos anteriormente, que a escolha objetal realizada ao longo do

desenvolvimento infantil, especificamente durante o período do complexo de Édipo, deixa marcas psíquicas as quais influenciam as escolhas em tempos posteriores. Reforçamos o que Freud (1905/1996) nos diz nessa obra: “Os resultados da escolha objetal infantil prolongam-se pelas épocas posteriores; ou se conservam como tal ou passam por uma renovação na época da puberdade.” (p. 189)

O terceiro ensaio do texto referido anteriormente é mais explícito no que tange às escolhas amorosas no período da adolescência, bem como ulteriormente. Freud adverte que o objeto não é escolhido ao acaso, acidentalmente, pois é como se houvesse uma “trilha” percorrida, como se fosse um itinerário com demarcações que se iniciaram desde a infância. São, portanto, as relações e vivências com os progenitores¹⁷, ou quem os representem, que servirão de suporte para a eleição de um companheiro. A ideia é retomada em 1915, quando o autor escreve *Pulsões e destinos* (2004) e, ao explicitar os componentes da pulsão, ele sanciona que o objeto, tendo por finalidade a satisfação da pulsão, é designado pela história singular de cada indivíduo, e enfatiza “[...] principalmente a história infantil – de cada um” (p. 322).

Freud, por muito tempo, anuncia a importância da relação da menina com seu pai como um aspecto fundamental desse processo de escolha. Uma frase, no entanto, ainda nesse terceiro ensaio, elucida um elemento a ser somado nessa análise. Freud (1905/1996) declara que “O encontro do objeto é, na verdade, um reencontro” (p. 210). Vale observar que o primeiro encontro de todo indivíduo ocorre com a mãe, ou com alguém que faça esse papel. É a mãe quem nutre, cuida, oferece os cuidados básicos e apresenta o mundo à criança. A partir desse primeiro encontro, todos os outros são reencontros, como nos disse Freud, pois a forma de se relacionar com coisas e pessoas será, então, fundamentada nessas primeiras experiências de vínculo materno. Essa compreensão pode ser confirmada com a afirmação do autor citado: “[...] para criança, a amamentação no seio materno torna-se modelar para todos os relacionamentos amorosos” (p. 210). A amamentação não alude apenas ao alimento que nutre o corpo no sentido fisiológico, mas também ao significado que este alimento recebe, ou seja, o aleitamento transfere emoções e afetos entre lactante e lactente. Apontamos esse aspecto quando aludimos o termo “apoio” na obra *Três ensaios*, isto é, há a satisfação das

¹⁷ Quando nos referirmos aos progenitores, não estamos especificando, necessariamente, o pai e/ou a mãe que possui laços consanguíneos com a criança, mas destacamos que o importante é aquele (a) que desempenha as funções de cuidadores.

necessidades biológicas, como a fome, mas, há também satisfações das pulsões sexuais quando, por exemplo, a região dos lábios é estimulada pelo fluxo do leite.

Visto a importância do vínculo mãe e filho(a), dedicaremos-nos a explorá-lo no próximo capítulo, a fim de entendermos qual implicância esse relacionamento acarreta nas escolhas objetais, especificamente nas mulheres, haja vista serem nosso objeto de estudo e, posteriormente, investigar se há ou não correlação entre essa ligação afetiva com a posição sadomasoquista apresentada pelas mulheres entrevistadas.

CAPÍTULO 2 – ENTRE O AMOR E O ÓDIO NO VÍNCULO MATERNO: OS (DES)CAMINHOS PARA A SEXUALIDADE FEMININA

Sabíamos, naturalmente, que houvera um estágio preliminar de vinculação com a mãe, mas não sabíamos que pudesse ser tão rico e tão duradouro, e pudesse deixar atrás de si tantas oportunidades para fixações e disposições.

(Freud, 1933)

Iniciamos o capítulo com essa citação para enfatizarmos que, por volta da década de 30, Freud passa a se dedicar aos estudos sobre a vinculação entre a menina e sua mãe, ou um substituto materno. Relembremos que, por muito tempo, a luz era lançada especialmente ao complexo de Édipo, logo, ao relacionamento entre filha e pai. O próprio autor reconhece no texto de 1931, intitulado *Sexualidade feminina* (1996), que

Na verdade, tínhamos de levar em conta a possibilidade de um certo número de mulheres permanecerem detidas em sua ligação original à mãe e nunca alcançarem uma verdadeira mudança em direção aos homens. Assim sendo, a fase pré-edípica nas mulheres obtém uma importância que até agora não lhe havíamos atribuído (p. 234).

Essa mesma constatação reaparece em 1933, na conferência XXXIII *Feminilidade* (1996), quando o autor afirma que “Por muito tempo, o complexo de Édipo da menina ocultou à nossa observação a sua vinculação pré-edípica com sua mãe, embora seja tão importante e deixe atrás de si fixações duradouras” (p. 128). Durante esse período de vivência pré-edípica com a mãe, o pai é visto apenas como um rival, o qual compete pela atenção materna.

Na conferência supracitada, Freud admite que a psicanálise não tenta caracterizar o que é uma mulher, já que considera tal empreitada árdua e complicada de ser efetivada. Porém, aponta alguns questionamentos que podem ser valiosos na compreensão do desenvolvimento de uma mulher. Ao afirmar que o primeiro objeto de amor, tanto para o menino como para a menina, deve ser a mãe, o autor tenta demonstrar alguns aspectos que diferenciam esse processo em ambos os sexos:

Para um menino, sua mãe é o primeiro objeto do seu amor, e ela assim permanece também durante a formação do complexo de Édipo e, em essência, por toda a vida dele. Para a menina, também, o seu primeiro objeto deve ser sua mãe [...] (p. 119).

A complicação ocorre para a menina quando ela, na situação edipiana, troca seu primeiro objeto amoroso – a mãe – pelo pai, enquanto o menino permanece com a mãe. O autor, nesse mesmo texto, indaga: “[...] como é que a menina passa da vinculação com sua mãe para a vinculação com seu pai?” (p. 119) e a partir de então desenvolve seu raciocínio orientando-se por essa interrogação.

Ao observar algumas mulheres que mantinham forte ligação afetiva com o genitor do sexo masculino, Freud supõe que isso seja um reflexo da relação vivenciada anteriormente com a mãe. Em *Sexualidade feminina* (1931/1996) o autor diz “[...] onde a ligação da mulher com o pai era particularmente intensa, a análise mostrava que essa ligação era precedida por uma fase de ligação exclusiva à mãe, igualmente intensa e apaixonada” (p. 233). E mais adiante reafirma tal ideia ao dizer que “[...] a intensa dependência de uma mulher quanto ao pai simplesmente assume a herança de uma ligação igualmente forte com a mãe” (p. 236).

Diante dessas averiguações, o autor revê a tese de que o complexo de Édipo seja o núcleo das neuroses, conclusão feita em 1919, no texto *Batem numa criança* (2010). Agora, em 1931, ele enuncia: “[...] talvez pareça que deveríamos retratar-nos da universalidade da tese segundo a qual o complexo de Édipo é o núcleo das neuroses” (p. 234). E acrescenta “[...] a fase de ligação exclusiva à mãe, que pode ser chamada de fase *pré-edipiana*, tem nas mulheres uma importância muito maior do que a que pode ter nos homens” (p. 238, grifo do autor).

Mas, afinal, como e quais os motivos impulsionam a menina a desligar-se da mãe para, então, direcionar-se ao pai? Para decifrar esse questionamento, o autor percorre o caminho que visa esclarecer a natureza da relação amorosa, portanto, libidinal, da menina com a mãe. Tal ligação afetiva se manifestam sob diversas maneiras, já que perpassam as fases psicosssexuais – oral, sádica-anal e fálica – adquirindo as particularidades de cada processo do desenvolvimento. O relacionamento entre a criança e a mãe contempla, então, sentimentos ambivalentes os quais oscilam entre um comportamento afável a agressivo. Freud (1933/1996), por meio das apreciações analíticas, constata algumas revelações surpreendentes como, por exemplo, “[...] o medo de ser assassinada ou envenenada [...]” (p. 120) pela mãe.

Freud, ao continuar com as observações sobre a relação materna-filial, investiga a ideia de a criança ter sido seduzida pela mãe. O autor relembra o início de suas pesquisas sobre o trauma, as quais o levaram a supor que suas pacientes haviam sido seduzidas pelos progenitores. Porém, depois, percebeu que tais notícias eram inverdades, pois eram

incompatíveis com os dados da realidade, ou seja, as informações que as pacientes relatavam eram derivadas de fantasias. Posteriormente, Freud conciliou essa ideia de fantasias sexuais ao complexo de Édipo. Entretanto, o pensamento que as mulheres traziam agora, ou talvez que Freud estivesse ouvindo só agora – de terem sido seduzidas pelas mães – têm consistência real, uma vez que “[...] foi realmente a mãe quem, por suas atividades concernentes à higiene corporal da criança, inevitavelmente estimulou e, talvez, até mesmo despertou, pela primeira vez, sensações prazerosas nos genitais da menina” (p. 121. 1933/1996).

Após esclarecer algumas qualidades do vínculo mãe-filha, sob a ótica da criança, o autor expõe as razões que levaram a menina a cessar tal vivência intensa para, então, aproximar-se emocionalmente do pai. Tal decurso, no entanto, não é simples, pois não se trata, apenas, da troca de objeto. Freud (1933/1996) sublinha que:

O afastar-se da mãe, na menina, é um passo que se acompanha de hostilidade; a vinculação à mãe termina em ódio. Um ódio dessa espécie pode tornar-se muito influente e durar toda a vida; pode ser muito cuidadosamente supercompensado, posteriormente; geralmente, uma parte dele é superada, ao passo que a parte restante persiste (p. 122).

Isso quer dizer que, no percurso no desenvolvimento, permanece resquícios de tal sentimento hostil, ainda que, ulteriormente, o ódio seja “supercompensado” e transforma-se em amor. Quando a criança se desvincula – ou ameniza a intensidade amorosa – da mãe, Freud (1933/1996) detalha as reclamações e insatisfações que a menina narra em relação à progenitora: “A censura contra a mãe, que remonta à época mais remota, é a de que esta deu à criança muito pouco leite – censura que lhe é feita como falta de amor” (p.122). O autor, apesar de perceber uma justificativa concreta para tal queixa, haja vista algumas mães terem leite insuficiente e amamentarem os filhos por pouco tempo, diz que, na verdade, “[...] a avidez da criança pelo primeiro alimento é completamente insaciável [...]” (p. 122). Por mais tempo que a criança tenha sido aleitada, Freud acredita que, ainda assim, ela teria a mesma reclamação.

Pedimos licença ao leitor para que, nesse momento, possamos refletir sobre a situação extrema a qual daria legitimidade à queixa da criança: o abandono real, isto é, quando o infante, de fato, recebeu leite insuficiente, ou não o recebeu de sua mãe biológica, por motivo de rejeição. As informações expostas a seguir nos serão úteis para a compreensão de um dos casos entrevistados, conseguinte, justificam nossa atenção para o cenário do abandono.

Levinzon (2004), fundamentada na experiência clínica com referencial psicanalítico, elabora e organiza algumas proposições quanto às fantasias das crianças as quais foram adotadas, logo, passaram pela vivência do abandono. Segundo a autora, estudos indicam que, já no ventre da mãe, a criança experimenta movimentos e reações da mãe, como o andar, a tonalidade da voz e até mesmo o cheiro, fatos que auxiliam o feto a estabelecer uma relação com a genitora. Ao separar-se da mãe, há uma ruptura dessa “continuidade” da relação mãe-bebê, situação materializada pelo corte do cordão umbilical. Dessa forma, o nascimento conduz o bebê a dois traumas. O primeiro diz respeito ao impacto do recém-nascido em ter que sair do ambiente confortável que é o útero, submetendo-se à retirada dos envoltórios amnióticos e tendo que desenvolver o sistema cardiorespiratório – situação caracterizada por uma separação concreta -. A segunda situação traumática vincula-se ao fato de que o infante, que não é querido pela mãe biológica, deve-se ajustar à outra pessoa, agora representante da figura materna, já que lhe prestará cuidados maternos. A exemplo, podemos citar a readaptação do bebê a um ritmo corporal (voz, cheiro) desconhecido, por isso, diferente do que experienciara até então. Tal evento – perda do vínculo corporal nos dois sentidos citados – inscreve sensações desagradáveis, as quais são interpretadas como abandono e desproteção.

Levinzon (2004), ao atender crianças adotadas, nota algumas evidências comuns a esse público, como, por exemplo, o sentimento de rejeição e receio de perder pessoas amadas ou de quem ela dependa (como a mãe). Percebe-se a fantasia de ser desamparada, pois, apoiada na experiência de rejeição sentida em relação aos pais biológicos, a criança se questiona se chegou algum dia a ser amada. A partir disso, ela formula teorias que dão conta de explicar o motivo de tal abandono, assim, responsabilizam-se pela perda de pessoas importantes, por exemplo, a mãe biológica, e atribuem à sua agressividade a razão de não ter sido amada.

Freud (1933/1996), na conferência XXXII – *Ansiedade e vida instintual* – tenta sintetizar o texto de 1926, *Inibição, sintoma e angústia*, e fala sobre a sensação de desamparo que a criança tem quando, no início da vida, manifesta algum sinal de desconforto, como a fome, e não é atendida imediatamente pela mãe. O autor relata que “Se uma mãe está ausente ou retirou seu amor de seu filho, este não tem mais certeza de que suas necessidades serão satisfeitas e talvez seja exposto aos mais angustiantes sentimentos de tensão” (p. 91). Se pensarmos na real situação de abandono, ou seja, quando a mãe biológica deixa seu filho sob os cuidados de outra pessoa, ou instituição, podemos esperar a intensificação de tal sentimento, haja vista que a mãe, na interpretação da criança, foi “perdida” e esse medo de perder o objeto amado passa a acompanhá-la por algum tempo. Freud, nesse mesmo texto,

pontua que “Muitas pessoas são incapazes de superar o temor da perda do objeto; nunca se tornam suficientemente independentes do amor de outras pessoas e, nesse aspecto, comportam-se como crianças” (p. 92). Podemos, então, pensar que em uma situação real de perda do objeto, como é o caso da criança que foi abandonada e, posteriormente, adotada, o medo é mais intenso, haja vista que se fundamenta em uma ocasião concreta.

Retornemos ao texto *Feminilidade* (1933/1996). Além da censura que a criança dirige à mãe, acusando-a de não ter lhe dado leite suficiente, outra recriminação comum aparece quando nasce um irmão. A denúncia de não ser amamentada o bastante permanece se a diferença de idade com a nova criança for pequena, pois a lactação é prejudicada em razão da mãe oferecer seu leite ao novo filho. O que a criança inveja não é, unicamente, o fato de ter sido desmamada, mas sente que perdeu seu lugar na atenção e cuidados que recebia só para si. Nas palavras de Freud (1933/1996): “[...] o que a criança não perdoa ao indesejado intruso e rival não é apenas a amamentação, mas sim todos os outros sinais de cuidado materno [...] nutre um ódio ciumento em relação ao novo bebê e desenvolve ressentimento contra a mãe infiel [...]” (p. 123). Não obstante, o autor supracitado adverte que embora a criança mantenha o lugar de preferida da mãe, isso não faria diferença, uma vez que “As exigências de amor de uma criança são ilimitadas; exigem exclusividade e não toleram partilha” (p. 123) e, uma vez não ser possível obter a satisfação completa, o relacionamento está fadado a acabar em decepção.

O período fálico é marcado por frustrações ainda mais acentuadas, pois, com a descoberta da região genital, a mãe desaprova e condena as manipulações nessa área que provocam prazer. Essa atividade, no entanto, foi demonstrada e principiada pela própria mãe na criança, no período de cuidados com a higiene, como dito anteriormente. Tais motivos expostos seriam suficientes para a criança retirar seu afeto dirigido à mãe, principalmente por conta da intensidade com que esses eventos são sentidos, afinal, sabemos que há ambivalência dos sentimentos, pois o próprio Freud (1933/1996) sublinha que “[...] quanto mais profundamente uma criança ama seu objeto, mais sensível se torna aos desapontamentos e frustrações provenientes desse objeto; e, no final, o amor deve sucumbir à hostilidade acumulada” (p. 124). O autor, contudo, destaca que todos os motivos citados – frustração pelo desmame, ciúmes do irmão, sedução sucedendo a proibição – são acontecimentos que acometem igualmente o menino, mas, todavia, não são suficientes para que ele se afaste da mãe.

Ao seguir o raciocínio, pensando em algo que diferencie a menina do menino e, então, pudesse responder à pergunta “por que a menina se distancia do objeto materno?”, Freud assinala um fator específico do sexo feminino. Na fase fálica, quando a criança se depara com a diferença anatômica entre os sexos, ocorrem consequências psíquicas. Freud (1933/1996) acrescenta que “Foi uma surpresa, no entanto, constatar, na análise, que as meninas responsabilizam sua mãe pela falta de pênis nelas e não perdoam por terem sido, desse modo, colocadas em desvantagem” (p. 124). Quando as meninas percebem que são desprovidas do pênis,

Sentem-se injustiçadas, muitas vezes declaram que querem ‘ter uma coisa assim, também’, e se tornam vítimas da ‘inveja do pênis’; esta deixará marcas indeléveis em seu desenvolvimento e na formação de seu caráter, não sendo superada, sequer nos casos mais favoráveis, sem um extremo dispêndio de energia psíquica (p. 125).

Antes de prosseguirmos com a exposição freudiana, detenhamo-nos na ideia sobre inveja do pênis. Laplanche e Pontalis (2001) partem do sentimento da menina de ter sido lesada, já que não dispõe do órgão reprodutor masculino. A partir disso, passa a desejar possuir um pênis, como o menino, e, ao longo do complexo de Édipo, a inveja do pênis pode ser expressa sob duas formas: “desejo de adquirir um pênis dentro de si (principalmente sob a forma de desejo de ter um filho) e desejo de fruir do pênis no coito” (p. 251). Por que o pênis tem essa importância, ao ponto de suscitar inveja? Freud, por vezes, ao se referir ao pênis, designa a palavra “falo” para representar o valor simbólico do órgão sexual masculino. Vimos que a fase fálica é o período de primazia do falo, por isso, o conflito instalado é “ter falo” ou “ser castrado”, isso porque a teoria na qual todas as crianças acreditam é a da universalidade do pênis. Textualmente, encontramos em Laplanche e Pontalis (2001) que

[...] a sua ausência ou a sua presença (do órgão masculino) transforma uma diferença anatômica em critério principal de classificação dos seres humanos, e na medida em que, para cada sujeito, esta presença ou esta ausência não é evidente, não é redutível a um dado puro e simples, é, antes, o resultado problemático de um processo intra e intersubjetivo (assunção pelo sujeito do seu próprio sexo) (p. 167).

Isso quer dizer que a menina, quando se olha, percebe que falta algo em seu corpo, a falta do pênis em sua constituição, percebe, então, a existência de uma ausência e acredita que isso se deve a alguma falha a qual lhe pôs em desvantagem, especificamente quando comparada aos meninos. Isto é, a menina não se reconhece como pertencente a um sexo distinto do homem, mas se identifica como castrada. Só posteriormente estende a compreensão da falta do pênis como adjetivo à todas as mulheres.

Retornemos ao texto de 1933, *Feminilidade*, quando Freud procede a sua exposição sobre a reação da menina frente à percepção de ser castrada. O autor diz que, a partir dessa situação, abrem-se três possibilidades para o desenvolvimento da menina as quais o autor define: “[...] uma conduz à inibição sexual ou à neurose, outra, à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade, a terceira, finalmente, à feminilidade normal” (p. 126). Entendamos cada um desses caminhos sugeridos.

Primeiro caminho – inibição sexual: até então, como Freud aponta, a menina viveu de “modo masculino”, pois, ao manipular seu clitóris, compreendido como um pênis diminuto, sentia prazer pela excitação proporcionada de forma “ativa”. Ao notar que o órgão reprodutor do menino é muito superior, “[...] renuncia à satisfação masturbatória derivada do clitóris, repudia seu amor pela mãe e, ao mesmo tempo, não raro reprime uma boa parte de suas inclinações sexuais em geral” (p. 126). Isto é, ao comparar o clitóris com o pênis, a menina sente-se humilhada, por estar em desvantagem anatomicamente. Já que não é páreo para competir com o menino, abandona a posição masculina a qual era delineada, até então, pela atividade masturbatória, abre-se mão do prazer que tal atividade oferece. Ao rechaçar a mãe por não tê-la concebido com um pênis, distancia-se dela, gradativamente, pois faz parte de um processo perceber-se com a falta e ampliar tal compreensão à todas as mulheres, incluindo a mãe.

O afastamento ocorre porque “Seu amor estava dirigido à sua mãe fálica; com a descoberta de que sua mãe é castrada, torna-se possível abandoná-la como objeto, de modo que os motivos de hostilidade, que há muito se vinham acumulando, assumem o domínio da situação” (p. 126). Ao perceber-se, então, como castrada, a menina julga-se inferior e abandona sua atividade sexual fálica, ou seja, da masturbação clitoriana, porém, a raiva da mãe exige certo nível de atividade para que seja possível desligar-se dela. Concomitantemente, renuncia-se certa soma de atividade, predominando, então, a passividade, o que propicia o direcionamento da menina para seu pai. Tal situação já organiza o caminho para a feminilidade. A atenção e amor concedidos ao pai, logo, deve-se ao fato, segundo Freud (1933/1996) de que “O desejo que leva a menina a voltar-se para seu pai é, sem dúvida, originalmente o desejo de possuir o pênis que a mãe lhe recusou e que agora espera obter de seu pai” (p. 128). Ou seja, a relação com o pai parece ser uma tentativa de amparo, uma segunda opção, ou, melhor dizendo, uma nova esperança, já que a primeira falhou, em conquistar o pênis-falo.

Segundo caminho – complexo de masculinidade: contrário ao primeiro desfecho, nesse caso a menina rejeita a realidade tão dolorida - ser castrada – e, como resposta a isso, assume um comportamento rebelde e “[...] até exagera sua masculinidade prévia, apega-se à sua atividade clitoridiana e refugia-se numa identificação com sua mãe fálica ou com seu pai” (p. 129). Freud questiona quais os fatores que cooperam para esse desenlace e supõe ser um fator constitucional, ou seja, “[...] uma quantidade maior de atividade, tal como geralmente é característico do homem” (p. 129). Em 1931, no texto *Sexualidade feminina* (1996), o autor observa que, nesse segundo desenvolvimento, a menina “[...] aferra-se à esperança de conseguir um pênis em alguma ocasião” (p. 238) e tal comportamento pode se entesar até a idade tardia. O traço que se manifesta, aqui, é o de evitar a passividade, fato que, caso contrário, facilitaria o caminho à feminilidade.

O terceiro caminho – feminilidade normal: estágio em que a mulher aceita, ainda que seja doloroso tal processo, que, apesar de não ter pênis, pode usufruir de outros elementos os quais proporcionam prazer e satisfação. A situação feminina se torna possível quando o desejo de ter um pênis é substituído pelo desejo de ter um filho. Nas palavras de Freud, “[...] a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se um bebê assume o lugar do pênis, consoante uma primitiva equivalência simbólica¹⁸” (p. 128). E mais a frente, continua:

Com a transferência, para o pai, do desejo de um pênis-bebê, a menina inicia a situação do complexo de Édipo. A hostilidade contra sua mãe, que não precisa ser novamente criada, agora se intensifica muito, de vez que essa se torna rival da menina, rival que recebe do pai tudo o que dele deseja (p.128).

Freud faz associação entre feminilidade e maternidade, ou seja, quando o desejo de ter um filho ocupa o lugar do falo por equivalência simbólica, nesse caso, o tornar-se mãe pode favorecer o tornar-se mulher.

Com o objetivo em descrever mais especificidades sobre o psíquico da feminilidade madura, Freud (1933/1996) acrescenta que a feminilidade contempla “[...] maior quantidade de narcisismo, que também afeta a escolha objetal da mulher, de modo que, para ela, ser amada é uma necessidade mais forte que amar” (p. 131). Ainda sobre os elementos que contribuem para a eleição do objeto amoroso, no caso da mulher, pode ser que ela escolha um homem o qual represente seu “[...] ideal narcisista do homem que a menina quisera tornar-se”

¹⁸ Sobre equivalência simbólica entre o pênis e o bebê, consultar o texto de 1917, *As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal* (1996).

(p. 132). Por outro lado, se a hostilidade direcionada à mãe não for dissolvida, pode ser deslocada ao novo objeto, quer dizer, o marido da mulher, ainda que seja escolhido baseado nas vivências edípicas e, por isso, abrangendo características do pai, pode tornar-se também o “herdeiro da mãe”. Textualmente, Freud (1933/1996) aponta “[...] pode acontecer que a segunda metade de vida da mulher venha a ser preenchida pela luta contra seu marido, do mesmo modo como a primeira metade, mais breve, fora preenchida pela rebelião contra a mãe” (p. 132). No texto *Sexualidade feminina* (1931/1996) o autor descreve de forma ainda mais explícita tal relação da repetição do vínculo materno, mas no relacionamento conjugal. Ele nos diz:

[...] observamos que muitas mulheres que escolheram o marido conforme o modelo do pai, ou o colocaram em lugar do pai, não obstante repetem para ele, em sua vida conjugal, seus maus relacionamentos com as mães. O marido de tal mulher destinava-se a ser o herdeiro de seu relacionamento com o pai, mas, na realidade, tornou-se o herdeiro do relacionamento dela com a mãe. [...] o relacionamento dela com a mãe foi o original, tendo a ligação com o pai sido construída sobre ele [...] (p. 239).

A mulher também pode estar suscetível a outra remodelação quanto à vivência com o marido, a qual pode aparecer após o nascimento do primeiro filho. O autor diz que, ao tornar-se mãe, a mulher pode se identificar “[...] com sua própria mãe, contra a qual ela vinha batalhando até a época do casamento, e isto é capaz de atrair para si toda a libido disponível, de modo que a compulsão à repetição reproduz um casamento infeliz dos pais” (p. 132). Freud (1933/1996) assegura que a vinculação da menina com sua mãe no período pré-edípico “[...] é decisiva para o futuro de uma mulher: durante essa fase são feitos os preparativos para a aquisição das características com que mais tarde exercerá seu papel na função sexual e realizará suas inestimáveis tarefas sociais” (p. 133).

Recordemos os motivos propostos por Freud do porque a menina se distancia de sua mãe na transição do período pré-edípico para o complexo de Édipo, quando conduz seu amor ao pai. A mãe, na concepção da filha, não lhe deu leite suficiente, fracionou seu amor materno com outras pessoas, não correspondeu às expectativas de amor da menina, despertou sua atividade sexual e depois a censurou e, por fim, não lhe forneceu o órgão genital valorizado, o pênis. Paralelo a todas essas razões, Freud (1931/1996) observa que “[...] Nas primeiras fases da vida erótica, a ambivalência é evidentemente a regra. Não poucas pessoas retêm esse traço arcaico durante toda sua vida” (p. 243). Isso quer dizer que, o amor intenso que a menina destina à sua mãe é acompanhado de ódio talvez igualmente grande. O autor conclui nesse mesmo texto que “[...] a intensa ligação da menina à mãe é fortemente ambivalente, sendo

precisamente em consequência dessa ambivalência que (com a assistência dos outros fatores que aduzimos) sua ligação se afasta à força da mãe [...]” (p. 243).

Em 1915, no texto *Pulsões e destinos* (2004), Freud fala que o amor e o ódio são sentimentos direcionados frequentemente ao mesmo objeto e esse seria o exemplo mais expressivo de uma ambivalência. Recordamos que, no referido texto, o autor expõe as vicissitudes da pulsão e diz que um dos vieses pode ser a inversão do conteúdo, a qual só pode ser observada na transformação do amor em ódio. Para explicar o sentimento “amor”, Freud o decompõe em três pares de opostos: a) amar ou odiar; b) amar-ser amado e c) amar e odiar-indiferença.

O segundo par de opostos – amar-ser amado – condiz com o redirecionamento da atividade para a passividade. Amar alguém implica o primeiro adjetivo, já que há o movimento afetivo em direção ao objeto, e, ser amado, alude ao segundo adjetivo. Amar-ser amado remete a um estágio de narcisismo, quando a condição de existência era resumida na frase “*amar-se a si mesmo*”. Quando, posteriormente, ocorre a escolha do objeto, acarretando, portanto, na substituição do próprio indivíduo por outra pessoa, resulta-se “[...] uma vertente amorosa dirigida à meta (satisfação pulsional) ou uma vertente amorosa passiva de ser amado, e esta última se situa próximo ao narcisismo” (p. 157). Podemos, logo, resumir que esse par de opoente tem como atributo o sadomasoquismo, pois como vimos no capítulo anterior, a modificação ativa em passiva é o que define esse traço. É possível sintetizar esse processo na frase “amo para ser amado”. Retornaremos a esse par de opostos mais adiante.

Para esclarecer melhor os três pares adversos do amar, o autor recorre às três polaridades existentes ao longo da vida psíquica:

Sujeito (Eu) – Objeto (mundo exterior)

Prazer- Desprazer

Ativo – Passivo

A relação Eu - mundo exterior se apresenta ao indivíduo desde os primórdios da vida quando, invadida pelos estímulos externos, a criança percebe que uma ação pode cessá-los, porém, o mesmo não pode ser feito com os estímulos provenientes do interior do organismo, isto é, não há ação específica que finde a pulsão, haja vista esta ser ininterrupta. Tal distinção

entre Eu-mundo externo, no início da vida, não fica evidente para o infante, visto que ele só diferencia o “Eu” do “não-Eu”.

No que concerne ao prazer-desprazer, o autor retoma a concepção já exposta em textos anteriores, a qual foi comentada no primeiro capítulo, a saber: o aparelho psíquico funciona como o esquema “arco-reflexo”, assim, quanto maior a incidência de estímulos, maior a tensão e, conseqüentemente, a sensação é desprazerosa. Inversamente, a eliminação ou subtração do estímulo que suscita tensão ocasionará a sensação de prazer. Essa é a instância a qual Freud denomina como econômica.

Por fim, o opoente ativo-passivo diz respeito à atuação do Eu em relação aos estímulos oriundos do mundo externo. Faz parte do Eu ser passivo diante de tais excitações impostas e, diante disso, o Eu reage de forma ativa. Por exemplo, ao mesmo tempo em que a criança é passiva ao receber o leite da mãe, ela é ativa se pensarmos no movimento de sucção que precisa realizar.

As três polaridades psíquicas estabelecem importantes ligações entre si. Ao considerarmos o início da vida psíquica, recordemos que partes das pulsões podem ser satisfeitas no próprio corpo, quer dizer, é possível ter satisfação pelo auto-erotismo, ideia postulada claramente no texto de 1905, *Três ensaios* (1996), como apontamos no primeiro capítulo. Tal estado de auto-satisfação é denominado narcisismo¹⁹. O mundo externo, nesse momento, é insignificante, pois “[...] o Eu-sujeito coincide com tudo aquilo que é prazeroso e o mundo externo, com tudo o que é indiferente (e eventualmente, como fonte de estímulos, com o que é desprazeroso)” (p. 158). Então, sumariamente, o Eu ama a si mesmo e interpreta o mundo como indiferente, na medida em que não proporciona aumento de tensão. Dessa forma, o amar se contrapõe ao indiferente.

Com o desenvolvimento, o indivíduo passa a distinguir o Eu do mundo externo e reconhece a existência de objetos recebidos desse mundo e que também podem ser fontes de prazer, como a alimentação, por exemplo. Percebe, também, que há estímulos internos – pulsão – os quais, por vezes, são fontes de desprazer. Diante disso, o Eu introjeta²⁰ em si os

¹⁹ O conceito de narcisismo, por ser complexo, exige um estudo a parte. A propósito de um breve esclarecimento, citaremos a ideia que Freud (1911/2010) propõe no texto *O caso Schreber*. Segundo ele, há um estágio entre o autoerotismo e a escolha objetual, o qual foi denominado de narcisismo, significando o momento que o indivíduo “[...] toma a si mesmo, a seu próprio corpo, como objeto de amor, antes de passar à escolha de uma outra pessoa como objeto” (p. 81).

²⁰ O conceito de introjeção foi cunhado por Ferenczi, em 1909, utilizado e desenvolvido amplamente pelos psicanalistas, inclusive por Freud no texto de 1915, *Pulsões e destinos*. De acordo com Laplanche e Pontalis

aspectos externos julgados como prazerosos da mesma forma que tenta expulsar²¹ de si os traços avaliados como desprazerosos. Esse mecanismo acontece porque o psiquismo, nesse momento da teoria (anterior à pulsão de morte, como vimos no primeiro capítulo), é regido pelo princípio do prazer. Ao final desse processo, o Eu-sujeito continua sendo comparado ao prazer, enquanto o mundo externo, antes assimilado com a indiferença, passa a ser caracterizado com o desprazer.

Freud (1915/2004), em seguida, explica a oposição entre amar ou odiar. Segundo ele, esse desenvolvimento só ocorre quando aparece o objeto na etapa que a criança investe sua libido em si mesma, ou seja, no narcisismo. Imaginemos que esse objeto seja a mãe ou quem a represente. O autor retoma a ideia na qual o infante, no início, interpreta o mundo externo como fonte de desprazer, por isso, “[...] a relação do Eu com o mundo externo tem o sentido primordial do odiar” (p. 159), portanto, não há distinção entre o externo, o objeto e o odiado. Quando o objeto é reconhecido como fonte de prazer, será amado, mas tais características serão introjetadas ao Eu, desse modo, novamente o objeto se assemelhará ao estranho e odiado. Podemos, então, inferir que, nesse momento inicial da vida, a criança recebe os cuidados da mãe, todavia, não a reconhece como um objeto externo fonte de prazer, pois ocorre a introjeção desses aspectos, dando a sensação, para a criança, de que ela se satisfaz sozinha e que o mundo externo, incluindo a mãe, são sinônimos de desprazer. Essa polaridade “amar ou odiar”, destarte, retrata a polaridade prazer-desprazer.

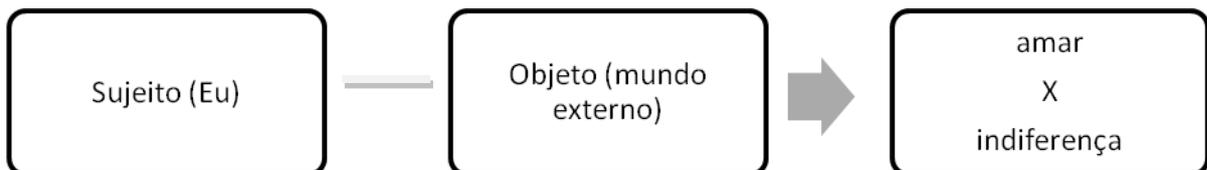
Somente com o desenvolvimento, ao passo que a etapa narcísica abre espaço para a etapa objetal, a qual envolve o reconhecimento do outro, é possível a relação do Eu com o objeto. Nesse estágio, as qualidades “[...] prazer e desprazer passam a significar as relações do Eu com o objeto” (p. 159). Isto é, se o objeto suscitar prazer, o Eu passará a exercer um movimento de proximidade com o desígnio de incorporar o objeto. Nessa situação, segundo Freud, dizemos que “amamos o objeto”, ou, como o próprio autor pontua logo depois, à medida que a relação com o objeto assiste à conservação do Eu, “[...] enfatizamos que temos necessidade dele” (p. 160). Ao contrário, se o objeto for julgado como fonte de desprazer, a tendência será afastar-se dele. Nesse caso, “odiamos o objeto”. Nas palavras do autor, “O Eu odeia, abomina, persegue com intenções destrutivas todos os objetos que se tornem para ele

(2001), a introjeção é uma forma de colocar para “dentro” as insígnias e qualidades dos objetos externos. O assunto é complexo e exige maior exploração, no entanto, fugiríamos do objetivo deste trabalho.

²¹ Nesse momento, Freud não utiliza o conceito de projeção. A fim de um breve esclarecimento, Laplanche e Pontalis (2001) expõem que a projeção é um mecanismo do Eu que visa afastar de si aspectos, como sentimentos e desejos, situando e detectando-os no mundo externo (pessoa ou coisa).

fontes de desprazer, sem levar em conta se são um obstáculo à satisfação sexual ou à satisfação das necessidades de conservação”. (p. 160). O ódio, então, é um sentimento que visa evitar o desprazer sentido pelo Eu, por isso, ele é uma reação de “[...] luta do Eu pela sobrevivência e para se impor” (p. 160).

Até aqui, vimos que os desdobramentos do amor em suas diferentes oposições decorrem das interações e influências do Eu com a realidade. Com o propósito de aclararmos os três momentos distintos, sintetizá-los-emos.



No início do desenvolvimento psíquico, a relação entre o Eu e o mundo externo, como explicado anteriormente, traz o registro que o Eu, em virtude do autoerotismo, é fonte de prazer, enquanto o mundo externo não é investido de interesse, ou seja, é indiferente às finalidades da pulsão sexual, uma vez que, nesse momento, a criança não faz distinção entre o Eu e o não-Eu. Podemos, por fim, resumirmos esse período com a frase “o Eu ama somente a si”, por isso, trata-se de uma etapa narcísica.



Uma nova relação entre o Eu e o mundo externo é imposta pela realidade, já que as pulsões de autoconservação necessitam da presença de um objeto externo. Assim, o Eu passa a reconhecer outras fontes de prazer, as quais se localizam no ambiente externo, porém, utiliza o mecanismo introjeção e passa, uma vez mais, a se igualar com o que é prazer. No entanto, a mesma realidade também é desagradável, uma vez que frustra a criança por, às vezes, não ser atendida no instante solicitado, além disso, há os estímulos endógenos que também suscitam desprazer. O mecanismo utilizado, então, é a projeção desse desprazer sentido (ódio) para o mundo externo. Observamos que a realidade é decomposta em agradável, a qual é introjetada pelo Eu como sendo sua própria característica, e hostil, provocando a projeção do ódio. O mundo externo não é mais indiferente.



Essa etapa se instala quando o período narcísico dá espaço para a relação objetal, isto é, quando é possível estabelecer relação entre o Eu e o objeto (mundo externo). A dinâmica entre amar-ser amado se estabelece quando o Eu investe no objeto, reconhecendo-o como fonte de prazer, portanto, as satisfações podem ser efetivadas por meio do objeto externo. Estabelece-se, então, um movimento para tentar aproximar o objeto do Eu a fim de incorporá-lo. Todavia, quando o objeto suscitar desprazer, o movimento será inverso, ou seja, distanciar-se dele, ocasião reconhecida como “ódio pelo objeto”. A transformação da atividade (amar) para a passividade (ser amado) denota a condição do sadomasoquismo, como o próprio Freud (1915/2004) afirma “[...] a transformação do amar em ser amado, corresponde aos efeitos da polaridade entre atividade e passividade e responde aos mesmos critérios que utilizamos nos casos da pulsão de olhar e do sadomasoquismo” (p. 162). A condição é amar o objeto que proporciona prazer, identificando-se com ele (narcisismo), sentir-se amado para, só então, amar o objeto. Esse aspecto ganha um ímpeto especial no caso das mulheres, pois, quando comparadas aos homens, elas têm a necessidade mais intensa de sentirem-se amadas (Freud, 1933, p. 161). Sendo assim, é comum perceber crianças que se comportam com hostilidade diante do irmão mais novo, ou quando demonstram baixo rendimento escolar para que, em última análise, recebam atenção e possam sentir-se amadas.

O próximo passo dessa investigação diz respeito à origem do amor e do ódio. Sobre a gênese do amor, o autor explica que, primeiramente, o amor é narcísico, visto que a satisfação é autoerótica, e, ao longo do desenvolvimento, conforme os objetos externos interpretados como fonte de prazer são incorporados ao Eu, tal sentimento afetivo é ampliado e dirigido a tais objetos. Freud (1915/2004) continua relatando que “O amor se conecta estreitamente com o exercício das futuras pulsões sexuais e, quando a síntese delas tiver se completado, passará a coincidir com o todo da vertente sexual. (p. 161). Isto é, o amor corresponde às pulsões sexuais conforme advém o primado dos órgãos genitais, período demarcado pela função de reprodução, contudo, antes que isso ocorra, “[...] algumas das etapas preliminares do amar já

emergirão como metas sexuais provisórias” (p. 161). A primeira dessas metas, segundo o autor, é o “incorporar ou devorar”. Esse amor pode ser qualificado como ambivalente, porquanto incorporar tem a acepção de destruir, eliminar o objeto a fim de tê-lo internalizado (fase oral).

Na fase subsequente, a da organização anal-sádica, o autor assinala que

[...] o interesse pelo objeto surge na forma de um ímpeto de apoderamento indiferente ao dano ou à aniquilação que possa causar ao objeto. Essa forma e etapa preliminar do amor quase não se distingue do ódio em sua conduta para com o objeto (p. 161).

Para compreendermos tal citação, rememoremos a característica da criança na fase anal-sádica. Conforme vimos no primeiro capítulo, a criança, nessa fase, descobre o prazer provocado pela defecação. Além disso, aprende que, ao reter a massa fecal, aumenta-se a tensão e, devido à estimulação da mucosa do intestino, sentirá mais prazer ao evacuar. Simultaneamente, a criança percebe o valor social que os cuidadores atribuem ao ato de defecar – geralmente, os pais se alegram quando o filho não apresenta problema de constipação –, assim, o controle dos esfíncteres passa a ser uma ferramenta que a criança encontra para se opor e impor ao adulto, ou seja, esse “sentimento de poder é um recurso para “dominar” o objeto, indiferente ao dano que possa causá-lo. Observamos, então, traços do ódio em tal conduta. A propósito, não é raro ouvirmos a expressão “estou enfezado” quando o indivíduo se descreve em um momento de raiva e ódio.

O autor resume as constatações sobre a origem do ódio no seguinte pensamento: “Enquanto relação com o objeto, o ódio é mais antigo que o amor; ele surge do repúdio primordial do Eu narcísico ao mundo exterior aportador de estímulos” (p. 161). O bebê, assim que nasce, já experimenta o ódio, porque, primeiramente, deixa o útero, ambiente quente e úmido, situação que é somada ao desprazer gerado pela primeira inspiração (até então o bebê recebia oxigênio pelo cordão umbilical), além de ter as vias aéreas (boca e nariz) invadidos por um instrumento que retira o líquido amniótico. Nascer, portanto, é uma sensação desprazerora, naturalmente acompanhada de ódio pela intensidade dos estímulos externos experimentados pela primeira vez. Freud (1915/2004) continua: “O ódio é uma exteriorização da reação de desprazer provocada pelos objetos e mantém sempre um estreito vínculo com as pulsões de conservação do Eu” (p. 161), ou seja, o sentimento de ódio advém da sensação de desprazer que o mundo externo suscita e, para se proteger de tal tensão, o ódio passa a ser uma defesa para o Eu.

Ao examinar a gênese e o desenvolvimento do amor, Freud (1915/2004) certifica “[...] que este se manifesta com frequência de modo ‘ambivalente’, isto é, acompanhado de moções de ódio contra o mesmo objeto” (p. 161). Quando, por algum motivo real, por exemplo, uma traição, a relação de amor é rompida com o objeto, o ódio é inflado e temos a impressão de haver a transformação do amor em ódio. Todavia, diante das informações expostas até aqui, sabemos que, na verdade, o ódio já existia, mas estava mascarado por conta do amalgamento com o amor. O autor avança sua compreensão e afirma que, neste caso – ódio incentivado por uma causa real –, tal sentimento recebeu um auxílio a mais devido a “[...] regressão do amar até a etapa preliminar sádica, de modo que o odiar adquire então um caráter erótico que assegura a continuidade de uma relação de amor” (p. 161-162).

Ainda sobre o amor e o ódio, tentaremos construir um pensamento associando o texto de 1915 com os de 1931 e 1933. Algumas ideias surgiram após a leitura do livro “*Amor e ódio: a ambivalência da mãe*” (2007), de Michèle Benhaïm. Como o próprio título explicita, trata-se dos sentimentos ambivalentes da mãe para com o filho, porém, é possível transpô-los no sentido inverso, quer dizer, do filho (a) para com a mãe.

Ao nascer, o bebê requer alguns cuidados os quais, geralmente, são desempenhados pela mãe ou quem a represente. Esses primeiros cuidados são referentes às necessidades básicas da criança, portanto, têm a função de garantirem, ainda que minimamente, a sobrevivência do pequeno ser. Dessa forma, cabe ao cuidador codificar as demandas de fome, frio, calor, sono, higiene, colo, etc. É natural que, diante da incerteza a qual habita qualquer pessoa neurótica, a mãe hesite por algum momento diante do choro da criança para, então, decifrar a demanda. Além disso, com o desenvolvimento psíquico, a criança percebe que não é atendida exatamente da mesma forma de outrora, seja porque a cuidadora estava ausente, demorou para chegar ou por estar emocionalmente diferente dos momentos anteriores. Inevitavelmente, conforme visto no capítulo anterior e neste, a criança sentirá essa situação como desprazerosa por gerar tensão. Se, conforme Freud nos disse no texto *Pulsões de destinos*, o ódio é uma exteriorização do desprazer, podemos afirmar que o ódio pela mãe se instala logo no início da vida. Já falamos, também, sobre as sensações desprazerosas do nascimento, ou seja, não encontramos objeção para as ideias que o ódio é mais antigo que o amor. Até aqui, apenas recuperamos o que já foi apresentado.

Suponhamos uma situação extrema: a da mãe inteiramente devota ao seu bebê ao ponto de tentar suprir todas as necessidades do filho, por considerar (ou desejar) que ele supre

as suas. A progenitora, então, coloca a criança em um lugar a qual a faça imaginar que a dupla mãe-bebê se completa e se basta. A ideia de completude nos alude à pulsão de morte: estar completo, preenchido, provoca a paralisação, portanto, imobiliza e leva à morte, isto é, se levarmos em consideração o psíquico, esta situação traria prejuízos para a criança. Para que dois se completem e sejam um, há de se anular a diferença, a individualidade de um dos pares, impossibilitando uma relação dual, pois esta passa a ser unilateral. A mãe, nesse caso, vê na criança um prolongamento de si mesma, não a enxerga como um ser em potencial para a autonomia e desejos próprios. Passa a ditar o que o filho quer ou não quer. Lembro-me de um caso atendido por uma colega psicóloga. Ela conta que atendeu uma criança autista a qual, naquele momento, tinha por volta de sete anos. Independente da temperatura do dia, a criança sempre comparecia à sessão vestida com roupa de frio. A menina não reconhecia suas sensações – se estava com frio ou calor –, tal identificação era ditada pela mãe, a qual, fazendo imperar seu desejo, suprimiu a autonomia da criança.

Constatamos ser imprescindível a frustração e separação progressiva da mãe com o filho, a fim de proporcionar e conservar a saúde psíquica deste. A criança, ao longo do desenvolvimento, busca o olhar de desejo da mãe e quer ser a responsável única pela satisfação dela. Contudo, ela percebe que a mãe tem outros objetos de desejo, ou seja, insere-se um terceiro que põe em risco o lugar de ser aquela que basta. Este outro pode ser alguém encarnado, como o pai, ou não, como um trabalho ou qualquer atividade que a mãe exerça a qual exija que ela olhe para algo além da criança. Se a mãe vira seu olhar para outro, é porque a criança não a preenche, isso significa que, alternar a presença com a ausência, faz a criança suportar o estado deste último. Sublinhamos que esse afastar e ausentar-se não significa abandonar e privar o filho dos cuidados essenciais. Como bem explica Benhaïm (2007), “Se, através de sua presença, a mãe o assegura [o bebê], como garantia de um espaço conhecido e reconhecível, o sentimento de segurança interna do bebê advém na alternância de sua presença e de sua ausência.” (p. 53). Situação conhecida por Freud quando ele observou a brincadeira do seu neto Ernest, a qual denominou “Fort-Da”. Exploramos essa passagem no primeiro capítulo, mas recordamos que o menino, ao jogar o carretel e puxá-lo para perto novamente, tentava elaborar e sobreviver à ausência da mãe.

Soma-se à decepção de não completar a mãe o fato de ela, muitas vezes, repreender o filho (a) por qualquer comportamento julgado inconveniente, razões pelas quais a criança acredita ser suficiente para odiar aquela que a recrimina. Freud pontua um exemplo disso quando a mãe, pelos cuidados com a higiene pessoal do bebê, acaba estimulando as regiões

genitais, provocando sensações prazerosas no filho, mas, quando ele cresce, a progenitora censura a masturbação da criança, ocorrência que a deixa com ódio daquela que estimula e depois adverte. Se, pela economia psíquica, a tendência é se afastar do objeto que promove ódio, vemos, então, que o desapontamento é indispensável e fundamental para que a criança se separe da mãe e busque construir e solidificar sua identidade e autonomia. O contrário dessa separação, como vimos, seria a fusão, confusão da díade mãe-bebê. O ódio, então, no caso da separação, torna-se vital e estruturante, já que possibilita a criança estabelecer outras relações além da mãe, ao separar-se dela, é possível interagir com o mundo e com o social,

Obviamente, os acontecimentos não se resumem de forma tão linear como, talvez, tenha ficado a impressão, pois cada pessoa percorre um caminho singular diante das frustrações e decepções. Relembremos, também, que Freud aponta para a ambivalência dos sentimentos amar e odiar. O ódio, apesar de anteceder ao amor, mescla-se a esse último na relação do filho com a mãe.

A criança, no início, não integra que o mesmo objeto – a mãe – pode ser “boa” quando a alimenta, lhe dá atenção, e “má” quando a frustra. Ocorre, então, a cisão entre a mãe boa e a mãe má, como se fossem duas pessoas diferentes. Os contos de fadas ilustram esse mecanismo quando suas histórias narram histórias da madrasta má e da mãe boa, geralmente morta. Corso e Corso (2006) afirmam que “Nos contos, madrasta é sinônimo de mãe má, a ela são reservados os papéis da inveja, da colocação de entraves (Cinderela) ou ainda, em sua versão mais mortífera, do ódio assassino (Branca de Neve)”. (p. 111). Lembremos que a mãe-madrasta da Cinderela fez de tudo para impedi-la de ir ao baile, onde o príncipe escolheria sua futura esposa. Sobre o ódio da mãe-madrasta de Branca de Neve, movida pela inveja da beleza da enteada, elaborou um plano que a matasse envenenada com uma maçã.

Segundo Bettelheim (2007), “Longe de ser um expediente usado apenas por contos de fadas, essa divisão de uma pessoa em duas para manter a boa imagem incontaminada ocorre a muitas crianças como uma solução para um relacionamento muito difícil de administrar ou compreender” (p.98). O mesmo autor relata a fantasia de uma de suas pacientes. Ele diz que, certa vez, a menina ficou surpresa quando a mãe se zangou com ela, fato que a deixou arrasada. A menina se convenceu que, na verdade, aquela pessoa não era sua mãe, mas uma impostora, uma marciana que abduzira sua mãe e estava ocupando aquele corpo. O comportamento da mãe continuou oscilando nos anos seguintes – ora era boa, ora má – até

que a menina decidiu preparar uma armadilha para quando a marciana estivesse encarnada na sua mãe.

Quando esta [marciana] mais uma vez tivesse tomado o lugar da mãe para se dedicar à prática nefanda de torturá-la, a menina matreiramente faria uma pergunta à marciana sobre aquilo que havia ocorrido entre a mãe de verdade e ela própria. [...] a marciana sabia tudo a seu respeito, o que de início apenas lhe confirmou o quanto ela era astuta. Mas, depois de duas ou três dessas tentativas, a menina ficou em dúvida e perguntou à mãe sobre coisas que ocorreram entre a marciana e ela própria. Quando se tornou óbvio que a mãe sabia a respeito desses acontecimentos, a fantasia da marciana desmoronou. (p. 99).

O autor conclui que a divisão entre mãe boa e mãe má é uma forma da criança não se sentir culpada por ter desejos hostis com a mãe, permitindo, assim, que ela preserve a mãe boa e se autorize a sentir raiva da mãe-madrasta. Nas palavras do autor, “A fantasia da madrasta má não só conserva intacta a mãe boa, como também impede os sentimentos de culpa em relação aos pensamentos e desejos coléricos a seu respeito [...]” (p. 100).

Entendemos a dinâmica ambivalente do amor e ódio e o quanto eles são indissociáveis. A exemplo, retomemos a epígrafe desse trabalho, uma frase do personagem Alcibíades citada no texto *O banquete*, de Platão: “[...] freqüentemente desejo não mais vê-lo entre os vivos. Se isso ocorresse, porém, sei que seria ainda mais infeliz [...]”. O personagem torna explícito o ódio ao desejar a morte do outro e, ao mesmo tempo, o amor, quando relata sua infelicidade caso isso se concretize. Freud apontou tal amalgamento desses dois sentimentos quando explicou as etapas preliminares do amor. A primeira diz respeito ao “incorporar ou devorar” (fase oral), isto é, nesta etapa, amar é aniquilar e destruir o objeto, um amor que se confunde com o ódio, amor mortífero. Com o desenvolvimento psicosssexual, a tendência é que o amor seja fundado na separação, a fim de evitar a fusão entre mãe-filho. Por isso, esse amor, sustentado pelo ódio o qual implica no movimento de se afastar do objeto desagradável, pode ser considerado um amor construtivo, já que edifica a singularidade e autonomia da criança.

A origem do ódio está na relação com o primeiro objeto, portanto, na mãe, todavia, tal sentimento é constitutivo ao indivíduo, pois o ódio passa a ser uma modalidade de vínculo entre a criança e o outro. É no afastar-se da mãe que a criança pode sentir sua falta e reconhecer seus desejos. Carlos Drummond de Andrade nos presenteia com um poema chamado *A um ausente*. Vejamos um fragmento:

“Tenho razão para sentir saudade de ti,
de nossa convivência em falas camaradas,
simples apertar de mãos, nem isso, voz
modulando sílabas conhecidas e banais
que eram sempre certeza e segurança”.

Pensamos que só foi possível sentir saudade e perceber cada momento vivido, como as conversas com sílabas conhecidas e banais, porque houve a ausência. E só se sentiu a falta porque, na presença, o outro deixou a marca da certeza e segurança afetiva.

Quando a criança passa a integrar que a mesma pessoa suscita sentimentos afetuosos e hostis, ou seja, quando percebe que é possível ser mãe-bruxa, e que essa figura pode sobreviver a ambivalência dos sentimentos da criança, ela passa a exercitar o estado de suportar que o outro carrega traços que lhe agrada e outros que lhe desagradam, assim como todos os indivíduos. Podemos pensar, então, que, nesse momento, o amor avante-se ao ódio.

Como ocorre a tendência do amor sobressair ao ódio? Notemos que a predominância do amor não significa a anulação do ódio, afinal, ambos os sentimentos coexistem lado a lado. Para responder a essa questão, Freud (1927/1996) afirma, uma vez mais, que a agressividade é um elemento constituinte aos seres humanos e, tendo em vista tal hostilidade, assevera: “Parece, antes, que toda civilização tem de se erigir sobre a coerção e a renúncia ao instinto [...]” (p. 17). A civilização nos impõe tal renúncia (muitas delas estabelecidas pela religião) para tornar possível a coesão grupal, caso contrário,

[...] se pudesse tomar a mulher que se quisesse como objeto sexual; se fosse possível matar sem hesitação o rival ao amor dela ou qualquer pessoa que se colocasse no caminho, e se, também, se pudesse levar consigo qualquer dos pertences de outro homem sem pedir licença [...] (p. 24)

Poderíamos supor, se isso fosse aceitável, o estado de prazer e satisfação individual, porém, logo se apresenta o primeiro problema: todos os outros têm o mesmo direito que eu. Por isso, algumas leis são necessárias para manter a coesão grupal na medida do possível.

Em 1930, no texto *O mal-estar na cultura* (2011), Freud retoma a tese sobre as renúncias pulsionais e o conceito de pulsão de morte e pulsão de vida que nos habitam. No texto citado, o autor adverte que “[...] o ser humano não é uma criatura afável e carente de amor que, no máximo, é capaz de se defender quanto ataca, mas que ele pode contar com uma cota considerável de tendência agressiva no seu dote de impulsos” (p. 123). E mais a frente

afirma que tal agressividade pertence a todo ser humano. Textualmente encontramos: “A existência dessa inclinação agressiva, que podemos perceber em nós mesmos e com razão supor nos outros, é o fator que perturba nosso relacionamento com o próximo e força a cultura a dispêndios” (pp. 124-125). Por fim, com tais argumentações, torna-se claro que o objetivo da cultura é impor limites aos impulsos agressivos. Conclui-se que, além das restrições e impedimentos sexuais, devem-se barrar também as pulsões agressivas para se manter a sociedade e, por isso, o amor deve se destacar comparado ao ódio, pois este não é nada civilizado.

Ainda que o amor se imponha ao ódio, em nome da convivência social, tentando mascarar esse sentimento, reprimindo-o no inconsciente, ele insiste em mostrar seus sinais quando, por exemplo, o outro frustra nossas demandas. Amor e ódio se mesclam a cada investimento não correspondido de acordo com as expectativas do indivíduo e a cada desejo insatisfeito. Quando o amor não traz a satisfação esperada, certa parcela dele pode se transformar em ódio e isso nos mostra que, apesar das exigências sociais, o amor é incapaz de aniquilar o ódio. No caso do *Homem dos Ratos* (2013/1909), Freud afirma que “[...] o amor ao qual é negada satisfação torna-se facilmente ódio, em parte [...]” (p. 101) e continua “O amor não pôde extinguir o ódio, apenas empurrá-lo para o inconsciente, e ali este pode conservar-se e até crescer [...]” (p. 101). Quando a demanda de amor não é satisfeita, o idílio infantil desmorona.

Enquanto ódio e amor estão amalgamados, representantes da pulsão de morte e pulsão de vida, respectivamente, há um movimento estruturante, haja vista que o ódio permite o afastamento do objeto provocador de tensão, impedindo, assim, a fusão com o outro. O ódio, nesse caso, está a serviço de uma economia psíquica. Tal sentimento hostil, com as leis instituídas pela sociedade, passa a ser domesticado com a ajuda de Eros. Amor e ódio se unem, permitindo estar próximo e se afastar do objeto, em um movimento contínuo. Enquanto o objeto é fonte de prazer, há aproximação, mas, ante a alteridade de cada indivíduo, o outro nem sempre responde à demanda de amor e essa frustração leva ao distanciamento, pois a fusão acarretaria problemas psíquicos aos envolvidos. Para que o objeto possa existir em sua singularidade, é necessária essa oscilação entre aspecto perto e longe. Sintetizamos que a condição para esse processo ocorrer é o reconhecimento do ódio – que permite o afastamento.

O obstáculo ao movimento esperado entre o amor e o ódio seria, então, quando o indivíduo não reconhece, tampouco admite o sentimento hostil dirigido para o mesmo objeto

amado. Freud (1924/1996) afirma: “A volta do sadismo contra o eu (*self*) ocorre regularmente onde uma *supressão cultural dos instintos* impede que grande parte dos componentes instintuais destrutivos do indivíduo seja exercida na vida” (p. 189, grifos do autor). E mais a frente continua:

Só assim, penso eu, podemos compreender como a supressão de um instinto pode, com frequência ou muito geralmente, resultar em um sentimento de culpa, e como *a consciência de uma pessoa se torna mais severa e mais sensível, quanto mais se abstém da agressão contra os outros* (p. 189, grifos nossos).

Quer dizer, quanto mais a agressividade é negada, mais o ódio que deveria ser dirigido ao exterior, retorna para o próprio Eu. Nesse caso, a face do ódio se torna destruidora e pode ser representado pelo masoquismo moral. Freud (1924/1996) conclui o texto da seguinte maneira:

O masoquismo moral, assim, se torna uma prova clássica da existência da fusão do instinto. Seu perigo reside no fato de ele originar-se do instinto de morte e corresponder à parte desse instinto que escapou de ser voltado para fora, como instinto de destruição. (p. 190)

Com essa explicação, consideramos que o ódio retido no próprio Eu pode fomentar o masoquismo, enquanto o ódio, quando dirigido ao externo, pode suscitar o sadismo. O ódio tem a mesma origem em ambos os casos, pois ele nasce da mesma fonte: o ódio primordial à mãe. No caso da menina, lembremos, a fase pré-edípica é marcada pela desidealização materna porque esta lhe falhou em diversos aspectos: não lhe deu o pênis, não lhe ofereceu leite por tempo suficiente, não lhe atendeu na solicitação de um amor insaciável, dividindo esse afeto com terceiros e, por fim, estimulou sua atividade sexual e depois a censurou. O ódio é inerente à condição humana.

Ante ao exposto neste capítulo, constatamos a importância da relação estabelecida entre a menina e sua mãe, ou quem a represente, pois é de tal vínculo que surge a possibilidade em amar e odiar. Freud (1938/1996) sublinha

O primeiro objeto erótico de uma criança é o seio da mãe que a alimenta; a origem do amor está ligada à necessidade satisfeita de nutrição. Não há dúvida de que, inicialmente, a criança não distingue entre o seio e o seu próprio corpo; quando o seio tem de ser separado do corpo e deslocado para o “*exterior*”, porque a criança tão freqüentemente o encontra ausente, ele carrega consigo, como um “*objeto*”, uma parte das catexias libidinais narcísicas originais. Esse primeiro objeto é depois completado na pessoa da mãe da criança, que não apenas a alimenta, mas também cuida dela e, assim, desperta-lhe um certo número de outras sensações físicas, agradáveis e desagradáveis. (p. 202).

O autor prossegue dizendo que

Nessas duas relações reside a raiz da importância única, sem paralelo, de uma mãe, estabelecida inalteravelmente para toda a vida como o primeiro e mais forte objeto amoroso e como protótipo de todas as relações amorosas posteriores – para ambos os sexos (p. 202).

Isso nos leva a refletir que, para além da relação edípica entre a menina e seu pai, há a relação dela com sua mãe (período pré-edípico), a qual é marcada pelo amor e ódio direcionados à figura materna. Assim, a relação pré-edípica deve ser considerada por levar em conta a influência e a importância da mãe no desenvolvimento posterior da filha, sobretudo na construção da feminilidade, até porque, o relacionamento estabelecido com o pai durante o complexo de Édipo (situação na qual a menina s/e posiciona passivamente, a fim de receber do progenitor um pênis, como dito anteriormente), representa o primeiro deslocamento do vínculo materno. Além disso, as consequências da relação mãe e filha nesse período inicial são atualizadas a todo instante, podendo se distender para os relacionamentos afetivos escolhidos na vida adulta.

O próximo capítulo tratará da análise do discurso de dois casos verídicos, os quais têm em comum as marcas da relação com a mãe, que foram reativadas nas relações afetivas com os companheiros e filhos.

CAPÍTULO 3 – ANGELINA E ROSA: DUAS HISTÓRIAS QUE SE ENCONTRAM

Entretanto, há muito menos liberdade e arbitrariedade na vida mental do que tendemos a admitir, e pode ser até que não exista nenhuma.

(Freud, 1907[1906])

Neste capítulo, iremos expor o resumo das entrevistas²² realizadas com duas colaboradoras, Angelina e Rosa, e as análises possíveis para cada uma, de acordo com suas individualidades. Buscamos compreender os casos de acordo com as manifestações do inconsciente, como atos falhos, lapsos, associações livres e repetições, pois são por meio destas que nos deparamos com os conteúdos antigos em avatares “novos”. Como Freud (2006) nos diz em 1920, no texto *Além do princípio do prazer*,

Sabemos que os processos psíquicos inconscientes são ‘atemporais’. Isto significa, em primeiro lugar, que eles não podem ser dispostos em ordem temporal, que o tempo não os submete a nenhuma modificação e que a idéia de tempo não pode ser aplicada a eles. (p. 152)

A partir disso, fizemos uma leitura da posição sadomasoquista levando em consideração as informações que as entrevistadas puderam nos dizer e que compõem suas histórias de vida. Apesar das narrativas contemplarem os relacionamentos com os companheiros, destacamos não ser nosso intento vitimizar ou culpabilizar os envolvidos, afinal, todo vínculo é estabelecido por um pacto inconsciente. Dessa forma, tanto a mulher como o homem apresentam traços sádicos e masoquistas, ocorrendo, provavelmente, a inversão desses papéis nas diversas situações cotidianas.

Não pretendemos estigmatizar essas mulheres. O rótulo trás um modelo de causa e efeito implícitos, como se os acontecimentos “x” levaram ao comportamento “y”. Tal padrão tira a responsabilidade do pesquisador em questionar mais a fundo o fenômeno o qual não se resume a uma lógica simplista. Como já exposto nos capítulos anteriores, entendemos que o sadomasoquismo, a exemplo do sintoma, carrega certa satisfação, já que as tendências opostas entre inconsciente e consciente conseguem ser realizadas, ainda que parcialmente, sob a mesma atividade.

²² A entrevista completa consta no apêndice desse trabalho.

Desenvolvemos esse capítulo, que apresenta os casos entrevistados, em alguns subitens que julgamos importantes para o objetivo da pesquisa. Para isso, no primeiro momento, relemos as entrevistas transcritas com atenção flutuante e, após a compreensão do conteúdo manifesto e latente, dividimos algumas unidades a fim de elaborar uma síntese estruturada que facilite a identificação dos fenômenos investigados. Para a análise, consideramos os fenômenos inconscientes e a forma como essas mulheres se relacionam com os outros.

3.1 Apresentação e análise do caso Angelina

3.1.1 Informações gerais

Angelina é a filha caçula dentre mais duas irmãs. Além delas, tem um irmão adotivo com seis meses de diferença de idade comparada à entrevistada. Conta que seus pais se separaram quando ela tinha quinze anos. O motivo do divórcio foi a traição do pai o qual, logo após o rompimento do vínculo com a esposa, assume como mulher a pessoa que estava se envolvendo. Ele se casa novamente e tem outro filho. Diz que não gosta muito da atual mulher do pai: *“eu falo mal dela e ele nem liga”*.

Angelina é casada há doze anos e tem três filhas com seu esposo. Este, na época da entrevista, estava preso, segundo a entrevistada, por causa de drogas. Ela conta: *“ele tá naquele lugar devido drogas, mas ele foi condenado sem provas (...) eu sei que ele não teve culpa. Então ele conta comigo”*. No entanto, ele é reincidente, isto é, já foi preso tempos atrás e ficou detido por oito anos em razão do mesmo motivo.

Inicia a entrevista contando sobre a morte da filha mais velha a qual faleceu por infecção hospitalar quando estava com sete anos de idade. Esta filha, desde os seis meses de vida, apresentava crises convulsivas e, por conta desse problema, a entrevistada diz que se *“dedicava vinte e quatro horas por dia para levar a filha a médicos e realizar tratamentos”*. Repete, algumas vezes, que perdeu a filha: *“faz um ano e quase cinco meses que eu perdi uma das minhas filhas”*. Perder a filha nos remete à ideia de que Angelina tinha a “opção” de salvá-la, já que “perder” não significa, necessariamente, que ela “morreu”. Retomaremos esse episódio do falecimento mais a frente.

3.1.2 “Minha mãe só fui ver depois que meu pai foi embora”: a marca edipiana

Angelina diz que os pais se separaram na mesma época que ela conheceu o marido. Narra: *“meu pai saiu de casa no dia doze de junho e eu comecei a namorar ele no dia dezoito”*. Na frase, o pronome de tratamento “ele” não fica claro a quem se refere – pai ou marido. O fato é que ela começa a namorar logo depois que o pai vai embora, podendo ser uma substituição da figura paterna, hipótese que se confirmará ao longo da entrevista, como veremos.

Conta que era muito ligada ao pai: *“eu fazia tudo que meu pai gostava, eu saía com meu pai em tudo que é lugar. Era uma ligação muito forte que eu tinha com ele”*. Ao questionar como era seu relacionamento com a mãe, diz: *“não era... não lembro”* e diz que as poucas coisas as quais se recordam se resumem em ordens da mãe como *“vai tomar banho”*, *“acorda”*, etc. Acrescenta: *“não me lembro nem da minha mãe. Minha mãe parece que só fui ver minha mãe depois que meu pai foi embora. Era sempre meu pai”*. Seu vínculo com o pai era tão intenso que, quando ele ficava alguns dias fora de casa, em função do trabalho, Angelina ficava doente.

A forma como a entrevistada detalha o vínculo paterno chega, por vezes, ser erotizada, como nesse fragmento: *“minha relação era com meu pai. Meu pai sentava no sofá e eu sentava nas pernas. Até o último momento. Ele acabava de comer era café e água na mão, palito de dente... se fazia um pinhão era ele que abria pra mim. Fazia alguma coisa diferente era com ele. Ele tinha muito passarinho de criação, então ele ia tratar e tava eu atrás ajudando... era os cachorros, era eu e ele também. Pra ir no sítio era eu, ele e meu irmão... sempre. Daí só comecei a enxergar minha mãe depois que ele foi embora.”*

Apesar da amnésia a qual Angelina diz ter sobre sua relação com a mãe, compreendemos que foi tão forte quanto a que ela descreve com o pai. Relembramos a teoria de Freud (1931/1996) que, no texto *Sexualidade feminina*, afirma: “[...] onde a ligação da mulher com o pai era particularmente intensa, a análise mostrava que essa ligação era precedida por uma fase de ligação exclusiva à mãe, igualmente intensa e apaixonada” (p. 233). E ratifica com o seguinte enunciado: “[...] a intensa dependência de uma mulher quanto ao pai simplesmente assume a herança de uma ligação igualmente forte com a mãe” (p. 236).

A entrevistada demonstra que atravessou um caminho esperado e já desvendado por Freud (1933/1996) quando indaga os motivos responsáveis pelo afastamento da menina pela

mãe. O autor assevera que, quando a menina se depara com a diferença anatômica do sexo e percebe que lhe falta o pênis, sente-se em desvantagem e injustiçada, culpabilizando a mãe pelo prejuízo, isto é, por não ter lhe dado um pênis. Ao perceber a possibilidade de conquistar o desejado pênis, aproxima-se do pai na esperança de que ele possa lhe presentear.

Sobre o relacionamento entre os pais, a entrevistada explica que eles brigavam muito, geralmente por ciúmes da mãe: *“ele não podia sair, pra qualquer coisa era pra ver mulher, com certeza”*. Descreve o genitor como possessivo, relaciona tal comportamento à profissão dele – militar – e comenta que ele não deixava nem ela, nem sua irmã namorarem. Relata uma lembrança, quando o pai viu a filha – irmã da entrevistada – conversando com um rapaz. Sua reação foi explosiva, pois tentou agredir a filha fisicamente enquanto proferia impropérios como “vagabunda”. Pai ciumento e possessivo, semelhante, talvez, ao pai da horda primeva que guardava todas as mulheres para si, como Freud (1913/2012) apresenta em *Totem e tabu*.

A mãe era muito dependente do pai: *“ele não acreditava que minha mãe ia largar dele, porque minha mãe não sabia comprar um arroz no mercado, que era tudo ele que fazia”*. Na concepção de Angelina, sua mãe era passiva, aceitava estar em uma condição de sujeitada e construiu uma ideia, ainda que permaneça latente, de que a mãe foi responsável por ter permitido que o pai partisse, quer dizer, considera-a incapaz por não ter impedido a separação. Resgataremos esse aspecto ao comentarmos a psicodinâmica da entrevistada.

Atualmente, critica o comportamento da mãe e das irmãs, as quais questionam e julgam o relacionamento da entrevistada com o marido. Já seu pai diz que a entende e que é possível conversar com ele: *“parece que ele me entende (...) não é aquela cobrança que minha mãe e minhas irmãs conversam comigo (...) elas querem que eu tenha ódio dele (marido), coisa que eu não tenho, que não consigo... de ninguém (...) meu pai é totalmente diferente, ele não me culpa, não me olha estranho, ele não me cobra, ele num... tenta mudar minha ideia, ele me ouve (...) como se eu tivesse com ele e ele me dando apoio”*. Primeiramente, nota-se o ódio inconfesso, mas sentido. Afinal, confessa o que sente ao dizer o que não sente, já que, para o inconsciente, não existe contradição, portanto, o “não” é anulado. Torna-se claro também que a relação com o pai continua idealizada, já que somente ele a apóia e a mãe, por não aprovar o vínculo da filha com o marido, é o oposto, julgando-a sobre suas escolhas.

Declara que sentiu a separação dos pais, especificamente a ausência do pai, como uma perda, *“porque nunca mais eu tive aquele pai”*. Isso porque ele não a visitava, tampouco a

procurava. Ao final da entrevista, comenta que a relação deles está tão forte como em outrora. O motivo da separação, como dissemos anteriormente, foram as relações extraconjugais que o genitor mantinha com algumas mulheres, nas palavras de Angelina: *“meu pai tava com outra mulher. Ele saiu de casa e foi viver com essa mulher (...) ele sempre traia a minha mãe”*. É possível pensarmos que a entrevistada tenha se sentido culpada, já que, por vezes, ocupava o lugar da mãe na relação com o pai. Ela tinha uma relação tão intensa com o pai, acompanhando-o em diversas tarefas, que não se lembra nem de perceber a mãe naquele momento, como ficou claro ao relatar que só enxergou a genitora quando o pai saiu de casa, quer dizer, até então ela “não existia”, pois a díade pai-filha se bastava e, provavelmente, a mãe era apenas um obstáculo para essa relação.

Diz: *“nós perdemos bastante daquela ligação tão forte, de repente foi... rompida. Foi quando eu conheci ele, comecei a namorar com ele e logo depois ele foi embora também”*. Novamente, há ambigüidade quanto ao pronome “ele” que pode se referir tanto ao pai como ao marido. Além disso, a conjunção “também” torna evidente que tanto o pai como o marido, na época namorado, abandonaram-na. Seria esperado que, ante a tal acontecimento, emergisse o sentimento de raiva e ódio, todavia, a entrevistada não os admite.

Ainda sobre a separação dos pais, fala: *“quando o pai saiu de casa, eu me prendi nele”*. Nele quem? A princípio, Angelina quis dizer que se prendeu no namorado que conheceu logo depois que o pai foi embora, porém, a frase fica ambivalente. Se “nele” estiver aludindo ao pai, destaca-se a impossibilidade em estabelecer e desenvolver um vínculo afetivo com outro homem. Acrescenta a informação que, após o pai ir embora, *“não tinha quem mandasse, então eu comecei a dar trabalho”*, reportando-se ao comportamento de sair para festar e namorar.

Declara que a imagem a qual ela e seus irmãos tinham do pai, acreditando que ele era uma pessoa severa e dura, foi uma construção da mãe, a qual formou uma “*máscara*” para o pai, quer dizer, ele era uma pessoa, mas em essência era outra. Diz: *“(...) quem fazia a imagem dele (pai) era minha mãe... ele mesmo acho que nunca foi isso que a gente imaginava. Quem fazia isso era minha mãe”*. A mãe fazia isso ao mandar os filhos obedecerem o pai, caso contrário ele ficaria bravo.

3.1.3 Os relacionamentos afetivos

Angelina conheceu o atual marido logo depois que o pai foi embora de casa, como vimos. Porém, o rapaz foi embora para outra cidade e o relacionamento foi interrompido devido à distância. Foi quando a entrevistada se envolveu com outro rapaz, militar, como o pai. Conta que ele *“tinha ciúmes, mas tentava não demonstrar porque eu não me deixava dominar. Eu não sei, esse (marido) é o único que me fez... é o único que consegue me dominar é ele”*. Diz que *“ele (namorado) tentava não me segurar pra não me perder”*. Todavia, quando o atual marido entrava em contato com ela, Angelina terminava o namoro com o rapaz militar, na esperança de que o marido voltaria para sua cidade e, assim, poderiam reatar o vínculo. Como nada acontecia, ela pedia para voltar com o ex-namorado. Isso se repetiu por algumas vezes, até que o rapaz cansou e um dia não quis mais voltar. Conhece outro homem o qual passa a se relacionar, esse era *“viajante”*. Define-o como *“criança”* e afirma: *“eu não confiava que ia ter uma vida segura com ele”*, mesmo gostando dele, afinal, ele era *“criança”*, por isso, não poderia ser o *“pai”* que ela buscava.

O marido, na época namorado, retorna para a mesma cidade de Angelina quando ela estava com dezessete, quase dezoito anos. Durante esse tempo distantes não só a entrevistada se envolveu com outros homens, como ele também teve outras namoradas, inclusive morou junto com uma delas. Quando começam a se relacionar novamente, Angelina diz se sentir insegura, com medo dele ainda gostar da ex-namorada: *“então eu não tinha aquela segurança do sentimento dele, nunca tive. Sempre duvidei”*. Descreve que ele também era inseguro, mas confessa que *“pode ser eu que nunca passei segurança pra ele”*. Acrescenta: *“acho assim, quando você gosta realmente, você conta com a pessoa, você ouve a pessoa. Ele não fazia isso. Simplesmente era o que ele achava que era e pronto e acabou”*. Angelina busca uma relação semelhante à que vive e viveu com o pai, exigindo alguém que a escute e considere suas opiniões, como ocorre com o genitor.

Sobre a relação com o marido, diz que ele é o único que consegue dominá-la. O *“deixar ser dominada”* faz menção às ordens que o marido determina, por exemplo, pedindo que ela se vista *“decentemente”* ao ir para a igreja ou quando o visita na penitenciária. Segundo ela: *“parece que se as pessoas me olharem e me acharem bonita vai rancar um pedaço. Ou vai tá me possuindo”*, algo parecido com o comportamento do pai que queria as filhas só para si, sendo agressivo quando elas expressavam desejo por algum homem que não fosse ele.

A morte da filha mais velha foi um marco significativo na forma de vinculação da entrevistada com o esposo. Assim que iniciaram as crises convulsivas na menina, o casal passou a se dedicar quase que exclusivamente ao tratamento dela, sendo o objetivo da vida deles, conforme as palavras de Angelina, a luta pela vida da filha. Conta: “*E nisso eu acabava deixando muita coisa assim... eu ficava muito no hospital daí ele (marido) me cobrava muita coisa, eu cobrava muita coisa dele*”, como atenção e carinho. Diz que a filha foi a ligação entre o casal, já que o nascimento dela representou o momento mais feliz que eles tiveram: “*o elo mais forte era minha filha*”. Contudo, a filha também os afastava, já que seu sintoma – crises convulsivas – exigia cuidados: “*minha vida era 24 horas perto dela. Então eu deixei muito minha relação se esfriar muito e ele também sentiu muita falta*”. Prossegue: “*nosso intuito era só ela, aí de repente ela se foi, a gente perdeu completamente o caminho dali... porque saiu o chão, saiu tudo (...) porque a gente não soube reagir realmente a essa falta*”. Percebemos a função da filha no vínculo do casal: tampar uma falta, a qual se evidencia quando ela morre, deixando aberto aquilo que é constitucional a todo ser humano e que, como declara Angelina, “a gente não soube reagir a essa falta”. A filha ocupava um lugar de completude e os pais a colocaram nessa posição por terem dificuldade em aceitar a castração.

Angelina e o marido romperam o casamento três vezes. A primeira vez que terminaram foi porque sua sogra, devido a uma discussão com o pai da entrevistada, proibiu a entrada dele em sua residência e, uma vez que Angelina morava ao fundo da casa da sogra, disse que sairia de lá por não concordar com tal interdição. A segunda vez ocorreu por causa de uma discussão com o marido que a acusou de sempre defender o pai. O terceiro rompimento se deu após a morte da filha, mas, nas palavras da entrevistada, “*depois tentamos voltar, aí ele... começou a se envolver com droga, aí complicou bastante*”. Ao reatar o casamento, ele se envolve com droga, pela associação da entrevistada, pensamos que, por alguma razão a qual desenvolveremos no item sobre a psicodinâmica e o posicionamento sádico e masoquista, o marido passa a ter um comportamento adicto ao se vincular com ela.

Dentre tantas contradições, Angelina, durante a entrevista, conta que o marido já era usuário de drogas antes da filha falecer. Quando o encontrava sob efeito de droga, narra: “*eu tentei apoiar, tentei ficar do lado (...) ele dizia que ia parar sozinho ‘não, eu consigo’*”. Notamos, primeiramente, que faz parte da característica do inconsciente ser ausente de contradições, sendo assim, também é ausente de negação. Dito isso, a frase que inicia com a negativa – não – demonstra a necessidade de negar algo que foi afirmado pelo inconsciente.

Esse aspecto é recorrente e aparece, por exemplo, na frase que o marido profere: “*não, é a última vez que vou fazer isso...*” e no outro dia voltava a usar drogas.

Observamos a imagem que a entrevistada tenta passar a todo o momento: uma pessoa benevolente e angelical, como a marca do seu nome sugere. Ao dizer que tenta ficar do lado do esposo, Angelina, na verdade, aprova o comportamento adicto dele e isso se torna claro na frase: “*é quem eu falo, enquanto não for problema com mulher, eu consigo superar*”, ou seja, consegue superar o problema das drogas, desde que ela seja a única mulher. Caso ocorra o temido, isto é, ser trocada por outra mulher, ela narra: “*ser trocada, ter sido incapaz de fazer ele, sabe, ele achar que outra pessoa vai fazer ele feliz e eu não (...) eu sofreria pela incapacidade*”. O medo de Angelina é falhar como sua mãe, ser incapaz de impedir que o marido fosse embora e, pior, encontrasse outra pessoa que o faça feliz. A entrevistada deixa claro que sofreria não pelo amor, mas pela incapacidade, ou, se ousarmos um pouco, sofreria em ver o quanto se assemelha à mãe.

A expressão “*ele conta/contava/contar comigo*” e “*tendo com quem contar*” aparecem sete vezes ao longo da entrevista em construções como essa: “*ele tinha apoio em mim sabe, ele contava comigo*”. Parece que tal expressão representa a ideia de que ele depende dela. Se o outro é dependente de alguém e porque esse alguém pode oferecer algo, no caso examinado, Angelina supõe que tem o falo quando percebe que a demanda vinda do marido e endereçada a ela lhe concede uma fantasia de poder, portanto, podemos dizer que o modo particular como acontece essa relação é narcisista, como elucida essa frase: “*minha vida é batalhar, tentar ser o que ele quer que eu seja sabe. Suprir a necessidade dele pra vê se supri a minha também*”. Dentro desse adjetivo “narcisista”, apontamos a possibilidade de o marido ver em Angelina uma mãe, alguém que o acolha, já que é assim que ela se disponibiliza para ele, como verificamos na frase: “*Então foi desgastando, porque eu tinha ela (filha) pra cuidar e tinha ele... e mais as pequeninhas ainda (outras filhas)*”. Quer dizer, nessa construção frasal a entrevistada equaciona as filhas e o marido.

Sobre as particularidades do marido, narra que ele é “*ciumento, possessivo, controlador*”, uma vez mais, características muito parecidas com a do pai. Ela compara-os, por exemplo: “*ele (pai) não chegou a ser igual meu marido... ser ciumento comigo, porque eu não dava motivo pro meu pai*”, ao questioná-la se dá motivos para o marido, ela nega. Parece que ela foi fiel ao genitor, não lhe dando razões para ser ciumento. Fala: “*do mesmo jeito que eu fazia com ele (marido), eu fazia com meu pai, eu obedecia tudo*”, ou seja, houve a

manutenção do padrão de comportamento tanto com o pai que ordenava certas coisas, como horário para chegar a casa após a missa, como com o marido que estabelecia as roupas com as quais ela deveria sair.

Diz: *“Eu tenho uma ligação muito forte com ele (marido), eu não consigo abandonar ele. Não sei identificar o sentimento que tenho... tenho um carinho muito grande, eu entendo a situação dele, eu entendo a dor dele, porque se não for igual, pode ser pior que a minha”* já que ele não estava presente quando a filha morreu. Vemos que não só o marido a vê como mãe, mas torna-se nítido que ela o vê como filho e não consegue “abandoná-lo” por ter um vínculo maternal com ele o qual se sobressai ao vínculo homem e mulher, como podemos averiguar nesse fragmento: *“eu não sei se sentia falta dele, eu sentia falta de alguém. Eu sinto falta de alguém. De ter um companheiro”*, ou seja, ele não pode ser o companheiro, já que representa o pai e aceitá-lo como “companheiro”, nessa situação edipiana, caracterizaria, inconscientemente, como incesto. Por isso ela afirma: *“é uma falta de sentimento que... de gostar, de querer namorar, de querer ficar perto, sabe...”*.

3.1.4 A mãe que tive e a mãe que sou:

A respeito do vínculo com sua mãe, Angelina quase não fala, a não ser quando é questionada, ainda assim, o foco é o pai. Porém, como observamos anteriormente e explicitamos no segundo capítulo, a ligação intensa com o pai, na verdade, é substituída da ligação de igual intensidade com a mãe na fase pré-edipiana. Ademais, não falar pode ser sinônimo de resistência, situação que indica algum conflito com o tema. Percebemos, como demonstrado no item anterior sobre as relações afetivas, que a entrevistada culpa a mãe por não ter sido capaz de conquistar o pai. Circunstância que, provavelmente, tenha provocado ódio em Angelina. Ódio que se soma à raiva de ser desprovida do pênis e que, hipotetizando, pode ser acrescido da raiva de, além de não ter um pênis, ter “ganho” um irmão adotivo. A adoção não foi explorada na entrevista, contudo, podemos pensar que, ao passar pelo complexo de castração, Angelina tenha se questionado o real motivo dos pais terem adotado um menino, portanto, possuidor de um pênis, com apenas seis meses a menos que ela. É possível pensarmos, a partir da teoria freudiana já explanada nos capítulos anteriores, que ela tenha se sentido inferior e com sentimentos hostis dirigidos, principalmente, à mãe.

Os desejos incestuosos os quais Angelina endereça ao pai lembram o vínculo estabelecido entre sua filha mais velha e o marido, pai da criança. A triangulação é salientada na frase: *“Eu era muito ligada com ela, e ela era muito ligada com o pai... comigo. Eu era 24 horas com ela né. E ela numa ligação muito forte com o pai”*. Podemos construir o seguinte raciocínio: eu gosto dela, mas ela gosta do pai. A ligação forte com o pai, narrada pela entrevistada ao contar sua vinculação com o genitor, é repetida aqui, mas trocando os personagens: agora não era ela, mas a filha. Continuaremos com este pensamento logo mais, pois são necessárias algumas informações adicionais.

A princípio, o amor da filha pelo pai era correspondido por ele, como afirma Angelina ao falar sobre o marido: *“ele tinha verdadeira paixão”* pela filha. Quando estavam em Curitiba, realizando alguns exames e tratamentos na filha, *“ele dava um jeito aqui, ali, e aparecia lá só pra ver ela”*, observação: para ver somente ela, a filha. Certo dia, a filha teve uma crise de convulsão e foi levada ao hospital. Tomou uma dose de dipirona e, ao ser transferida para outro hospital, repetiram a dose do medicamento: *“eu vi e não consegui reagir na hora (...) parece que me deu um branco na hora (...) eu não falei que ela já tinha tomado dipirona”*. A entrevistada, apesar de atribuir a culpa da morte da filha ao erro médico, culpa-se por “não ter feito nada”, porquanto, ao ver aquilo que, segundo ela, ocasionou a morte, isto é, a superdosagem da dipirona, ela se cala, como se estivesse compactuando com a morte da filha. Notamos não ser nosso objetivo culpá-la, mas identificar a dinâmica que a faz se sentir responsável pela fatalidade.

Voltemos para a ligação forte entre pais e filhas – Angelina e seu pai, sua filha e o marido –. A entrevistada declara uma informação sobre o vínculo dela com seu pai: *“era uma ligação muito... era o que eu sinto que minha filha tinha com meu marido”*. Há um nivelamento entre o que ela e a filha viveram. A entrevistada ocupou o lugar da mãe, viu o pai ir embora por ter relações extraconjugais e, presumivelmente, tenha se sentido culpada por isso, já que ela estava, em sua fantasia, em uma relação “extraconjugal”. Estava vendo a filha ocupar o mesmo lugar. Pensamos que ela tenha sentido ciúmes e, inconscientemente, rivalizado com a filha, pois o destino da mãe poderia se repetir com ela. Parece que, ao “dar um branco”, Angelina foi flagrada no desejo de que a filha não existisse, não competisse com ela o lugar de única mulher na vida do marido. Confessa: *“no dia da morte dela eu senti que fui incapaz”*.

Não há dúvida de que a entrevistada amava sua filha, tanto que se dedicava quase que exclusivamente a ela, porém, como vimos, o ódio é mais antigo que o amor, sua força é mais impetuosa por se tratar de uma pulsão de autoconservação. Nas palavras de Freud (1915/2004), “O Eu odeia, abomina, persegue com intenções destrutivas todos os objetos que se tornem para ele fontes de desprazer, sem levar em conta se são um obstáculo à satisfação sexual ou à satisfação das necessidades de conservação”. (p. 160).

Como ficava muito tempo com a filha mais velha, diz que quando chegava a sua casa, doava-se um pouco às duas filhas mais novas. Afirma: “*eu nunca fiz diferença, porque eu sentia muita falta das pequenas*”. Além disso, quando ela e o marido se separam, relata: “*elas sentiam a falta que eu sempre sentia do meu pai... então eu batalhei muito pra elas não sentirem essa falta*”. Ela se identifica com as crianças, mas sublinhamos a necessidade de Angelina não querer repetir o que sua mãe fez e do discurso que tenta marcar como de “boa mãe”, talvez tente se afirmar assim exatamente por não se sentir dessa forma.

3.1.5 A psicodinâmica e o posicionamento sádico e masoquista

Já assinalamos que a dinâmica do casal é caracterizada pelo vínculo materno entre Angelina e o marido. O que se acentua é a dificuldade dela em admitir sentimentos ambivalentes, como amor e ódio: “*eu não julgo, não condeno, não tenho raiva dele ter entrado nisso aí (drogas) (...) se eu tivesse tido a oportunidade de fugir, eu acho que teria tentado fugir. É que eu não tinha escolha, eu tinha que lutar por ela (filha)*”. Isto é, ela ficou ao lado da filha porque não teve escolha, se tivesse, teria “fugido”, como o marido fez ao envolver-se com drogas.

Sobre o marido usar drogas, comenta: “*eu não julgo... não tenho sentimento*” e quando fala: “*antes eu acreditava em tudo que ele me falava. Se ele me mostrasse uma pedra e me falasse ‘ó, essa pedra é uma borracha’, eu acreditava. Então hoje se ele me falar que uma borracha é uma borracha eu vou questionar ele até o fim. Mas eu não questiono diretamente. No meu íntimo eu não confio*”, quer dizer, ela não defronta o marido, pois precisa continuar sendo boa e, dessa forma, tentar garantir o amor dele.

Quando ela afirma que tenta suprir as necessidades dele, para ver se ele supre as dela, deparamo-nos com o vínculo descrito por Freud (1915/2004) onde aborda o par opoente amar e ser amado. Vimos no capítulo dois que este par de opostos remete ao estágio narcísico e

caracteriza o comportamento sadomasoquista, afinal, anular sua individualidade, para agradar ao outro, como Angelina faz, tem como tributo certa cota de sofrimento, mesmo que ele seja negado: “*eu tentava fazer de tudo pra não brigar sabe. Tentava fazer de tudo pra ele gostar de mim. Sabe, assim... pra mim ter valor pra ele, digamos. Então eu tentava de tudo (...) eu tendo um companheiro, eu tendo com quem contar, pra mim roupa, o jeito,... não me custava mudar*”. Esse tipo de vínculo tem como adjetivo a sujeição de um indivíduo à outra pessoa. Freud (1915/2004) assevera que “[...] a transformação do amar em ser amado, corresponde aos efeitos da polaridade entre atividade e passividade e responde aos mesmos critérios que utilizamos nos casos da pulsão de olhar e do sadomasoquismo” (p. 162).

Nesta ligação afetiva a qual caracteriza o amar-ser amado, os sentimentos hostis são excluídos, ao menos conscientemente. Angelina diz: “*o dia que ele fizer (troca-la por outra pessoa)... seria a única coisa capaz de fazer eu desligar, de pegar ódio dele, é isso*”. Quer dizer, o ódio só é possível quando ocorrer um evento que a frustrar em sua demanda de amor, pois “*estando junto*”, ou seja, enquanto estiver se relacionando com o marido, tal sentimento não é admitido, bem como não o foi quando o pai a abandona e se casa com outra mulher.

Angelina aponta que teve uma crise conversiva. Certo dia, o marido decide usar crack em casa e pede que ela fique perto, porque ela “*dá segurança*” a ele. A entrevistada não concorda com a situação, justificando que não queria as filhas presenciando tal cena, então, leva-as a um parquinho próximo à sua casa. Diz ao companheiro que só voltaria depois que ele terminasse de se drogar. Eles trocam mensagens por celular e quando o marido ameaça se matar, dizendo que acabaria com a própria vida, ela relata: “*começou a me dar crise de nervo... comecei a entortar tudo o corpo... entortou os dedo assim, a mão começou a virar pra trás assim, e eu comecei a agoniar (...) eu tentava respirar, tentava controlar, mas daí parecia que tava subindo pros braços assim... foi ruim porque você não consegue voltar, é igual cãibra*”. Ao contar essas informações, diz: “*foi logo depois da mais velha ter morrido*”.

Associamos essa situação com a morte da filha para hipotetizarmos a possível causa da conversão. Para Freud, a conversão é um fenômeno quantitativo, ou seja, quando um conflito psíquico excede o tolerável pelo indivíduo, ocorre uma descarga – conversão – no corpo. O sofrimento psíquico se transforma em sofrimento somático e, por evitar o trabalho mental, o fenômeno é relacionado a uma concepção econômica (Laplanche e Pontalis, 2001). Angelina, como vimos, culpa-se pela morte da filha. Conjeturamos que essa culpa seja derivada de um desejo inconsciente de ter desejado o perecimento da criança por reviver seu

próprio conflito edípico. Ante a essa suposição, é possível pensarmos que a conversão sucedeu quando ela percebe o desejo de que o marido morra, todavia, se, fantasmaticamente, isso se concretizasse – como ela acredita que tenha acontecido com a filha – somar-se-iam duas culpas: a morte da filha e a do marido. Essa fantasia, então, desmascararia sua imagem benevolente, de anjo, a qual tem necessidade em transmitir para as pessoas, acreditando ser a condição para ser amada.

Há momentos que os aspectos sádicos da entrevistada tornam-se nítidos, como quando ela diz: *“eu não preciso dele (marido), mas ele precisa de mim. Eu sinto isso (...) não consigo deixar de fazer por ele, pra ele andar com as próprias pernas, pra ele ter uma outra vida... enquanto ele precisa, eu não consigo deixar de estender a mão”*. O primeiro ponto notado são os traços onipotentes e narcísicos, pois acredita que o marido “precisa” dela, mas o contrário não é verdadeiro. Nesse fragmento confluem aspectos maternos, como ela mesma pontua: *“é relação de mãe e filho? Pode ser... mas então é um filho que eu não vou deixar de cuidar, que eu não consigo”*, e aspectos sádicos. O sadismo também aparece quando ela diz ao marido: *“ó, você pega esse dinheiro aqui e vai lá e compra mistura, compra leite’ e eu sabia que ele não ia chegar com aquilo (...) eu sabia que ele não ia conseguir (...) eu uma vez fiz isso já. Dei quinze reais, quinze reais, e vai lá comprar uma mistura... Pra testar (...) se ele falasse pra mim ‘ó, me dá... Se ele trouxesse a carne e falasse pra mim ‘agora você me dá dez reais pra mim’ eu dava”*. Percebemos que ela, de certa forma, financiava o vício do marido, dando-lhe dinheiro “sabendo” que ele usaria para outros fins.

Quando o marido tentou parar de usar o crack, mas acabava, como ela diz, dando uma “*escorregada*”, Angelina reagia dizendo: *“calma, é normal. Você sabia que podia acontecer”*, quer dizer, ela estava esperando tal comportamento dele. A hipótese de que ela financiava o vício dele, portanto, mantinha uma posição sádica, confirma-se quando a entrevistada narra: *“quando ele tava sem droga, ele era chato, insuportável. Quando ele usava droga ele ficava carinhoso, ele ficava falando coisa bonita (...) eu queria ele daquele jeito, mas sem precisar usar droga. Então, se fosse ver era pra mim dar droga pra ele usar sempre, porque ele ficava carinhoso, ficava dando atenção...”*. Notemos o seguinte fragmento: *“eu confiava muito com relação a mulher, eu achava assim que ele poderia usar droga, fazer coisas, mas com relação a sentimento de gostar de alguém eu sempre tive segurança que ele iria... nunca iria me trocar por outra”*, quer dizer, ela aceita as drogas, desde que seja a única mulher que ele tenha sentimentos afetivos.

Angelina segue um ideal infantil que se fundamenta na completude, ao dizer que tenta suprir as necessidades do marido e espera que ele faça o mesmo com ela, manifesta certa desconsideração da singularidade do outro e de si própria, pois, como vimos, ela não se importa, ainda que isso lhe traga sofrimento, em anular sua individualidade, desde que isso lhe traga o olhar amoroso do marido. Esse fato nos leva a pensar que há um ideal de perfeição, no qual ambos os integrantes da relação permanecerão em uma mítica unidade e renunciar a esse objeto – o marido – é assumir sua incompletude, ou seja, ao mesmo tempo em que Angelina tenta afirmar sua castração, pois precisa do outro, ela a nega, pois acredita em um objeto ilusional de completude.

Os aspectos masoquistas são declarados nas frases: “*é aquela velha história, mulher só gosta daquele (homem) que judia. Incrível*”, referindo-se às possíveis escolhas que pode ter, mesmo assim, elege o marido, julgando-o que a fez sofrer em alguns momentos. Completa: “*vocês estudem isso, por que que mulher gosta de sofrer? Eu não sei*”. A propósito, Angelina engendra um movimento identificando no marido seus aspectos “fracos” e o humilha, como quando ela sustenta e “patrocina” o vício nas drogas, provocando nela sentimentos de compaixão e piedade, tornando-a “mãe” do marido. Entretanto, também identifica seus aspectos “fortes”, orquestrando situações que o faça abusar de tal força, como quando ela narra o “gelo” que ele lhe dá, isto é, quando ele a trata com indiferença. Também notamos esse ponto quando ela aceita ser, em suas palavras, “dominada” por ele ao ponto de não assumir seu “verdadeiro eu”: “*ele gosta do meu verdadeiro eu, mas quando a gente tá junto ele me esconde. Ele faz eu... me fechar*”. Porém, ela aceita tal situação.

Por que lhe convém, por vezes, ser vítima e, mesmo assim, permanecer no vínculo ao ponto de confessar não conseguir “abandoná-lo”? Parece-nos que esse modo de ser é uma defesa, melhor dizendo, uma tentativa de resolver um conflito. Por trás da culpa consciente que Angelina narra ao falar da morte da filha, arriscamos revelar o que está “além”, ou seja, qual seria a culpa inconsciente que sustentava tal fantasia. Vimos o quanto a entrevistada se identificava com a filha e que, se ela permitisse que o vínculo forte entre a filha e o pai continuasse, como sua mãe consentiu, o destino poderia ser o mesmo: perder o marido para “outra” mulher, situação insuportável de ser imaginada por Angelina, pois, além dele ser um substituto paterno – sendo característica suficiente para que ela não aceitasse perdê-lo uma vez mais –, a entrevistada tem muita dificuldade de se a ver com sua “incapacidade”, suas limitações, incompletudes e falhas, como podemos notar nesse fragmento: “*a dor da perda da minha filha é tão grande que num... até hoje qualquer dor pra mim não é nada. Então a falta,*

a dor, não era tão grande como a falta da minha filha. Então eu não consigo sentir falta, falta, ao ponto de falar assim ‘nossa, eu tenho que voltar porque...’ porque a falta da minha filha é bem maior”. Por isso torna-se importante para ela sentir que o outro “conte” com sua presença. Lembramos de como foi intolerável para ela ver seu marido “contando” com a mãe dele em detrimento dela: “*vendo ele obedecer a mãe e não contar comigo*”.

Destarte, por sentir que se apossou do lugar da mãe, revelou-se um conflito entre o desejo edipiano, por isso, incestuoso, e sua proibição e culpa por tê-lo sentido e, nesse caso, imaginado que o “concretizou”, não em relações genitais, mas ao ser considerada a companheira do pai em todas as atividades dele já basta para que, ainda que por algum momento, tenha acredito que viveu, de fato, uma relação incestuosa. Tal culpa inconsciente encontra um canal para ser manifestada no masoquismo moral, quer dizer, clarifica-se a relação entre culpa e sofrimento. Há uma necessidade de punição a qual foi desenvolvida por Freud (1919/2010) no texto *Batem numa criança*. Recuperamos a contribuição do autor quando afirma que “[...] a consciência de culpa é o fator que transforma o sadismo em masoquismo” (p. 307), dito de outra forma – se considerarmos a mudança para a segunda teoria do sadomasoquismo – a consciência de culpa é a condição para o masoquismo moral. O importante, nessa psicodinâmica, é escolher pessoas e situações que lhe garantam certo grau de sofrimento, pois há um desejo de insatisfação que nutre o sentimento inconsciente de culpa, pois satisfazer o desejo é imaginado como algo proibido. Angelina deixa claro que deseja o amor dos homens, mas não acredita que eles possam amá-la.

Como vimos no capítulo um, uma das características da pulsão é sua fluidez, por isso, o marido oscila entre o representante da mãe e o representante do pai. Como a entrevistada deixou claro, o esposo possui diversas similaridades com seu pai, por outro lado, se pensarmos na inveja do Pênis, como expomos no capítulo dois, ela recrimina a mãe por tê-la privado e, ao ter em seu cônjuge o substituto materno, castiga-o da forma como gostaria de castigar a mãe. O marido, dessa forma, assume o papel do castigador (a exemplo da adicção que pode significar uma posição sádica) e castigado, quando a entrevistada assume a posição sádica para com ele. Angelina parece descontar no marido o ódio sentido pela mãe, já que não lhe deu o pênis, tampouco foi capaz de conquistar o pai, e também o ódio pelo pai que, por certo tempo, abandonou-a.

3.2 Apresentação e análise do caso Rosa

3.2.1 Informações gerais

Rosa tem cinquenta e um anos de idade e cinco filhos, sendo um menino e quatro meninas. Vive com o marido e duas enteadas. Quando ela completou quinze dias de vida foi adotada pelos padrinhos. Estes já tinham um casal de filhos, mais velhos que Rosa. A família adotiva era, nas palavras dela, muito *pobrezinha*, por isso, desde os oito anos de idade, ela trabalhava cuidando de outra criança. Seu registro de nascimento manteve o nome da mãe biológica, já o pai biológico, segundo informações que ela recebeu, era casado. Todavia, o registro de Rosa consta com um nome masculino o qual se refere ao pai, mas ela desconhece esse homem, pois, aos sete anos de idade, conheceu outra pessoa que se apresentou a ela como pai.

O encontro com esse suposto pai ocorreu quando a entrevistada tinha oito anos. O pai deu um *“sapato chique”* e, segundo ela, tal encontro *“foi indiferente, não teve sentimento”*. Depois disso, o pai foi embora e voltou a procurá-la quando Rosa estava com quatorze anos. Novamente ofereceu-lhe presentes e em seguida foi embora. Sobre o pai que consta no seu registro e este que se apresentou a ela, a entrevistada comenta: *“você viu que confusão? Então é coisa assim, muito confusa pra sua cabeça, é coisa que eu nunca nem tentei entender”*.

Por algumas vezes, o discurso de Rosa fica confuso quando, por exemplo, na construção do pensamento que indica tanto a mãe biológica como a adotiva com o mesmo pronome. Ao questioná-la sobre como sabia, aos três anos, que a mãe biológica era sua mãe, Rosa responde: *“minha madrinha [que é sua mãe adotiva] ela sempre me falou que ela era minha mãe e minha mãe adotiva sempre me levava onde ela [mãe biológica] morava pra mim ver ela, mas ela não fazia conta de me ver. A minha madrinha levava porque achava que ela tinha que me levar”*. Isso nos leva a pensar que essas duas pessoas diferentes representam a mesma figura no inconsciente. Freud denominou esse mecanismo de “condensação”, um dos modos de funcionamento do inconsciente. Neste caso, as duas pessoas – mãe adotiva e mãe biológica – têm um ponto em comum – são mães de Rosa – e esta analogia entre as duas personagens pode ser o motivo de a entrevistada referir-se a uma e a outra sem distinção.

3.2.2 A marca da rejeição materna

Rosa, ao longo das três entrevistas, repete a história do impacto que sentiu ao ser abandonada. Diz: *“minha mãe não me quis”* e que tal abandono ficou gravado em sua

memória. A entrevistada tem três irmãs mais velhas as quais foram cuidadas pela avó materna. Relata: *“as três mais velhas, acima de mim, foi a minha vó que criou”*. Sublinhamos a expressão “acima de mim” por revelar o seguinte raciocínio: quem está acima assume, geralmente, uma posição superior, isto é, uma situação mais elevada. Portanto, Rosa se sente “a baixo”, sentindo-se inferior quando comparada às irmãs, já que estas puderam ser criadas por um parente próximo, a avó, enquanto a entrevistada foi doada para um casal de vizinhos.

Quando Rosa foi doada, sua mãe ficou apenas com o filho mais velho naquela época. Relembremos a teoria psicanalítica no que tange à inveja do pênis. Vimos, no segundo capítulo, que quando a menina constata que não foi concebida com um pênis, ressentida-se com a mãe, responsabilizando-a por tal deficiência a qual a coloca como “inferior” comparada ao menino. Não se trata de restringir tal inveja à genitália masculina, mas de perceber o que o órgão representa, quer dizer, o seu valor fálico. Advertimos que o pênis pode significar o falo, mas não o é, isso porque a palavra “falo”, em psicanálise, denota a representação da completude, ou seja, um símbolo que obstrui a falta. Todavia, por se tratar da condição humana, é impossível sermos completos, já que não existe um objeto responsável pela satisfação total, fato que eliminaria o vazio da falta, elemento constituinte da existência humana.

Chamamos a atenção para o sentimento de inferioridade provocado na menina pelo complexo de castração e podemos, a partir da teoria, supor a repercussão que isso teve no caso em questão. Rosa se sente rejeitada e abandonada pela mãe biológica, conforme sua interpretação do evento da adoção. Uma possível fantasia infantil, advinda do período fálico, é a de ser preterida pela mãe em detrimento do irmão, já que este é portador do pênis, contribuindo para o sentimento de menos valia. Até aqui, então, destacam-se duas situações as quais convergem para o sentimento de inferioridade: as irmãs estarem “acima” de Rosa por terem sido cuidadas pela avó e a mãe biológica ter ficado com o filho mais velho.

Ainda sobre a mãe biológica, conta que: *“ela sempre frisou, assim, que ela não gostava de mim porque eu sou preta, porque as minhas irmãs são tudo branquinha que nem você... minha mãe biológica sempre frisou isso, ‘eu não gosto daquela nega’. E ela é da minha cor... das filhas todas a que se parece com ela sou eu”*. Novamente, notamos a rejeição sentida por Rosa, visto que ela sente que suas irmãs sobem um degrau “acima” dela por serem brancas. Há um preconceito desvelado pela mãe biológica, o qual soma, uma vez mais, com a posição ínfima. Além disso, salientamos a comparação feita por Rosa entre ela e sua mãe, já

que, de todas as filhas, é ela quem se parece com a genitora. Os irmãos biológicos reconhecem a semelhança e comentam com a mãe: “*a única filha que se parece com você é ela, acho que é porque você não gosta dela*”. Rosa é parecida com a mãe, entretanto, em quais aspectos? Atentemos que a semelhança anunciada pela entrevistada não se reduz à aparência física ou à cor da pele. Se invertermos a ordem da frase proferida por Rosa, ainda que ela remeta ao discurso dos irmãos, o que não exclui seu próprio raciocínio, observamos o seguinte: por você (mãe biológica) não gostar dela (Rosa) é que ela se parece com você. Logo, a entrevistada se identifica com a genitora pela característica do “não gostar”. Essa hipótese será confirmada mais adiante.

Ao continuar com a narrativa, Rosa lembra que aos três anos de idade, sua mãe *legítima*, como ela a chama, foi embora para outra cidade. Quatro anos depois a mãe *legítima* retorna a passeio, mas para rever os pais adotivos de Rosa, e não ela, conforme sua interpretação. Depois disso, voltou a ver a mãe biológica quando tinha dezesseis anos. Descreve que, nessa idade, a mãe quis levá-la embora, porém, ela não aceitou porque estava se sentindo rebelde. Em associação, diz que “*eu nunca me senti amada*”, isto é, o comportamento qualificado como *rebelde* era a conseqüência de não se sentir amada. Rosa relata: “*se seu pai e sua mãe não quis você, por que que os outros ia te amar, se quem deveria te amar, não te amou?*” Mesmo quando recebe carinho das pessoas, “*você acha que não é um carinho sincero, não é um amor sincero... mesmo que o amor seja sincero, a gente não sente isso... isso aí você leva pro resto da vida*”. Percebemos que, inicialmente, Rosa se sente rejeitada e indesejada, e, depois, compreende tais sentimentos como sinônimos de não ser amada. Ao constatar isso, questiona o que esperar das pessoas, pois acredita que o fato de não ter sido amada por quem deveria amá-la – os pais biológicos – estabelece a condição de não ser amada por mais ninguém, como expressa na frase “*por que que os outros ia te amar?*”. A fantasia a qual sustenta esse pensamento parece ser: não fui amada porque não tenho valor. Em outras palavras, agregando as ideias anteriores, pode ser que Rosa encontre a justificação do abandono e desamor em seu sentimento de inferioridade.

Como observado no capítulo anterior, Freud (1933/1996), na conferência sobre a feminilidade, verifica ser comum a menina recriminar a mãe por não tê-la amado o suficiente, ainda que tal informação não tenha respaldo na realidade, pois a demanda de amor da criança é insaciável, ou, nas palavras do autor, “As exigências de amor de uma criança são ilimitadas; exigem exclusividade e não toleram partilha” (p. 123). Rosa, contudo, tenta legitimar tal

teoria no abandono real da mãe. O mesmo autor, na conferência *Ansiedade e vida instintual* (1933/1996), pontua que “Se uma mãe está ausente ou retirou seu amor de seu filho, este não tem mais certeza de que suas necessidades serão satisfeitas e talvez seja exposto aos mais angustiamentos sentimentos de tensão” (p. 91). Baseadas na teoria, veremos que fará parte da subjetividade de Rosa a incerteza de perder o objeto que julgue sentir-se amada.

Rosa também se queixa que, aos quinze dias de vida (idade, portanto, que foi adotada), ela precisava de leite para se alimentar. No início, sua mãe biológica oferecia o alimento, mas depois disse para a mãe adotiva: “*ah, dá caldo de feijão pra ela, não vou trazer mais leite, não, agora você fica com ela pra você*”. Tal reclamação já foi examinada por Freud (1933/1996), quanto notou a censura da menina para sua mãe, acusando-a de não ter lhe oferecido leite o bastante, situação considerada como falta de amor, uma vez mais. Ainda que a criança tenha sido alimentada por tempo suficiente, o autor assinala que “[...] a avidez da criança pelo primeiro alimento é completamente insaciável [...]” (p. 122), isto é, ela sempre estará insatisfeita.

Retornando ao caso, há pouco tempo atrás, Rosa reencontrou a mãe biológica na casa de um conhecido da família. Conta que, quando ela chegou, “*fui pro lado dela, cumprimentar ela... você sabe, assim, quando você vai cumprimentar a pessoa e a pessoa sai de lado, assim, faz de conta que nem te viu... aí eu comecei a chorar*”. E depois diz que “*é muito dolorido, mesmo eu não gostando dela, não tendo amor de mãe... de filha por ela, é muito dolorido. Você imaginar, assim, que a pessoa que era pra ter te amado te rejeitou e te rejeita até hoje...*”. Na realidade material ou psíquica, a entrevistada confirma a rejeição sentida pela mãe. Sinalizemos o ato falho cometido por ela: “*mesmo não tendo amor de mãe...*” em seguida corrige para “*amor de filha*”. Como Freud (1901/1996) aponta, o ato falho é uma via de expressão do inconsciente. O que se evidencia na fala da entrevistada é a afirmação de que ela não tem amor de mãe. Recordamos que ela tem cinco filhos. Este conteúdo, a princípio inconsciente, foi confessado no último encontro. Dedicamos um item, “*a mãe que tive e a mãe que sou*”, para demonstrar o significado dele.

Sobre os pais adotivos, Rosa diz: “*eu me sentia amada, principalmente pela minha mãe, meu pai era mais secão, mas minha mãe, nossa, me defendia de tudo e de todos. Ela foi uma mãezona, aí quando a minha irmã casou, eu tinha sete anos, aí foi que ela me deixou um pouco de lado... porque como a outra era filha única dela, então, minha irmã casou e foi embora pro Mato Grosso, daí ela ia visitar minha irmã e me deixava com a minha cunhada,*

meu irmão, meu pai, e ela ia pro Mato Grosso". Entendemos com essa frase que a entrevistada se sentiu amada pela mãe "até que" a irmã se casou, ocasião que demandou a ida da mãe para o estado em que a filha residia. Na ausência da mãe adotiva, Rosa comenta: "*eu sentia saudade da minha mãe. Eu chorava muito, muito, muito, porque eu tinha muita saudade dela. Daí foi indo, foi indo, até que eu acostumei*". Até que se acostumou a que? Podemos supor a continuação "acostumei a ser abandonada", ou, ainda, "acostumei em não ser amada", já que os eventos se repetiam – o abandono da mãe biológica e o abandono da mãe adotiva toda vez que esta viajava e passava algumas semanas longe. Em outro momento, Rosa comenta que, sobre os pais adotivos, "*eu não tenho o que dizer, eu acho que fui amada, eu acho que fui amada...*", isto é, ela supõe que foi amada, mas permanece a incerteza.

3.2.3 Os relacionamentos afetivos

Aos dezesseis anos, Rosa começa a namorar e diz que "*aprontou*" muito nessa época. Conta que ela, o namorado e outros dois casais estavam planejando fugir. Diz: "*nós fugimo em três*". Rosa deixa a frase ambígua, pois comenta que havia o plano de fugir de casa em "três". Três pessoas ou três casais? Parece que ela tenta vivenciar uma situação edípica. Em sua fantasia, coloca-se entre o casal, como se não tivesse a delimitação que a exclui, quer dizer, acredita que pode participar de uma triangulação amorosa, não passando pela castração, a qual seria aceitar que deve ser excluída dessa relação. A situação do plano de fuga foi descoberta e acarretou em um momento conturbado, pois envolveu a polícia, uma vez que alguns menores de idade participaram do momento. As adolescentes tiveram que se submeter a exames ginecológicos a fim de descobrirem se eram virgens, já que perder a virgindade naquela época, segundo Rosa, "*era o fim do mundo*". Repete duas vezes consecutiva que ela era virgem, mas "*as outras duas não era virgem, mas eu era. Ele tinha sido meu primeiro*".

Continua relatando que, naquele tempo, se o homem "*desonrasse*", "*fizesse mal para a menina*", era obrigado a casar com ela. Isto é, sexo encontra-se associado à questão da moral, algo que prejudique a mulher, até então virgem, e, na tentativa de reparar esse "mal", o homem era obrigado a contrair o casamento com ela. Diante disso, Rosa casar-se-ia com o rapaz, contudo, por ser menor de idade, precisava da autorização da sua mãe biológica, autorização esta que não foi concedida, já que sua mãe conhecia a família do pretendente e decidiu proibir a união deles. Rosa obedece à ordem da mãe, se sujeita à sua decisão, demonstrando o poder da palavra materna, afinal, antes da ideia do casamento, o casal estava

programando fugir, mas interromperam o plano. Notemos que, no início da vida, a mãe fala pela criança ao interpretar sua demanda quando chora. Rosa, possivelmente, tenha passado por tal experiência com sua mãe adotiva, no entanto, como vimos no início da apresentação deste caso, ela não diferencia, em seu inconsciente, alguns aspectos da mãe biológica e da mãe adotiva. Desta forma, parece que a entrevistada reconhece o poder da palavra materna, a qual a interdita no desejo de se casar com aquele homem. Como o objetivo do casamento foi suspenso, o rapaz ficou “*revoltado*” e se casou com outra.

Aos dezessete anos, Rosa conhece outro homem e engravida. A notícia não foi bem recebida pelo pai dela, que a expulsou de casa. Ela foi acolhida por uma família de amigos. O pai da criança “*sumiu*”, e ela cria o filho Antonio sozinha. Quando ele completa nove meses de vida, Rosa se envolve com outro homem e engravida novamente, dessa vez, foi a mãe adotiva que não a aceitou. Ela relata: “*dessa vez minha mãe me mandou embora*”. Diz: “*como se um fosse pouco né, eu arrumei mais um filho*”. Comenta que entrou em “*pânico*” e “*eu não queria ter a menina*”. Corrige que, quando não quis levar adiante a gravidez, ainda não sabia o sexo da criança, no entanto, consideramos a primeira informação revelada por tratar-se de uma associação livre, portanto, um conteúdo inconsciente que evidencia um traço de dificuldade com o sexo feminino. Rosa conta sobre a tentativa de abortar a filha, “*aí depois vem aquela culpa né*”. “*Aquela*” é um pronome demonstrativo, isto é, refere-se a uma culpa específica, uma culpa por existir, ao qual desenvolveremos mais adiante. O pai da criança, chamado Tom, era casado, mas disse que cuidaria da filha se Rosa não a quisesse.

Durante a gestação, trabalhou na casa de uma professora cuidando de suas filhas e da casa. Por conta do trabalho, o filho Antonio foi morar com uma mulher a qual recebia uma quantia de dinheiro de Rosa para cuidar dele. A senhora para quem Rosa trabalhava, sugeriu que, se ela quisesse, conhecia um casal disposto a adotar a criança a qual estava esperando. Ao lembrar-se do dia em que a filha nasceu, diz não recordar se o Brasil ganhou ou perdeu a Copa, ou seja, não sabe se foi um dia feliz ou triste, sinalizando a ambiguidade do sentimento para com a criança. Quando o bebê completou dezesseis dias, Rosa a entregou para a mesma mulher que cuidava do seu filho e diz: “*e daí eu não quis dar a menina... a mesma coisa que minha mãe fez comigo? Eu não vou fazer com ela*”. Contudo, fez. A idade que a criança constava (dezesseis dias) é muito próxima à idade que Rosa foi adotada (quinze dias). A entrevistada tenta acreditar que não repetiu com a filha a história que ela passou com a mãe biológica, porém, ainda que mantivesse contato com a menina, Rosa entregou para que outra mulher fosse responsável pelos cuidados maternos. Comenta que essa filha “*até hoje*” tem

problema de rejeição “*também*”. “Também”, neste caso, é um advérbio que indica uma comparação, há uma equivalência entre a filha e a entrevistada. Poderíamos reformular a frase de Rosa da seguinte maneira: “Minha filha, assim como eu, tem problema de rejeição”, mais especificamente, rejeição materna.

Quando sua filha completou um ano de idade, a entrevistada diz: “*eu achava que precisava de alguém*” para ter uma casa e criar seus filhos, demonstrando que não se sentia capaz de realizar tal tarefa sozinha, talvez por não se sentir “boa” sozinha, pois, como vimos anteriormente, Rosa pensa que mulher sozinha é desvalorizada. Foi então que conheceu (procurou) outro homem que gostava dela e disse que a ajudaria a cuidar dos filhos. Decidiram morar juntos e logo se casaram, mesmo com a família dele não a aceitando com o argumento de que era mãe solteira. Conta que, antigamente, as pessoas classificavam uma mulher nessas condições de “*biscate e prostituta*”, “*como se você fosse vagabunda que não valesse nada. Mesmo que trabalhasse e cuidasse dos filhos, você não tinha valor*”. A mulher, ainda que cumprisse com os cuidados dos filhos e tivesse um ofício, era julgada de biscate, prostituta e vagabunda porque não tinha um homem, isto é, para Rosa, a mulher solteira, nessas condições – ser mãe –, era depreciada socialmente independente de suas qualidades.

Sobre o relacionamento do casal, a entrevistada diz que o marido era ciumento e a proibia de sair de casa. Quando ele chegava do trabalho, era comum agredi-la fisicamente. Conta que “*Ele era uma pessoa boa no começo (...) depois de oito meses ele começou a me bater. Eu apanhava sem saber o porquê eu tava apanhando*”. Após algum tempo apanhando, Rosa passou a desmaiar quando ele se aproximava para bater. Um sair de cena, como se fosse uma tentativa de fugir da realidade para não ter que pensar nem agir nessa situação, quer dizer, é um recurso encontrado para não ter nenhuma atitude quando ela apanhava, garantindo a manutenção do vínculo violento, mas também dando um basta nas agressões, já que o marido parava de bater. Tal situação fazia o marido levá-la ao hospital, foi quando o médico questionou o motivo da crise recorrente, mas Rosa nada dizia: “*eu ficava calada. Eu tinha medo de falar*”.

Uma das vezes que a entrevistada foi ao hospital, o médico, preocupado, insistiu para que ela contasse o que havia acontecido, caso contrário, ela poderia morrer. A ameaça de morte foi recebida com impacto, pois a cena narrada em seguida diz respeito ao marido, o qual reclamou de algumas roupas que não haviam sido lavadas. Rosa respondeu: “*se você quiser, você vai e lava*”. Essa situação foi associada após a notícia de que ela poderia morrer,

caso não falasse ou não tivesse alguma atitude frente às agressões que lhe eram direcionadas, o que nos faz pensar que a atuação ao responder o marido “*se você quiser, você vai e lava*”, foi uma expressão de vida. A reação do marido foi explosiva, como era de se esperar, haja vista o padrão de comportamento dele, e bateu em todas as partes do corpo da esposa. Houve um movimento a favor da vida, quando ela enfrenta o marido, ainda que numa atuação, no entanto, talvez Rosa esperasse que ele interpretaria sua frase como uma “afronta” e, possivelmente, repetiria o comportamento agressivo. Eros e Tântatos compondo um mesmo ato. Após a surra, a entrevistada, então, ingeriu uma cartela de remédios para dormir, fato que a fez adormecer por bastante tempo – novamente sai de cena, como no desmaio –, até que um dia, sob efeito do medicamento, ouviu o marido falar para o pai dele: “*mas você me fez judiar tanto dela pra você me pedir a casa?*”. Rosa acredita que seu marido a espancava porque os pais dele queriam que ela fosse embora da casa.

Certo dia, ainda machucada, a sobrinha da entrevistada foi visitá-la e informou aos pais adotivos de Rosa sobre seu estado, “*mas ninguém foi lá, ninguém foi lá saber o que tinha acontecido*”. Tempos depois, a entrevistada foi levar os filhos para serem vacinados e decidiu pedir ajuda ao pai, porém, ele disse: “*não tem como eu te ajudar*”, já que morava de favor na casa do filho. Novamente, sente-se desamparada e como a família não podia apoiá-la, “*falei, vou fazer o que... e daí ninguém podia me ajudar, que que eu ia fazer?*”, continua: “*não tinha o que eu fazer, eu aguentei onze anos... apanhando*”. Rosa busca no pai um olhar que reconhecesse seu sofrimento e a ajudasse a sair de tal situação, porém, ele demonstra estar impotente para qualquer auxílio, deixando a entrevistada sem recursos para pensar na mudança, pois, como evidenciado em sua fala, “*não tinha o que fazer, eu aguentei onze anos...*”. Mas, a mãe morava na mesma casa que o pai, apesar de estarem em cômodos diferentes, por que não endereçou tal pedido a ela? Uma hipótese pode ser que Rosa faz o movimento de se afastar da mãe, acreditando que a capacidade de oferecer a solução para o problema deveria vir do pai. Para esclarecer o leitor sobre a relação entre os pais adotivos, observamos que eles dormiam em quartos separados desde quando a adotaram. Rosa os descreve como um casal sem desejos um pelo outro, já que nunca presenciou uma cena de carinho entre eles. A decisão de não dormirem juntos foi baseada na traição do pai que se envolveu com uma vizinha.

Durante esses onze anos, ela teve três filhas com o marido. Por motivos de trabalho, o casal se mudou para Mato Grosso, onde ela continuou apanhando: “*quando era a primeira filha minha, eu apanhei até os oito meses... ele me batia sem motivo, eu apanhava sem sabe o porquê eu tava apanhando*”. Diante das recorrentes brigas e agressões, tentou o suicídio ao

tomar veneno para matar insetos. Isso ocorreu “*quando eu tava grávida da minha primeira filha*”. Nota-se, por duas vezes, o ato falho da entrevistada quando considera essa gravidez sendo a espera da primeira filha – ela não diz que é a primeira filha com esse marido –, evidenciando a dificuldade em reconhecer a primeira filha, aquela que foi rejeitada desde a notícia da gravidez. Reforça a ideia de dificuldade em lidar com o sexo feminino, pois Rosa, ao tentar o suicídio, ensaia o infanticídio. Ao se matar, estaria matando a criança também. Depois de pouco tempo, engravidou da segunda filha. Passados três meses que a criança nasceu, a entrevistada engravidou de novo, mas, antes de completar a gestação, ela volta ao Paraná e o marido a acompanha após dois meses.

De volta à sua cidade, Rosa aluga uma casa a qual fazia fundo com a casa da sogra. Sublinhamos que, ao longo das três entrevistas, ela se queixa do comportamento da sogra para com ela, todavia, ainda assim, procura uma casa próxima à dela. Diz que era um “*barraquinho*”, “*mas era meu, eu que tava pagando. Não tinha ninguém pra me encher o saco, só era ele [marido] mesmo que ia encher meu saco*”. Após um dia de trabalho, ao chegar à sua casa, percebeu que não havia mais nada e descobriu que a os pais do marido pegaram suas coisas, como móveis e roupas, e transportaram para a primeira casa que eles moraram quando casaram, a mesma que ela começou a apanhar e que ficava ao lado da casa dos sogros. A razão de tal ato, provavelmente, foi para levá-los à casa própria da família, já que pagavam aluguel na outra.

Outra situação se deu quando, novamente, Rosa voltava para a casa com os filhos e avistou fumaça. Falou para o filho Antonio: “*a vó deve ta queimando lixo*” e em seguida desconfia que era a sua casa que pegava fogo. Narra que perdeu tudo, “*televisão, fogão... parece que colocaram gasolina*”. Após alguns anos, a sogra pediu perdão e confessa ter ateado fogo na casa. A entrevistada respondeu a ela da seguinte forma: “*eu tenho mais é que agradecer a senhora ter pohnado fogo na minha casa*”, já que este fato, segundo a sua interpretação, foi o responsável por tê-la feito conquistar outra casa, como veremos adiante.

Por não terem onde morar naquele momento, a sogra mata algumas galinhas e disponibiliza o galinheiro para Rosa e o marido residirem. Paralelamente, ela pede ajuda a um pastor que, coincidentemente, tem uma nora que conhecida a entrevistada, a qual diz: “*olha pastor, ela é uma menina muito sofrida desde criança. A gente estudou junto, era muito humilde na escola... Muito carente e teve uma série de problemas e casou pra ver se mudava de vida, mas continuou sofrendo*”. O casamento, então, tinha como pretensão uma mudança,

isto é, deixar de sofrer e, quem sabe, ser feliz, “*mas continuou sofrendo*”. O pastor, então, questiona se Rosa poderia fazer a casa ao fundo da casa do sogro e este responde, “*não, pode fazer*”. Ponderando que, se houve a necessidade da palavra “não” antecipando o restante da frase, é porque precisou negar o desejo inconsciente, sendo assim, o recado foi dado: não pode fazer!

Após interpretar a resposta do sogro como permissão concedida, tanto o pastor quanto a prefeitura doaram materiais para a construção. Entretanto, em certa ocasião, a entrevistada escutou uma conversa entre a sogra e o sogro que a fez desistir de efetivar a edificação da casa. Falou ao pastor, então, que devolveria o que tinha ganhado até então, pois não usufruiria da casa se a construísse naquele local. Então, a igreja se mobiliza e compra um terreno, escolhido por Rosa, para executar a obra. Sobre o pastor, ela diz: “*o pastor foi um pai... tudo o que eu sou hoje eu devo a ele e a esposa dele*”. Pai, para ela, tem o significado de ser aquele que ajuda, que oferece as coisas, diferente do pai adotivo que não pôde ampará-la quando ela pediu auxílio. Rosa elegeu o pastor como pai, mas, como veremos adiante, rejeitou o bom pai quando não se apropriou da casa que ele concedeu, talvez por não se sentir merecedora, devido ao sentimento inconsciente de culpa.

Após uma briga com o marido, que resultou em agressões físicas por parte dele, ela decide se mudar para a casa, mesmo faltando luz e vidros. Porém, ao avisá-lo sobre seu propósito, acaba convidando-o para ir com ela. Fala: “*eu to mudando, se quiser vir, você vem, se não quiser, você fica aqui com a sua mãe*”. Rosa o intima: ou eu, ou sua mãe. Seu esposo, então, resolve morar com ela na casa cedida pela igreja. Todavia, ele “*continuava me batendo do mesmo jeito*”. (masoquismo). Muitas vezes, depois das agressões, o pastor conversava com ele, que ia embora para a casa da mãe, mas logo após retornava à casa de Rosa, que o aceitava. Não só aceitava-o, como dizia que, apesar da casa não ser dele – já que a residência estava no nome do pastor, mas com usufruto para a entrevistada – ele ficava lá “*se ele quisesse*”. O desejo dela parece ser o desejo dele, isto é, Rosa assentia e autorizada à permanência do marido na casa, sabia que ele “queria” ficar lá, pois, caso contrário, teve oportunidades para voltar a morar com a mãe, por exemplo. Relata: “*não dependia mais dele pra morar em lugar nenhum*”, mas dependia dele para morar em algum lugar, ou seja, parece que necessitava da presença dele (ou de algum outro homem) para conseguir ter uma família e uma casa.

Ao questionar o porquê Rosa o aceitava de volta, ela responde que, “*no fundo eu tinha dó dele também... Uma mulher sozinha não tinha valor*”. Tinha dó dele, assim como tinha dó dela mesma, pois, como veremos adiante, ela se identifica com o marido no desamparo. Apesar de dizer estar cansada por ser chamada de biscate e vagabunda, ela não queria ficar só, como relata: “*e daí eu tinha medo de ficar sozinha de novo*”. De novo, uma repetição que a deixa com medo, pois já experimentou o estar só quando a mãe a abandona, quando o primeiro namorado se *revolta* e casa com outra pessoa, quando o pai do primeiro filho foge e, por fim, quando o pai da primeira filha não a assume por ser casado. A entrevistada continua: “*eu falo pra você, hoje eu não dependo de ninguém pra viver e eu tenho medo de ficar sozinha*”. Rosa afirma que não depende de ninguém no quesito financeiro, pois consegue viver com seus esforços, mas o medo da solidão e de não ter valor (uma mulher sozinha não tinha valor) aponta que ela depende de alguém para sobreviver emocionalmente.

Passados alguns meses, o marido vai trabalhar no garimpo e Rosa sofre um acidente que a deixa com as mãos e o rosto queimado, fato que a deixou impossibilitada de continuar trabalhando, já que fazia serviços domésticos na casa de algumas pessoas. Neste momento, descreve que passou necessidades: “*aí eu comecei a praticamente me humilhar pras pessoas me dar trabalho*”. Seu marido não a ajudava financeiramente há algum tempo, então, liga para ele que diz: “*se vira, você já é mulher suficiente pra dar conta do recado*”. Identifica esse dia como o que deixou de gostar dele, quer dizer, quando ele a coloca, uma vez mais, em uma situação de abandono. Deixa de gostar quando o marido aponta que ela não precisa dele, porque, na verdade, ele é quem não precisa dela. Diante disso, a primeira decisão de Rosa é ir ao baile. Lá, ela reencontrou o pai da primeira filha, Tom, e sentiu “*reacender o sentimento*”. Fala: “*nenhum homem e nenhuma mulher desfaz um casamento se não tiver ninguém... se hoje eu me interessasse por alguém, eu jogava tudo pro alto de novo*”. Vemos a repetição da ideia que ela expressa quando diz que uma mulher sozinha não tem valor, então, movida pelo medo de ficar sozinha (ainda que isso seja, por alguns momentos, inconsciente). Ela busca seu valor nos companheiros, pois, o que diferencia uma prostituta de uma mulher de “valor” é ter um homem fixo. Ela busca a confirmação do seu (des)valor, como veremos no item sobre a psicodinâmica.

Com vergonha de pedir ajuda financeira a Tom, e necessitando de dinheiro para suas necessidades básicas, bem como a de seus filhos, a entrevistada conta no terceiro encontro que, quando o marido mandou ela se virar, por ser mulher suficiente, ela conheceu uma mulher que a chamou para ir a uma casa de prostituição para conseguir algum dinheiro: “*falei,*

então vamo. Mais perdida do que eu já tava, aí eu fui". De acordo com as informações expostas, pensamos que ela sentiu-se perdida por estar sozinha. Foi ratificar seu (des)valor vivendo em um prostíbulo. Todavia, seu primeiro cliente percebeu sua inexperiência e desamparo, orientou-a a ir embora de lá e ofereceu dinheiro para impulsioná-la a tal decisão. Depois disso, disse que nunca mais voltou para essa profissão e agradeceu por ter aparecido um "anjo" que interditou aquela incursão.

Por que a escolha em ser prostituta? Essa questão renderia um estudo à parte devido a sua complexidade. Alguns dados da vida de Rosa, no entanto, permitem-nos supor que, a escolha pela prostituição, ainda que não tenha se realizado concretamente, denota uma repetição, mesmo que inconsciente, do que foi sua mãe biológica. Em uma das entrevistas, Rosa conta que seu irmão "*de sangue*" gostaria de saber quem era seu pai, entretanto, tal informação lhe era inacessível, pois a mãe biológica (mãe de Rosa, portanto) também não sabia quem era. Lembremos que a entrevistada conheceu um homem que se apresentou como seu pai biológico, mas no seu registro de nascimento constava um nome que ela nunca soube de quem era. Parece que a única informação que tinha certeza, era a de que seu pai foi casado enquanto se envolvia com sua mãe. Tais informações sugerem que mãe foi mulher de vários homens, evidenciando uma identificação de Rosa com essa mãe da qual ela luta para se esquivar, mas repete alguns comportamentos. Assemelha-se à mãe também no fato de ter vários filhos com diversos homens, evidenciando uma repetição.

Rosa se relacionou com Tom por dois anos, ele estava casado durante esse tempo e não podia assumi-la, apesar dela nunca ter manifestado esse desejo durante as entrevistas. Novamente, parece que a entrevistada repetia a história de sua mãe e se contentava em ser a "outra". Não há dúvida do teor edípico nessa situação, já que, ao se relacionar com um homem casado, pode representar o desejo da filha em ser a "namorada" do pai, desejo característico do complexo de Édipo. Supomos que, além disso, a relação também tinha um caráter maternal. Ela define o vínculo entre eles da seguinte forma: "*ele era meu amante, era meu amigo, era uma pessoa especial mesmo. Era bem diferente do outro [marido], não tinha nada a ver, me ajudava muito também [financeiramente]. Nunca brigamos, a gente era muito amante, amigo, nunca brigamos*". Uma pessoa que lhe ouvia, orientava e ajudava financeiramente. Esta situação vai ao encontro da afirmação de Freud (1917/2013): "*A mulher só reencontra sua sensibilidade amorosa numa relação interdita, que deve ser mantida em segredo [...]*" (p. 379).

Quando o ex-marido voltou do garimpo, ele assinou o desquite e *“a primeira coisa que ele fez, foi ir pra zona, tirou uma mulher da zona e depois de um tempo ela teve um filho”*. Divorciada, ela continuou se envolvendo com Tom, até que a esposa dele engravidou. *“Eu falei pra ele que se fosse de uma menina, eu deixava ele... eu tinha ciúmes, eu não queria que fosse uma menina”*. Quando descobriu que ele seria pai de uma menina, terminaram o relacionamento.

Pouco tempo depois, conheceu seu atual marido quando começou a passar em frente à casa dele. Ele tinha duas filhas e, segundo Rosa, *“ele queria uma pessoa pra ajudar ele a cuidar das filhas, é o que eu entendo até hoje”*. A entrevistada parece localizar no outro um desejo seu, haja vista, de acordo com o que já expomos, ela ter se relacionado com o ex-marido por querer alguém que a ajudasse a cuidar dos seus filhos. Diz que ele era bem *“pobrezinho”* e que, no início, não gostava dele, mas, com o tempo, passou a ter afeição devido à convivência que mantinham. Certa ocasião, o atual marido, sabendo do envolvimento que Rosa teve com Tom, chegou a brigar com este por ciúmes. Ela fala: *“foi uma briga feia entre os dois maridos”*. Dois maridos, relação poligâmica. Descreve o esposo da seguinte maneira: *“antes de eu conhecer meu marido, ele era pobre, pobre, pobre... você tinha pena até de olhar pra ele, de tão pobrezinho que ele era... a casa tinha rato, era suja... ele não tinha calçado, roupa, nada, nada. Quando ele veio pra minha casa eu joguei todas as roupas dele fora, fui na loja e comprei tudo novo... vamos dizer que eu fiz de cachorro, gente. Eu mudei a vida dele”*.

Por cinco anos relata que foi muito feliz, chegou a desconfiar de tal situação e falou para sua irmã: *“acho que a felicidade que é boa demais, dura pouco”*, expressando seu desejo, afinal, a felicidade era uma condição estranha, por ser pouco experimentada. Até que descobriu estar sendo traída: *“aquilo ali me feriu de morte”*. Rosa identifica que a traição do outro lhe fere de tal forma que se assemelha à morte. Recordamos que, diante da constatação que é castrada, a angústia da mulher passa a ser a perda do amor do objeto. O marido desejou outra mulher, provavelmente reavivando o sentimento de ser rejeitada, marca tão singular ao longo da história da entrevistada. Eles brigaram, houve agressões físicas e Rosa teve que ir ao hospital. Lá, as enfermeiras chamaram policiais os quais a fizeram se sentir humilhada: *“eu acho que se eu fosse uma prostituta, que seu eu morasse numa casa de prostituição, eu não merecia aquele tratamento”*. Tom ficou sabendo do ocorrido e ofereceu ajuda a Rosa. Comprou-lhe uma passagem a Maringá, para que ela se mudasse e recomeçasse a vida, pois ela expôs o desejo de ir embora, já que, como diz, ficou com vergonha por sentir-se

humilhada: *“vergonha de sair na rua com a cara toda machucada. Já tinha apanhado tantos anos do outro, agora arruma outro pra apanhar de novo?”*. Há a compulsão à repetição, expressão da pulsão de morte, reconhecida pela entrevistada.

Poucos dias depois dela estar em Maringá, seu marido descobriu o local que residia e veio atrás. Rosa acredita que foi sua irmã quem deu tal informação, pois acha que ela tinha “dó” dele. Reatam o relacionamento e Rosa fala: *“não sei se aceitei [o marido] porque eu gostava, não sei se porque eu tava com dó das meninas [filhas dele], porque hoje eu acho que eu tinha mais dó das meninas do que dele... eu tinha dó porque a mãe delas abandonou...”*. Uma vez mais a entrevistada se identifica com a situação vivida pelo outro, no caso, suas enteadas, pois, como elas, Rosa também foi abandonada pela mãe. Morando em Maringá, a entrevistada considera ter sido ela a causa do sucesso do marido: *“eu consegui ajudar ele a comprar uma casa... eu fiz ele pegar aquele carro, dar de entrada numa casa...”*, porém, *“mulher magoada faz coisa que você não tem nem noção”*. Desejo de vingança que Rosa realiza ao reatar o envolvimento com Tom, situação que se estendeu por mais cinco anos. A irmã de Rosa e seus filhos sabiam da traição dela, como ela conta: *“a minha família sabia, só ele [marido] que não sabia...”*. A irmã a qual ela se refere é a mesma que, supostamente, contou onde Rosa estava hospedada por “sentir dó” do cunhado. Parece, então, que a entrevistada não fez muito esforço em esconder o relacionamento extraconjugal, comportamento sádico, já que, inconscientemente, quer que o marido saiba sobre sua traição, seu “troco” diante do amor ferido. Diz que se o marido sabe dessa história, nunca lhe disse nada. Tom, além de ajudá-la financeiramente, oferecia atenção e carinho, *“tudo aquilo que eu não tinha dentro de casa”*. Casa que pode estar representando o local em que estava morando com seu esposo, como também a casa de sua mãe, ou, quem sabe, das suas mães (biológica e adotiva).

Rosa, apoiada em Tom, separa-se do marido devido às brigas e vai morar sozinha. Alguns dos seus filhos já residiam em suas próprias casas, outros foram morar com a tia nesse momento. Já as filhas do marido ficaram com ele. *“Eu ia começar tudo de novo. Eu fui começar do começo”*. No entanto, ele largava as filhas sem comida e ia atrás dela, chegou a se ajoelhar e chorar pedindo para ela voltar. Rosa dizia ao marido: *“eu não quero mais você, eu sei que você gosta de mim ainda, eu sei que você me ama”*. Diante dessa situação, Rosa conta que ficou com dó do marido, já que as pessoas comentavam que ele não estava bem: *“fiquei com dó e voltei pra trás”*. Voltar atrás, regredir. Se o mecanismo da regressão constitui em um retorno a um ponto do desenvolvimento psíquico, isto é, há um regresso a uma etapa já

ultrapassada, e se estamos partindo do pressuposto de que, como Freud disse e expomos no primeiro capítulo, todo encontro é um reencontro, entendemos que “voltar atrás”, aceitar novamente esse marido, contempla o que Freud (1933/1996) nos disse: “Sabíamos, naturalmente, que houvera um estágio preliminar de vinculação com a mãe, mas não sabíamos que pudesse ser tão rico e tão duradouro, e pudesse deixar atrás de si tantas oportunidades para fixações e disposições”. As brigas e humilhações entre o casal continuaram: “*hoje ele é muito ruim pra mim, muito egoísta... ele me humilha, diz ‘eu tenho nojo de olhar pra sua cara, tenho raiva de você, tenho vergonha de sair com você’*”.

Sobre a vida sexual do casal, Rosa conta: “*ele me procura, eu falo assim, você quer? Você usa, só que você não me peça nada em troca porque eu não tenho mais sentimento nenhum*” repete a mesma ideia em outro momento ao falar de quando o marido a procura: “*você quer? Então você usa*”. Reclama que marido a trata como prostituta, chamando-a de biscate e vagabunda durante o ato sexual. Mas, afinal, o que caracteriza uma prostituta não é justamente oferecer seu corpo para o prazer do outro, sem, necessariamente, envolver seus sentimentos em tal comportamento? Rosa parece que se identifica com o adjetivo que o marido lhe dá. Rosa detalha sua reação a essa situação com ira, mas o ato sexual continua, mesmo com ela chorando. Mesmo com as queixas, comenta: “*eu não consigo sair de casa, não sei por quê. Porque mesmo com tudo que ta acontecendo, eu continuo reformando a minha casa...*”. Relata que tem pena do marido, “*porque ele foi uma pessoa que aos treze anos ele perdeu o pai e a mãe, acho que aos dez ele perdeu a mãe e treze ele perdeu o pai... ele ficou sozinho... Ele trabalhou na roça também como eu... A história dele é mais ou menos parecida com a minha*”. Ao se assemelhar com o marido no abandono, no ficar sozinho sem pai e mãe, a entrevistada permanece ao seu lado, em um vínculo de dependência emocional, pois seu companheiro reflete sua história e esse traço de desamparo os une.

3.2.4 A mãe que tive e a mãe que sou

Vimos um pouco sobre a relação de Rosa com sua mãe biológica e adotiva. Sobre a primeira, comenta que “*ela nunca teve sentimento de mãe por mim, nunca*”. Tenta diferenciar-se desta mãe quando diz que ela mexe com macumbaria e, por isso, “*é uma pessoa muito estranha*” (mãe-bruxa, como vimos no segundo capítulo) e afirma: “*ela não tem nada a ver comigo, eu não tenho nada a ver com ela...*”, ainda que todos os irmãos biológicos apontem algumas semelhanças entre elas. Sobre a mãe adotiva, diz “*eu acho que fui amada*”,

não tendo a certeza sobre o sentimento, afinal, como ela diz: “*se seu pai e sua mãe não quis você, por que que os outros ia te amar?*”. Além disso, sua mãe adotiva era uma “*mãezona*”, mas quando sua irmã adotiva se casou, a mãe passou a deixá-la com o pai e irmão para passar algumas semanas na casa da filha.

Freud nos disse que, quando uma mulher se torna mãe, ela reedita o vínculo que teve com sua própria mãe. Em outras palavras, a maternidade trás as insígnias da mãe a qual se atualiza como eco na relação com o filho ou filha. Retomemos alguns atos falhos que a entrevistada teve: “*é muito dolorido, mesmo eu não gostando dela, não tendo amor de mãe... de filha por ela (...)*” e “*ela (mãe biológica) mora em (cidade) e ela também não me tem como filha...*”. Mesmo que inconscientemente, Rosa demonstra a dificuldade em ser mãe, especificamente, mãe de menina. Lembremos que ela tentou abortar sua primeira filha e, quando ela nasceu, pagava para que uma mulher pudesse cuidá-la. A segunda filha, aquela que a entrevistada disse por várias vezes ser a primeira, sofreu uma tentativa de aborto quando Rosa tomou veneno para inseto. Isso parece confirmar a hipótese que levantamos no item “a marca da rejeição materna”, quando aparece a seguinte frase: “*a única filha que se parece com você (mãe biológica) é ela (Rosa), acho que é porque você não gosta dela*”, que, por inversão de ordem, significa que a entrevistada se assemelha à mãe biológica pela característica do “não gostar”, neste caso, não gostar das filhas. Esse “não gostar” não indica negligência materna, mas uma dificuldade em se relacionar com o sexo feminino. Reforça nossa hipótese a frase que a entrevistada comenta sobre a primeira filha, ao dizer que ela “*até hoje*” tem problema de rejeição “*também*”, rejeição materna, como desenvolvemos no item anterior.

Houve o momento que Rosa estava se relacionando com Tom, quando descobre que ele seria pai. Ela diz: “*Eu falei pra ele que se fosse de uma menina, eu deixava ele... eu tinha ciúmes...*”. No ciúme existe a presença de um terceiro, é ter ciúmes de alguém por causa de outra pessoa, logo, situação triangular. Rosa demonstra um elemento edípico, porque a situação do amante ter uma filha pode representar uma repetição daquilo que ela, Rosa, viveu em seu conflito edípico com os pais. Se fosse do sexo masculino, possivelmente o vínculo não teria interrompido, porém, com a confirmação de ser uma menina, Rosa tenta por um fim na relação. A relação com as enteadas também foi marcada por ambivalência, pois ao mesmo tempo em que a entrevistada queria cuidar, acusava-as quando algum objeto quebrava, como aconteceu com o microondas.

Aconselha a filha para não cometer os mesmos erros que ela, “*eu não tinha minha mãe pra me orientar. Eu nunca tive meu pai, minha mãe pra me botar dentro de casa quando eu tive meus filhos... a minha mãe não quis nem ver a cara da minha filha quando ela nasceu. Meu pai não foi diferente com meu filho*”. Parece que as mulheres tem dificuldade em aceitar as outras mulheres, da mesma forma que o pai tem dificuldade em aceitar o filho.

Quando o marido, em sua interpretação, maltratava suas filhas, por exemplo, trancando o portão e a porta da casa dificultando a entrada da filha quando ela chegava da igreja. Rosa permitia tal situação, pois não reivindicava os direitos da filha que, por fim, dormia em um cômodo fora da casa. O outro – nesse caso, o marido – ataca Rosa e sua filha, mas ela parece aceitar.

Na última entrevista, a entrevistada confessa: “*eu sinto um vazio, um vazio tão grande dentro de mim, que eu não consigo preencher esse vazio... é um sentimento, assim, que parece que você não consegue amar ninguém... tem dias, assim, que eu começo a imaginar, assim, que parece que nem pelos meus filhos eu sinto aquele amor de mãe pelos meus filhos... por causa desse vazio. E esse vazio é muito ruim, muito ruim esse vazio que eu sinto*”.

Questiono quando ela começou a sentir isso: “*desde sempre... por mais que uma pessoa goste de mim, eu acho que ela não gosta. Família, homem, qualquer pessoa...*”. Desde sempre nos remete a uma carência quase que original, isto é, uma carência experimentada desde quando foi doada e passou a questionar a razão para tal ato. O vazio, então, é por não ter se sentido amada e, por isso, não conseguindo amar. Rosa continua: “*eu não sei se você já se sentiu assim, sem sentimento, sem... Nem sentimento de raiva, nem de amor, nem de nada, é um vazio, um vazio (...) parece assim que você não tem coração, você não tem sentimento, nem de amor, nem ódio, nem de raiva, é um vazio. Parece que falta alguma coisa, é como se eu não tivesse um coração (...) e parece que cada ano que passa vai ficando pior, porque antes ainda parecia que eu podia amar alguém, que eu podia... agora não*”. Por fim, declara: “*e o pior de tudo isto é que parece que esse sentimento meu eu acabei passando pros meus filhos. Eles são frios também, comigo.*”

3.2.5 A psicodinâmica e o posicionamento sádico e masoquista

A forma como Rosa organiza o mundo é por uma concepção cindida das pessoas, isto é, alguns personagens são bons, outros são maus²³, evidenciando um mecanismo infantil arcaico. Vejamos alguns exemplos: Algumas mulheres foram muito boas para a entrevistada, como a amiga que a acolheu nas duas gravidezes, algumas patroas, médicos e o pastor. Por outro lado, outras figuras representam o mundo “mau”, como a mãe biológica, a sogra – que pode representar a mãe, aliás, sogra em inglês é *mother-in-law* que, em tradução literal, seria “mãe em lei” – e o marido. Este, no entanto, demonstra aspectos positivos, como quando a visitou no hospital: “*meu marido, com toda ignorância dele, ele ia lá todo dia me ver*” e quando apoiou a gravidez da filha da entrevistada: “*ele deu um apoio que você precisa ver. É uma coisa, assim, que não tem explicação*”. Ela não consegue integrar que a mesma pessoa é composta por ambas as qualidades: boa e má, amor e ódio. Ao interpretar alguns dados da realidade como persecutório, ela garante sua posição de vítima.

Vimos no capítulo um que Freud, desde o texto *Três ensaios* (1905/1996) aponta, especificamente no terceiro ensaio, que o indivíduo escolherá o objeto de amor baseado vivências e experiências edípicas, mas, como vimos no capítulo dois, pré-edípicas também. A importância da mãe já foi anunciada no referido ensaio, conforme o autor: “[...] a criança aprende a **amar** outras pessoas que a ajudam em seu desamparo e satisfazem suas necessidades, e o faz segundo o modelo de sua relação de lactente com a ama e dando continuidade a ele” (p. 210, grifo do autor). Em 1915, no texto *Pulsões e destinos*, Freud (2004) afirma que o objeto da pulsão, a qual busca satisfação, não é qualquer um, mas tem características peculiares demarcadas pela história infantil. Isto é, o inconsciente é seletivo na escolha do parceiro amoroso.

Sabemos que o marido de Rosa carrega traços semelhantes aos de seu pai adotivo, como, por exemplo, ambos terem o hábito de ingerir bebidas alcoólicas. Todavia, seu companheiro também manifesta características parecidas com a da mãe de Rosa, notadas como quando ela se refere à mãe adotiva como “*pobrezinha*” e usa o mesmo adjetivo para descrever quando conheceu o atual marido. Além disso, vimos que a entrevistada diz que quem deveria amá-la – pais biológicos – não a amou, então, por que outras pessoas a amaria? Repete uma frase muito semelhante ao falar do marido: “*o seu marido que tinha que te amar, que tinha que gostar de você, ficar tratando como se você fosse vagabunda*”, ou seja, o marido que deveria amá-la, não demonstra. Diante disso, percebemos que Rosa está mais

²³ Melanie Klein desenvolveu essa ideia a qual denominou “clivagem do objeto”.

fixada em um período pré-edípico que edípico. Em *Sexualidade feminina*, Freud (1931/1996) comenta que há muitas mulheres as quais se fixam na ligação original à mãe e nunca atingem a mudança de objeto para o sexo masculino. Repetiremos a citação escrita no mesmo texto, já que caracteriza o vínculo da entrevistada com seu esposo:

O marido de tal mulher destinava-se a ser o herdeiro de seu relacionamento com o pai, mas, na realidade, tornou-se o herdeiro do relacionamento dela com a mãe. [...] o relacionamento dela com a mãe foi o original, tendo a ligação com o pai sido construída sobre ele [...] (p. 239).

O relacionamento de Rosa com sua mãe foi marcado por constantes rejeições, sentidas por ela até os dias de hoje. Em suas palavras: “*é muita coisa que eu guardo na minha memória, eu não sei por que, mas é muita coisa que ficou armazenado do meu passado*”. Os traços desse vínculo estão inscritos em seu inconsciente que a faz repetir vivências nas quais ela se sente desvalorizada e desqualificada, como se ela estivesse tentando (com)provar a si mesma que, se sua mãe não a quis, é porque ela não é boa e, talvez, merecesse ser abandonada. Rosa faz o movimento em que quer ser amada, corroborando com o que Freud (1933/1996) revela ao dizer que a mulher tem mais necessidade em sentir-se amada que em amar, porém, por não ter tido essa experiência original – ser amada pela mãe – acaba fazendo escolhas que repetem esse vínculo primordial.

O mecanismo encontrado para se sentir amada – ainda que tal desejo nunca seja satisfeito – é provocar dó nas pessoas, ou seja, só se sente amada (e isso não é uma garantia) quando o outro se apieda dela. Foi o que ocorreu com as figuras denominadas “boas” (amiga, patroa, pastor, etc). Porém, ao receber o “bom” do outro, como a casa cedida pelo pastor e a igreja, se destrói em suas mãos, já que ela não se apropriou da casa, mantendo o vínculo agressivo que tinha/tem com o marido. Provavelmente, inconscientemente, não se julgue merecedora do que é bom, exatamente por ela não ser boa em sua concepção. Quando fala sobre os bens materiais, ela diz: “*nada que é deles estraga, agora o que é meu estraga*”. A afirmação pode representar que o que é dela estraga porque é ela quem provoca isso.

Por isso, pune-se ao adotar um posicionamento sádico e masoquista. Tanto com o atual marido, como com o ex, Rosa diz que apanhava sem saber o porquê. Por vezes, parece que a entrevistada procurava ser fustigada, como quando provoca o marido, mandando-o lavar a roupa. Recentemente, diz que ele a humilha com palavras duras, falando que tem nojo, raiva e vergonha de sair com Rosa. Também fica evidente quando ele a trata como vagabunda na cama, fazendo-a chorar, mas continua com a relação sexual e a entrevistada nada faz para

impedir, ao contrário, oferece seu corpo quando o marido solicita, caracterizando o masoquismo feminino atrelado a um jogo de repulsa e prazer.

Ela narra: *“parece que ele [marido] sente prazer em humilhar as pessoas”* e, talvez, ela goste de ser humilhada. Ao comentar sobre os atos dele, comenta: *“parece que faz pra te ferir mesmo”* e continua: *“isso vai te derrubando, vai te jogando pra baixo, você vai se sentindo um lixo, você vai se sentindo uma das piores pessoas”*. Porém, algo acontece que ela não consegue sair ou mudar essa relação.

Para garantir uma posição de vítima, Rosa procura ser subjugada, como, por exemplo, apesar de todo conflito com sua sogra, procura uma casa para alugar próxima à dela e, quando descobre que ela foi a responsável por atear fogo em sua casa, chega a agradecê-la, já que isso proporcionou a aquisição de outra casa. Mas, ela não poderia ter realizado esse desejo sem ser humilhada? Como define Freud (1924/1996): *“(...) o verdadeiro masoquista sempre oferece a face onde quer que tenha oportunidade de receber um golpe”* (p.185). Rosa precisa do outro para feri-la, ainda que lute contra esse movimento: *“eu vou aprender, se Deus quiser, Deus vai me dar força pra eu conseguir não me humilhar mais pra ninguém, não me rebaixar mais pra ninguém”*.

Lembremos que Freud nos disse ao longo de sua obra que todo sádico é um masoquista (e vice-versa). Sendo assim, a entrevistada também apresenta seu lado sádico, como quando se sente a responsável pela mudança de vida do marido e diz que fez *“de cachorro, gente”*, quer dizer, transformou um animal em uma pessoa *“civilizada”*. Considera-se a autora do sucesso dele, diz que ela conseguiu ajudá-lo a comprar a casa, quando, na verdade, parece que houve uma ajuda mútua (ele vendeu o carro para comprar uma casa maior para Rosa). Quando ele, em um ato de desespero, humilha-se e pede para que ela volte para a casa, a entrevistada fala: *“eu não quero mais você, eu sei que você gosta de mim ainda, eu sei que você me ama”*, evidenciando a necessidade de se sentir amada. O comportamento sádico, como assinalado por Freud (1915/2004), ocorre porque há identificação com o objeto sofredor, evidenciado por Rosa quando vê sua história refletida, até certa parte, na história de seu marido.

Rosa permanece na eterna demanda de se sentir amada e valorizada. Tenta encontrar o amor o qual acredita não ter recebido de sua mãe e tal posição a mantém em extremo sofrimento, pois o amor do outro nunca será o amor que ela procura, ou, de modo específico, o amor do outro nunca será o suficiente ou o adequado. Por isso, diz que não consegue amar o

outro, quem quer que seja, bem como não consegue amar a si mesma. Supomos que ela não consegue afastar-se do marido porque, ao se imaginar sozinha (medo anunciado por ela), teria que se deparar com o desamparo.

Sua dinâmica é impor no âmbito relacional uma fantasia inconsciente que a qualifica como vítima infeliz, buscando e encontrando no destino a comprovação para si e para o mundo que ela não pode ser feliz, pois acredita não ser merecedora de satisfações na vida. Para garantir uma cota de infelicidade, permite ser humilhada (palavra repetida diversas vezes ao longo do seu discurso) e ofendida por pessoas. Sua fantasia de fustigação, adaptando o texto *Batem numa criança*, é ser golpeada pelas palavras para, assim, satisfazer seus desejos inconscientes destrutivos os quais se sustentam em uma culpa existencial, como se ela não merecesse viver, afinal, logo ao nascer – e quem garante que isso já não ocorre antes mesmo do parto – foi rejeitada, supondo-lhe a ideia de que não deve ser boa, por isso não foi e não deve ser amada. Ao nascer, parece-nos que Rosa foi banhada por um silêncio, não de fala, mas um silêncio de investimento libidinal. Mesmo quando ela foi adotada, em sua realidade psíquica, a mãe adotiva oscilava entre alguém que exerceu a maternagem, afinal, adotou-a, e alguém “descompromissada” com a filha adotiva, já que dava “preferência” à filha biológica quando ia visitá-la em outro estado.

Houve resíduos das primeiras relações amorosas, especificamente com a mãe, os quais foram sentidos como insuficientes. Parece que Rosa introjetou valores que a designam como desqualificada e sua busca pelo amor, ao repetir os vínculos sadomasoquistas, expressam que são baseados aos valores que ela julga ter e ser, como as vezes que se considera vagabunda e prostituta. Por pensar ser incompetente perante a vida, teme fracassar como mãe, por isso, acredita que só conseguirá exercer tal função se tiver com alguém ao seu lado. Não cabe patologizar a entrevistada, mas evidencia-se a dependência dela a alguém, geralmente um homem, buscando a resposta se é possível ter valor. A dependência é tamanha que, como ela afirma, só é possível sair de um relacionamento se já estiver envolvida com outra pessoa. Estar sozinha é ser vista pelos outros, segundo sua leitura de mundo, com descrédito.

Para permanecer viva, o arranjo que Rosa encontrou foi pela via do sofrimento. Sua lógica, construída baseada no pretérito que não se afasta do presente, pode ser: quanto mais eu soffro, mais posso ser amada, logo, existo. Nesse caso, há uma aliança clara entre Eros – ser amada – e Tânatos – sofrer.

3.3 Divergências e convergências

Apresentamos duas histórias tão diferentes e singulares, mas com traços que se encontram, como os posicionamentos sádicos e masoquistas. Em ambas as histórias, há algo dos respectivos parceiros que são atraídos às camadas mais arcaicas do psiquismo das entrevistadas. Os objetos por elas escolhidos portam traços os quais se interligam com as memórias e resíduos inconscientes fundamentados nas vivências primitivas que se inscreveram como marcas inextinguíveis. Iniciamos o terceiro capítulo com a citação de Freud (1907/1996) que afirma não ter arbitrariedade na vida mental, ou seja, nossas escolhas seguem um percurso pré-estabelecido por nossas experiências e nada é por acaso, por isso que ambas elegem caminhos que reforçam e/ou confirmam o que elas sentem. Rosa e Angelina se aproximam, também, na necessidade do olhar do outro, de sentirem-se amadas para que consigam construir e assegurar uma imagem de mulher, ainda que tal atividade por vezes seja frustrada. O apelo ao amor, contudo, é endereçado à pessoa errada. Rosa solicita, em última análise, o amor que não teve da mãe. Angelina busca o amor do pai, amor incestuoso.

A realidade material das entrevistadas é muito diferente. Angelina tem a seu favor uma mãe e um pai que objetivamente lhe dão suporte, ainda que ela reclame da mãe, dizendo que não a apóia, ela reconhece que tal postura ocorre baseada no amor, pois afirma que se ela tivesse uma filha vivendo as situações que ela passa, também não concordaria com algumas de suas escolhas. Ao contrário, Rosa sofre por não sentir o amor, o acolhimento e o apoio da mãe biológica, situação que, às vezes, estende-se para os pais adotivos.

Angelina ama e espera como resposta ser amada. Rosa precisa ser amada para, então, conseguir amar, dado que ela não ama a si, conseqüentemente, não consegue amar o outro. Ambas não conseguem se separar dos companheiros porque se sentem dependentes deles e tal situação aponta para o fato de que o vínculo remonta o período no qual elas dependiam do objeto para sobreviver – a mãe ou quem a representasse –, ainda que sentissem ódio a esse objeto. O ódio de Rosa, porém, parece ser retido em si mesma, ocasionando o “vazio”, a dificuldade em amar e as posições mais acentuadas de masoquismo quando comparada à Angelina.

Rosa permanece no vínculo arcaico com o representante da mãe. Acredita que suportar o sofrimento pode lhe trazer um olhar amoroso tanto do marido, dos filhos, como de quem a ouve, como a entrevistadora e, possivelmente, a estagiária de psicologia. Tem dificuldade em lidar com as mulheres, pois não recebeu insígnias que a fizesse reconhecer o que é ser mulher,

dessa forma, atormenta-lhe a ideia em ter filhas mulheres. A maternidade de Angelina também foi conturbada, uma vez que ela colocou, inconscientemente, o amor de um homem – seu marido representante do pai – acima do “ser mãe”, pois corria o risco de repetir a história dos seus pais, mas dessa vez era ela quem seguiria a sina da mãe e sua filha quem cumpriria seu papel de outrora.

Os sofrimentos em ambos os casos geram acúmulo de tensão, no entanto, elas não “descarregam” tal estímulo, ao contrário, garantem certo acúmulo que possibilita o masoquismo erógeno, que desemboca no masoquismo feminino e no masoquismo moral. Tanto no caso de Rosa, quanto no caso de Angelina é possível notar esses dois últimos. Em Rosa, observamos traços do masoquismo moral o qual se manifesta com intensidade pelo masoquismo feminino. Rosa, por exemplo, escolhe o caminho da prostituição em determinado momento da vida, colocando-se à mercê do outro, ou seja, busca estar em um papel passivo. Angelina também possui traços do masoquismo feminino e masoquismo moral por sentir-se culpada por um possível incesto vivido em sua fantasia e que pode ter sido responsável pela separação dos pais. Todavia, evidencia-se nela a prevalência da posição sádica.

A culpa caracteriza as duas entrevistadas como masoquistas do tipo moral, fato que lhes fazem buscar um castigo para tentar elaborar suas respectivas culpas, culpas que parecem ser desconhecidas a elas mesmas. No entanto, tal sentimento culposo é muito distinto nos dois casos. Rosa passou pelo complexo de Édipo, como foi possível notar em sua fala ao narrar algumas situações, como o plano de fuga em “três”, mas, a culpa de Rosa se concentra na fase pré-edípica, já que as marcas do primeiro período de relacionamento, como vimos, foram intensas, caracterizando sua culpa como intrínseca e existencial. É como se ela pensasse: quem deveria ter me amado, não me amou, então, não sou eu que vou me amar. A culpa de Angelina centraliza-se na fase edípica, pois permaneceu vinculada ao pai e fez suas escolhas segundo esse tipo de homem. Porém, pela plasticidade pulsional, seu marido também é herdeiro da mãe, mostrando-nos que as fases pré-edípicas e edípicas não foram totalmente superadas.

O caso de Rosa é mais arcaico, pois a fase pré-edípica é mais decisiva e ela teve que lidar com o abandono em um momento no qual o Eu não tinha o aparato psíquico que lhe desse recurso suficiente para metabolizar tal experiência, conferindo-lhe um sentimento de orfandade. Seu masoquismo, então, parece ser a repressão da agressividade sentida pela mãe que a abandonou, fato que a faz contabilizar humilhações por acreditar não ter qualidades.

Angelina, por sua vez, deslocou o ódio para o pai que também lhe deixou e para a mãe que não o “segurou”.

Sem que possamos afirmar que Rosa seja melancólica, os mecanismos utilizados por ela remetem a traços melancólicos. Como Freud (1917/1996) afirma que “Na melancolia, as ocasiões que dão margem à doença vão, em sua maior parte, além do caso nítido de uma perda por morte, incluindo as situações de desconsideração, desprezo ou desapontamento [...]” (p. 256). E mais a frente o mesmo autor continua:

A autotortura na melancolia, sem dúvida agradável, significa [...] uma satisfação das tendências do sadismo e do ódio relacionadas a um objeto, que retornaram ao próprio eu do indivíduo [...]. Via de regra [...] os pacientes ainda conseguem, pelo caminho indireto da autopunição, vingar-se do objeto original [...] (p. 257).

Pontuamos que o sadismo e o masoquismo, o amor e o ódio se articulam em um vínculo que pode ter vários (re)arranjos possíveis, vivendo um tempo distorcido, isto é, as experiências são retroativas, haja vista que os objetos atuais – os companheiros – são reatualizações dos objetos originais – os pais –. Ambas as protagonistas dessa pesquisa, Rosa e Angelina, são vítimas e carrascas de si mesmas, buscam no sofrimento a tentativa de inscrever algo que, até então, não fora elaborado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre o tema sadomasoquismo permitiu-nos entender, a partir das leituras expostas e dos dois casos entrevistados, um pouco mais sobre a psicodinâmica das duas mulheres analisadas que compõem o objeto de estudo desse trabalho. Sublinhamos que as compreensões foram singulares, pois remetem às histórias de vida de cada uma das colaboradoras. Ao iniciarmos esse percurso investigativo, confesso que imaginava outro desfecho, pois, com base no conhecimento dos assuntos referentes à clínica, suspeitava que a trilha da dissertação se delineasse pelos caminhos do complexo de Édipo. Não há dúvida da importância de tal conflito edípico na organização psíquica, conseqüentemente, sua influência na escolha objetal amorosa. Não obstante, a surpresa encontrada nos textos freudianos foi o destaque à relação pré-edípica, ou seja, o momento de vinculação com a figura materna. Assim, o complexo de Édipo contemplaria características desse período antecessor à relação da menina com o pai. Como Freud (1931/1996) aponta:

[...] observamos que muitas mulheres que escolheram o marido conforme o modelo do pai, ou o colocaram em lugar do pai, não obstante repetem para ele, em sua vida conjugal, seus maus relacionamentos com as mães. O marido de tal mulher destinava-se a ser o herdeiro de seu relacionamento com o pai, mas, na realidade, tornou-se o herdeiro do relacionamento dela com a mãe. [...] o relacionamento dela com a mãe foi o original, tendo a ligação com o pai sido construída sobre ele [...] (p. 239).

Freud, durante muito tempo, atribui à relação da menina com o pai o fator responsável pelo desenvolvimento da feminilidade dela. Entretanto, ao final de sua obra, notadamente nos textos *Sexualidade feminina* (1931/1996) e a conferência 33 *Feminilidade* (1933/1996), conclui que a conquista da feminilidade deriva muito mais do desdobramento da vinculação da filha com a mãe ou quem a represente, marcando seu futuro como mulher. Observamos, nos casos entrevistados, que foi esse vínculo o responsável pelos desenlaces que Angelina e Rosa puderam construir.

Incursão que as mulheres entrevistadas fizeram para a posição sadomasoquista foi a saída possível que elas encontraram diante de um conflito psíquico. Quer dizer, se Angelina e Rosa são “fieis” aos objetos que as fazem sofrer, demonstrando dificuldade em desvincular-se dos companheiros, e, ademais, contabilizam situações humilhantes, principalmente no caso de Rosa, circunstâncias que as colocam, em maior ou menor grau, em lugares de vítimas, é

porque ambas nutrem sentimentos inconscientes de culpa. Sendo assim, nesses casos, o sadomasoquismo é uma psicodinâmica do afeto.

A culpa de Rosa remete a algo existencial, uma culpa por existir, já que não teve o investimento libidinal de sua mãe biológica e, ainda que o tenha recebido de sua mãe adotiva, carrega a marca da rejeição e abandono inicial. Em sua posição sadomasoquista, aproxima-se das vivências primordiais, re-sentindo o medo de perder o amor do objeto. Em última análise, Rosa não tolera a situação do “estar só” por associá-la, mesmo que inconscientemente, ao abandono. Ela remonta, por meio de situações atuais, o desamparo precoce que vivenciou com a mãe. Essa situação se repete, por exemplo, com os filhos, pois, para que continuasse trabalhando, deixou-os aos cuidados de outra pessoa, repetindo ativamente algo que experimentou passivamente.

Angelina, por sua vez, evidencia a culpa edípica, ou seja, pode ser que se responsabilize pela separação dos pais, haja vista ter ocupado o lugar da mãe por um longo tempo, ao ponto de fazer a genitora “sumir” ou “desaparecer”, garantindo uma relação incestuosa com o pai. Só depois do afastamento deste é que ela volta a enxergar sua mãe, conforme relatou. Angelina, então, parece querer saldar uma dívida com sua mãe, ao demonstrar a oscilação entre dois pontos: o primeiro é amar o marido, mas, como ele representa o pai, portanto, adjetivando a relação como incestuosa, sucumbi ao sentimento de culpa inconsciente. O segundo é o momento em que ela orchestra situações que afastam o marido de si, como quando confessa gostar do fato dele estar preso.

Em comum, notamos que a culpa, em ambos os casos, dizem respeito a situações pretéritas e atrelam-se a punições as quais podemos notar nas conjunturas que as colocam em um posicionamento masoquista moral e feminino. Frisamos que, devido às particularidades da história de vida de cada entrevistada, Rosa inclina-se mais ao masoquismo feminino, devido à culpa existencial, por revelar o predomínio de aspectos passivos, como a escolha pela prostituição e a forma como se relaciona com o marido na dimensão sexual, por exemplo. Sua psicodinâmica é destacada como mais arcaica, utilizando mecanismos psíquicos que dividem o mundo em “bom” e “mau”. Tenta se diferenciar da mãe biológica, mesmo com todos os irmãos apontando as semelhanças físicas entre elas. Luta para destoar da mãe em aspectos relacionais, mas repete os mesmos caminhos dela – “abandonou” os primeiros filhos aos cuidados de outra pessoa e se sente prostituta com o marido e com os policiais. Todo esforço

parece sucumbir quando percebe que, a modo de uma herança, repete algumas escolhas da mãe biológica.

Em Angelina prepondera o masoquismo moral, devido à ênfase no conflito edípico. Ela tem dificuldade em renunciar ao pai, por isso escolhe alguém com características semelhantes a ele. Angelina tem uma postura mais fálica, busca a completude, como explicitado na posição na qual a filha ocupava nessa família. Logo, há mais resistência em assumir uma posição passiva por ter que aceitar a castração. Alertamos que, como a pulsão tem como peculiaridade a plasticidade, a mesma pessoa a qual dispõe de traços masoquistas, também reúne traços sádicos, como Freud sustenta ao longo de sua obra, e como apresentamos nos capítulos anteriores. Angelina tem como característica marcante o sadismo que prepondera em seus comportamentos, quer dizer, ela direciona o ódio aos objetos do mundo externo.

A compulsão à repetição, explícitas nas escolhas das colaboradoras, está a serviço da pulsão de morte e demonstra uma tentativa de inscrever algo no campo psíquico que não foi elaborado, talvez, a culpa que sentem. Contudo, a pulsão de morte não é emancipada e, ao seu lado, acompanha a pulsão de vida. Esta pulsão também é evidente em alguns momentos relatados, aliás, relembramos que as duas colaboradoras foram procurar tratamento psicológico na clínica-escola, fato que denuncia um desejo de romperem com a compulsão à repetição. A demanda pela psicoterapia nos mostra o incômodo sentido por elas ao procurarem experiências que as relembrem o sentimento em questão: a culpa acompanhada da punição. Outrossim, o nível de intensidade que qualifica o sofrimento confere um estatuto de ser vivente, ou seja, ainda que o sofrimento seja relacionado à pulsão de morte, ele é condição de vida, ao menos dos neuróticos, e carrega a sensação de estarmos vivos – pulsão de vida.

O percurso dessa pesquisa nos possibilitou chegar ao conhecimento de que Angelina e Rosa possuem uma carência narcísica, querem se sentir amadas e, para isso, submetem-se ao outro, sacrificando, por vezes, a si mesmas. Nessa perspectiva, o sadomasoquismo pode ser entendido como uma defesa necessária nas suas relações, já que elas acreditam ser essa a única forma de garantirem o amor do objeto, ou, a maneira de se resguardarem ante ao medo de se sentirem sós, sensação intolerável para ambas diante da exigência narcísica a qual vivem.

Apreendemos que o poderio materno se apresenta desde o início da vida do indivíduo, acarretando-lhe repercussões decisivas em sua estruturação psíquica. Tamanha é a sua

importância, que tais efeitos podem prolongar-se em profundas marcas no inconsciente. A mãe é uma figura cheia de contradições nas interpretações infantis, ora é sedutora, estimulando as áreas genitais do infante durante o ato da higiene, ora é símbolo do amor “incondicional”. Ela pode ser fonte das primeiras angústias, representando as primeiras e mais intensas ameaças de desamor. Pode ser a geratriz, mas também a destruidora e vingativa. Pode ser deusa ou demônio. Cabe à criança ter recursos psíquicos – provenientes dessa relação ambivalente com a mãe – para conseguir lidar com as diversas faces de uma mãe e, a partir disso, desde que o vínculo tenha sido investido, predominantemente, pelo amor, a menina conseguirá construir um caminho rumo à feminilidade possível. Ao contrário, se interpretar e/ou vivenciar situações extremas de rejeição e abandono, (com)viverá com as insígnias dessa relação que se apresentará como um fantasma e que se manifesta pelo modo de se relacionar com o outro.

REFERÊNCIAS

Benhaïm, M. (2007). *Amor e ódio: a ambivalência da mãe*. (I. B. Machado, trad.). Rio de Janeiro: Cia de Freud.

Bettelheim, B. (2007). *A psicanálise dos contos de fadas*. (A. Caetano, trad. 21ª Ed.). São Paulo: Paz e Terra.

Birman, J. (2009). *As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico*. (Para ler Freud). Rio de Janeiro: Civilização brasileira.

Borges, Contador. (2008). Prefácio. In: Sade, M. de. *Os infortúnios da virtude*. São Paulo: Iluminuras.

Boscov, I. (2012) Entrevista com E.L. James, autora do livro mais vendido no mundo no momento: “Experimentar coisas diferentes [no sexo] com o parceiro pode ser um bocado divertido”. Veja, São Paulo. Recuperado em 03 de novembro, 2013 de <<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/dica-de-leitura/entrevista-com-e-l-james-autora-do-livro-mais-vendido-no-mundo-no-momento-experimentar-coisas-diferentes-no-sexo-com-o-parceiro-pode-ser-um-bocado-divertido/>>

Bosman, J. (2012). 10 Million Shades of Green: Erotic trilogy dominates Book Sales. *The New York Times*. Retrieved november 22, 2013, from <http://artsbeat.blogs.nytimes.com/2012/05/22/10-million-shades-of-green-erotic-trilogy-dominates-book-sales/?_r=1>

Brandão, C. R. (1999). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense.

Corso, D. L., Corso, M. (2006). *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed.

Ferraz, F. C. (2008). Introdução. In: Sacher-Masoch. *A Vênus das peles*. (S. Krieger, trad. pp. 09-19). São Paulo: Hedra.

Figueiredo, L. C., Minerbo, M. (2006). Pesquisa em Psicanálise: algumas idéias e um exemplo. In: *Jornal de Psicanálise, Instituto de Psicanálise*. (Vol. 39, nº 70, pp. 257-278, junho, 2006). São Paulo.

Figueiredo, L. C. (1999). *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo: Escuta.

Freud, S., Breuer, J. (1996). Estudos sobre a histeria. In: *Edição Standart Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 02, pp. 13-278). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1893).

Freud, S. (1996). Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 01, pp. 341-455). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950[1895]).

Freud, S. (1996). A interpretação dos sonhos. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 05, pp. 537-642). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).

Freud, S. (1996). Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 06). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1901).

Freud, S. (1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standart Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 07, pp. 117-231). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).

Freud, S. (1996). Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen. In: *Edição Standart Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 09, pp. 15-88). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1907 [1906]).

Freud, S. (2013). Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O homem dos ratos”). In: *Obras completas*. (P. C. de Souza, trad., vol. 09, pp.13-112). São Paulo: Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1909).

Freud, S. (2004). Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. In: *Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (L. A. Hanns, trad., vol. 01, pp. 63-81). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911).

Freud, S. (2010). Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia (*dementia paranoides*) relatado em autobiografia (“O caso Schreber”). In: *Obras completas*. (P. C. de Souza, trad., vol. 10, pp. 13-107). São Paulo: Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1911).

Freud, S. (2010). O uso da interpretação dos sonhos na psicanálise. In: *Obras completas*. (P. C. de Souza, trad., vol. 10, pp. 122-132). São Paulo: Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1911).

Freud, S. (2010). Recomendações ao médico que pratica a psicanálise. In: *Obras completas*. (P. C. de Souza, trad., vol. 10, pp. 147-162). São Paulo: Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1912).

Freud, S. (2012). Totem e tabu. In: *Obras completas*. (P. C. de Souza, trad., vol. 11, pp. 13-244). São Paulo: Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1913 [1912]).

Freud, S. (1996). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 14, pp. 77-108). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).

Freud, S. (2004). Pulsões e destinos da pulsão. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (L. A. Hanns, trad., vol. 01, pp. 133-173). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).

Freud, S. (1996). Luto e melancolia. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 14, pp. 245-266). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917 [1915]).

Freud, S. (1996). As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 17, pp. 133-141). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917).

Freud, S. (2013). O tabu da virgindade. In: *Obras completas*. (P. C. de Souza, trad., vol. 09, pp.365-387). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917).

Freud, S. (2010). Batem numa criança: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais. In: *Obras completas*. (P. C. de Souza, trad., vol. 14, pp. 293-327). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919).

Freud, S. (2006). Além do princípio de prazer. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (L. A. Hanns, trad., vol. 02, pp. 123-198). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).

Freud, S. (1996). Dois verbetes de enciclopédia. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 18, pp. 245-268). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923[1922]).

Freud, S. (1996). A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade). In: *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 19, pp. 157-163). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923b).

Freud, S. (1996). O problema econômico do masoquismo. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 19, pp. 177-190). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924).

Freud, S. (1996). Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 19, pp. 275-291). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925).

Freud, S. (1996). O futuro de uma ilusão. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 21, pp.15-63). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho Original publicado em 1927).

Freud, S. (2011). *O mal-estar na cultura*. (R. Zwick, trad., 2ª Ed.). Porto Alegre: L&PM. (Trabalho original publicado em 1930 [1929]).

Freud, S. (1996). Sexualidade feminina. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 21, pp. 231-251). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1931).

Freud, S. (1996). Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise – conferência XXXIII “Feminilidade”. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 22, pp.113-134). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933 [1932]).

Freud, S. (1996). Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise – conferência XXXII “Ansiedade e vida instintual”. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 22, pp.85-112). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933 [1932]).

Freud, S. (1996). Construções em análise. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 23, pp. 275-287). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937).

Freud, S. (1996). Esboço de psicanálise. In: *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, trad., vol. 23, pp. 153-221). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1940 [1938]).

G1. (2015). 'Cinquenta tons de cinza' atrai 500 mil na estreia no Brasil, diz distribuidora. Recuperado em 14 de fevereiro, 2015, de <http://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2015/02/cinquenta-tons-de-cinza-atrai-500-mil-na-estrela-no-brasil-diz-distribuidora.html>

Garcia-Roza, L. A. (2014). *Freud e o inconsciente*. (25ª reimpressão da 2ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1984).

Gay, P. (2012). *Freud: uma vida para o nosso tempo*. (D. Bottmann, trad., 2ª Ed.). São Paulo: Companhia das Letras.

Gay, P. (1995). *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: o cultivo do ódio*. (vol. 03). São Paulo: Companhia das letras.

Hanns, L. A. (1996). *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.

Honda, H. (2011). O conceito freudiano de pulsão (*Trieb*) e algumas de suas implicações epistemológicas. (vol. 23 – n. 2, pp. 405-422, Maio/Ago.). *Fractal: Revista de psicologia*.

James, E. L. (2012). *Cinquenta tons de cinza*. Rio de Janeiro: Intrínseca.

Laplanche, J., Pontalis, J. (2001). *Vocabulário da psicanálise*. (P. Tamen, trad, 4ª Ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Levinzon, G. K. (2004). *Adoção*. (Coleção clínica psicanalítica, 2ª Ed.). São Paulo: casa do psicólogo.

Masoch, S. (2008). *A Vênus das peles*. (S. Krieger, trad.). São Paulo: Hedra.

Mijolla, A. de. (2005). *Dicionário Internacional da psicanálise*. (A. Cabral, trad.). Rio de Janeiro: Imago.

Monzani, L. R. (1989). *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da UNICAMP.

Peixoto, F. (1979). *Sade: vida e obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Roudinesco, E., Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. (V. Ribeiro, L. Magalhães, Trads.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Sade, M. de. (2008). *Os infortúnios da virtude*. (S. Krieger, trad.). São Paulo: Iluminuras.

Safra, G. (1993). O uso de material clínico na pesquisa psicanalítica. In: *Investigação e psicanálise*. (M. E. L. da, Silva, coord, pp. 119-132). São Paulo: Papirus.

Silva, M. E. L. da. (1993). Pensar em psicanálise. In: *Investigação e psicanálise*. (M. E. L. da, Silva, coord., pp. 11-25). São Paulo: Papirus.

Welldon, E. (2005). *Sadomasoquismo*. (P. Dantas, trad. Conceitos da psicanálise, vol. 3). Rio de Janeiro: Ediouro.

ANEXOS

Anexo A – Modelo do termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada “A psicodinâmica sadomasoquista da mulher a partir de suas relações afetivas: uma leitura freudiana, que faz parte do curso de pós-graduação em Psicologia – nível mestrado - e é orientada pela professora doutora Regina P. C. Abeche da Universidade Estadual de Maringá. O objetivo da pesquisa é examinar a dinâmica sadomasoquista na mulher, a partir de suas relações afetivas, bem como sua história de vida, tendo como referencial teórico as formulações freudianas sobre esse conceito. Para isto a sua participação é muito importante, e ela se daria da seguinte forma: marcaríamos algumas entrevistas, de acordo com a sua disponibilidade de tempo, e você me contaria sua história.

Informamos que poderão ocorrer alguns desconfortos, já que o assunto pode mobilizá-la emocionalmente, devido a dificuldade em lidar com questões referentes ao que for narrado. Caso isso ocorra, você poderá interromper a entrevista no momento que quiser. Caso isso ocorra e você ache necessário, e na condição de psicóloga, comprometo-me a disponibilizar meus serviços. Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Caso aceite o convite de participar desta pesquisa, você pode autorizar ou não a gravação das entrevistas. As gravações servirão apenas para que as transcrições dos encontros sejam fiéis e, logo após, serão deletadas do aparelho. Os benefícios esperados são: contribuir com profissionais que e instituições que atendam essa população com atuações sadomasoquistas, já que possibilitará a escuta do indivíduo afetado pelo sofrimento como vítima, mas também cúmplice de si mesmo. Além disso, as entrevistas tendem a oferecer a possibilidade de falar sobre tal sofrimento,

ou seja, ter um lugar para ser ouvida e se ouvir em suas ideias, fantasias e fatos, possibilitando a ressignificação de algum conflito.

Caso você tenha mais dúvidas ou necessite maiores esclarecimentos, pode nos contatar no endereço abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta deste documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

Além da assinatura nos campos específicos pelo pesquisador e por você, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pelo pesquisador e por você) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu,.....(nome e por extenso do sujeito de pesquisa) declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa coordenada pela Professora Regina. P. C. Abeche.

_____ Data:.....

Assinatura ou impressão datiloscópica

Eu,.....(nome do pesquisador ou do membro da equipe que aplicou o TCLE), declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra-nominado.

_____ Data:.....

Assinatura do pesquisador

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Nome: Vivian Rafaella Prestes

Endereço: AV. São Paulo, 1061. Sala 1124. Edifício Trade Center. Maringá-Paraná.

(44) 9978 7900/ psicologa.vivian@hotmail.com

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM, no endereço abaixo:

COPEP/UEM

Universidade Estadual de Maringá.

Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM.

Bloco da Biblioteca Central (BCE) da UEM.

CEP 87020-900. Maringá-Pr. Tel: (44) 3261-4444

E-mail: copep@uem.br

Anexo B – Parecer consubstanciado do comitê de ética e pesquisa (CEP)



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MARINGÁ



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A psicodinâmica sadomasoquista da mulher a partir de suas relações afetivas: uma leitura freudiana

Pesquisador: Regina P. C. Abeche

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 36507114.3.0000.0104

Instituição Proponente: CCH - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 883.485

Data da Relatoria: 16/11/2014

Apresentação do Projeto:

Trata-se de projeto de pesquisa proposto por pesquisador vinculado à Universidade Estadual de Maringá.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar o sadomasoquismo na relação homem-mulher a partir das formulações freudianas sobre esse conceito.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Avalia-se que os possíveis riscos a que estarão submetidos os sujeitos da pesquisa serão suportados pelos benefícios apontados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa em psicanálise com o método psicanalítico, fundamentado essencialmente na interpretação dos dados. O estudo contempla entrevistas abertas, cuja finalidade será de compreender a dinâmica psíquica de mulheres que vivenciam um tipo de vínculo "difícil" com seus companheiros. As entrevistadas serão pacientes da Unidade de Psicologia Aplicada (UPA) da Universidade Estadual de Maringá, haja vista que a responsável pela pesquisa é supervisora na referida instituição. Após as entrevistas serão analisados os discursos para a investigação e compreensão do fenômeno sadomasoquista na relação homem-mulher.

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG

Bairro: Jardim Universitário

CEP: 87.020-900

UF: PR

Município: MARINGÁ

Telefone: (44)3011-4444

Fax: (44)3011-4518

E-mail: cocep@uem.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MARINGÁ



Continuação do Parecer: 883.485

Primeiramente será realizada uma pesquisa sobre o conceito de sadismo e masoquismo na obra de Freud para verificar o significado e o desenvolvimento destes conceitos. Logo depois a pesquisadora entrará em contato com os supervisores da clínica de psicologia da Unidade de Psicologia Aplicada (UEM) para que eles possam identificar nos casos que supervisionam alguma mulher que tenha frequentes conflitos no relacionamento conjugal. Os estagiários de cada paciente fará o intermédio de informá-las sobre a pesquisa e, caso tenham interesse, será marcado um encontro para a pesquisadora explicar os detalhes e informar o termo de consentimento livre e esclarecido.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

No relato anterior foram solicitadas, como pendências, as seguintes correções: Pendência 1- Inserir no protocolo de pesquisa o roteiro da entrevista que será aplicada às entrevistadas. Pendência 2- Adequar o cronograma para que o projeto só inicie após a aprovação por este Comitê. Ambas as pendências foram atendidas.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá é de parecer favorável à aprovação do protocolo de pesquisa apresentado.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Face ao exposto e considerando a normativa ética vigente, este Comitê se manifesta pela aprovação do protocolo de pesquisa em tela.

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG

Bairro: Jardim Universitário

CEP: 87.020-900

UF: PR

Município: MARINGÁ

Telefone: (44)3011-4444

Fax: (44)3011-4518

E-mail: copep@uem.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
MARINGÁ



Continuação do Parecer: 883.485

MARINGÁ, 24 de Novembro de 2014

Assinado por:
Ricardo Cesar Gardiolo
(Coordenador)

Endereço: Av. Colombo, 5790, UEM-PPG

Bairro: Jardim Universitário

CEP: 87.020-900

UF: PR

Município: MARINGÁ

Telefone: (44)3011-4444

Fax: (44)3011-4518

E-mail: copep@uem.br

APÊNDICES

Apêndice A – Caso Angelina

ANGELINA, 32 anos

E: entrevistadora

A: entrevistada

E: gostaria que você me contasse sobre sua história...

A: minha história com o meu marido?

E: a história que você quiser me contar.

A: minha história ultimamente anda meio triste... Eu sou casada vai fazer... Fez 12 anos. Nesses 12 anos nós tivemos três filhas. Mas faz um ano e... Nós estamos em fevereiro, março... Faz um ano e quase cinco meses que eu perdi uma das minhas filhas. Era a mais velha... Então (chora)... é uma fase meio difícil. Eu estava até chorando com o... (estagiário de psicologia). Ela tinha crises convulsivas né, mas, é... o que que aconteceu foi que ela pegou uma infecção hospitalar... acreditamos que foi uma infecção hospitalar, porque ela teve uma febre muito alta e não teve controle e acabou...

E: quando foi isso?

A: foi no dia 10 de outubro de 2012. Então tá bem... doendo. Ela tinha 7 anos quando morreu... então eu era muito ligada com ela, e ela era muito ligada com o pai... comigo. Eu era 24 horas com ela né. E ela numa ligação muito forte com o pai. E tinha as outras duas que eu acabava deixando muito com a minha família, porque geralmente a gente ficava muito no hospital devida as crises, mas saía da crise ela era perfeita, tinha um QI perfeito, não tinha deficiência nenhuma, nenhuma. Nenhum problema cerebral, nem físico. Simplesmente as crises, mas... aconteceu. Então to numa fase meio debilitada ainda. Então tá bem... complicado. (silêncio). Então, nessas fases acontece que eu e meu marido a gente se afastou muito depois da morte dela. Foi assim... durante enquanto ela era viva a gente corria muito atrás de médico, tratamento, tudo o que falavam a gente corria atrás, a gente buscava, lutava nós dois pela vida dela. E, nisso eu acabava deixando muita coisa assim... eu ficava muito no hospital daí ele me cobrava muita coisa, eu cobrava muita coisa dele.

E: como assim?

A: atenção, carinho, as vezes até coisas pequenas, fazer um doce, fazer um bolo, uma coisa diferente. Então eu não tinha muito... não é nem ânimo... minha vida era 24 horas perto dela. Então minha preocupação era ela o tempo todo. Então eu deixei muito minha relação se esfriar muito e ele também sentiu muita falta. Então acabou a gente tendo problemas conjugal mesmo. Então... mas... porque nosso intuito era só ela aí de repente ela se foi, a gente perdeu completamente o caminho dali... porque saiu o chão, saiu tudo. Tanto pra mim quanto pra ele, porque a gente não soube reagir realmente a essa falta. Aí acabamos se separando e tentamos voltar novamente... ela morreu em novembro, eu e ele se separamos em dezembro depois tentamos voltar, aí ele... começou a se envolver com droga, aí complicou bastante. Aí hoje ele tá preso mas eu continuo tendo contato com ele... uma relação meio complicada. Mas tamo aí.

E: sua filha ficou muito tempo doente?

A: desde os 6 meses de idade. Mas nossa relação nos últimos meses ficou bem defasada, porque eu comecei a fazer o tratamento dela em Curitiba, então praticamente todo mês eu tinha que ir pra Curitiba com ela. Ele ficava... eu morava em (cidade) com ela e ele trabalhava lá. aí ele resolveu vir pra Maringá trabalhar aqui. Minha família é toda daqui e a família dele é toda de lá. aí o que acontece... eu fiquei lá com as minhas filhas, eu trabalhava na APAE de lá, e ele veio pra cá, começou a trabalhar aqui. E nisso ele se envolveu com droga... ele já tinha se envolvido antes, tinha parado, aí veio pra cá começou tudo de novo. Ele tinha parado aí começou de novo. Aí acontece então que a gente se via pouco, quando se via as vezes ele estava sob efeito de droga. Eu tentei apoiar, tentei ficar do lado, eu fui atrás de tratamento, fui atrás de psicólogo, fui atrás de psiquiatra, fui atrás de remédio, mas ele não queria tomar. Ele dizia que ia parar sozinho “não, eu consigo. Não, eu consigo”. Então... foi desgastando, porque eu tinha ela pra cuidar e tinha ele... e mais as pequenininhas ainda. Então, assim, foi um... foi meio pesado mesmo o último ano. Aí quando ela morreu eu já tinha decidido vir morar pra cá e ela fez 7 anos em outubro, eu ia vir pra cá em dezembro, eu tava cumprindo o aviso que eu tinha dado o aviso que eu ia sair, e ele não queria que eu tivesse cumprindo o aviso. Ele queria que eu tivesse aqui, vindo embora direto, pra gente viver tudo junto, sem cumprir aviso, sem nada. Daí falei “não, então calma, eu cumpro o aviso a gente vem e retoma nossa vida”. Foi quando ela morreu em novembro e eu ainda tava no aviso e eu decidi ficar lá mesmo assim e ele pra cá. Até terminar esse aviso. Questão de um mês né. Aí eu vim e ele tava nessa vida, falava que ia parar e não parava, ele não se entendia com a minha família... então...

E: não se entendiam?

A: não. Elas ainda não tinham conhecimento ainda da droga. Só eu, só eu. nem a mãe dele, nem ninguém. Só eu mesmo que sabia o que estava acontecendo.

E: como você ficou sabendo?

A: ele me falou. Ele nesse ponto assim... ele com... ele tinha apoio em mim sabe, ele contava comigo. E eu acreditava nele. Ele falava “não é a última vez eu vou parar”. Depois fazia de novo, fazia de novo. Eu falava “vamos procurar ajuda, você consegue”. Ficava do lado dele sempre. Maaas... não sei se é a droga ou se é ele... ignorância demais. Falava “não, você não tá do meu lado. Não, você não quer me ajudar”. Então ele começou a ficar nesses pensamento contrário. foi quando eu resolvi me separar. Porque daí ele achava que minha família toda era contra ele, sem saberem o que ele tava fazendo, ele achava que todo mundo era contra. Porque assim, o elo mais forte era minha filha... com relação a minha família, a ele, a tudo.

E: sua filha que fazia a ligação entre todos

A: fazia. Era uma coisa assim... que... todos faziam por ela... e ele perdeu a linha e o carretel e ninguém entende isso. Eu entendo. Eu não julgo, não condeno. Porque a situação que a gente tava vivendo não era fácil. Ou você encara ou você foge. Eu encarei, ele fugiu. Então... eu não julgo, não tenho sentimento... eu tenho pena porque ele escolheu o caminho errado. Eu acreditava nele.

E: acreditava, e hoje?

A: não consigo acreditar mais nele. Acreditar como eu acreditava, não. Tento, gostaria de acreditar. Mas confiança plena como eu tinha já não tenho mais.

E: você gostaria de acreditar em que?

A: em tudo que ele me falava, porque antes eu acreditava em tudo que ele me falava. Se ele me mostrasse uma pedra e me falasse “ó, essa pedra é uma borracha”, eu acreditava. Então hoje se ele me falar que uma borracha é uma borracha eu vou questionar ele até o fim... mas eu não questiono diretamente. No meu íntimo eu não confio.

E: você não consegue demonstrar isso a ele?

A: não. E ele confia muito em mim... hoje. Ele tá naquele lugar devido drogas, mas ele foi condenado sem provas. Ele tá lá sem provas nenhuma. Isso realmente... ninguém acredita porque hoje todo mundo sabe que ele tava fazendo o que ele tava fazendo. Mas eu tava num momento em que ele foi acusado do que ele foi feito e eu sei que ele não teve culpa. Ele foi realmente condenado sem provas. Então ele conta comigo. Porque quem teve... quem tentou ajudar, quem tentou tirar ele daquela situação foi só eu. mas, ele quer assim que eu confie do jeito que eu confiava, e hoje não é igual.

E: por que você acha que houve essa mudança?

A: hum... foi assim, muitas vezes ele falou “é a última”, quando chegava no outro dia ele fazia. “não é a última”, chegava no outro dia ele fazia. Era o fato assim, de eu falar assim “ó você pega esse dinheiro aqui e vai lá e compra mistura, compra leite” e eu sabia que ele não ia chegar com aquilo.

E: você sabia?

A: sabia. Eu acreditava que ele poderia lutar contra essa vontade. Eu sabia que ele não ia conseguir. Então hoje eu já não tenho coragem de testar ele mais. porque hoje eu sei que a vontade dele é maior na droga do que em qualquer outra coisa. Então foi uma decepção muito grande... muito grande. Porque eu dou minha vida pelas minhas filhas, e eu uma vez fiz isso já... dei quinze reais, quinze reais (ênfatisa com o tom de voz), e vai lá comprar uma mistura... pra testar... e esse dinheiro não chegou. E essa carne não chegou. Pra mim isso foi um basta. Porque esse dia foi pra mim uma decepção muito grande. Se ele falasse pra mim, ó me dá... se ele trouxesse a carne e falasse pra mim “agora voce me dá dez reais pra mim” eu dava, mas ele pensou nos filhos dele primeiro. Naquele dia ele não pensou. Então pra mim foi... muito terrível. Eu vo... uma vez ele trabalhava comigo e eu falei pra ele “olha, vai no serviço, trabalha e vem embora mais cedo”. Nesse dia eu fiquei com muita dó dele, muita! Porque ele não tava vendo o quanto a droga tava dominando ele. E nesse dia eu acredito que ele viu, porque ele saiu do serviço, passou na igreja... porque nós somos evangélicos, ele era braço direito do pastor, e ninguém sabia, só eu sabia o que tava acontecendo. Ele trabalhava numa comunidade terapêutica, ajudava os menino, os meninos amam ele de paixão, porque ele ajudava os menino na abstinência, ajudava em tudo. Nessa parte, da mesma droga. Ele cobrava dos meninos, ele cuidava dos meninos, “ó ce tá firme? Ó, ce tá forte? Ce tá preparado?”. Porque tinha época que eles liberava os menino pra sair né. Depois que tinha passado a fase pior. E ele conversava “ce tá forte? Ce ta firme? Ce ta preparado? Ce num sei o que?” e ele mesmo fazia. Então você imagina a minha cabeça. Então, hoje se você for lá e falar “ó, ele usou droga”, ninguém vai acreditar. De tanta firmeza que ele passava pros meninos. Mas chegava na minha casa e ele fazia.

E: você disse que ninguém acredita que ele usava droga. Como foi que acreditaram mesmo sem ter provas contra ele?

A: esse foi um caso... foi há uns três anos atrás... ele foi preso em fevereiro agora. Foi assim... hum... em 2010 ele foi preso com... droga. Realmente ele tava com droga, então naquele momento realmente aconteceu. Depois que ele cumpriu aquela vez, ele ficou 8 meses preso depois conseguiu liberdade... depois todo mundo sabia da situação dele, que ele já tinha sido preso a pouco tempo e tal. Aí chegou um rapaz lá e pediu a moto dele emprestada pra buscar remédio pra mulher. E cidade pequena você nunca nega nada, mesmo se conhece ou se não conhece, ninguém nega. Ele emprestou. E esse cara foi atrás de droga e foi preso e falou que as droga era dele. Porque ele tava com a moto dele e sabia que o antecedente dele já era de droga. Jogou a culpa nele. O juiz não tinha nada contra ele, só simplesmente a moto que era minha, nem era dele, tava no meu nome. Eu consegui recuperar a minha moto. E o juiz condenou ele como traficante. Sendo que não tinha ninguém, não tinha nenhuma denúncia contra ele. Ele trabalhava registrado, eu trabalhava e simplesmente pelo antecedente que ele teve no passado julgaram ele como traficante. E o carinha que acusou ele foi preso agora, tá preso, depois do meu marido, e os agente da delegacia tudo defende meu marido, porque vê que ele não tem má índole, ajuda em tudo sabe... tá lá... eles todos conhece... aí os agente perguntou pra ele porque ele jogou a culpa no outro. Ele disse “não fiz isso não”, “como você não fez? Tá aqui no seu depoimento”, “ah eu tinha que me sair daquela porque senão ia cair tudo nas minha costa”. Declarou hoje, mas hoje... ele já tá lá dentro agora pra tirar...

E: quando ele sai?

A: ele pegou oito anos, mas vai reduzir, vai dá quase quatro anos. Os advogado tá tentando recorrer, devido... pela falta de provas e ele cumprir esse mandato. Então é isso.

E: e como está a relação de vocês agora?

A: completamente perturbada (risos).

E: em que sentido?

A: porque lá... as visita das crianças é... uma vez no mês. A mãe dele mora lá e eu moro aqui. Ele tá preso em... (nome da cidade). Porque o mandado era de lá, prenderam aqui, mas levaram pra lá, foi a coisa mais horrível do mundo. Então... eu vejo ele uma vez por mês... com as criança. Sempre fui só com as criança. Ele é um ciúme possessivo, controlador. Já era inseguro, agora lá então... tudo, tudo eu to fazendo coisa errada, que eu to com outro, que eu to com isso, que eu to com aquilo... então é...

E: ele sempre foi ciumento?

A: sempre. Sempre desconfiado. Sempre. Sempre achou que eu tivesse outra pessoa. Depois que minha filha morreu né.

E: antes não?

A: antes não. É porque enquanto eu cuidava da minha filha eu não tinha tempo pra ele nem pra ninguém, aí depois que ela morreu o que aconteceu... nós nos separamos. Eu fiquei perto da minha família. Minha família quer o que? Que eu me livre dele pela questão da droga e porque ele era muito ciumento, tinha ciúme delas, tinha ciúmes da minha família, não me deixava a vontade...

E: então ele era ciumento antes da sua filha falecer?

A: já era. Aí quando nós nos separamos e eu perdi ela, o que aconteceu... eu nunca consegui ficar parada... então eu tinha necessidade de ficar perto... de alguém... então se tinha uma

festinha eu tava, eu levava minhas filhas. Minhas filhas entraram numa situação complicada porque a do meio era muito próxima da outra, então senti muita falta, hoje ela faz psicóloga também. Então por mim e por ela eu tentava arrumar sempre alguma coisa pra fazer. Eu trabalhava bastante, eu chegava no final de semana e tentava arrumar alguma coisa pra fazer. Então era uma festinha final de ano, uma coisa ou outra... sempre perto de alguém porque eu sempre passeava de um canto pro outro... e isso para ele era o que? Era que eu tava com alguém, que minha família tava tentando arrumar alguém pra mim...

E: e tava?

A: tava (risos). Elas faziam... Elas iam querer que eu voltasse? Não iam. Se eu tivesse uma filha na situação que eu vivo, também faria a mesma coisa. Então, mas ele não pensa assim. Ele não pensa que ele fez algo que pode fazer as pessoas não querer que as outras fiquem tão próximas né.

E: você disse que se tivesse uma filha na mesma situação... (ela me interrompe)

A: eu não ia querer que levasse essa vida que levo. Eu entendo a situação da minha família.

E: então você acha que a situação que você vive não é... (ela me interrompe)

A: não. Não.

E: e por que você acha que continua assim?

A: não sei. Eu tenho uma ligação muito forte com ele, eu não consigo abandonar ele. Não sei identificar o sentimento que tenho... tenho um carinho muito grande, eu entendo a situação dele, eu entendo a dor dele, porque se não for igual, pode ser pior que a minha. Porque eu fiquei do lado dela até o último minuto e ele não. E ele tinha uma verdadeira paixão por ela... grandiosa... que isso eu não posso questionar nunca (chora). De eu tá em Curitiba e ele ter um dia de folga e ele dava um jeito aqui, ali, e aparecia lá só pra ver ela. E na última hora ele não tava do lado. Ela morreu pedindo ele (chora). Então... se fosse eu no lugar dele (chora)... Não sei se eu ia me recuperar. Eu sofro por ela ter morrido? Eu sofro. Mas eu tive todos os momentos do lado dela e ele não. Então eu procuro... na batalha do tratamento dela eu tava todo momento... As vezes ele podia, as vezes não. Então... e era uma situação que quando um pai e uma mãe não tem o controle da situação, ou você encara ou você foge... e ele fugiu. Então eu não julgo, não condeno, não tenho raiva dele ter entrado nisso aí... porque eu acho que se eu tivesse tido a oportunidade de fugir, eu acho que teria tentado fugir. É que eu não tinha escolha, eu tinha que lutar por ela. E ele não teve... a mesma. Porque era assim, consulta, exame, consulta, exame, viagem, remédio, vai... que eu tinha o controle, ele não. Então eu acho que ele deve ter se sentido incapaz. Do mesmo jeito que hoje eu sinto... no dia da morte dela eu senti que fui incapaz. Mas eu tava ali, ele não. Então... eu falar pra você que é amor o que sinto por ele, eu não sei dizer... falar pra você que eu não amo, também não sei dizer. É o que o... (estagiário de psicologia) está tentando me ajudar, mas é complicada a situação (risos).

E: essa dificuldade de identificar se é ou não é amor, você acha que já existia isso antes?

A: já. Já havia dúvida... (respira fundo). Porque nós tivemos muita dificuldade... em demonstrar sentimento um... um pelo outro. Desde o início.

E: como foi a história de vocês?

A: eu conheci ele eu tinha quinze anos. Nós namoramos... quatro ou cinco meses e ele foi embora. E eu fiquei apaaaaixonada por ele, morrendo por causa dele (risos). Aí, quando eu completei dezessete pra dezoito anos nós nos reencontramos. Ficamos quase dois anos sem nos ver. Então a gente se encontrou. Nesses dois anos ele teve outra namorada que ele... ele morou um tempo com essa namorada, daí não deu certo, daí foi quando eu entrei na vida dele novamente. Então havia uma insegurança da minha parte dele ainda gostar da menina... então eu não tinha aquela segurança do sentimento dele, nunca tive. Sempre duvidei. Aí casamos, depois de cinco anos, eu casei com vinte anos. Casamos, aí eu... aí eu já tinha engordado um pouco, aí ele falava que eu tava gorda, que eu não ficava bem nas roupa, então... sabe... morávamos com a minha sogra, eu não tinha aquela liberdade, moramos dois anos com a minha sogra. E vendo ele obedecer a mãe e não contar comigo... então, foram muitos fatores que... deixaram nossa relação meio. Aí veio a minha menina. quando minha menina nasceu foi a melhor fase que tivemos. A gente ria, a gente brincava, a gente se dava... aí logo depois minha filha começou a ter problemas e meio que parou... a gente se uniu muito pela cura dela, a gente buscava muito... mas começou a ficar cada vez mais complicado o tratamento, o remédio, e tal, e tal... foi afastando. Aí, a segunda filha... eu engravidei fazia dois meses que a primeira tava tendo crise, então eu entrei em pânico, porque eu não sabia lidar com a situação da minha filha ainda.

E: então ela não foi planejada.

A: nenhuma. Nenhuma das três foi. Nem a primeira. Então, aí eu fiquei apavorada. Eu com um barrigão desse (junta as mãos simbolizando a barriga) eu ia pra hospital com a minha filha convulsionando... as mulher não sabia se atendia eu, se atendia ela, eu ainda não sabia lidar com a situação das crise, eu não tinha segurança. Aí quando eu tive segurança que ela não ia morrer por causa do problema, ela morreu. Porque os médicos falavam que a crise nuuunca ia levar ela. E eu acreditava plenamente. Então essa é a minha questão, que eu nunca acreditei que isso pudesse acontecer com a minha filha. Eu podia imaginar de passar qualquer apuro, menos a morte. Então... tanto que o dia que ela morreu foi erro médico. Porque ela teve a convulsão, ela teve a febre, eles deram anticonvulsivo, deram dipirona, aí trocou de hospital e quando chegou eles deram outro dipirona... e nem adulto pode com duas dipirona, não é uma criança que ia aguentar né. E eu vi e não consegui reagir na hora. Não... sabe, assim, parece que deu um branco na hora. Eu ouvi o médico dizer “prepara uma dipirona”, mas na hora da...da...da... assim, eu não consegui reagir, eu não sei o que aconteceu comigo, porque eu sempre briguei, sempre lutei, eu brigava no hospital, fazia de tudo... eu sabia lidar com ela melhor que médico na hora da crise, mas naquela hora deu... sabe, assim... e eu não falei que ela já tinha tomado dipirona. Só que tava no papel de transferência. Mas eu não falei... só que eu brigava né, se eu não brigasse podia até falar... mas eu sempre briguei, sempre, eu entrava na frente de qualquer um que tivesse fazendo coisa errada com ela, porque eu sabia como era o procedimento, sabia como é que tinha que fazer... e naquele dia eu não briguei (chora). Então eu me decepcionei muito com médico, com remédio, com Deus, com religião, com tudo. O que falavam pra mim... com Deus não, porque Deus sabe o que faz... mas de religião, de igreja, de falar assim “ó, tá curada”. Eu levei ela pra São Paulo pra igreja, levei pra Curitiba pra médico, fiz negócio de argila, negócio de tudo quanto é jeito que me falavam... eu fiz tudo.

E: você comentou que era muito insegura no início do seu relacionamento. E ele?

A: também. Quando a gente namorava... nossa... mas não sei, pode ser eu que nunca passei segurança pra ele.

E: como assim?

A: não sei, porque eu acho que uma pessoa ciumenta é uma pessoa que também não sente segurança no sentimento da outra. Porque eu sempre tive ciúmes porque eu nunca tive segurança mesmo, eu realmente assumo, eu nunca senti que ele gostava realmente de... então eu acredito que da parte dele também seja assim, dele não ter segurança do meu sentimento.

E: por que você não tinha segurança?

A: hum... não consigo explicar. Porque... hum... acho assim, quando você gosta realmente você conta com a pessoa, você ouve a pessoa. Ele não fazia isso. Simplesmente era o que ele achava que era e pronto e acabou.

E: você tem alguma lembrança disso?

A: quando a gente trabalhava junto, porque eu trabalho com construção... a gente tinha acabado de voltar, então construção tem o que? Muitos homens. Eu, funcionária, perto dele sempre quietinha, não podia nem te... nem falar um bom dia. E eu não fazia, eu não fazia, porque eu sabia que ele não ia gostar. Mas acontece o que? Tinha o que? Eu tinha que perguntar as coisas pro mestre de obra, o mestre de obra ia me explicar e eu tinha que fazer o que? Ficar olhando pra pessoa. Um dia ele falou assim pra mim “ah, por que você olha assim pras pessoas?” falei “como assim? eu to prestando atenção no que ele tá me explicando pra mim não erra”. “Ah, não sei se você faz por querer ou se você faz na inocência, mas as pessoas vão achar que você tá dando lado”. Então eu não sei se a... se eu... se eu realmente tava inocente mesmo na minha atitude, ou se era ele que era realmente extremamente ciumento. Hoje ele saiu da obra e eu tenho amizade com todos, converso, brinco e sou respeitada. Eu só vou deixar de ser respeitada no dia que eu quiser. Até hoje...

E: então perto dele você era de um jeito e longe dele de outro?

A: sempre. (risos). Aí o que acontece? Quando a gente vivia junto “ó, você vai colocar uma roupa decente assim, assim, assim...”. porque a gente sempre foi evangélico né, saia cumprida, blusa... tá. Eu fazia. Aí quando a gente briga, por exemplo, eu fui esses dias lá na delegacia, eu fui de calça jeans, do jeito que eu gosto, nem por isso vou deixar de ter Deus no meu coração. E ele falava isso pra mim. Aí eu fui lá de calça jeans, tênis, blusa, aí ele... depois a gente conversando, porque lá ele tem celular sabe

E: ah, então vocês (me interrompe)

A: é, a todo momento. Então... por telefone a gente se fala, pessoalmente é complicado. Hoje eu não consigo aceitar os carinhos dele naturalmente... perto das minhas filhas. Ele tenta quando eu vou lá, mas eu sempre to com algum problema pra resolver com ele então eu já não consigo. Porque lá dentro, ele tando lá dentro o que que acontece... tem uma menina da igreja que fica ligando pra ele dando lado pra ele. Quer dizer, se ele tá lá e tá dando ouvido pra uma aqui de fora, é porque já tavam de conversa.

E: você desconfia dele?

A: muito, não confio nunca. eu confiava muito com relação a mulher, eu achava assim que ele poderia usar droga, fazer coisas, mas com relação a sentimento de gostar de alguém eu sempre tive a segurança que ele iria... nunca iria me trocar por causa de outra.

E: mesmo desconfiando do sentimento dele por você?

A: isso. Ele sempre iria me manter como esposa. Aí começou com essa conversa com essa menina, aí eu falei “se você é capaz de fazer isso aí de dentro, o que que não foi capaz de

fazer enquanto tava fora? O que que não é capaz de fazer?”. Esse foi o único momento que desconfiei com relação a mulher. Porque eu sempre confiei, com relação a mulher eu nunca desconfiei, eu nunca tive uma insegurança dele arrumar outra mulher pra viver com ele, não. Não sei se teve alguma coisa devido a droga, sei lá por onde andava. Mas com relação a viver... eu tinha uma seguran... eu falei isso pra ele, “eu achei assim que sempre a gente podia passar por qualquer coisa, mas você me trocar por outra eu nunca imaginei”. Então, ficou... então a gente bate muito nessa tecla hoje, devido a essa menina. porque eu confiava nele, ele trabalhava na igreja, trabalhava com o carro, então levava essa menina direto embora e eu não sabia.

E: você descobriu como?

A: ele me contou agora. (silêncio). Ah, eu tava falando quando fui visitar ele de calça... eu tava brigada com ele, nem tava conversando com ele, daí deixei as crianças brincá, brincaram, nunca impedi minhas filhas de ver, a gente tando junto ou não, sempre batalhei pra ele ser presente na vida delas. Porque já basta a falta da outra filha, mas a falta de um pai... eu tive meu pai separado, sofri muito, então eu busco muito isso pra elas. Pra elas não tê essa falta. E foi lá e tudo... daí brincou com as crianças, eu não fiquei... não conversei, mas também não desfiz. Fiquei lá, tudo. Depois que eu sai ele começou a brigar “ah porque você tá bem, você não sei o que”. Eu falei “to bem, claro, to batalhando, não vou desistir de viver porque você tá aí”. “é, mas você tá mais bonita, mais arrumada”. Quer dizer, ele gosta do meu verdadeiro eu. mas quando ele tá comigo ele quer que eu obedeça ele. É onde eu não entendo ele. E daí ele quer comandar e mudar tudo o que eu sou... as vezes ele me liga e pergunta “você tá de shorts curto? Tá isso? Tá aquilo?” eu falo “não”. (risos). Mas assim, eu percebo que ele gosta do meu verdadeiro eu, mas quando a gente tá junto ele me esconde. Ele me faz eu... me fechar. Eu não sei o porque disso.

E: por que ele quer te esconder?

A: aí quando a gente tava junto ele falava assim “ah, coloca uma roupa decente pra ir na igreja, pra ir na rua, tal”. A gente chegava em casa e ele “ah, veste um shortinho, vai”. Queria só pra ele. Uma insegurança de que... parece que se as pessoas me olharem e me acharem bonita vai rancar um pedaço. Ou vai tá me possuindo. Então... (risos). Essa (risos) é perturbada... quando a gente ta junto ele acaba mandando o jeito que eu tenho que ser. Completamente. Se eu conversasse com alguém e desse risada, algum homem... mesmo eu gostando de ser quem eu sou, eu tinha que ficar quieta.

E: o que te leva a obedecer?

A: eu tentava fazer de tudo pra não brigar sabe, tentava fazer de tudo pra ele gostar de mim. Sabe, assim... pra mim ter valor pra ele, digamos. Então eu tentava tudo. É que nem eu falo, pra mim isso aí é o de menos, eu tendo um companheiro, eu tendo com quem contar, pra mim roupa, o jeito... não me custava mudar. Eu faria isso pra viver numa boa. Pra sentir uma vida...

E: você comentou que seus pais foram separados...

A: meu pai e minha mãe separou na fase que eu conheci ele, quando eu tinha quinze anos. Meu pai saiu de casa no dia doze de junho e eu comecei a namorar ele no dia dezenove. E foi muito difícil pra mim. Daí, já te falei, namoramos por uns cinco meses, ele foi embora, não me deu mais notícias, depois de uns dois anos que a gente foi se reencontrar. E eu ficava que nem doida procurando saber onde era a cidade que ele tava, tentando achar ele... ele namorava outra (risos). Bom, mas foi muito difícil porque eu era muito ligada com meu pai. Eu tinha

quinze anos, mas... do mesmo jeito que eu fazia com ele eu fazia com o meu pai, eu obedecia tuudo. Com quinze anos eu nunca tinha pensado em namorar, nunca tinha pensado em sair sozinha, porque eu sabia que meu pai não gostava. Então eu fazia tudo que meu pai gostava, eu saía com meu pai em tudo que é lugar. Era eu e meu irmão. Nós somos em quatro, três meninas e um menino. Eu sou a caçula das meninas, e meu irmão ele é adotivo. Então... são seis meses de diferença eu e ele. Eu tenho trinta e dois, ele tem trinta e um, mas daqui a pouco ele faz trinta e dois e fica os dois com trinta e dois. Então era eu, meu pai e meu irmão. Pra andar de bicicleta, pra ir no mercado, pra ir num bar, pra ir em qualquer lugar, era sempre junto. E eu mais que meu irmão. Então era uma ligação muito forte que eu tinha com ele. E essa... sempre foi assim. do meu pai. Não me lembro nem da minha mãe. minha mãe parece que eu só fui ver minha mãe depois que meu pai foi embora. Era sempre meu pai... no mercado, meu pai na loja, meu pai em qualquer lugar. Meu pai era militar e eu me lembro quando ele fez a “operação praia”, que eles iam... foi trabalhar na praia, ficava uns três meses, e eu ficava doente em casa, com febre, passando mal, pela falta do meu pai. Então era uma ligação muito... era o que eu sinto que minha filha tinha com o meu marido. Uma ligação muuuito forte. Então quando o pai saiu de casa, eu me prendi nele. Logo depois eu encontrei ele. E meu pai nunca voltou pra procurar a gente, pra querer ver a gente. Desde que ele saiu de casa, a primeira vez que eu fui ver ele depois de muitos meses... eu acho, fui eu que procurei ele. Então foi como se fosse uma perda mesmo, porque nunca mais eu tive aquele pai.

E: por que eles se separaram?

A: porque meu pai ta... (risos) tava com outra mulher. Ele saiu de casa e foi viver com essa mulher. Eu lembro que nós demos apoio pra minha mãe, a minha irmã mais velha seguiu ele e descobriu. Ele sempre traía a minha mãe.

E: você sabia?

A: nós não, eu e meu irmão ficamos sabendo de todas as histórias depois que ele saiu de casa. Ele nunca levou nós perto de mulher alguma. Sempre... longe da família. E minha irmã deu de cima, deu de cima, daí descobriu, minha mãe descobriu, ela contou pra minha mãe. minha sofreu muito, sofria muito, e minha mãe não sabia o que fazer, era só briga, briga, briga nos últimos tempos, até que sentou eu, minhas irmãs com a minha mãe. quer dizer, eu me lembro da conversa, mas não sentei e falei... (risos). Mas, a minha irmã falou “mãe, a senhora tem que separar, não tem mais condições, a gente vai te ajudar” e nós seguramos as pontas. A falta que ele fazia pra nós a gente tentava não passar pra ela.

E: você concordou com o que sua irmã mais velha disse?

A: a gente concordou porque era muita briga já nos últimos tempos.

E: por que eles brigavam?

A: devido a... ele não podia sair, pra qualquer coisa era pra ver mulher, com certeza. As brigas era mais por ciúmes, então pra gente não ver mais aquilo...

E: e como eram essas brigas?

A: meu pai nunca bateu na minha mãe, graças a Deus. Uma vez ele deu um tapa nela assim, mas porque ele foi bater na minha irmã e acertou nela. Mas já foi também no final da situação. Porque ele era uma pessoa assim... minha irmã mais velha já tinha se casado, mas ele não aceitava minha outra irmã namorar, nem eu. então ele era possessivo. E todo mundo sabia que minha irmã namorava um menino lá, e ele não aceitava de jeito nenhum esse menino, dizia que ele era malandro, era vagabundo, que tal, que tal, que tal... e nesse dia meu pai pegou minha irmã conversando com o cara na rua de casa. E chegou nervoso, batendo na minha irmã, que era vagabunda e não sei o que, não sei o que... e foi bater na minha irmã e acertou na minha mãe. e minha mãe não aceitou dele bater na minha irmã. Assim, ele nem xingar não xingava, era vagabunda no máximo... meu pai sempre foi muito rígido mesmo, mesmo com a safadeza dele... ele era muito grosso, mandava minha mãe ficar quieta... ele não acreditava que minha mãe ia largar dele, porque minha mãe não sabia comprar um arroz no mercado, que era tudo ele que fazia. Então ele tinha aquela segurança que ela nunca fosse largar dele. Tanto é que até hoje ele não tem raiva da minha mãe, ele tem raiva das minhas irmãs que... que ele fala que foram minhas irmãs que fizeram minha mãe largar dele. E não ele (risos). Então... é... daí... olha, eu lembro de uma vez minha mãe brigando com ele correndo atrás dele com um cabo de vassoura em volta da mesa. (risos). Ele não reagia. Aí até que minha mãe fez a bolsa dele, arrumou as coisas dele e falou “ó, toma o seu rumo”. Ele foi achando que ela ia pedir pra voltar. E ela nunca pediu. Nunca. daí ele foi pra casa de um amigo dele, duas casas pra cima da minha casa. Ficou lá uns dois meses, no final desse tempo a mulher começou a ir lá pra ver ele, a gente ficou sabendo. E de lá ele foi pra casa de uma irmã dele aqui em Maringá e logo ele foi morar com essa mulher. Foi questão de uns três, quatro meses e ele já foi morar com ela. E estão juntos até hoje. Tem dois filhos com ela... acho que quando ele morou lá no vizinho eu vi ele uma ou duas vezes, depois ele veio pra casa da minha tia, porque eu ia lá ver. Depois ele foi pra casa da mulher e eu cheguei a ir lá pra ver ele dentro da casa dela. Então... ele mesmo veio na minha casa da pra contar as vezes que ele passou em frente pra deixar a gente ou pra pegar, mas depois de muuuito tempo. Nós perdemos bastante daquela ligação tão forte, de repente foi... rompida. Foi quando eu conheci ele, comecei a namorar com ele e logo depois ele foi embora também (risos). Esses homens só dão trabalho... é o que eu falo pro... (estagiário de psicologia) homem pra mim não mais (risos). Ele fica bravo, eu falo “homem nenhum presta”, ele fala “não generaliza”, eu falo “generalizo sim” (risos). Então é bem complicado... eu só tenho filha mulher, se eu tivesse homem eu não sei nem como que eu ia criar. Só meu irmão que... meu irmão separou da mulher e mora com a minha mãe, e eu moro no fundo da casa da minha mãe. eu me dou muito bem com ele, sempre fomos unidos e continuamos unidos.

E: você comentou que começou a ver sua mãe depois da separação, como que era a relação de vocês?

A: com a minha mãe? não... não era (risos)... não lembro... “Angelina, vai tomar banho. Angelina, acorda. Angelina, faz assim”. poucas coisas eu me lembro. Minha relação era com meu pai. Meu pai sentava no sofá e eu sentava nas pernas. Até o último momento. Ele acabava de comer era café e água na mão, palito de dente... se fazia um pinhão era ele que

abria pra mim. Fazia alguma coisa diferente era com ele. Ele tinha muito passarinho de criação, então ele ia tratar e tava eu atrás ajudando... era os cachorros, era eu e ele também. Pra ir no sítio era eu, ele e meu irmão... sempre. Daí só comecei a enxerga minha mãe depois que ele foi embora.

E: e aí como foi?

A: então... a gente, eu dei muito apoio pra ela. Só que assim, eu dei muito trabalho também (risos). Depois que ele saiu de casa, não tinha quem mandasse, então eu comecei a dar trabalho...

E: em que sentido?

A: então com quinze anos, a minha mãe já era mais liberal que ele. “posso ir, mãe?”, “pode”. “Tem horário?”, “ó, não chega muito tarde”. Primeira vez foi duas horas da manhã, e não podia nem sair antes. Depois no carnaval seis horas da manhã a coitadinha esperando lá no meio fio da rua. Então eu dei um pouquinho de trabalho pra ela (risos). Eu fui a única também, porque minhas irmãs não tiveram nada disso. Porque meu pai... era ir na missa, a missa acabava oito e meia, nove e meia tinha que tá em casa e se passasse ele ia atrás. não fez isso comigo porque eu obedecia sempre. Ele não chegou a ser igual meu marido... ser ciumento comigo, porque eu não dava motivo pro meu pai.

E: e pro seu marido você acha que dá?

A: eu acho que não. Hum... eu acho que não né, mas eu não sei o que se passa na cabeça dele. Eu sou uma pessoa assim... o que acontece... eu sou fácil pra fazer amizade. Eu cativo a amizade. E ele... ele também, da parte dele, sem eu. sabe? No emprego que ele tava ele fazia amigos, ele tinha relação, aí ele tinha medo de... colocar eu pra participar daquilo. A mesma coisa eu. eu entendo ele porque eu... sabe é como se fosse eu no meu canto e ele no dele. Como se um não conseguia participar da vida do outro. Eu sem ter desconfiança de alguma coisa. Porque, quando a gente morava lá, participava da igreja, eu tinha ciúmes? Eu tinha. Mas por exemplo, ele ia pra igreja sozinho e eu ficava cuidando de alguma coisa, mas pra ele (ênfatisou com a voz). Aí ele me cobrava “ah, mas você não me acompanha”. Sendo que eu fiquei cuidando de alguma coisa que era pra ele, alguma coisa que se eu não ficasse, ele teria que ficar pra fazer.

E: como o que?

A: é que a gente tinha padaria lá na outra cidade. Então, geralmente, o serviço era vinte e quatro horas. Então ou um vai, ou um fica. Se os dois fossem ia acumular tudo. E hoje ele me cobra isso. Eu me sentia como se eu tivesse fazendo algo pra ele, ficando. Mas hoje ele me cobra que eu teria que ter ido acompanhar ele. Ele falava “vamo?”, eu falava “mas como que vai fica as coisas aqui?”, mas era pra ajudar ele. Então ele achava que eu tava ficando pra não participar da vida dele. E eu não via dessa maneira. Eu achava que eu tava ajudando ficando e ele indo.

E: você tinha vontade de ir?

A: tiiinha. De acompanhar? Sempre. Sempre gostei, mas era muito serviço, era muita coisa. Então eu achava que tava ajudando ele, ficando. As vezes que eu ia “ah, vamos na casa de fulano lá fazer oração e assistir um filme”. Mas a gente morria de sono. Porque ele acordava muito cedo e ia ter que chegar em casa e fazer pão ainda. Então tinha certas coisas que eu não tinha vontade de fazer. Ficar assistindo filme na casa dos outros sendo que depois ia dar sono, ia atrasar tudo, ia perder hora de sono, mas mesmo assim uma vez eu fui. Cheguei lá, começo a assistir, dorme. Aí chega em casa tem que fazer pão morrendo de sono. As responsabilidades ia ficando tudo atrasada. E eu sempre fui muito responsável com as minhas coisas. Então eu sempre... sempre até hoje eu faço primeiro as minhas responsabilidades pra depoooois fazer qualquer outra coisa. E ele achava “não, vamo fazer isso aqui depois a gente faz as outras coisas”. Daí as vezes ele ia assistir filme e eu ficava em casa esperando ele, esperava ele, acordava, tudo... daí ele chegava, mas pra mim tava normal. Eu não tinha... malícia dele tá participando e não tinha malícia de eu ter ficado, porque pra mim eu tava ajudando ele. E hoje ele cobra de mim como se eu não tivesse participado, como se eu não quisesse ficar do lado dele naquelas horas. Então foi uns desencontros meio bobo, mas que fez a diferença. E... eu me lembro uma vez que a gente participava da igreja e ele era líder de jovem, então ele brincava com os jovem, ele conversava, ele tem muita facilidade pra lidar com as pessoas, até que eu falo pra você que os meninos lá confiam muito nele, ele passa segurança, ele sabe conversar, ele ajuda muito as pessoas. Então ele participava lá e tinha uma menina que eu percebia que tava iludida com ele, porque ele era líder de jovem, ele aconselhava, brincava e isso e aquilo, e eu fui falar pra ele, falei “olha, você não conversa sozinho com ela, porque a sua intenção é uma, mas a dela pode tá gerando outra na cabeça dela”. E se um dia ela chegar e falar assim “ó, o... (nome do marido) falou assim, assim, assim...”, quem é que vai provar o contrário? E ele achou que eu tava com ciúme, que eu tava contra o trabalho dele. “ah, que você não me ajuda, que você não me apoia, que você fica só com esses negócio de ciúme”. Eu falei “não é assim, eu to percebendo o jeito dela”. Eu falei numa boa, não foi no ciúme. Até que um dia ele percebeu, “é, realmente , que você falou...” ,eu falei “então, e se essa menina abrisse a boca e inventasse história sua. Você acha que eu ia acreditar em você ou ia acreditar nela? Eu ia acreditar nela na hora. Você podia falar dez vezes que eu não ia acreditar em você, ia acreditar nela. Então você vigia, você cuida disso. Se não tá comigo, chama outra pessoa, conversa em três, não precisa conversar só vocês dois.” Mas, pra ele eu tava com ciúmes, pra ele eu tava atrapalhando. Agora, se um dia ele pegasse eu conversando com alguém.... Deus me livre. Quando ele foi preso, agora em fevereiro, tem um rapaz lá que sempre teve junto com a gente, ele ia em casa, ficava um tempão trabalhando com a gente, então eu tinha liberdade de conversar, de brincar, mas sempre nós três. Mas eu tinha ele como um irmão, do mesmo jeito que ele tem o menino como um irmão. Nuuuunca me olhou estranho, nunca maliciou comigo. Diferente de alguns outros que ele tinha de amigos. Então... aí ele foi preso, tá. E esse menino preocupado com ele e tudo, daí eu tava na minha sogra e ele chegou lá e eu comecei a conversar com ele, desabafei o que eu tava passando. Esse menino era usuário de outros tipos de droga, aí disse que tinha saído, e ele sabia que ele usava, eles chegaram a usar juntos, então eu desabafei com ele. Falei assim, olha... conversei bastante, no que eu to conversando com ele, ele ligou. “onde ce tá?”, falei “to aqui conversando com o... (nome do rapaz)”, “ah, ta. Então ta bom”, desligou. Dali cinco minutos “mas aonde vocês estão conversando?”, “aqui na frente da casa”,

“mas quem tá aí com você?”, “não, tá eu e o... (nome do rapaz)”, “e você tá até tarde na rua conversando com macho na frente de casa?”. Um menino que ó, de confiança, que se dava como irmão, eu falei “tá, eu já to indo pra dentro”. Pois dali a pouco ele ligou pra saber se eu tava lá dentro.

E: então mesmo ele preso, você obedece ele... como obedecia seu pai.

A: é, mais ou menos isso.

E: e ainda hoje você e seu pai... (me interrompe)

A: vejo ele direto, minha ligação com meu pai hoje é mais forte do que com a minha mãe.

E: e como foi que voltaram a essa ligação?

A: eu me casei, fui pra lá, aí quando, antes de eu engravidar da minha filha... quando foi pra mim casar eu fui lá pedir pra ele assinar pra mim, porque eu tinha vinte anos né. “você vai fazer isso?”, falei “vô”. Ele morava dentro da casa da mulher. Falei “vô, o senhor vai lá?”, “não, trás o papel que eu assino aqui”, “o senhor não vai no meu casamento?”, “não”, “então tá bom”. Casei e tudo, depois de um ano e pouco que eu já tava casada falei “pai, to indo aí levar o... (nome do marido) pro senhor conhecer”. Eu já tava casada. Fez janta pra mim e... ele era só a casca de ruim. Hoje o que eu tenho pra falar eu falo... dele, da mulher dele, das minhas irmãs... hoje eu tenho uma liberdade com ele que eu nunca tive com ele, nem com meu marido, nem com a minha mãe. e então, assim, voltou aquela ligação que nós tínhamos... muito forte. Como se nós não tivéssemos perdido tempo. Nessa questão dele mesmo, da droga, ele fala “nossa, isso é muito difícil de sair”, conversa comigo. Coisa que minha mãe e minhas irmãs só questionam “ó, você não pode, ó você não deve”. E ele não, ele me ouve. Parece que ele me entende. Não sei se é porque ele é militar e ele entende dessa questão... é, a última vez ele já foi atrás de advogado, perguntar se tem chance dele sair... ele teve a curiosidade de perguntar pro advogado dele “ó, tá acontecendo assim, assim... e me falar “ó, não gasta com advogado porque vai ser difícil dele sair. Então, não é naquela cobrança que minha mãe e minhas irmãs conversam comigo. Elas querem que eu largo e esqueço. Elas querem que eu tenha ódio dele, coisa que eu não tenho, que não consigo... de ninguém. Meu pai é totalmente diferente, ele não me culpa, não me olha estranho, ele não me cobra, ele num... tenta mudar minha ideia, ele me ouve. Eu falei que a última vez que eu fui lá, a gente conversando, e ele falando de droga comigo. “ó, eu tinha um primo que ele usava, e uma vez ele foi preso e a gente... os poliça tinha que dar a droga pra ele, porque ele não conseguia ficar sem”. Conversando comigo numa boa. Eu falava “pai, mas será que tem como fazer um tratamento tando lá dentro, alguma coisa assim?”, “então tem que tentar, tem que vê...”. sabe, assim, como se eu tivesse com ele e ele me dando apoio. O dia que ele foi preso meu pai falou assim “ó, pelo amor de Deus, não vai morar pra lá. fica aqui. Pede pra transferir ele pra cá”. Pra ele ficar perto de mim, pra eu não ter que ficar indo pra lá. entende? Então é totalmente diferente delas. Eu falei isso pra minha mãe, minha mãe se ofendeu. Falei “mãe, o pai conversa comigo sem me cobrar, sem me olhar do jeito que vocês me olha”. Ela se ofendeu. Porque ele me ouve, ele não quer se intrometer na minha vida. Ele hoje ele faz parte da minha vida, ele não tenta comandar a minha vida. Então é diferente. E hoje se... por exemplo, eu fico

lá, eu falo mal da muié dele, eu falo o que tiver pra ele e ele me ouve... (silêncio). Eu acho que ele ainda gosta da minha mãe, eu acho que minha mãe quisesse ele, ele voltava na hora. Porque minha mãe sempre fez é... é... ele, pra nós, como se fosse pai herói, aquela pessoa certa, correta. Ela obedecia, ela fazia o que ele falava e a outra não. Então eu acho que hoje ele sente que quem respeitava ele era só a minha mãe. então ele fala mal da muié dele pra mim, fala que não aguenta... eu falo mal dela e ele nem liga. Falo mal assim “o pai, onde o senhor vai parar com isso?” hoje eu tenho a liberdade de falar com ele sobre tudo, coisa que eu não tenho com elas. Porque se eu for contar elas falam que eu defendo o... (nome do marido). Elas falam “ah, você arruma uma desculpa pra ele, você defende ele”, então, ce não tem nem como tocar em certos assuntos. Eu falo assim “mãe, mas vocês não sabem da dor que a gente ta passando”, daí ela revolta “ah, vocês acham que é só vocês que sofre?”. Mas ela era a vó. Sofre, dói. Com certeza. Não tiro o sentimento dela. Mas uma mãe e um pai... é terrível... eu to conversando mas a imagem dela tá na minha cabeça, a vizinha dela tá na minha cabeça. Pra ela... minhas irmãs falam “ah, você acha que...”, mas elas olham na cama e o filho dela tá dormindo. (chora). É diferente. Então... é complicado. pra mim ficar com ele é complicado, pra mim ficar sem ele é complicado. Eu to numa... (risos).

E: é complicado por que?

A: eu não consigo... ficar, sabe... é quem eu falei pro... (estagiário de psicologia), eu falei pra ele hoje “eu não sei se é amor, se é... um... uma ligação que a gente criou porque ele conta muito comigo”. Ele conta comigo em tudo. Eu não preciso dele, mas ele precisa de mim. Eu sinto isso. E eu não consigo me libertar disso. Não consigo deixar de fazer por ele, pra ele andar com as próprias pernas, pra ele ter uma outra vida... enquanto ele precisa, eu não consigo deixar de estender a mão, não consigo deixar de ter contato. Se é amor eu não sei. Mas... não consigo. Não é pelos filhos. Hoje eu sei que não é pelos filhos. Porque as meninas já acostumaram eu na minha casa e ele lá. pedem? Pedem! Minha filha fala... minha irmã as vezes falava “ah, sua mãe vai arrumar um namorado” e ela falava “não, eu quero o meu pai”. Mas eu sei que se eu decidisse ia ficar mais fácil pra elas esclarecer na cabecinha. Mas eu não consigo. As vezes o... (estagiário de psicologia) questiona assim “é relação de mãe e filho?”, pode ser... mas então é um filho que eu não vou deixar de cuidar, que eu não consigo.

E: o que você acha sobre isso que o... (estagiário de psicologia) te apontou?

A: ah, devido aos cuidados que eu tenho com ele, que... quem eu falei hoje, depois que minha filha morreu eu fiquei sem chão. Porque era responsabilidade, era hospital, era isso, era aquilo... eu não dormia. Ficava vigiando ela. Então hoje eu penso, eu só trabalho... final de semana trabalhando... eu não consigo ficar em casa olhando as meninas, fazer um servicinho aqui e ficar parada, só olhando elas brincar. Pra mim, não me preenche. Então eu fico preocupada com ele, eu me preocupo com ele, se ta precisando de alguma coisa, se quer que eu faça isso, quer que eu faça aquilo... é uma ocupação.

E: como você pensa que será quando ele sair?

A: (risos) é aí que tá a questão... é aí que... que... que nós estamos lutando, eu e o... (estagiário de psicologia). Tamo tentando (risos).

E: como você imagina que vai ser? Fale a primeira coisa que passar pela sua cabeça.

A: eu não... é quem eu falo, eu tentaria tudo pra viver bem com ele, pra ter minha família. Tudo. Eu só não aceito a droga. Então eu tenho muito medo. Tenho muito medo dele sair e se envolver de novo. E essa certeza que eu não consigo ter. então, o... (estagiário de psicologia) dá risada, mas eu tenho medo dele sair. Tenho medo. Porque enquanto tá lá, tá quietinho lá. então se ele sair, eu não sei se vou ter essa mesma segurança, essa mesma vontade de tá com ele... porque... a droga eu não consigo. Porque eu sei onde ele tá, eu sei que ali ele não corre risco, eu sei que ali ele vai viver mais do que se ele tivesse fora e se envolvesse de novo. Se ele tivesse fora, não ia demorar muito pra não tá mais. porque, é uma vida que eu não desejo pra ninguém essa dependência. É horrível você ver que a pessoa não consegue se dominar. Então pra mim é muito difícil isso. Essa questão é a única que eu... e é a única que eu considero... é a única que me faz não confiar nele. E incrível que ele nunca me escondeu. Ele usava, ele me falava. Depois eu aprendi a conhecer. Então, se... se ele falasse comigo no telefone eu já sabia quando ele tava mentindo, quando ele tava... então, é... um controle que eu tenho que talvez, não sei. É bom e não é. Porque eu não consigo... porque no começo a gente tenta se enganar... “ah, eu acho que tá”. Mas você não vai falar. Mas depois, quando você tem a certeza... aí... você já conhece, você não vai ficar desconfiada. Você já olha e já sabe. Aí que é complicado. É a única coisa, assim, que quando nós voltamos eu falei “(nome do marido), vamos voltar? Vamos tentar? Vamos lutar?”. Ele insistiu muito pra voltar, mas eu quis também. Sempre quis minha família, sempre lutei por isso. Como eu falei, eu vivo bem deixando de fazer qualquer coisa se dá certo. Pra viver bem, pra ter minha família, eu deixaria qualquer coisa... pra não correr risco de droga, não correr risco de... sabe... assim, então eu falei pra ele “só que o dia que você usar, eu vou embora”, “tá bom”, “(nome do marido), eu não estou brincando”, “você vai me ajudar?”, “vou te ajudar”. Fomos morar juntos. Ele aguentou dois meses (risos). Deu a primeira escorregada. Ele chegou em casa desesperado. “o que que aconteceu?”, “ai, eu não aguentei, eu usei”. Ele falou pra mim, sabe. Ele tem uma confiança em mim também que ele não me esconde. Por isso que eu falo que nunca desconfiei de mulher, porque ele me conta as coisas. Até dela, ele falou “assim, assim, assim”. só que eu não desconfiava, daí que eu comecei a acordar pra vida. Então, ele chegou e falou que tinha usado, não tinha aguentado. Eu falei “calma, é normal. Você sabia que podia acontecer”, “não, mas eu não podia ter feito...”, “calma... não fique mais sozinho”. Então eu ajudei muito, eu tentei... “calma, você escorregou hoje, mas não quer dizer que amanhã você vai fazer. Vamo lutar”. Tentei. Depois de quinze dias, escorregou de novo. “calma, não fica sozinho, fica perto de mim, não sai sozinho, não pega o dinheiro na mão. “ta bom, ta bom”. Aí ele dava o dinheiro pra mim. Aí, o que acontece... parece, eu não sei que diabo é essa porcaria... ele falava assim “me dá cinquenta real que eu vou ali, assim, assim, assim...”. se passasse das seis que a noite caísse, parece que... toma a vida da pessoa. Se ele chegasse antes das seis em casa e não saísse, não arrumasse uma desculpa pra sair, ele conseguia ficar sem. Mas se ele saísse de casa sozinho depois das seis, eu não precisava nem esperar.

E: e ele fica agressivo?

A: nunca. eu que agredia ele (risos). Ele nunca me agrediu e nunca ficou é... agressivo... nem com palavras. Pelo contrário, menina, se eu falar é até um pecado. Mas quando ele tava sem

droga ele era chato, insuportável. Quando ele usava droga ele ficava carinhoso, ele ficava falando coisa bonita... só que eu não aceito a droga (tom de voz alto). Eu queria ele daquele jeito, mas sem precisar usar a droga. Então... se fosse ver era pra mim dar droga pra ele usar, porque ele ficava carinhoso, ficava me dando atenção... mas não é isso que eu queria pra ele. Eu preferia ele grosso, mas sem a droga. Ele sem a droga é fechado, fechado...

E: parecido com o seu pai?

A: acho que não. Vejo ele como uma pessoa insegura. Meu pai já era ignorante. Era uma máscara. Meu pai era ignorante assim, não deixava minha mãe sair no portão, conversar com um vizinho, ela não fazia mercado com ele nunca, porque ele não levava ela pra lugar nenhum. Não deixava minha irmã sair, ninguém né. Ele era assim, como que eu falo, tipo num regime militar. Ele criava os filhos assim. mas porque? Meu pai falava assim “ó, vai pro quarto”, a gente não podia teimar com ele porque minha mãe “ó, obedece seu pai”. Então quem fazia a imagem dele era minha mãe. ele mesmo acho que nunca foi isso que a gente tem a imagem. Quem fazia isso era minha mãe. hoje a gente vê isso, porque hoje a gente vai na casa dele e é totalmente diferente. Os outros filhos dele pode subir em cima da cabeça dele... a mulher dele desmanda ele. Então hoje a gente vê que quem fez ele foi a minha mãe, e não o meu pai. Então é... eu gero muito isso pra minhas filhas, tento não gerar, mas não consigo.

E: o que você gera?

A: a imagem do pai.

E: como?

A: ah, o pai liga e eu falo “ó, isso aqui cê faz pra agradar seu pai... ó, seu pai mandou... seu pai vai ficar feliz se você fizer assim...”. então é uma imagem... e é onde eu tenho medo delas se decepcionar porque assim, das vezes que eu separei dele, ele me faz voltar é, devido as minhas filhas. “ó, as meninas precisa de nós dois”. E se eu ficar... hoje eu não sei, porque hoje eu acredito que ele teve... porque ele não tinha proximidade muito com as duas, ele tinha proximidade só com a outra. Porque as duas ficavam muito na minha mãe, na minha irmã... ficava pouco tempo com ele. Ele dava muita atenção pra outra e deixava as duas muito. Porque assim, eu ficava no hospital, quando tava em casa ele queria ta com a outra e eu queria tá com as pequenas. Porque eu nunca fiz diferença. Porque eu sentia muita falta das pequena, ficava agradan... e ele ficava com a outra. então... e geralmente quando eu tava no hospital, as pequena tava na minha mãe, então ele não tinha esse contato com as duas. Ficou bem afastado das duas. E hoje, depois que a gente foi morar junto, ele teve essa proximidade com elas, que ele não tinha tido. Nesses tempo. Então hoje eu vejo que ele realmente faz por elas, mas antes dessa vez que a gente voltou, eu largava dele por eu ficar dez, quinze dias e ele não procurava elas. E elas sentiam a falta que eu sempre sentia do meu pai. Então eu batalha muito pra ele num... num... num deixar elas sentirem essa falta. Hoje eu vejo que ele teve essa proximidade com elas, então não seria por causa delas que eu voltaria. Eu acredito que ele não vá querer se afastar, mas antes sim. Antes da gente voltar dessa última vez, ele ficava dez, quinze dias sem ver.

E: vocês separaram mais de uma vez? Porque você falou “dessa última vez”.

A: (risos). Foram três vezes. A primeira vez ele brigou com meu pa... não, a mãe dele brigou com meu pai daí falou que meu pai não podia pisar os pés lá na casa dela, e eu morava na casa dela, daí falei “se ele não pode, eu também não” e tchun. Me mandei. Tava com quase dois anos que a gente tava... foi antes de eu engravidar da minha menina. um pouquinho antes. Aí meu pai já tava morando lá, porque eu casei e dali a pouco nós compramos uma padaria, daí eu vi que tavam vendendo outra padaria ali perto da nossa e falei “ah pai, tem uma padaria vendendo aqui, o senhor não quer comprar?”. E meu pai foi. Fazia pouco tempo que ele conhecia meu marido, mas foi. Ele queria morar em outra cidade, tudo. Foi quando nós se aproximamos bastante. Dali ele foi morar na cidade onde eu morava. Levou a mulher dele, família tudo.

E: ele ficou sócio de vocês?

A: não, eu tinha a minha padaria e ele negociou outra.

E: entendi.

A: ele com o negócio dele e eu com o meu negócio. Mas mesmo assim a gente se aproximou muito, então eu ficava na casa dele... e meu marido se dava com meu pai, até hoje, assim, meu pai nunca se disfez dele e ele também nunca do meu pai.

E: e aí vocês separaram dessa primeira vez e você foi morar com seu pai?

A: uns dias, daí fiquei dois dias lá e fui embora pra casa da minha mãe. aí descobri que tava grávida e acabamo voltando (risos). Aí já tive minha menina, tudo. Daí uma vez eu vim pra morar pra cá... Aí, menina, é tanta ida e volta que fica até difícil de identificar. Mas eu vim pra... Daí meu pai vendeu lá. Não. Vendeu? Não, ele montou a padaria aqui, meu pai. E nós com a padaria lá. Montou a padaria dele aqui e tocando aqui. Aí minha menina começou a passar muito mal e nós também decidimos vir embora pra cá. E eu vim. Só que nós alugamos nossa casa, um salão e nós montamos nossa padaria aqui também. Daí minha menina começou a passar muito mal, muito mal, muito mal, daí fui e vendi a padaria e meu pai queria parar. Fomos e a gente ia tocar a padaria do meu pai e meu pai ia parar. Nesse meio termo nós fomos pra lá, eu, minhas filhas e ele, e ele.. na cabeça dele, não sei que conversa que foi, achou que eu tinha que brigar com meu pai por causa de qualquer coisa lá, nem lembro do motivo que era. Daí falei “já que você pensa assim, pega e fala você. Eu não vou brigar com meu pai por causa disso”. “ah, você só defende seu pai, não sei o que, não sei o que” pegou e foi embora. Ele saiu de casa. Daí ele ficou uns cinco meses... daí...

E: e você tinha notícias dele?

A: então, ele não procurava as criança, ele não me procurava, foi quando ele usou droga pela primeira vez. Aí descobri onde ele tava morando e fui levando as meninas pra ver ele. Aí fui levando elas e... enfim... daí nem me lembro como que a gente voltou... eu fui lá... e (tosse) eles tavam tentando tocar a padaria lá de novo, daí até que ele me convenceu a morar lá. é acho que foi uma coisa assim. ó, nem me recordo direito. Só que daí minha filha já tava

passando bastante mal, então tinha que... tratamento constante, aí voltei pra lá, mas tinha que ficar vindo sempre no médico aqui e... então, assim, ele nunca teve tempo de ter ligação com as pequenas. E dessa última vez que a gente voltou, aqui, dessa última vez agora... aí a terceira vez foi quando minha filha já tinha morrido, minha filha morreu, aí separamos, aí ficamos cinco meses separado... separamo por causa da droga. Ele tava usando muita droga, daí não queria aceitar mais aquilo. Minha filha tinha morrido, não fazia nem quinze dias ele apareceu lá com os bolso tudo cheio de droga, pra usar dentro de casa, lá, ele ficava num quartinho lá usando. Falei assim “você vai fazer isso?”, “ah, não sei o que, to precisando”. Falei “então tá. A hora que você terminar, você me liga, me avisa que daí eu venho pra casa”. Peguei minhas filhas e fui pro parquinho, isso já era umas oito horas da noite. “não, volta aqui, não sei o que”, “não, não vou ficar aqui”, porque ele tinha necessidade de usar e queria que eu olhasse, que eu ficasse perto dele. Porque dá medo aquela merda lá, dá... pânico.

E: o que ele usava?

A: crack. Então dá pânico, daí ele queria que eu ficasse perto dele, porque dá segurança, ele não queria ficar sozinho. Daí as vezes ele usava dentro de casa, as vezes ele pegava e saía, quando ele sabia que eu não ia deixar. Então ele ia pra alguma boca, fazer junto com outros, mas sozinho ele não queria ficar. Então, aí... lá, ele chegou com droga e eu fui pro parquinho e falei assim “quando você terminar você me avisa, que daí eu venho pra casa”, “não, volta aqui”, falei “não”. Daí ele começou “não me deixa sozinho, que se não vou acabar com a minha vida, porque isso, porque aquilo”. E eu no parquinho perto de casa, duas quadras. Aí ele começou a me mandar essas mensagem e começou a me apavorar e fazia pouco tempo que minha menina tinha morrido e começou a me dar crise de nervo, sabe?

E: não, como é?

A: comecei a entortar tudo o corpo

E: entortar o corpo?

A: a mão, assim (demonstra), entorto tudo. Crise de nervo mesmo. Foi a primeira e única vez que tive. Foi a única vez que me entorto os dedo assim, a mão começou a virar pra trás assim (demonstra) e eu comecei a agoniar. Daí eu não sabia o que tava acontecendo comigo... eu tentando respirar, tentando controlar, mas daí parecia que tava subindo pros braço assim... foi ruim, porque você não consegue voltar, é igual cãibra. A cãibra você não volta. E eu fazia assim (demonstra) e não voltava. Daí eu falei pra minha menina assim “liga pro seu pai, fala pro seu pai vim me busca agora porque eu to passando mal”. E ele naquela situação, né. E fui pro hospital. Daí depois ele ficou assustado, achou que eu ia morrer, porque fazia pouco tempo que a gente tinha perdido minha menina. Cheguei em casa e falei “(nome do marido), pelo amor de Deus, para com isso”, “não, eu nunca mais vou fazer”. Aí eu vim pra cá, o que aconteceu? Ele usou! Falei “então chega, não quero mais, pra mim chega. Se você escolhe isso aí, você vive isso aí, mas deixa eu e as meninas, porque eu não quero isso pra elas. Já basta uma que morreu, eu não quero correr o risco de perder nenhuma outra”. Daí ele pegou as coisas dele e foi embora. Isso ele ficou quase um mês sem ver minhas filhas. Eu não sabia onde ele tava morando, ele tinha alugado uma casa, ele só me ligava ou mandava mensagem,

me atormentava, me chantageava, falava que ia se matar, que ia morrer, porque se eu arrumasse outro eu ia me arrepender, porque isso, porque aquilo. Daí um dia eu peguei e achei a casa dele pra levar minhas filhas pra ficar com ele. Falei assim “ó, as meninas tão com saudade, daqui a pouco eu venho e pego elas”. Deixei elas, depois fui buscar (risos) porque eu também tinha medo de deixar elas sozinha, não porque ele ia fazer alguma coisa, mas de repente quer usar droga e as criança vê... Eu nunca aceitei isso, de jeito nenhum. Daí comecei a levar elas na casa dele, de vez em quando... E comecei a tentar conversar numa boa, começou a aliviar as chantage... Porque ele falava que me seguia, ele falava que ia me matar, que se visse eu com outro ele ia me matar, que ia matar a pessoa e não sei o que... então daí eu comecei a ter essa relação que eu tenho com ele, de tentar ajudar ele, de tentar “ó, se você precisar de ajuda você fala, eu vou atrás, eu vou faço”, “não, não sei o que, volta pra mim que daí eu paro, volta que eu paro”, falei “você não para, você tem que parar antes. Se você falar que vai parar... você não vai parar, você tem que tentar antes”, “não, eu paro sim, não sei o que”. Aí ele pegou e foi morar lá na igreja. Foi morar dentro da igreja, falei “ah, pelo menos agora ele para né”. E parou, realmente ficou um tempão sem. “não, mas vamos morar junto, não sei o que, não sei o que”, falei “vamo”. Mas tentei mesmo... assim... Pra mim, quem eu falo, eu faço de tudo. Então separamo em dezembro e fiquei até agosto mais ou menos. Agosto voltei com ele, daí...

E: nesse tempo que vocês ficaram separados, como era pra você?

A: eu só trabalhava... eu não sei se sentia falta dele, eu sentia falta de alguém. Eu sinto falta de alguém. De ter um companheiro. Mas, assim... a dor da perda da minha filha é tão grande que num... até hoje qualquer dor pra mim não é nada. Então a falta, a dor, não era tão grande como a falta da minha filha. Então eu não consigo sentir falta, falta, ao ponto de falar assim “nossa, eu tenho que voltar porque...”, porque a falta da minha filha é maior. Bem maior. Não consigo sentir fal... falar que... que realmente eu quero aquilo porque tá me fazendo falta. Eu queria mesmo era minha filha. Mas, sei lá... eu sentia falta dele das outras vezes... assim... diretamente, é... a minha vida foi ele, quinze anos, dezessete anos, e... queira ou não, o mal que ele fez, ele não fez pra mim, ele fez pra ele. Então o que eu fazia... eu gos... gosto dele, gostava dele. Então é uma falta de sentimento que... de gostar, de querer namorar, de querer ficar perto, sabe... e tinha a minha filha, eu queria que ele participasse comigo, igual toda mãe gosta de... ah, a primeira fala, o primeiro dente, tá os dois junto, então... muitas vezes eu sentia... mas sempre foi meio distante. Eu não queria que minha filha sentisse falta do pai como eu senti.

E: você teve outro relacionamento?

A: então (risos)... nesses dois anos que ele ficou longe eu tive um outro namorado. Eu saía, namorava, isso aí... (risos).

E: e como foi esse outro namoro?

A: tive dois namorados. Um tinha ciúmes, mas tentava não demonstrar porque eu não me deixava dominar. Eu não sei (risos), esse é o único que me fez... ó... é o único que consegue me dominar é ele. Sempre foi o único. Que eu sempre fiz de tudo pra viver bem. Os outros

não. Nuuunca que alguém ia me fazer me vestir do jeito que eu não queria... Naquela época de quinze anos, ele foi embora em agosto e eu comecei a namorar um rapaz em novembro. Quando... namorei bastante tempo ele, mas assim, eu era amiga do irmão dele e ele era militar. Muuito gente boa, nossa. Muito mesmo, tenho um carinho enorme por ele. Mas era assim, o dia que ele tava trabalhando, eu saía com a turma do irmão dele, saía pra rua, chegava tarde e as vezes ele nem sabia onde que eu tava. Aí os dias que ele não trabalhava eu saía com ele. Aí ia pra casa dele ou a gente saía. Ele trabalhava, eu ia com a turma. Eu ia pra casa dele conversar com o irmão dele quando ele não tava. Então ele não me dominava em naaada. Nem lembro se ele tentava, acho que ele gostava de mim então ele fazia... ele tentava não me segurar pra não me perder. Então...

E: e perdeu?

A: eu que perdi, porque fui arrumar um... E ele fazia de tudo pra me ver. Só que daí o que que acontece... eu fiquei com ele um ano quase, aí esse aqui me mandava carta de vez em quando, aí quando ele me mandava carta eu largava dele. Porque eu achava que ele ia me... que ele ia voltar. “Ah, (nome do rapaz), não dá certo mais não, não sei o que, não sei o que”, aí quando passava um tempo e nada do outro eu voltava. Acho que larguei dele umas quatro vezes. Até que um dia ele não quis voltar mais. aí quando ele largou daí eu comecei a sair mesmo, daí ia pra baile, ficava com um, ficava com outro... aí eu não namorei mais. aí fui namorar esse outro... teve um outro antes de eu casar, que eu gostei dele também. Só que ele era assim, a gente namorava, mas quando eu achava ele. (risos) eu tinha que procurar. Ele era, assim... minha mãe tinha um namorado... ah, minha mãe teve um namorado né, ela saia, ia pros baile todo final de semana, depois de um ano. Ela ficou um ano de luto dentro de casa. Depois de um ano separada ela começou a ir pro baile, fazer amizades e tal, daí ela arrumou um namorado que foi um pai pra nós. Foi cinco anos de relacionamento, mas era ele na casa dele e ela na dela, as vezes ele ia e ficava um final de semana com a gente, as vezes nós vinha passar na casa dele. A mãe ia a gente ia atrás (risos). Ele gostava muito da gente, cativou muito mesmo, só que ele faleceu. Então, mas foi assim... eu conheci esse rapaz na casa dele, aqui em Maringá. Meu padrasto morava aqui e a gente em (nome da cidade). Mas nunca moraram na mesma casa. Então final de semana a gente via pra cá e foi quando conheci esse rapaz. Só que era assim, a gente namorava quando eu via ele... quando eu conseguia achar ele de fim de semana. Ele era viajante, então quando ele viajava, eu com uns dezoito anos... acho que eu já tinha até reencontrado o outro, namorado, terminado, daí eu arrumei esse aí no meio desses termo aí... aí, ele é muito criança, muito brincalhão, de bem com a vida, até hoje. Até esses tempos atrás a gente tinha contato.meu marido não sabia, ficou sabendo que ele era meu amigo, porque quando a gente terminou ele começou a me visitar em casa, foi onde eu falei pra você que ele tava achando que minha família queria arrumar um namorado pra mim. Foi porque esse rapaz começou a ir na minha casa, só que ele não sabe do passado desse rapaz comigo. Por isso que ele tem ciúmes constante de mim, ele acha que vou encontrar ele em qualquer lugar. Que eu vivo num romance com ele.

E: o ciúmes é específico com esse rapaz?

A: com esse rapaz. Ele acha que é. Porque ele ficou sabendo que é um ex namorado, mas não toda a história.

E: toda história?

A: é, que eu gostei muito dele, ficamos junto quase um ano. Depois da primeira vez que eu separei dele, que eu tava grávida, ele me procurou, ele queria viver comigo. Eu falei “não, (nome do rapaz), eu acho que to grávida, não tem nem condições né”, “não, você não precisa nem falar pra ele que você tá grávida, esse filho é meu e pronto e acabou”. Só que ele era meio doidinho sabe... eu não confiava que ia ter uma vida segura com ele.

E: como assim?

A: ah, ele bebia... não de bêbado, mas gostava de lanchonete, de brincar, de sair. Então, não era essa vida que eu queria ter. eu queria ter a vida que meu marido me dava, de casa, de rotina de casa mesmo, eu gosto disso, de família. Então eu... eu optei por num levar adiante. Eu achava que era uma ilusão na minha mente se eu tentasse... porque depois a menina ia nascer e daí? Não era filha dele. Até quando que ele ia considerar que era filha dele? Eu nunca tinha tido filho, nem... pra mim, na minha mente ainda não tava bem definido o que era ter filho, porque eu não esperava engravidar. Então eu fiquei com medo mesmo de... de repente ele arrumar outra pessoa e minha filha sofrer consequência mais pra frente. Mas ele também... a gente saía, a gente brincava, a gente conversava muito, não era ciumento, não me controlava, nem eu ele. É aquela velha história, mulher só gosta daquele que judia (risos). Incrível.

E: pelo que você me disse, parece que você e o... (nome do marido) também terminavam e reatavam durante o namoro.

A: é, a gente brigava por qualquer coisa, eu não podia falar alguma coisa que ele não gostasse, até hoje é assim... Se eu falar qualquer coisa que ele não goste, ele fica dois, três dias sem falar comigo, sem ligar, sem dar notícia. Aí eu tenho que saber o que... então, aí as vezes ele liga e eu fico quieta, “aham. Ta. Aham”. Aí eu fico sem ligar, “mas você não me ligou”, daí eu falo “vou ligar pra que? Tudo o que eu falo tá errado, pra que que eu vou ligar? Vou ficar te incomodando? Vou ficar te chateando? Se eu for falar alguma coisa que você não gosta, não adianta eu falar”. Aí ele já não gosta porque daí parece que eu não to querendo. É assim. Depois ele liga, ele quer arrego. E assim vai...

E: nesses términos, tinha alguém que geralmente terminava?

A: ele, sempre. Eu nunca larguei dele. Eu só, assim, fala que eu larguei foi quando eu peguei as coisas e vim embora, mas ele sempre que largou. E aí eu ia atrás pra voltar. Porque eu não sei, mas eu que ia atrás, geralmente. Eu ia lá (risos), eu lembro uma vez que a gente terminou e eu peguei e fui passar as férias lá, porque eu gostava do lugar (risos). E ele dava gelo, menina. ai, que ódio, nossa, eu ficava morrendo por causa dele, porque... vocês estudem isso, por que que mulher gosta de sofrer? Eu não sei.

E: você gosta de sofrer?

A: ai, eu não sei, não consigo sair disso. Não consigo sair disso. Porque, eu tive... eu tive momentos bons né, com o (nome do namorado que também era militar) eu gostava de conversar, mas eu tinha quinze anos, eu queria sair, dançar, ir numa festa, e ele, tadinho, foi indo que ele não aguentou. Ele queria uma... uma... tadinho. Aí, o (nome do último namorado) já era o que eu queria, tipo, de não desconfiar, de não ter ciúmes, a gente... ele viajava e era quando a gente conversava mais, quando ele tava viajando, porque quando ele chegava ele ficava no bar com os amigos, então eu tinha que achar onde que ele tava, pra mim poder ver ele. Ele não ia na minha casa, ou as vezes ligava e “ó, to em tal lugar”, daí eu ia. Mas falar que ele tirava aquele tempo pra mim, mas eu também não queria... as vezes ele ia, posava em casa, mas depois que ele já tinha saído com os amigos, já tinha... aí quando ele viajava nós ficava hoooras e horas no telefone e nunca brigamo, nunca desentendemo, então... a gente se dava. Se eu falar pra você, eu queria uma pessoa assim, que eu me dê, que a gente converse, não precisa concordar com tudo que falo, e nem eu preciso concordar com tudo que a pessoa fala. Já é o que o outro quer, que eu concorde com tudo que ele fale e não quer nem ouvir o que eu... tenho pra dizer. Então eu queria uma pessoa assim... só que hoje eu num... eu num consigo... como diz o... (estagiário de psicologia), eu não consigo me dá essa chance. Eu não consigo ter coragem de chegar perto de alguém. Não consigo. Não tenho nem vontade nem de tentar nada (risos). Agora, se no seu estudo você descobrir alguma coisa, você me liga tá. Fala assim “ó, eu descobri um meio pra você sair dessa situação”, porque o negócio é complicado... é quem eu falo, enquanto não for problema com mulher, eu consigo superar. Tento né. Tento lutar, tento buscar, tento encarar... agora, se for com mulher. Daí, oxe, eu não sei nem o que sou rapaz de fazer nessa situação.

E: como assim?

A: ah, eu acho que eu perco a linha e o carretel, se eu tiver perto, se eu pegar... nossa... mas eu já falei pra ele, que se ele quiser ter outro relacionamento ele fala que a gente termina e pronto, ele segue a vida dele e eu sigo a minha... mas aí eu vou seguir a minha, mas aí dói o calo dele... (risos). Porque ele pode, mas eu não. Ele sabe que se eu souber, já era.

E: aí você acha que consegue? Porque você me disse que não consegue sair disso.

A: consigo. Vai doer, vou sofrer quineeem... eu me sinto assim, como... como que eu vou te dizer... incap... ser trocada, ter sido incapaz de fazer ele, sabe, ele achar que outra pessoa vai fazer ele feliz e eu não. Ou vai conseguir ter uma relação boa com ele e eu não. Sendo que eu tento ter uma relação boa com ele. Eu sofreria pela incapacidade. Porque minha vida é batalhar, tentar ser o que ele quer que eu seja sabe. Suprir a necessidade dele pra vê se supri a minha também. Se um dia ele me trocar e... seria bom pra mim. Eu acho que seria. Seria dolorido, mas a dor que eu passo geralmente é tão mais forte que eu sei que morrer eu não vou. Que eu sei que eu ia conseguir me resolver. Mas ele não faz porque ele sabe disso. O dia que ele fizer... seria a única coisa capaz de fazer eu desligar, de pegar ódio dele, é isso.

E: alguns momentos que você falava me pareceu que você não tem uma autopercepção positiva, por exemplo, quando você falou que se esforça pra ser quem ele quer que você seja.

A: é... eu não me sinto... eu não me sinto... (risos), aí, como vocês pegam né? O... (estagiário de psicologia) também pegou eu esses dias. Eu não me sinto bonita, eu não me sinto arrumada... não acho que... as vezes as pessoas falam “ah, mas você é bonita”, eu não acredito nisso. Eu fiquei muito tempo sem me olhar no espelho , hoje eu ainda olho de vez em quando (risos). Então... depois que eu me casei eu fiquei assim. nossa, antes... eu me lembro que meu padrasto, porque era eu e minha amiga, meu padrasto falava assim “gente, como que cabe as duas no espelho?”, porque ficava uma na frente da outra querendo roubar o espelho pra se arrumar pra sair. Depois que casei, nossa. Eu fiquei muito tempo, eu tirei o espelho do banheiro. Eu não me olhava. Mas não sei porque isso. Não sei. Mas eu não me sentia bonita, não me sentia... não tinha vontade de me arrumar, não tinha... eu melhorei um pouquinho, mas ainda... assim, hoje eu me arrumo pra mim, eu me sinto bem, do jeito que eu gosto, mas pra mim. Eu não to me arrumando pra sair e achar que a outra pessoa vai me achar bonita, eu não acho. Eu me arrumo do meu jeito, eu me sinto bem pra mim, não pros outros. Não sei se você me entende. Tem dia que eu gosto de um tênis, um dia de uma camiseta, de uma blusinha, outro dia de um shorts, então... mas é pra mim. Eu não me arrumo pra “ah, aquele homem vai me achar bonita”.

E: você acha que os homens não te acham bonita

A: não. Eu acho que não. Não... aonde eu trabalho, tem uns meninos que eu tenho amizade, “ah, mas você é bonita”, eu falo “não, quando eu me arrumo eu fico bem ajeitada”, “não, você é bonita”, “não, eu sou ajeitada... quando me arrumo”. Eu não acredito quando falam isso. Não entra na minha cabeça. Hoje eu me olho no espelho, passo um creme, passo um batonzinho, outro dia passei um lápis, fazia tempo que não fazia isso. As vezes pra ficar em casa mesmo, porque eu não saio. Dificilmente eu sair de casa, é do serviço pra casa, em casa só com as criança. Então... hoje eu me olho no espelho.

E: o que você acha que te fez voltar a se olhar no espelho?

A: hum... foi quando eu me separei dele... é, daí eu fiz... eu separei dele daí eu comecei a trabalhar, emagreci bastante... devido a perda da minha filha também. Aí eu fiz uns cursos, comecei a sair um pouco, aí comecei a me arrumar um pouquinho, comecei a me olhar no espelho, pintar o cabelo, fazer a mão. Ele gostava disso quando a gente tava separado, quando a gente tava junto não, daí ele queria... não é que ele não queria, ele gosta de me ver arrumada, quando a gente tava junto. Mas, assim, é... ele comprou la uma saia longa e umas blusinhas, ta. Mas daí vou usar sempre a mesma? Porque quando eu colocava a outra ele falava “ah amor, essa daí não ficou legal”. Dai eu colocava a dele “ah, essa daí ficou bom”. Ai, pelo amor de Deus. Daí... as vezes ele falava pra mim que eu tinha que me arrumar, que eu sou bonita, mas eu não acreditava nele. Ele falava pra mim, agora que nós estava vivendo junto. “você é bonita, você tem que se arrumar, você tem que... querer e tal e tal”, “ah, ta bom”. Mas vou me arrumar por que? Nós não tinha dinheiro pra ficar comprando roupa. Eu sou uma pessoa que pra mim gastar eu tenho que tá muito segura que o dinheiro das contas... o dinheiro do aluguel e das contas tá guardado. E ele não, ele queria que eu comprasse sem saber se ia ter o dinheiro de um aluguel, de uma luz. E eu não consigo. E ele me cobrava isso, ele queria que eu comprava roupa pra ele, pra ele principalmente, e eu me dedicava o que?

Comprar roupa pras minhas criança. Minhas criança sempre teve roupa ganhada, aí depois que eu comecei a trabalhar eu que queria comprar as coisas pras minha criança. Mesmo que eu ficasse sem, eu queria elas andando quinem princesa. E ele já falava “ah, os filho tem que andar bem arrumado, mas o pai e a mãe também”. Mas daí se eu comprasse pra mim, eu tinha que comprar pra ele... teve uns dias que ele dava uma melhorada, deixava eu me arrumar, mas depois ele entrou nas droga. Eu ia bem arrumadinha, quando eu ia... e a fulana já tava de olho nele e eu não sabia (risos). Mas daí o que que acontece? Ele ficou sabendo que a menina tava de olho, você acha que ele fazia questão de me levar? Não fazia. Agora ele me cobra “ah, você nunca esteve do meu lado”, mas ele também nunca fez questão que eu estivesse. Porque ele sabia que tinha alguém de olho nele também. É uma situação cabulosa. Seu trabalho vai ficar perfeito se você conseguir me entender (risos).

E: Angelina, muito obrigada pela sua contribuição, foi importante saber um pouco sobre a sua história.

Apêndice B – Caso Rosa

ROSA, 51 ANOS

E: entrevistadora

R: entrevistada

PRIMEIRO ENCONTRO

E: gostaria de ouvir a sua história...

R: ai, minha história é comprida. Você quer que eu comece por onde?

E: por onde você achar melhor.

R: da minha infância... Da minha adolescência, de onde?

E: por onde você prefere começar?

R: ah... É só sobre o casal?

E: sobre o que você quiser falar.

R: então vou começar da minha infância... Começar de quando eu era criança até onde você quiser... Ai, eu com 15 dias de nascida eu fui adotada. Minha mãe não me quis, ela me deu pra um casal... Esse casal já tinha um caszinho de filhos e como eles já cuidavam de mim desde que eu nasci... Eles eram meus padrinhos. Eles me adotaram, não mudaram meu registro, eu fiquei com o mesmo registro de antes. Foi uma adoção assim... Antigamente não tinha esse negócio de passar no papel... E daí, quando minha mãe foi embora da cidade eu tinha três anos. E aquilo ali ficou gravado na minha memória. Quando eu tinha sete anos ela voltou e eu reconheci ela, na hora que eu vi ela eu corri pra dentro e falei pra minha mãe adotiva “a minha mãe Neiva chegou”. Ela é viva até hoje, minha mãe legítima. E daí... Eu não tinha vínculo nenhum com ela né, daí ela foi embora de novo e quando voltou eu tinha 16 anos. Aí ela queria me levar embora, aí eu não quis porque assim, eu tava muito rebelde sabe. Eu fui uma menina assim muito rebelde, revoltada, assim... Eu nunca me senti amada, nunca me senti amada. Porque você fica pensando assim né, se seu pai e sua mãe não quis você, por que que os outros ia te amar, se quem deveria te amar, não te amou? Aí você cresce assim... Por mais que as pessoas goste de você, por mais que elas... Te dê carinho, você acha que não é um carinho sincero, não é um amor sincero, sendo que é um amor sincero. Porque a partir do momento que você pega uma criança dos outros pra se dedicar a ela, é um amor sincero. Mas a gente não sente isso. Isso aí você leva pro resto da sua vida. Daí, quando ela voltou quando eu tinha 16 anos, ela quis me levar, mas eu não fui. Aí eu comecei a namorar, assim, eu muito rebelde... eu fugia de casa, a noite né, eu fugia pra ir pros baile, pra ir... Eu falava pra minha mãe que eu ia assistir televisão na vizinha e de lá eu saía. Aí eu arrumei um namorado, escondido, porque naquela época com 16 anos você não namorava assim a torto e a direito, e até que um dia eu aprontei.

E: aprontou?

R: ah, antigamente se falava assim “a menina se perdeu”, hoje em dia ninguém fala isso, mas há trinta e cinco anos atrás, trinta e seis anos atrás, era o fim do mundo isso aí né. Uma

menina não ser mais virgem era o fim do mundo. Daí meus pais ficou revoltado, deu polícia, deu fórum... Aquela época era assim.

E: e como descobriram?

R: porque nós fugimos em três. A gente morava em (cidade), e daí nós estávamos em três amigas e três meninos, e dos meninos só um era menor, os outros dois era maior de idade. O meu namorado tinha vinte e dois anos, da outra amiga minha tinha vinte e seis, vinte e sete, por aí, só o da outra amiga minha que tinha dezessete anos ainda. Aí a mãe de uma delas lá descobriu, aí ela bateu na menina, a menina acabou contando, aí foi todo mundo pra delegacia, foi pro fórum, foi fazer exame pra saber se a gente era virgem antes ou se não era. Então era coisa assim do outro mundo, acho que você nunca deve ter ouvido falar disso né. Antigamente era assim, se um rapaz desonrasse uma menina, fizesse mal como dizia eles, “ah, fulano fez mal pra fulana”, então ia pra delegacia, pro fórum, o fórum pedia um laudo médico pra saber se a gente era virgem ou não era... Daí constou que eu ainda era virgem, mas deu que as outras duas meninas não era. Você entendeu? As outras duas não era virgem, mas eu era. Ele tinha sido meu primeiro. Daí deu um rolo danado. Daí tinha esse negócio de obrigar a casar, era obrigado a casar... Não é se você quisesse casar, você era obrigado a casar. Mas pra mim casar eu precisava do consentimento da minha mãe. Minha mãe biológica. Aí chamaram ela e ela veio, daí como ela conhecia a família do rapaz ela não autorizou o casamento. Mas nós dois se gostava e a gente queria casar, mas sem a autorização dela eu não pude me casar. Daí ele ficou revoltado e casou com outra. E eu fiquei, como diz os outros aí, “solta na pista”. Aí meu pai e minha mãe também já não me seguiu mais, comecei a ir pra baile, pra festa, só que eu trabalhava né. Desde pequena eu trabalhava na roça. Pra me manter eu tinha que trabalhar, porque meu pai e minha mãe era muito pobrezinho. Então, assim, uma roupa, um calçado que eu precisasse... Eu me lembro que quando eu tinha 8 anos eu já cuidava de outra criança. Era uma criança cuidando de outra criança. Pra mim pode ganhar um chinelo, um tênis, na época era aqueles Conga né. E... Sempre trabalhei, daí continuei trabalhando, e eu saía, festava... Daí eu comecei a namorar um rapaz e engravidei, eu estava com 17 anos. Aí foi complicado né. Porque daí meu pai me expulsou de casa, ele já não me queria em casa, aí teve uma família assim... Esses eu considero amigos até hoje, assim, me acolheram na casa deles, daí eu trabalhava fora, tive meu filho, eles me ajudaram... O pai do meu filho sumiu, foi embora. E eu continuei criando meu filho sozinha, e... Depois de nove meses eu me envolvi com outra pessoa, engravidei de novo... Como se um fosse pouco, né, eu arrumei mais um filho. Sem casa pra morar, sem ter como sustentar dois filhos. Aí eu entrei em pânico, eu não queria ter a menina. Era uma menina, mas eu não sabia ainda que era uma menina né. E daí eu tentei o aborto e não consegui. Tomei remédio caseiro, mas não deu certo. Eu tomei remédio horrível, que matava criança até de sete meses de gestação. E eu com dois meses não funcionou. Aí depois vem aquela culpa né... Você não conseguiu o aborto, como que vai ser essa criança? Só que o pai dessa criança ele não fugiu da responsabilidade. Ele falou pra mim “se você não quiser, assim que a criança nascer você me dá ela, eu vou criar ela, minha mãe vai me ajudar”. Daí fiquei sem saber o que fazer. Daí eu perdi o emprego que tinha antes. Aí tinha uma professora lá na cidade que tava precisando de uma empregada, que fosse uma empregada assim de confiança né... E daí ela me contratou, mas ela não sabia que eu tava grávida, e eu também não falei por medo. Daí eu cuidava de uma menina dela e fazia todo o serviço de casa. Eu ficava cuidando das duas meninas dela e da casa. Eu passei a morar com ela, daí meu filho eu pagava pra uma senhora cuidar, ele ficou morando na casa de uma outra pessoa. Daí como eu tinha salário fixo né, a metade do meu salário eu pagava praquela pessoa cuidar. Daí essa minha patroa me ajudava com roupa, com leite, calçado... Tudo ela me dava, pra criança né, pro meu filho. Aí quando eu tava de cinco meses, acho que ela começou a observar que meu corpo tava mudando, daí ela me chamou pra uma conversa. Falou “ó, Rosa,

não quero te assustar, não vou te por na rua, só que seja sincera comigo. Você tá grávida?” aí eu comecei a chorar. Falei “eu to”. Ela disse que não ia me mandar embora, porque eu era uma pessoa de confiança, cuidava bem das filhas dela... Disse que ia cuidar de mim, ia me registrar, ia ficar comigo até o bebê nascer. Daí, se depois que eu tivesse o bebê eu quisesse doar, ela conhecia uma pessoa que queria. Principalmente se fosse uma menina. Daí fiquei lá, trabalhando com ela. Ela me deu todo enxoval, me deu roupa, camisola, nossa, ela me deu tudo de primeira mesmo. Aí minha mãe não me quis mais em casa também. Da primeira vez foi meu pai, mas minha mãe me deu apoio, dessa vez minha mãe me mandou embora, e meu pai não. Então inverteu. Mas mesmo assim eu não fiquei na casa deles, fiquei na casa dos outros. Aí eu tive a minha filha. No dia que tive a minha filha, vai fazer trinta e um anos, nunca me esqueço, foi o dia que o Brasil... Não sei se ele ganhou ou perdeu pra Itália, uma coisa assim... Foi trinta e um anos atrás. E... Nesse dia eu tive minha filha, ela me levou pro hospital, do hospital eu não voltei pra casa dela, eu fui pra casa daquela minha amiga que me acolheu da primeira vez né. Me apoiaram na primeira, na segunda foi a mesma coisa, me levaram pra casa deles. Era pra eu ficar 15 dias lá, mas eu não fiquei nem três, porque daí a menina que eu cuidava, filha da minha patroa, não ficava sem eu. Aí eu tive que voltar pra casa da minha patroa com o bebê no colo. Daí eu tinha que cuidar da minha e da filha dela, porque ela não ficava sem eu né. Era mais comigo do que com a mãe dela. Daí fiquei com a bebezinha uns dezesseis dias e já passei pra casa da mulher que cuidava do menino. E daí eu não quis dar a menina. Quando eu vi, assim, não me deu coragem. Daí eu pensei “a mesma coisa que minha mãe fez comigo? Eu não vou fazer com ela”. Então, ah... Só que, assim, até hoje a minha filha tem problema de rejeição também. Porque quando eu tentei abortar ela, ela sentiu. Quando ela era criança, ela me deu muito trabalho, acho que por causa disso né. Teve que passar por psicólogo, tudo. Até hoje ela sente essa rejeição. E é assim uma das filhas que mais me ama, mais me paparica sabe. Você precisa ver o carinho que ela tem comigo. Ela tá em Portugal faz dezesseis anos, mas ela me liga toda semana, me ajuda, sabe. E daí quando a minha filha tinha um ano, eu achava que eu precisava de alguém. Ter uma família, uma casa, pra poder criar meus filhos. Eu tava cansada de trabalhar pros outros, cuidar dos filhos dos outros e os meus... Porque antigamente, não é como hoje, que você trabalha de segunda a sexta ou de segunda a sábado. Ainda mais se você morasse na casa. Então era sábado, domingo, feriado, natal, ano novo, dia das mães... Você não tinha domingo, você não tinha nada. Você trabalhava vinte e quatro horas. Você ia deita onze horas, acordava cinco e meia. Então, assim, era muito sofrido. Aí eu conheci um rapaz e esse rapaz gostava de mim e falou pra mim que ia me ajudar a criar meus filhos, né. Que se casaria comigo, mas a família dele não me aceitou, mas mesmo assim a gente foi morar junto e dali uns três meses nós casamos mesmo no papel. Mas eles não me aceitavam de maneira alguma. Daí... A gente foi morar longe da casa deles. Daí eles desocuparam uma casa que eles tinham no fundo do quintal, e levou a gente pra morar lá. Aí, fia, eu sofri heim. Ele era uma pessoa boa no começo. Até oito meses de casado, depois de oito meses ele começou a me bater. Eu apanhava sem saber o porquê eu tava apanhando. Eu cuidava da casa, eu não saía nem pra fora do portão, porque deus me livre se eu saísse pra fora do portão. Era só dentro de casa, eu não podia sair, não podia ir na minha mãe, ir na minha irmã... Eu não podia ir pra lugar nenhum. Só ficava lá no fundo do quintal, porque era assim, quando ele voltava do serviço ele parava na mãe dele, como eles não gostavam de mim, não me aceitavam, então eles enchiam a cabeça dele. Aí ele chegava em casa me batia, me batia.

E: por que você acha que a família dele não te aceitou?

R: porque eu tinha dois filhos e... Há quase trinta anos atrás, era muito difícil uma família aceitar que um filho se casasse com uma mãe solteira. Não era como é hoje. Hoje, meu deus, hoje eu vejo aí, a minha filha foi mãe solteira, eu apoiei, eu ajudei, eu fiz tudo por ela. E eu

fico pensando, no meu tempo era tão diferente, as coisas eram tão assim... Sabe... Você era tachada como biscate, como prostituta, como se você fosse uma vagabunda que não valesse nada. Ainda que você trabalhasse, cuidasse dos seus filhos, você não tinha valor. Então, assim, a gente era muito humilhada nessa época. E daí ele me batia muito. Aí eu me lembro que um dia, era uma sexta-feira, eu nunca me esqueço desse dia... Porque assim, ele me batia tanto, tanto, que eu fui a quarenta quilos, eu fiquei só o coró e o osso, nossa eu parecia uma caveira de tão magra que eu fiquei. Daí meus nervo ficou tão abalado que quando ele vinha me bater eu desmaiava. Eu entrava em pânico e eu desmaiava. Aí ele me levava pro hospital. Lá tinha um doutor que me conhecia desde quando eu tive meu primeiro filho e quando eu tive meu primeiro filho a mulher desse médico registrou eu na carteira sem eu trabalhar pra ela, pagou meu INSS pra mim poder ser atendida no hospital. Porque naqueles tempo não tinha hospital público, você tinha que ganhar em casa, com parteira. Mas como meu filho ele ficou atravessado, eu precisava do hospital. E a mulher desse médico ela fez esse favor pra mim, uma caridade né. Ela se responsabilizou a pagar 3 meses de INSS pra mim, pra eu poder ter meu filho com esse médico. Então esse doutor me conhecia e começou a me perguntar o porquê eu tava tendo aquelas crises. E eu ficava calada. Eu tinha medo de falar. Daí quando foi um dia ele me pôs numa sala e disse “ó, Rosa, enquanto você não por pra fora tudo o que você ta passando, porque eu sei que você ta passando por coisas graves, você vai morrer”. Daí eu fiquei com aquilo na cabeça. Daí numa sexta-feira, meu marido chegou em casa umas 10:30, a gente foi tomar café... Ele entrou, a casa tava tudo limpa, as criança tudo limpinha dentro de casa, aí ele falou assim... Só que a mãe dele tava usando o tanque, eu não tinha tanque, eu usava o da mãe dele. Aí ele entrou lá dentro, olhou, olhou e não tinha nada pra falar né, daí ele entrou no banheirinho e tinha um tantinho de roupa pra lavar né, aí ele falou “que que você tava fazendo que você não lavou essa roupa até agora?”. Eu falei “primeiro, porque eu não tenho tanque. Segundo, você tá achando ruim, você vai lava”. Ahhh... Quando eu falei assim, Vivian, ele desceu o braço e me derrubou. Mas ele me bateu, bateu, bateu... Eu me lembro como se fosse hoje, meu rosto ficou tudo marcado, minhas perna, nos braço, nas costa, no pescoço... Ficou tudo com sinal da mão dele. E como eu tomava remédio controlado, eu entrei assim num desespero tão grande, que eu peguei uma cartela de comprimido e tomei. Eu tomava remédio pra dormir, daí tomei um monte de remédio pra dormir. Eu lembro que tomei os comprimido e comecei a juntar minhas coisa pra ir embora. Eu falei “eu vou embora daqui”. Eu não tinha pra quem pedir socorro ali. E todo mundo vendo ele me bate, os irmãos dele, o pai dele, a mãe dele... A família é grande, morava tudo ali, sabe. E... Eu só me lembro isso, que eu tomei o remédio e fui junta minhas coisas pra ir embora, depois eu não me lembro de mais nada. Eu me lembro que depois eu acordei, eu tava numa cama, aí ele tava batendo assim no meu rosto (demonstra), tentando me acordar, isso tudo acho que já era no sábado, aí eu me lembro, sabe assim, quando você tá dormindo, mas você tá ouvindo as pessoas conversa?! Então eu ouvia ele falando pro pai dele assim “poxa, mas você me fez judiar tanto dela pra você me pedir a casa? Você podia ter pedido a casa antes. Vocês me fizeram eu judiar tanto dela só pra vocês me pedir a casa agora? É porque vocês não gostam dela”.

E: eles queriam a casa de volta?

R: eles queriam a casa de volta, então me judiavam pra ver se eu ia embora né. Foi isso que eu entendi. E daí, eu apaguei de novo. E quando foi no sábado de tarde, era umas cinco horas, aí chegou uma sobrinha minha em casa e ela me viu deitada na cama né. Aí ela me chacoalhou, me chacoalhou, daí eu abri o olho assim... ela lembra até hoje, hoje ela tá com trinta e nove anos, naquela época ela tinha sete anos, nessa época, e ela lembra até hoje. Aí ela falou “tia, por que você tá tudo machucada, tia?”. Eu falava “não sei”. Aí ela pegou e foi embora. Aí ela chegou lá e contou pro meu pai, pra minha mãe, mas aí ninguém foi lá, ninguém foi lá saber o

que tinha acontecido. Daí, eu sei que no domingo ele já tinha arrumado uma casa, no domingo ele... Me tirou dali do quintal deles, mas aí ele saía pra trabalhar e trancava a porta. Me deixava pra dentro. Me tirou daquela casa, me levou pro outro lado da cidade, família dele que fez a mudança e tudo, porque eu tava dormindo. Eu dormia e acordava, dormia e acordava, sabe?! Daí quando passou o efeito do remédio foi lá pra segunda ou terça-feira, aí que eu fui conseguir acordar de vez. E daí... ah... Ele saía pra trabalhar e trancava a casa, e eu e as crianças ficava pra dentro de casa, durante uma semana eu fiquei trancada e eu tava toda machucada. Aí quando foi... a gente mudou no domingo, quando foi no sábado... Que era o dia da vacina da paralisia pras criança e o posto era umas três quadras da casa que eu morava. Aí ele saiu de manhã e falou assim “ó, eu vou deixar a chave aqui, você vai no posto, dá a vacina nas crianças e volta pra casa”. Falei “tá bom”... Aí, sabe quando você já não tem mais vontade de viver?! Você já não queria mais viver, era uma tristeza tão profunda que eu sentia, que eu não queria mais viver. Aí eu falei “é melhor eu pedir ajuda pra minha família”, aí eu fui na casa da minha irmã, minha irmã não tava, e era longe heim... Cheguei lá e minha irmã não tava, aí eu falei “vou na casa do meu pai”. Peguei as duas crianças, as duas pequena ainda, desci com as crianças, fui na casa do meu pai. Aí cheguei lá, meu pai tava lá, aí contei tudinho pro meu pai, aí ele falou pra mim assim “ó fia, infelizmente eu não posso te ajudar, eu moro de favor, eu moro aqui dentro da casa do seu irmão de favor. Como é que eu vou te ajudar? Não tem como eu te ajudar”. E naquele tempo não tinha lei pra isso, os homi batia, fazia e acontecia e não tinha essas lei que tem hoje que se o homi der um tapa e marcar ele vai pra cadeia né. Não tinha isso. O homem era o todo poderoso. Fazia e acontecia e com eles não acontecia nada. Aí meu pai falou que não podia me ajudar, minha irmã não tinha condições e também não podia me ajudar. Falei, vou fazer o que?

E: e sua mãe?

R: a minha mãe... Morava... Assim, meu pai morava num quartinho desse tamanho (demonstra), com um fogãozinho, a cama dele e uma mesinha que tinha assim, um... Filtro, daqueles de barro, era ali que meu pai morava. Do lado daquele quartinho do meu pai, tinha outro quartinho também desse tamanzinho (demonstra) que era o quarto que a minha mãe morava, que eu morava com ela. E o meu irmão ficou com o resto da casa. Meu irmão adotivo ficou com o resto da casa e como os velho era separado de corpos... Eles eram casados, mas não dormiam juntos fazia muitos anos. Então ele morava num quartinho do lado de cá e do lado de lá era o quartinho da minha mãe, era o quartinho que eu morava com ela antes de eu ter meus filhos. E daí ninguém podia me ajudar, que que eu ia fazer? Não tinha o que eu fazia, eu aguentei onze anos... Apanhando. Aí, depois disso eu tive mais três filhos com ele, depois de três anos de casado eu tive uma filha com ele, que é a mais velha que ta com vinte e oito anos hoje, inclusive ela ta fazendo enfermagem, aí depois eu tive a outra que tá com vinte e seis e uma que tá com vinte e cinco. Aí depois disso nós fomos embora pro Mato Grosso, aí chegou lá ele bebia muito, sabe. Nossa, lá eu apanhava, apanhava, eu lembro que eu grávida eu apanhava. Quando era a primeira filha minha, eu apenhei até os oito mês. Aquele barrigão e ele me batia, me batia, me empurrava, eu não sei como que aquelas criança sobreviveu. Ele me batia sem motivo, ele chegava, nós discutia, eu ficava calada e ele batia, batia, batia. Eu apanhava sem saber o porque eu tava apanhando. Eu não sabia nem o porque eu tava apanhando. Aí um dia eu tem... Tentei o suicídio, quando eu tava grávida da minha primeira filha, eu tomei Barilon, a sorte que foi pouco porque é veneno, desses de matar inseto, mas era bem forte. Aí na hora meu sobrinho chegou, né, viu que eu tava... Porque conforme eu tomei assim, caiu, assim, no meu vestido. Aí meu sobrinho chegou e me levou para o hospital, aí chegou lá eles fizeram uma desintoxicação, aí passou. Daí quando a minha menina tava com um aninho eu fui embora pro Mato Grosso, e lá apanhava do mesmo jeito. Ele chegava e era o maior trupé dentro de casa, daí a família dele foi embora pra lá. Com seis meses que eu tava lá

ele levou toda família dele pra lá. Aí a minha casa eu tive que dividir né. Minha casa era cinco peça, eu dei três peças pra eles e fiquei com duas. Aí foi que minha vida virou um inferno. Aí eu engravidei da segunda menina dele, nossa sofri heim. Menina, tava pensando assim, meu Deus, era muito sofrimento. E era casa de serraria e todo mundo via eu apanhando sabe, todo mundo comentava. No outro dia eu ficava trancada dentro de casa com vergonha. Aí mudamos daquela casa, o patrão deu outra casa maior pra gente e daí fomos pra outra rua. Mas mesmo assim eles ia lá e era um converseiro sabe, parece que eles tinha inveja, assim, porque eu... na primeira casa que eu morei não tinha cerca, não tinha pintura, e a serralheria pagava pra você fazer esse serviço. E eu não tinha geladeira, então eu queria uma geladeira aí eu pinte a casa, eu grávida da minha menina, eu pinte toda casa, eu fiz toda cerca, tinha que cavar né, era cerca de balaustra, não sei se você já viu. Eu tinha que cavar, ponha os palanque, depois enfia os ripão e bater prego ripa por ripa e era um quintal enorme de trezentos metros. Eu fiz toda a cerca dessa casa, a firma levava o material, tudo, e você só fazia e eles te pagavam um salário bom assim, pra você fazer aquilo. E eu grávida de oito mês já, tava no finalzinho da gravidez e eu fiz todo o cercado. Aí eu mudei pra outra casa, cheguei na outra casa também não tinha cerca, aí eu já tinha pago a geladeira. Comprei da firma, né. Aí eu fiz a cerca e paguei a geladeira. Aí quando eu cheguei na outra casa, faltava acho que uns quinze dias mais ou menos pra eu ter a menina, eu pedi pra serralheria trazer o material que eu ia fazer a cerca. E eu fiz, eu e o meu filho. Meu filho tava com oito anos. Ele carregava as madeira e eu ia fazendo e em cinco dias eu fiz aquela cerca, aí ele me pagaram. Eu fui lá e comprei o restante do enxoval da menina, e ele ganhava bem. Naquela época ele ganhava aqui novecentos reais e foi pra lá pra ganhar dez mil. Era um dinheiro absurdo. Pergunta o que que ele fazia com o dinheirinho... Gastava tudo em bebida e baralho. Não tinha dinheiro que chegava. Assim, não deixava faltar nada em casa sabe, quanto a isso eu até... Naquela época, ele não deixava faltar nada. Mas daí por causa da bebida ele foi perdendo crédito. Os patrão não tinha mais crédito nele, então ele foi perdendo crédito, perdendo, acabou perdendo o emprego, a gente teve que vender tudo lá, aí viemo tudo embora. Tá, deixa eu terminar essa primeira parte. Aí tive a menina, quando a menina tava com três meses eu engravidei de novo, aí eu entrei em desespero, porque eu tava com uma menina de três meses e eu engravidei de novo lá no fim do mundo. Essa menina eu tive ela num postinho de saúde, com uma enfermeira, com vela, porque daí luz não tinha, é, parteira né. Aí entrei em desespero. Falei “meu Deus, eu to aqui nesse fim de mundo de novo, no meio do mato...”. Aí eu fiquei doida. Aí foi nesse meio tempo que ele ganhou a conta, aí falei pra ele “vou embora pro Paraná, não vou ficar aqui não”. Aí vendi tudo que tinha lá, comprei a passagem e vim embora com os quatro filhos e um na barriga, aí eu já tava do que... Com uns seis meses. Tava bem gorda já. Aí eu vim pro Paraná, três dias e três noites de viagem no ônibus. Daí voltei pra (cidade). Cheguei com as mala na casa da mãe dele, porque eu ia ficar lá até ele chegar, a hora que eu cheguei, o táxi me deixou na porta da casa dele, da mãe dele, na hora que eu deixei as mala, a mãe dele falou assim “aqui você não pode fica”.

E: a mãe dele tinha voltado então.

R: já tinha voltado, já. Aí a mãe dele falou assim “aqui não dá pra você ficar”. Falei “por que?”. “Ah não dá pra você ficar, aqui em casa ta muito cheio”. Daí falei “então tá bom”. O mesmo táxi que me trouxe, me levou pra casa da minha irmã. Daí fiquei lá na casa da minha irmã, e quando ele chegou ele foi direto na casa da mãe dele, aí ela falou. O pai dele não concordou sabe, com o que a mãe dele fez. E daí ele foi lá atrás de mim, daí falei “não, lá pra baixo eu não volto mais”. Daí eu arrumei uma casinha... De dois cômodo, um barraquinho. E pensa num barraquinho de favela. Mas era meu, eu que tava pagando. Não tinha ninguém pra encher meu saco, só era ele mesmo que ia encher meu saco. Só que essa casinha fazia fundo com o quintal da mãe dele, era só do outro lado da rua. Daí peguei, aluguei ali, nem me

lembro naquela época quanto que era. Daí fui, comprei uns móveis usados, né. Fui morar ali com meus filhos e ele voltou a trabalhar pra mesma firma que ele trabalhava quando a gente tava morando lá. Esse senhor era padrinho de casamento da gente, ele já conhecia a peça né, mas ele sempre dava serviço pra ele por causa de mim... Porque ficava com dó de mim e das criança, dava serviço pra ele, mas ele não tinha mais responsabilidade.

E: e ele ficou morando onde?

R: comigo nessa casa. Daí fiquei uns quinze dias nessa casa, mas era uma casa assim que quando chovia, alagava, enchia de água dentro de casa. Falei “até as coisa melhorar, vamo fica aqui né”. Daí um dia eu fui trabalhar, tava trabalhando de doméstica, grávida de seis meses, quando eu cheguei em casa, cadê minhas coisa? Não tava nada ali, eles abriram a cerca e pegaram as coisas.

E: dessa vez ele deixou você trabalhar?

R: tinha que deixar né, tinha que pagar aluguel, por comida dentro de casa. Daí ele deixou, das outras vezes não. Porque quando eu voltei pro Paraná, antes dele chegar eu arrumei o serviço. Porque ele ficou dois meses lá ainda. Daí quando ele chegou, eu já tinha arrumado o serviço, daí não tinha como ele não deixar. Aí fui trabalhar na casa de uma amiga minha e daí, eu peguei... Fui trabalhar e quando voltei cadê minhas coisas? Não tinha mais. ele tinha abrido um pedacinho da cerca lá no fundo, passou minhas coisas tudo pra casinha, a mesma casinha que eu morei quando comecei a apanhar. Ai, como que é seu nome mesmo?

E: Vivian.

R: aí, Vivian, foi que o bicho pegou. Eu fiquei sete dias nessa casa. Aí vinha um caminhão lá do Mato Grosso que ia trazer o resto das coisas, que tinha ficado a bicicleta do menino, tinha ficado caixa de roupa, roupa de cama, tudo tinha ficado pra trás. Quando foi cinco e meia da tarde, esse motorista veio, passou lá e deixou tudo as minha coisas que ele tinha trazido, só a bicicleta do menino que ficou encostada pra fora, o resto puseram tudo pra dentro da casinha, aquele dia ele tinha recebido o pagamento e tinha me dado o pagamento pra eu pagar o leiteiro, pagar a prestação do fogão que eu tinha comprado... E eu cheguei na hora do almoço, guardei as coisa ali e voltei pra trabalhar. Quando foi a tarde... E a tarde o rapaz deixou minhas coisa do Mato Grosso nessa casa que eu morei no começo né. Porque eles levaram tudo minhas coisa pra lá, mas eu também não quis discutir, fiquei ainda sete dias ali. Aí nesse dia que o rapaz deixou as coisas, eu nem sabia que essas coisas tinha chegado, eu tinha cortina, cortina de renda... Antigamente usava muito aquelas cortina de renda né, e eu tinha comprado lá. To trabalhando, saí do serviço e passei na creche pra pegar as criança, aí subi na casa da minha irmã pra pegar um pacote de arroz que ela tinha me dado. Aí tava descendo, antigamente tinha aqueles carrinho de quatro roda, daí a Mariana tinha o que... ? Tinha uns dez meses... E eu tava bem gordona da outra de sete meses. Daí nós vinha descendo, eu brincando com as criança, quando eu cheguei na esquina assim, da esquina eu falei pro meu menino assim “Antonio, parece que a vó ta queimando lixo lá no fundo de casa”. A hora que eu falei assim “a vó ta queimando o lixo” eu vi que era muito alto aquele fogo, falei “nossa casa ta pegando fogo”. Soltei o carrinho, desci correndo, ele que foi levando o carrinho, a hora que cheguei em casa que eu vi aquele monte de gente... Vivian, foi questão de vinte minuto, o fogo veio e comeu tudo assim... comeu tudo que eu tinha... o pouco que eu tinha, o fogo comeu. Aí, eu entrei em desespero, me lavaram pro hospital, aí quando eu tava no hospital quem foi me buscar foi aquela minha patroa que me ajudou quando eu tive meu filho. Ela ficou sabendo na hora, foi lá me apoiou e tudo. Aí, a Copel foi lá, fez perícia, não foi curto circuito, não foi nada, sabe. O meu fogão... aquilo tudo foi numa quentura assim, tão

intensa, que o meu fogão só abriu, ele não queimou, a pintura dele ficou novinha. Assim, parece que colocaram assim, gasolina... porque o fogo subiu rápido. A televisão só derreteu, foi uma coisa assim tão estranha que você não conseguia entender como foi que aquele fogo subiu assim tão rápido.

E: o que você pensa sobre isso?

R: eu não penso, eu tenho certeza. A minha sogra pôs fogo. Porque aí passou um tempo... Aí o que que aconteceu, só que o feitiço virou contra o feitiço, porque ela fez aquilo ali, ela pensou assim... Tá, mas deixa eu continuar que eu chego lá (sorri). Aí queimaram a minha casa, eu fiquei sem nada, só com os filhos, como diz o outro, sem eira nem beira. E daí eles tinham um... Como que fala... Uma casinha de madeira que era de criar frango. Esse quartinho acho que dava a metade dessa sala aqui. Eu sei que cabia uma cama de casal, um berço, um fogão e sobrava um espaçozinho. Aí o que eles fizeram? Mataram tudo aqueles frango, puseram no freezer. Eu lavei tudo o teto, as paredes e fui morar ali onde era o galinheiro dos frango. Aí... Assim, eu fiquei pensando que que eu ia fazer da minha vida, sabe quando você tava no seu limite? Que você não aguenta mais... Eu tava no meu limite. Aí tinha uma cumadi minha, aquela que me apoiou nas duas gravidezes, ela falou assim “Rosa, olha o pastor Maurício chegou ontem da (país). Vamo lá pedir ajuda pra ele?”. Falei que não conhecia ele, nem era evangélica, porque na época eu não era mesmo. Mas aí nós fomos, nós duas. Daí chegamos lá ela explicou toda a minha situação pra ele. As minhas crianças tava na creche, que era da igreja dele, e a nora dele era minha amiga desde criança. Quando a gente estudava, a gente estudava junto. Daí ela, a nora dele, ficou sabendo, porque minhas crianças ficava na creche e ela era a presidente da creche... Aí, ele foi conversar com ela né, se ela me conhecia, como que era a minha vida. E aí ela falou “olha pastor, é assim mesmo, ela é uma menina muito sofrida desde criança, a gente estudou junto, era muito humilde na escola... muito carente e teve uma série de problemas e casou pra ver se mudava de vida, mas continuou sofrendo”. Aí ele falou assim “então manda ela vir aqui conversar comigo de novo”. Aí eu voltei na casa dele de novo. Aí ele falou pra mim assim “será que seu sogro aceita você construir uma casa lá no fundo?” aí eu falei que não sabia, que tinha que conversar com ele né. Fui conversar com meu sogro e ele falou “não, pode fazer”, pra ele era vantagem né, fazer uma casa lá. Aí tá, aí o pastor me deu o material, a prefeitura também me ajudou e eu com aquele barrigão, carregando lajota, telha, o que os outros me dava eu carregava, eu arrumava uma carroça e ia buscar. Aí meu irmão e os amigos dele foram lá e fizeram o alicerce de quatro peças. Quando foi o dia, eu escutei meu sogro discutindo com a mulher dele e era sobre a casa que eu tava fazendo. Aí eu levantei de manhã e fui lá no pastor. Falei “ó, pastor, eu não vou terminar de construir ali não”. Já tava lajota, areia, pedra. Material pra levantar quatro cômodos já tinha lá. Ele falou “mas por que?”. Aí eu fui, contei pra ele tudo... E ele falou “é, tem lógica o que você tá falando”. Aí eu peguei e falei “então o senhor pode ver quem quer aquelas coisas que o senhor deu de doação, se o senhor quiser eu devolvo, porque eu não vou fazer ali. Vou fazer mas eu não vou usufruir daquilo ali”. Eu já tava assim que eu não tinha mais esperança de nada, Vivian. Pra mim tanto fazia se subia, se descia, eu só vivia dentro da casa da minha irmã, minha irmã tinha nove filhos. E eu lá com mais quatro, esperando mais um, ela morava em dois cômodos e um banheiro, ainda tinha a minha mãe, que era doente, que tava bem velhinha. Então assim, era uma situação, assim, que eu não tava suportando mais. Já tava no meu limite, e eu trabalhava, trabalhava e parece que não adiantava nada, parece que quanto mais eu trabalhava mais pior as coisas ficavam. Aí o pastor pegou e tirou foto minha e das crianças, eu ainda tava grávida né. Tirou foto minha e das crianças e mandou pra Inglaterra, pras missões da igreja, aí as missões mandou verba pra ele comprar um terreno pra mim e construir uma casa pra mim. E como eu era casada, então eles não puseram a casa no meu nome, porque se não, se eu pegasse uma hora e separasse ele ia ter direitos, então ele deixou a

casa no nome do pastor, as missões deixou no nome dele, mas era de usufruto meu, pro resto da minha vida. Aí, por isso que eu digo que o feitiço virou contra o feitiçeiro. O pastor chegou em mim e falou “olha, eu tenho uma coisa boa pra te fa... pra te contar”. Falei “o que que é, pastor? Eu to cansada de notícia ruim, me dê uma boa logo”. Aí ele falou assim “ali do jardim (nome) até o (nome) você procura um terreno que a gente vai comprar e vai construir pra você. As missões mandou verba e mandou autorização pra mim fazer isso pra você. E até suas criança inteira três ou quatro anos, a gente vai te ajudar”. Ai, mas eu sai dali pulando de alegria, daí fui na casa dessa minha comadre pra contar pra ela. Cheguei lá e falei “(nome), o pastor falou pra mim procurar um terreno que ele vai comprar e vai construir”. Ela falou “ah, meu primo ta vendendo um ali em cima”. Já voltei direto na casa do pastor. Aí fui lá, o pastor comprou o terreno, na hora ele foi lá onde o rapaz trabalhava, comprou o terreno, já deu entrada na prefeitura com a planta. O pastor foi um pai, assim, pra mim que olha... Eu digo uma coisa, tudo o que eu sou hoje eu devo a ele e a esposa dele. Ele e a esposa dele me ajudaram muito. Aí, e a mão de obra? Ele falou “Rosa, tem como você me ajudar um pouco?”. Falei “tem”. Daí peguei e liguei pro meu irmão legítimo, meu irmão de sangue, que mora em (cidade). Meu irmão saiu de lá, ele comprou o terreno em novembro, em dezembro meu irmão veio e ficou quinze dias na casa da sogra dele. Eu sei que em quinze dias levantaram a casa, cobriram a casa, fizeram o piso, meu irmão e outros amigos dele que tinha lá. Sei que levantaram rápido a casa e já dava pra mim entrar dentro, porque eu tava lá no galinheiro. Virava e mexia tinha uma briga lá, mas aí ele não tava mais encostando a mão ne mim.

E: por que você acha que ele não encostou a mão em você?

R: porque ele ficou com receio do meu irmão. Porque depois que eu mudei praquela casa lá... Daí, tá. Daí terminaram de fazer, mas ainda faltava por vidro, faltava por luz, aí quando foi um dia nós brigou de novo aí ele foi e me bateu, por que daí meu irmão já tinha ido embora. Aí no outro dia cedo eu fui lá no pastor perguntar se eu podia entrar na casinha. “Mas, Rosa, não tem vidro, não tem luz”. Falei “não tem problema, eu vou lá hoje de tarde, eu limpo e eu entro”. Ele falou “você que sabe, daí já vou providenciar pra ponha o vidro e a luz”. Falei “ó, se não dá pra ponha agora também não precisa. Eu pego vela, eu ponho lamparina, eu pego qualquer coisa, mas eu não vou mais ficar lá em baixo”. Aí eu peguei e só comuniquei pro meu ex-marido. Falei “ó, eu to mudando. Se quiser vir, você vem, se não quiser você fica aqui com a sua mãe”. Aí ele saiu pra pegar um caminhão pra ponha as coisas, quando ele chegou eu já tinha arrumado uma carroça e já tinha carregado tudo. (risos). Aí eu deixei a cama que era dela, botijão, as coisas que ela tinha me emprestado eu não levei nada, deixei tudo. Sem contar que as coisas que eu ganhei quando a casa queimou, roupa de cama, toalhas, roupas mesmo, assim, pra mim e pras criança, a maioria, assim, os melhores, quando a pessoa ia entregar lá e eu não tava, minha sogra pegava pra ela. Aí as pessoa vinha em mim pra perguntar e eu nem sabia. Teve uma amiga minha que deu um lençol bonito, bordado, aí ela perguntou se eu recebi ele e eu falei que não recebi nada. E depois eu vi no varal, depois que eu mudei eu passava por lá pra pegar as criança, porque ele deixava as criança na mãe dele e saía pra beber, aí eu ia lá buscar as criança e via os lençol, as toalha, mas também nunca reivindiquei nada disso, sabe, deixei tudo pra eles lá. Aí eu mudei pra essa casa, aí fui trabalhar na roça, o dia que eu não trabalhava de doméstica eu ia pra roça catar algodão, ou ia no café. Aí quando foi no dia 21 de dezembro eu ganhei a menina, aí eu já tava... não, minto, eu ainda tava morando no fundo da casa da sogra, no galinheiro, ainda tava morando lá quando ganhe a menina. e daí minha irmã ia lá dar banho na menina pra mim, porque ela era muito miudinha, os outros que eu tive era tudo grande, de três, quatro quilos. E ela pesou dois e oitocentos e eu tinha medo de pegar, porque era muito pequenininha, a minha irmã que ia lá dar banho nela pra mim. E daí eu sei que mudei no começo de janeiro pra outra casa, e assim,

eles criticavam... Pra você ter noção, no dia que eu cheguei do hospital, que eu ganhei a menina de noite, no outro dia de tarde eu já fui embora, não fiquei nem vinte e quatro horas no hospital. Porque era normal né, então você ganhava e já vinha embora. Eu lembro que eu cheguei em casa, a minha filha que tinha completado um aninho dia cinco de dezembro, o dia que eu cheguei ela tava ruim, febre, febre, febre, febre, eu sei que eu cheguei, deixei a neném e voltei pro hospital com a outra. Porque a outra tava doente, não tinha quem levasse, ninguém queria levar ela no hospital pra mim. Aí eu cheguei, minha sobrinha foi levando ela no colo e eu fui andando atrás de volta pro hospital. Aí quando eu tava lá no hospital ligaram pro pastor e ele mandou os filho dele irem lá me buscar e trazer pra casa. Olha, mas eu subi... Como daqui até aquele posto de gasolina, subi pra levar a menina no hospital. E... Olha, eles não ajudava, eles não tirava um copo pra tirar do lugar, assim, pra mim. Não faziam nada, nada, nada. Nunca me deram apoio nem nada. Aí eu sei que depois disso eu mudei pra outra casa, continuei trabalhando, não tirei nem os trinta dias de resguarda, com oito dias eu já fui pro tanque dos outros lavar roupa. Aí quando a menininha fez um mês o pastor pegou ela na creche. Com um mês, e não podia. Lá nessa creche eles não pegavam com menos de um ano, e eles abriram uma exceção, eles pegaram a pequena que não tinha um mês completo ainda e pegaram a outra que tinha menos de um ano. Por causa da minha situação eles pegaram, foram os dois primeiro bebê que chegaram na creche. E depois fizeram o berçário né, porque como abriram exceção pras minha menina, aí eles abriram um berçário depois e começou a pegar outros bebês de pessoas que precisavam, mas as minhas foi a exceção que eles fizeram. Aí eu fui trabalhando, aí nesse meio tempo ele já não trabalhava mais.

E: então ele foi morar com você nessa casa.

R: foi, ele foi, continuava me batendo do mesmo jeito. Tinha dia que o pastor ia lá em casa, falava um monte pra ele, ele saía, ficava uns dois dias na casa da mãe dele e depois voltava pra dentro de casa de novo. E ficou desse jeito, vai e vem, vai e vem, e eu falava pra ele “aqui se você não quiser ficar, você não precisa ficar, não, porque aqui não é seu, aqui agora é do meus filho, aqui não é seu mais, não to mais dependendo de você pra morar em lugar nenhum”.

E: você gostava dele?

R: você sabe que no começo eu gostava, viu. Eu gostei muito dele. Mas depois, assim, você vai deixando de gostar, vai deixando. Eu sei que, por fim, ele foi pro garimpo. Ele foi pro garimpo, daí ele ficava dois, três meses fora. Nesse meio tempo eu arrumei um serviço fixo numa mulher que trabalhava no banestado. E eu me queimei, eu fui queimar umas folhas que tinha no fundo da casa, e tinha um spray e explodiu e me queimou as mãos, os braços, o rosto. E logo após isso ele foi pro garimpo e eu fiquei sem poder trabalhar, porque aí a mulher me mandou embora, né, ela me mandou embora porque ela não ia aguentar ficar pagando duas empregada, e eu não podia trabalhar, porque eu não podia lavar louça, roupa... aí eu comecei a passar necessidade. Aí vinha um e me dava uma cesta, vinha outra e me dava outra cesta, aí atrasava talão de água e luz, daí as vezes o pastor pagava pra mim, mas eu ficava com vergonha de... Ele já tinha me ajudado tanto, tanto. Eu sei que eu fiquei seis meses nessa vida. Aí eu comecei a praticamente me humilhar pras pessoas me dar trabalho. Porque o serviço que eu fazia antes era lavar roupa, fazer limpeza, como que eu ia fazer limpeza se eu tava toda ferida? Não tinha como. Aí um dia eu liguei lá pro porto velho, eu fui na vizinha, pedi e ela deixou eu ligar, e ele falou pra mim assim “se vira, você é mulher suficiente pra dar conta do recado”.

E: você ligou pro seu ex-marido?

R: liguei, liguei lá no escritório, o rapaz passou pra ele e ele falou que eu era mulher suficiente pra dar conta do recado. Aquele dia eu deixei de gostar dele. Eu acho que eu gostava até então, porque ele sempre vinha e eu aceitava ele de volta.

E: por que você aceitava ele de volta?

R: não sei. Não sei por que. No fundo eu tinha dó dele também, sabia?

E: dó?

R: eu tinha. Você sabe, assim, que há vinte e seis, vinte e oito anos atrás, Vivian, uma mulher sozinha não tinha valor também. Mulher separava do marido, todo mundo falava mal, todo mundo criticava. Eu tava cansada de ser taxada como biscate, como vagabunda, sabe. Embora você trabalhasse, você... Mas você era taxada como vagabunda, como puta, né. Não é como hoje que as menina faz o que bem quiser da vida e não é taxada de nada, né, as pessoas tem até medo de falar que alguém é prostituta e levar um processo, tudo hoje dá indenização. Antigamente não tinha isso, e daí eu tinha medo de ficar sozinha de novo.

E: medo?

R: eu tinha, como hoje eu tenho. Eu falo pra você, hoje eu não dependo de ninguém pra viver e eu tenho medo de ficar sozinha.

E: medo do que? O que pode acontecer?

R: (silêncio).

E: fala a primeira coisa que passar pela sua cabeça.

R: medo de chegar uma hora e ficar em cima numa cama e não ter ninguém pra cuidar de mim. É o que eu mais temo.

E: e seus filhos?

R: não conto com filhos.

E: nenhum?

R: nenhum. Eu não conto com nenhum filho (chora). Não posso esperar nada de nenhum. Posso contar assim, com aquela que ta em Portugal, com os que tão aqui, não.

E: eles moram com você?

R: não, são todos casados. Com eles eu não conto.

E: por que aconteceu isso?

R: meu filho ficou muito magoado comigo né (chora). Porque depois eu arrumei uma pessoa... eu separei daquele um né, eu separei porque daí foi assim, ele foi pro garimpo e o dia que ele me falou isso eu deixei de gostar dele e deixei de ter medo de ficar sozinha. Aí falei "já que é assim eu vou ser dona do meu nariz e aqui dentro de casa ele não entra mais". Isso foi numa sexta-feira. Meu filho tinha treze anos, acho que não tinha nem treze. Eu falei "Antonio, toma banho e se arruma porque hoje nós vamos sair". Olha, depois de onze anos eu sai de casa pra ir num baile. Ele se arrumou, tadinho, nunca tinha saído, eu não tinha roupa pra vestir, fui na minha sobrinha, porque eu era magrinha, pesava cinquenta e oito quilos, aí

fui na minha sobrinha, tudo adolescente, e falei “empresta uma roupa pra tia, porque hoje a tia vai sair”. Falei pro meu pai, meu pai ainda era vivo, falei “pai, hoje eu vou sair”. Minha mãe já tinha morrido, aí falei pro meu pai que eu ia sair pro baile pra me distrair um pouco. Aí ele falou “ah, vai fia, você sabe o que ta fazendo, você já é maior de idade, não depende de mim mais”. aí eu fui pro baile. Eu cheguei nesse baile e todo mundo se assustou quando viu eu ali. E quem tava na portaria era o pai da minha filha mais velha, essa que ta em Portugal. Ele se assustou, mas ele sabia também a vida que eu levava. Aí ele falou “o, Rosa, o que você ta fazendo aqui? Cadê seu marido?” e eu falei “eu não tenho mais marido, to solteira”. Ele falou “você ta brincando” eu falei “to”. Eu não tinha dinheiro pra entrar no baile, ele me deixou entrar, depois ele falou que a gente se falava. Aí quando ele fechou a portaria e foi lá conversar comigo. Daquele conversar ali, reacendeu aquele sentimento e aí eu criei mais coragem ainda pra jogar tudo pro alto. Porque eu falo pra você, Vivian, nenhum homem e nenhuma mulher desfaz um casamento se não tiver ninguém. Eu falo por experiência. Eu falo pra você que hoje, se hoje eu me interessasse por alguém, eu jogava tudo pro alto de novo. Aí voltei a me relacionar com ele.

E: e seu ex-marido voltou?

R: não, ele foi voltar seis meses depois.

E: e durante esses seis meses vocês perderam o contato?

R: sim, ele não ligava, não mandava dinheiro, ele esqueceu que tinha família, entendeu. Aí comecei um relacionamento com aquele rapaz de novo, aí criei mais coragem ainda pra quando ele voltasse eu não aceitasse ele de volta.

E: se você não tivesse se envolvido com esse rapaz, você acha que aceitaria?

R: eu acho que sim. Eu acho que eu aceitaria sim. Eu tava humilhada, teve um dia lá que deu até polícia, ele ajoelhou em cima de mim e passou a faca e cortou a pele do meu pescoço, as criança tudo gritando em volta de mim na cama, acho que ele me soltou porque ficou com dó de ver as criança chorando, eu saí correndo pro meio da rua toda ensanguentada, aí meu sobrinho, namorado da minha sobrinha, foi comigo na delegacia, as polícia veio, chamaram o pastor porque ele não queria deixar as polícia pegar as criança. Ele cortou a pele, não chegou profundo, mas a faca era velha, antiga. Ele falou pras polícia “que que vocês estão fazendo aqui? Vocês tem alguma ordem judicial pra entrar aqui?” ele era muito inteligente. Ele é até hoje. E daí ele... Nossa, que coceira no meu nariz. Aí as polícia peitou ele, ele começou a xingar as polícia, e uma das polícia tirou o revolver pra atirar nele, mas aí eu entrei no meio porque eu fiquei com medo, as minhas criança estavam lá dentro. Sem contar, Vivian, que antes disso, eu entrei na frente de um revólver pra livrar ele, não esse dia, foi outro. Numa mesa de jogo, ele brigou com um cara, eu grávida de oito meses, me pus entre ele e o rapaz, entendeu? Pro rapaz não matar ele. Ele era bagunceiro, briguento. Eu fui lá atrás dele e ele tava brigando. Meu filho até hoje não esquece disso. E nesse dia de novo eu pedi pelo amor de Deus pra não atirarem nele, mas porque minhas criança estavam lá né, antes eu ainda gostava dele, né. E daí somente o pastor conseguiu chegar ali e tirar ele de dentro da casa e eu entrei pra ficar ali com as criança. Ele só respeitou o pastor. Ele foi embora, depois ele voltou de novo e aí foi quando ele foi pro garimpo... eu queria entender, mas não consigo entender o porque eu aceitava ele de volta.

E: o que passava pela sua cabeça?

R: eu pensava, e até pouco tempo atrás eu pensava, que se eu tivesse aguentado mais um pouco, meus filhos não tivessem crescido tão revoltados.

E: você acha que seus filhos são revoltados porque vocês separaram?

R: não porque eu separei dele, mas porque eu ponhei outra pessoa dentro de casa e essa pessoa não foi bom pros meus filhos.

E: foi esse rapaz que você falou?

R: não, depois de dois anos eu deixei aquela pessoa que eu me relacionei, fiquei dois anos com ele, e quando o ex voltou eu já tinha arrumado serviço na roça, fui cortar cana, eu tava registrada, ganhava dois salários, eu tava muito bem, sabe, o que eu ganhava dava pra sustentar eu e meus filhos, pagar água, luz, eu tinha de fatura dentro de casa, eu já tava comprando meus móveis, porque eu não tinha mais nada. Aí ele voltou. Ele chegou na minha casa era uma hora da manhã, parou um carro lá na frente, tava um dia chuvoso, aí ele bateu na porta e eu perguntei “o que você tá fazendo aqui?” e ele disse “ah, eu vim pra minha casa”. “não, aqui não é mais sua casa”. E o carro deixou ele ali e foi embora. Eu falei que ali não era mais a casa dele, porque eu não queria mais ele e eu já tinha outra pessoa. E ele falava que se eu amasse outra pessoa, ele ia me matar. Ele falou “você é muito corajosa, heim, você falar na minha cara que você tem outra pessoa, você é muito corajosa”. Eu falei “então, a mesma coragem que você mandou eu ir me virar e eu me virei. Você não teve coragem pra mandar eu ir me virar? Então, e eu tive coragem e me virei”. Porque nós sempre brigava, ele me batia, e eu falava pra ele que o dia que eu ponhasse outra pessoa na minha vida era porque eu não queria mais ele. Mas aí quando ele voltou, Vivian, eu já tinha pego um advogado da firma que eu trabalhava, expliquei minha situação e ele já tinha entrado com processo de desquite. Então só faltava ele chegar e assinar o desquite. E aí aquela noite eu ainda deixei ele dormir na minha casa, eu falei que ele podia dormir na cama do meu filho, acordei meu filho, coloquei ele pra dormir comigo, e ele ficou na cama do menino. Daí ele tava com malária, tava tremendo, tremendo, amarelo. Falei “vai morrer essa coisa aqui”. Daí quem disse que eu dormia? Não consegui dormir, passei o resto da noite acordada. Era quatro horas da manhã eu acordei, fui fazer minha marmitta, fui pra roça, e antes de eu sair eu falei pra ele “ó, eu não te quero aqui, a hora que eu chegar eu não te quero aqui”. Ele tava morrendo, com malária, não tinha força nem pra respirar direito. Aí fui pra roça, tava chovendo, aí a gente fez um pedacinho lá, mas o homem trouxe nós de volta porque não dá pra cortar cana com chuva. Quando eu cheguei em casa só tinha um bilhete, que ele tinha ido, mas ele levou as filhas, nem a minha filha mais velha ele ia deixar. Só meu filho mais velho que não foi porque não gostava dele, porque como ele era o mais velho, ele via ele judiando de mim e por isso não gostava dele. E daí ele deixou esse bilhete. Quando vi aquele bilhete eu tomei um banho e fui no advogado. Aí o doutor ligou na casa dele e falou “você tem trinta minutos pra devolver essas meninas na casa dela, e se não devolver eu vou chamar a polícia e você vai preso por sequestro, por abandono de lar, por não dar pensão alimentícia. Você escolhe, ou você devolve as meninas e assina o desquite, ou então vou te por na cadeia”. Na hora, ele devolveu as crianças, assinou o desquite. Aí a primeira coisa, ele foi pra zona, tirou uma mulher da zona, depois de um tempo ela teve um filho. Mas é assim, ele bebe, ela bebe... agora tá do jeito que o diabo gosta, que nem diz o outro. Moram lá no fundo da casa da sogra. E depois disso, nesse rolo todo, num dia, faz acho que uns seis ou sete anos mais ou menos, eu fui na casa da minha sogra e ela me pediu perdão. E eu perguntei por que e ela falou que era pela maldade que ela me fez, que ela tinha colocado fogo na minha casa, ela e minha outra cunhada, daí eu falei “não, a senhora tem que pedir perdão pra Deus, eu não tenho o que perdoar. A senhora me fez um bem. Se hoje eu tenho a minha casa, foi graças a senhora ter queimado o que era

meu, se não era capaz de eu estar morando no fundo da sua casa até hoje. Eu tenho mais é que agradecer a senhora ter pohnado fogo na minha casa”.

E: você comentou que se relacionou com aquele rapaz por dois anos. Como era a relação com ele?

R: nossa, eu amei ele demais heim. Amei ele muito, muito muito. Olha, eu larguei ele a primeira vez pra casar, pois eu larguei do meu marido pra voltar com ele. Eu engravidei dele e ele assumia minha filha, mas ele não podia ficar comigo porque ele era casado. Que horas são? Eu acho que já passou da hora, eu tenho que sair pra ir ali na consulta que marquei no hospital. A gente pode continuar depois?

E: podemos. Vamos marcar outro horário.

R: nossa, eu agradeço a Deus por ter vocês, psicólogas né. Porque é tão bom contar a nossa história, faz tão bem. Mas tá, vamos ver o horário então.

SEGUNDO ENCONTRO

R: Oi, Vivian. Fiquei pensando a noite toda no que conversamos ontem. Eu parei naquela parte que reencontrei o pai da minha filha mais velha né, e que meu ex foi embora. Depois disso ele ficava nas esquinas me olhando e tudo, mas daí também ele não foi mais na minha casa. Depois do desquite ele falou que ia me ajudar com um salário, mas ele nunca deu esse salário. Ficou cinco anos sem pagar pensão e sumiu no mundo. Arrumou uma mulher, foi embora com essa mulher. Daí ele ficou cinco anos sumido. Eu passei por três advogados muito bons, mandavam oficial de justiça na casa dele, mas os pais dele escondiam. Às vezes ele vinha pra passear, visitar os pais dele, mas aí cidade pequena você sabe como que é, ligavam pro pai dele e avisavam pra ele não sair na rua se não ele seria preso. Aí ele ficou cinco anos sem aparecer. Eu queria o divórcio e com cinco anos ele podia assinar o divórcio pra mim, só que daí... Eu pulei um pedaço. Porque daí dois anos eu fiquei com o pai da minha filha, nossa, eu amava ele de paixão, eu era louca por ele.

E: vocês se davam bem?

R: nossa, ele era meu amante, era meu amigo, era uma pessoa especial mesmo. Era bem diferente do outro, não tinha nada a ver, me ajudava muito também. Nunca brigamos, a gente era muito amante, amigo, nunca brigamos.

E: e por que não deu certo?

R: porque ele tinha outra pessoa né.

E: era a mesma pessoa de quando você engravidou?

R: era, era a mesma pessoa. Eles eram casados fazia treze anos, que ele tava com essa pessoa né. E daí eu fiquei com ele esses dois anos. Esse tempo ele tava com a família com a mulher dele, eu era apenas a outra. Mas eu não ligava, porque, assim, antes dela conhecer ele, ela era uma pessoa muito má também. Ela era mãe solteira, mas era muito má. Ela tinha um... Um... Um caso com um vizinho nosso e ela ia na casa da mulher pra buscar o marido dela. Então, assim, eu via que ela ficava com ele e não tinha pena dela, ela magoou tanto a (nome) que era uma amiga da gente. Então eu também não tinha dó dela, porque ela não teve da outra. Só que... É aquela lei, tudo que vai, volta um dia né (risos) e aí ele tinha uma lanchonete, ele vinha me atender na frente dela, ela sabia que a gente tinha um caso. Daí o filho dela tava com quatorze ou quinze anos, daí ela foi e engravidou... Aí eu falei pra ele que se fosse de uma menina, eu deixava dele.

E: como assim?

R: porque eu falei pra ele “olha, eu tenho uma filha com você, mas se vier uma menina eu largo de você, eu não te quero mais”.

E: e se fosse um menino?

R: eu continuaria com ele (risos).

E: como assim?

R: (risos) não sei por que eu fiz essa proposta pra ele. Se fosse uma menina eu largava, não queria mais. Não sei, não sei... Eu tinha ciúmes, eu não queria que fosse uma menina. Eu tinha ciúmes, essa era a verdade. E daí eu vi ele no dia quatorze a noite, quando foi no dia quinze a mulher dele teve uma menina. E tinha um rodeio na cidade e eu não fui, e a menina que morava comigo na mesma casa, ela chegou em casa e falou assim “Rosa, você nem sabe quem que eu vi lá no rodeio”, falei “quem?” e ela falou “o nego”, a gente chamava ele de nego porque ele era bem pretinho, tipo índio, bem pretinho, cabelo liso, não era bonito, todo mundo falava pra mim que ele era feio, mas pra mim ele era o homem mais bonito que tinha né... Como diz o outro “o amor é cego” (risos). Daí eu falei que não queria mais ele a partir daquele dia. Aí, as vezes eu vinha da roça, passava na casa da minha irmã, e esse meu atual marido morava numa casinha do lado. Ele era separado, tinha duas filhas, a mulher dele largou ele e deixou as duas filhas pra ele cuidar. E ele queria uma pessoa pra ajudar ele a cuidar das filhas, é o que eu entendo até hoje. Daí, ele começou a se interessar por mim. Eu passava ali, eu não conhecia ele, e ele perguntava pra minha irmã quem era eu, daí minha irmã falou e ele perguntou se eu era casada, ela falou que não, que eu era separada e que eu trabalhava na roça pra cuidar dos meus cinco filhos. Daí nesse meio tempo ele fez amizade com essa amiga minha que morava na minha casa, e ele não tinha televisão, ele era assim bem pobrezinho.

E: você tinha uma amiga que morava com você?

R: tinha, ela tinha um filho, não tinha onde morar daí eu levei ela pra morar comigo. Porque quando eu saía, eu ia no baile e eu não deixava minhas criança sozinha, né. Daí um dia eu saía, outro dia ela saía. Ela morou comigo acho que um ano e meio, dois anos, por aí. Daí, naquela época ele não tinha televisão e eu tinha uma televisão em casa. Ele trabalhava no frigorífico, tinha um pessoal de fora, e eles queriam assistir o jogo da copa, isso foi há vinte anos, vinte e um anos atrás, mais ou menos. Aí ele pediu pra minha amiga se eles podiam ir lá, assistir o jogo da copa, assar uma carne, daí eu falei que pode né, não tinha nada que impeça, eles respeitando minha casa, minhas filhas, meu filho, não tem nada que impede. Aí eles foram, fizeram aquela carninha ali, eu nem fiquei ali, né, eu saí. Aí ele começou a se interessar por mim, às vezes eu estava nos lugares e ele chegava ficava... Assim, tentando me conquistar. Mas eu não via ele, porque eu gostava do outro, eu não queria... Ele, porque eu não gostava dele, essa era a verdade, eu não gostava dele. Aí um dia ele me convidou pra ir num baile e eu fui no baile. Mas cheguei lá, eu dei um, como é que fala... Eu dei um (risos)... Um perdido nele (risos). Eu vazei.

E: você foi pra onde?

R: ah, eu saí. No baile mesmo, encontrei um namorado lá e saí. Aí uma sobrinha minha ia casar e convidou eu pra ser madrinha. Mas nesse meio tempo eu já tinha feito uma amizade com ele, a gente já tava amigo. Daí essa minha sobrinha me convidou pra ser madrinha e eu falei “mas e o padrinho?”, preciso de um padrinho. Daí eu fui e lembrei dele e convidei ele pra ser padrinho comigo. Naquele dia ali, depois do casamento da minha sobrinha, nós dois saímos juntos, passamos a noite juntos e não nos separamos mais. Cinco anos, eu posso dizer assim que... Sem contar que quando eu conheci ele e que ele veio morar na minha casa, ah... Ele veio morar em casa acho que foi no mês de setembro, dia cinco de setembro, a gente ficou junto, quando foi dezembro ele já tava morando na minha casa, aí assim, depois do almoço no natal a gente saiu, eu, ele, minhas filha, meu sobrinho, e antigamente era dia de paquera, eles punha música nas lanchonete e tudo, acho que não é do seu tempo isso aí, tinha aquelas paqueras... Você dançava no meio da rua, e era muito gostoso. E nós fomos, nós chegamos lá, sentamos numa mesa, eu já tinha contado tudo pra ele né, como tinha sido meu casamento, que eu já tinha tido um caso com aquela pessoa, e esse meu ex amante tava lá. Aí a minha filha mais velha tava junto, daí meu atual ficava olhando pra mim, pra minha filha... Aí os dois irmãos não se combinavam né, minha filha e o filho do pai dela com a mulher dele, um tinha ciúme do outro por causa do pai. Não sei como que foi lá que o irmão dela foi lá e deu um empurrão na minha filha, aí eu fui e dei uma bronca nele, mas o pai dele não gostou. Eu sei que foi uma briga horrível sabe, mas no final você viu que aquela briga ali não foi por causa das criança, foi porque o meu ex, pai da minha filha, ficou enciumado porque eu já tava com outro. Eu falei que não queria mais ele, não queria mais e fiquei com essa outra pessoa que hoje é meu marido né. Então, assim, criou aquela rivalidade, aquela raiva entre eles. O meu ex não aceitava perder, era ciúmes, foi uma briga feia entre os dois maridos, o ex, o amante né, e o atual. Até hoje eles não suportam olhar um pro outro. Se meu marido tiver num lugar e o pai da minha filha chegar, já é motivo dele fechar a cara, ficar emburrado comigo.

E: faz quanto tempo que vocês estão juntos?

R: acho que vai fazer vinte e um anos em setembro. Mas, eu vou te dizer uma coisa, antes de eu conhecer meu marido, ele era pobre, pobre, pobre... Pensa numa pessoa pobrezinha, você tinha pena até de olhar pra ele, de tão pobrezinho que ele era. A casa que ele morava era assim, tão... ele morava com a irmã dele, mas eles são um povo assim, relaxado. A casa deles não tinha reboco, tinha aqueles buraco nas lajota, tinha rato, então quando você chegava na porta você já sentia aquele cheiro de rato. Era muita sujeira, era coisa assim horrenda mesmo. Eu sempre fui pobre, mas graças a Deus eu sempre fui limpa. Minha casa até quando era de chão eu passava barro branco pra ficar limpo. E daí ele não tinha roupa, não tinha calçado, não tinha nada, nada. Até no dia que foi no casamento da minha sobrinha ele foi com uma roupa tão horrível. Eu não fiquei com vergonha dele, não. Eu nunca senti vergonha de tá perto dele não. Mas eu fui, assim, muito bonita. Hoje eu não to porque eu não me cuido mais, sou sincera em te dizer, eu to relaxada comigo. Mas assim, eu sempre fui muito vaidosa... Então, eu sai da roça, né, fiz seis meses de roça, terminou, daí tava trabalhando de doméstica numa casa de um homem muito rico. Daí ele arrumou uma namorada em Santa Catarina e trouxe ela pra morar com ele, e ela gostava muito de mim. Eu não tinha roupa chique pra ir no casamento, mas ela me emprestou uma roupa pra eu ir no casamento. Era uma roupa muito bonita mesmo, uma calça de voal vermelha, era uma roupa linda. Até esses dias minha filha falou “mãe, pega aquela foto do casamento da prima, pra hora que o tio começar a falar que tem vergonha de você, você mostra pra ele quem era ele e quem era você” (risos) porque agora tá invertido sabe. Eu toda poderosa e ele todo desarrumado, coitado, com uma roupa bem simpleszinha. E quando ele veio pra minha casa eu joguei todas as roupas dele fora, fui na loja e comprei tudo novo... Roupa de serviço, roupa de sair, porque era tudo remendada. Então, assim, vamos dizer que eu fiz de cachorro gente, sabe, eu mudei a vida dele, vesti ele decentemente, porque eu gostava que ele se vestisse bem. Aí depois de dezembro eles brigaram, tudo, aí o pai da minha filha foi embora pra uma cidade vizinha, não quis mais ficar na cidade... Foi embora. E daí eu fiquei vivendo ali com meu marido. Cinco anos, eu vou dizer pra você assim, por cinco anos eu fui a pessoa mais feliz desse mundo. Ele era uma pessoa, assim, tão boa, tão boa, que às vezes eu falava pra minha irmã “acho que a felicidade que é boa demais dura pouco”. Durou cinco anos. Aí passou esses cinco anos, nesse tempo ele foi trabalhar fora, eu fiquei cuidando das filhas deles, por isso que eu te falo, eu tive sete filhos. Cinco meu e dois dele. A Livia tinha dois anos e meio e a Marcia tinha três anos e meio quando chegaram na minha casa, era tudo pequenininha. Eu que ensinei ir pra escola sabe, eu que ensinei tudo o que elas sabem da vida. E nesses cinco anos ele foi trabalhar fora, ganhava muito bem, foi fazendo consórcio de moto, aí ele foi contemplado e terminou de pagar, depois comprou o carro. Ele montou uma sorveteria e quando ele comprou aquele carro ele se cresceu. Era um carro simples, mas ele já se achou, sabe. Aí ele me deixou em casa um dia e foi ficar com outra pessoa em público, pra todo mundo ver, pro meu filho ver, e no outro dia a Livia com sete anos chegou em casa e me falou “ó, tia, ontem o pai deixou você em casa e foi em tal lugar com uma menina assim e assim, que as menina da Irene viu”. Nisso ele tava deitado no sofá, só que ela me chamou atrás da casa, falou “só que você não conta pro pai, se não o pai vai me bater”. Mas na hora que ela falou aquilo eu peguei um cabo de vassoura e sai correndo atrás dele. Só que eu falei pras menina né, eu tinha a sorveteria, eu falei pra elas “se vocês me falar como é que era essa mulher eu vou dar um cascão pra cada uma de vocês”. Ahhh, uma já abriu o bico, aí ela me contou. Quando ela me falou eu já sabia quem era a

peessoa. Então, assim, aquilo ali me feriu de morte. Aquilo me feriu tanto, tanto, que depois eu peguei essa mulher, eu bati nessa mulher, sabe, eu descí muito baixo. Hoje eu falo pra você que hoje eu não faço isso mais. Mas eu descí muito baixo por causa dele. E uma semana depois nós estava numa festa e ela passou me provocando e ele me puxou pra dentro do carro pra gente ir embora, mas eu não queria ir. Falei “não, eu não vou embora por causa dela”, “você vai, você vai” e eu insisti, quando eu insisti ele pegou e me bateu. Ele me quebrou isso aqui (aponta pra lateral do rosto e nariz). Meu rosto ficou todo preto, todo deformado de tanto que ele me bateu. Me bateu dentro do carro, só nós dois. Aí conforme ele me bateu, estourou algum vaso aqui e daí eu comecei a engasgar com sangue. Quando ele viu que eu tava morrendo sufocada, ele pegou e me levou pro hospital. Aí ele chegou lá, as duas enfermeira perguntou o que aconteceu e ele falou, que ele tinha me batido. Aí elas chamaram a polícia. Olha, eu fui tratada assim tão, tão assim humilhada pelos polícia, que acho assim que se eu fosse uma prostituta, que se eu morasse numa casa de prostituição, eu não merecia aquele tratamento.

E: como que foi?

R: assim, eles falou assim “ah... Mulher é tudo vagabunda”, mas, assim, acabou comigo, sabe. Porque ele falou que eu tinha avançado nele, aí as polícia veio e... Olha, é uma coisa tão doída que eu não gosto de lembrar. Aí, o que aconteceu... Aí... A enfermeira fez o curativo, eles não fizeram ocorrência, aí ela falou assim “mas vocês pelo menos põe ela na viatura e leva ela na casa dela”. Eles falaram “se ela quiser, ela que vá a pé. Nós não vamos levar essa vagabunda em casa”. Aí ele disse “eu levo” e eu falei “não, no seu carro eu não entro”. Aí eu peguei e fui embora a pé. Eu tava, assim, tão irreconhecível que eu passei pela minha amiga, aquela que me acolheu quando eu engravidei, e ela não me reconheceu. No outro dia ela ficou sabendo e falou “eu não acredito que foi a Rosa que passou por mim toda machucada daquele jeito”. Ela tem raiva dele até hoje. Ele vai lá no quiosque dela, quando a gente vai lá, mas ela não gosta dele. Ela fala assim pra mim “olha, Rosa, eu não sei como é que você ta com esse cara”. E daí... Isso foi no sábado, aí passo o domingo, meu filho não tava na cidade, tinha ido pra outra cidade, aí no domingo a noite meu filho chegou. Aí eu expulsei meu marido de casa, as meninas ficaram comigo, eu não joguei as menina na rua, as menina não tinham nada a ver com isso, né. E... Mas ele foi umas três vezes em casa, tentando voltar, eu falei que não queria. Quando foi na segunda-feira, aí... Meu filho chegou no domingo em casa, saiu de casa pra procurar ele, graças a Deus não encontrou, porque senão ele ia fazer merda, ele tava com dezessete pra dezoito anos, ele era grandão, é um menino alto, forte. Ele tá com trinta e quatro anos, mas se você olhar você fala que ele tem mais, porque ele tem aparência, assim, de bem adulto sabe, de velho, ele aparenta ter mais do que ele tem, pelo tipo dele, assim, pelo estilo dele. E daí meu filho não achou ele no domingo a noite, daí voltou pra casa e na segunda-feira nós fomos pra delegacia, fizemo a ocorrência e não fizeram nada. Aí o Tom, pai da minha filha, ficou sabendo. Ele ficou sabendo né, uma amiga minha ligou pra ele, contando o que tinha acontecido, ele ainda morava com a mulher dele, e daí ele saiu da cidade que morava e veio até minha cidade e mandou essa minha amiga me chamar que ele queria conversar comigo. E daí como eu tava muito magoada, muito ferida, eu fui. Aí ele falou pra mim se eu não queria ir embora daí. Aí eu falei que tinha vontade de ir sim, ou pra Maringá ou pra

Curitiba. Ele falou assim “olha, pra você ir pra Curitiba no momento eu não posso te ajudar, mas se você quiser ir pra Maringá você vai que eu te dou uma passagem, você vê um lugar pra você ficar lá e eu vou te ajudar, né, eu nunca pude te ajudar, agora eu vou te ajudar”. Aí ele foi e me deu o dinheiro da passagem, mas na segunda-feira a tarde, antes de eu ir conversar com o Tom, meu filho pegou meu marido na esquina da casa da minha irmã e bateu muito nele também, sabe, tinha bastante amigo dele, mas ninguém entrou no meio. Quando alguém queria entrar, falavam assim “não, ele não bateu na mãe do rapaz, então agora deixa ele bater nele”. Então meu filho bateu muito nele, antes de eu ir conversar com o Tom. Aí eu fiquei com vergonha, sabe, de ficar na cidade.

E: vergonha do que?

R: eu me sentia, assim, muito humilhada. Eu fui no batalhão, eu fiz ocorrência contra os policiais, eu fui na delegacia, eu fiz ocorrência contra o meu marido pra ver se eles tomavam alguma atitude, e ficou elas por elas. Então eu me sentia, assim, indignada, com vergonha de sair na rua com a cara toda machucada. Já tinha apanhado tantos anos do outro, agora arruma outro pra apanhar de novo? Então eu fiquei envergonhada de tudo aquilo. Aí eu liguei pra uma amiga minha que mora aqui em Maringá e falei pra ela se eu podia vir e ficar uns dias na casa dela. Ela falou que eu podia vir, porque eu expliquei pra ela o que tinha acontecido pra ela não se assustar, porque se você me visse daquele jeito você se assustava. E... Eu vim, o Tom me deu o dinheiro, eu vim pra cá, liguei pra ele pra avisar que eu já tava aqui, ele falou “então você vai procurando um lugar pra você e depois você leva seus filhos embora também”... Porque eu vim sozinha né, as pequena ficaram com a minha irmã e os maiores ficou com meu filho. As duas menor ficou com a minha irmã, porque elas era pequenininha. Minha filha mais velha já tinha ido pra Portugal nessa época, ela tava com dezessete anos. Meu filho continuou morando sozinho, porque ele e meu marido não se davam né, daí quando ele fez dezesseis anos a gente reformou a casinha que meu marido morava né, aquela simplezinha, a gente reformou tudo e meu filho foi morar lá.

E: então mesmo eles não se dando seu marido deixou ele ir morar lá.

R: é, antes dele bater nele né. Porque os dois já não se combinava, meu marido era muito autoritário com as minha criança, sabe, ele era muito ruim com as minha criança. E... como que eu posso te dizer, ontem você me perguntou porque eu não posso contar com meus filhos... Porque eu dei mais carinho pras filhas dele, eu dei mais atenção pra ele, deixei de dar carinho pros meus filhos, deixei de dar atenção pros meus filhos. Então, com uma semana que eu tava aqui, ele descobriu onde que eu tava, aí ele passou na minha irmã, pegou minhas filhas, pegou as filhas dele, e no sábado de manhã ele chegou onde eu tava. Eu tava com a cara toda machucada ainda e ele também né. Aí eu já tinha saído da casa da minha amiga, eu descobri onde uma madrinha minha morava e eu fui na casa dela.

E: você sabe como ele descobriu?

R: eu desconfio que a minha irmã contou pra ele. Minha irmã tem muita dó dele até hoje sabe.

E: por que?

R: porque ele não tinha pai, não tinha mãe, não tinha ninguém. Mas nós vamos chegar lá (risos). E daí ele chegou com aquela cara de cachorro quando cai da mudança né, e minha madrinha já sabia da história, aí ele foi e contou pra minha madrinha o que tinha acontecido, que ele não devia ter feito aquilo, mas ele perdeu a cabeça, aquela conversa toda. E... daí, eu aceitei ele de volta. Não sei se porque eu gostava, não sei se porque eu tava com dó das meninas, porque hoje eu acho que eu tinha mais dó das menina do que dele. Você entendeu? Eu tinha dó porque a mãe delas abandonou, abandonou a Livia ela tinha nove meses, tava mamando ainda. A irmã dele não cuidava, a vó não podia cuidar porque ela tava doente e logo ela morreu, a mãe delas tava numa casa de prostituição, não vinha nem ver elas, tanto que o juiz tirou as meninas dela e deu a guarda pra gente né, a guarda das menina foi definitiva. Então eu tinha muita dó delas também. E dele também. Então, assim... Ah... hoje eu falo pra você, se fosse hoje eu não voltaria (risos).

E: qual é a diferença de antes você voltar e hoje não?

R: ele é muito ruim pra mim. Daí quando a gente chegou aqui, com quinze dias que a gente tava aqui, a ex dele morreu. Aí foi que eu assumi de vez as meninas. Porque eu ainda tinha esperança delas crescerem, um dia a mãe tomar juízo né. Ai um dia ele chegou de manhã em casa, porque ele ficou lá trabalhando, daí ele falou assim “eu vim buscar as meninas pra ir no velório da mãe delas, a mãe delas morreu ontem a noite num acidente”. Chegava temporada de verão ela ia pra Camboriú fazer programa lá e na volta, chegando lá na cidade onde ela morava, a hora que foi cruzar o trevo vinha um carro e bateu bem do lado dela, matou na hora. Então as meninas ficou sem uma referência de mãe. Aí eu... Assumi o lugar de mãe.

E: você não tinha assumido o lugar de mãe até então?

R: mas não era cem por cento né, porque eu sempre pensava que um dia elas iam atrás da mãe né, como eu acho que se a mãe fosse viva elas já tinham ido mesmo. Então era assim, aí eu comecei a trabalhar, a gente chegou aqui e não tinha nada. Porque eu não trouxe nada de lá, só trouxe o fogão, a geladeira, o colchão e a cama das menina. O resto dos meus móveis eu deixei tudo pro meu filho, daí ele entregou a casa lá né, e foi morar onde eu morava. E eu digo pra você uma coisa, com trinta dias que a gente tava aqui, eu consegui ajudar ele a comprar uma casa. Então nós pagamo aluguel acho que não chegou trinta dias. Eu fiz ele pegar aquele carro, dar de entrada numa casa e pegamo parcelas de... Dezoito parcelas de setenta e oito reais na época. Isso há dezesseis anos atrás. E dali pra cá ele já comprou carro, várias coisas pra ele. Mas daí, Patrícia, tem um porém, mulher magoada faz coisa que você não tem nem noção, ou você tem, não sei. Como eu tava muito magoada com ele, e ele ficou um ano trabalhando lá, o que que aconteceu? O Tom vinha fazer compra aqui em Maringá. E cada vez que ele vinha, a gente se encontrava, ficava junto. Então foi cinco anos que eu fiquei com ele de novo, assim, escondido do meu marido, não escondido da minha irmã, da minha irmã eu nunca escondi nada, e nem dos meus filhos. Os meus filhos sabiam e minha irmã sabia. A minha família sabia, só ele que não sabia, até hoje acho que não sabe, ou se sabe ele nunca falou. Eu sei que fiquei cinco anos com o Tom. Nesses cinco anos, assim, meu marido ruim, me judiando, não de me bater sabe, mas com palavras. Assim, porque ele sempre deixou as filhas dele fazer tudo o que queria. Ó, eu trabalhava de segunda a segunda de diarista. De

segunda a sexta eu ia nos apartamento, no sábado eu ia num escritório e no domingo eu ia numa clínica, então eu trabalhava de segunda a segunda. Eu chegava em casa no domingo, três, quatro horas da tarde, eu ia lavar roupa de todo mundo, eu ia lavar louça, porque nem uma louça ela não lavava. Ela tá com vinte e quatro anos, ela chega, vai tomar banho, come, entra no quarto dela, liga o computador dela... Ela não lava um prato, ela não lava a roupa dela, ela não limpa o banheiro, ela não faz nada e foi a vida toda assim. Então, eu fui sempre a empregada deles dentro de casa, dos três. Do meu marido e das duas filhas dele. Porque daí, ó, minha filha mais velha foi pra Portugal com dezessete anos, o meu filho com dezesseis anos foi morar sozinho, a outra filha casou com dezesseis anos pra sair de casa...

E: ela queria sair de casa?

R: porque ele era muito ruim pra ela. As filhas dele podia fazer tudo, as minhas não podia nem abrir a boca, se abrisse a boca elas já tavam apanhando. A outra filha era estagiária na secretaria da saúde, aí um dia eu quando eu descí do prédio que eu trabalhava ele tava lá em baixo me esperando “ah eu vim aqui te contar umas coisas da sua filha, ela fez isso e isso e isso, e eu avancei no pescoço dela porque ela veio pra cima de mim”. Cheguei em casa, ela tava toda marcada no pescoço. Aí eu cheguei em casa “o que aconteceu, filha?”, aí ela foi me contar. A Livia tinha costume de mexer em tudo que era da gente, se você guardasse dinheiro, ela ia lá, pegava, gastava, você sabia que era ela... Se as menina comprasse uma *lingerie* nova ela ia lá e pegava escondido, ela escondia no forro, porque no quarto delas era beliche e ela dormia em cima, o quarto não era forrado, mas tinha o forro da sala, então ela pegava as coisas minha e jogava tudo ali, maquiagem, *lingerie*, jogava tudo ali, então quando as menina não tava ela usava. E um dia não sei porque cargas d’água eu fui mexer lá e eu achei tudo lá em cima. Aí foi onde a gente descobriu que era ela que pegava as coisa. As coisa sumia, sumia e a gente não sabia como... Aí a gente descobriu que era ela e a minha filha Ana tinha comprado uma *lingerie* e foi procurar e não achou e falou “ó, tio, foi a Livia que pegou”. Pra que? Ele avançou nela e eles tavam sozinho em casa daí ela foi e avançou nele também, aí os dois se engarfinharam né. Aí a Ana arrumou um namorado, ficou grávida logo pra sair de casa, e daí eu digo pra você como é que eu vou poder contar com meus filhos? A Valentina saiu de casa com dez anos pra você ter noção, com dez anos ela foi morar com a minha sobrinha. Ela saiu por causa do meu marido também. A única que conseguiu ficar em casa apanhando, sendo judiada, foi a Thais, a mais nova, pra você ter noção ele quebrou esse dedo dela aqui um dia (aponta), ele torceu assim que quebrou. Eu cheguei em casa, ele tava no bar e ela subiu assim com o dedo enrolado, aí ela... Ela é evangélica, até hoje, ela tava indo pra igreja e eu falei “o que que foi isso?”, “ah, mãe, não foi nada não, eu machuquei”. Mas ela não tinha me contado o que foi, e subiu pra igreja. Dali a pouco ele desceu atrás de mim “é, sua filha foi fofocar pra você”, falei “não, ela não me falou nada, o que aconteceu?”, aí ele foi e contou do jeito dele, sabe. Ela tinha desses rádio pequeno, rádio com cd, e como ela canta na igreja, toda tarde ela ensaiava pra ela ir pra igreja a noite. E as menina dele tavam ouvindo rádio e ela foi e falou “ó, vou pegar o rádio que eu vou ensaiar”. Porque tinha meu quarto e o quarto delas na frente, aí lá no fundo tinha a edícula com outro quarto com dois lugares da janela que nem tinha vidro, a porta não tinha fechadura, era um prego que virava e fechava por dentro, era lá que minha filha dormia... Porque se ela dormisse dentro de casa, a hora que

ela chegava da igreja ele não abria a porta pra ela, e se eu fosse abrir o pau também quebrava. Ele não me batia, mas a gente brigava, sabe. Então ela preferiu ficar lá no fundo, daí ela ia pra igreja a hora que ela queria, chegava a hora que queria e... Tinha vez que ele fechava o portão com cadeado, ela tinha que pular o muro quando ela chegava, porque daí eu dormia e não via né, daí no outro dia que ela vinha e me contava “ó, mãe, o tio fechou o portão e eu tive que pular o muro”. Então essa foi a única que aguentou, quando ela completou vinte anos ela casou. Daí a Valentina com quinze anos ela voltou pra casa, sofreu muito na casa dos outros, aí ela voltou e ficou três anos em casa, mas assim, ficava um tempo trabalhando de doméstica, morando nas casas, aí quando saía vinha pra casa e ficava um tempo, aí ela inteirou dezoito anos e eu falei “ó, Valentina, se você quiser a mãe arruma uma casa pra você”, aí ela quis e eu aluguei uma casa pra ela, eu comprei todos os móveis pra ela, da geladeira até... Então eu montei uma casinha pra ela. Aluguei uma casinha de dois cômodos, né, não, tinha três cômodos a casa, era sala, quarto e cozinha e eu comprei tudo pra ela. E... Ela foi morar sozinha, eu paguei aluguel pra ela três meses pra ajudar ela né, até ela se acertar e conseguir pagar todas as contas, três meses eu ajudei ela. A partir desses três meses ela arrumou um serviço fixo numa firma, ficou quatro anos, aí arrumou um namorado, o namorado foi morar com ela também, moraram quatro anos, mas ela era muito ruim sabe, ela xingava ele, ela maltratava ele, até que um dia ele arrumou outra que... Deu carinho. Eu sempre falava pra ela “Maria (trocou o nome pela filha mais velha), se você tratar ele assim, o... O... Valentina, se você tratar ele assim, um dia que você arrumar alguém... Que ele arrumar alguém que dê carinho, ao contrário do que você faz, ele vai te largar”. Mas, olha, não levou meses pra isso acontecer, aí ela ficou doida, sabe. Aí, ela foi pra igreja, não saiu da igreja, ela continua indo pra igreja, as minhas filhas tudo são evangélicas. A Valentina agora tá afastada. E daí na igreja ela conheceu um rapaz que era ex-drogado, tava na igreja, se envolveu com ele e engravidou. Quando ela engravidou... Não, antes dela engravidar ela tava fazendo plano de casar, mas daí, a Valentina ela é assim muito inteligente, sabe, ela dirige, assim, Maringá inteiro. Ela trabalhava com entrega de uns produtos, aí a mãe do rapaz pediu pra ela ensinar ela a dirigir, porque ela ia tirar carteira e ela queria umas aulas extra, daí a Valentina foi ensinar e... Na hora que a Valentina queria o carro, a mulher não deu o carro, “não, porque eu sei, eu sei, eu sei” aí a mulher bateu o carro e queria que ela assumisse a culpa e ela falou que não ia assumir. Daí eu sei que os dois acabou brigando, terminaram o namoro e ela descobriu que tava grávida... E daí eu ajudei ela toda a gravidez dela, aí meu marido, aí eu falo pra você, nessa parte eu não entendo. Ele é uma pessoa bem... Grossa, estúpida, mas quando ela engravidou ele deu um apoio que você precisa ver. É uma coisa, assim, que não tem explicação. E daí depois que ela teve o filho ela firmou na igreja de novo, aí arrumou outro, tá lá quebrando a cabeça que nem a mãe quebrou né...

E: você acha que ela repete as coisas que você fez?

R: tudo, tudo, tudo.

E: como o que?

R: todos os erros que eu cometi, ela tá cometendo. Tipo assim... Ela tinha o Davi que era uma pessoa boa, ela arrumou um agora que ele tem... Ele já é separado, tem uma filha de sete anos.

Depois que ele tá com ela, ele engravidou uma moça. A mulher vai ganhar bebê agora, essa semana, e em agosto a Valentina vai ganhar outro. Tá com mais ou menos dois meses, ela fez maior barraco lá no terminal porque pegou ele com outra e eu acabei me envolvendo, porque eu tava lá e eu não ia deixar... Eu sei que eu perdi a cabeça, eu bati no rosto desse rapaz no meio de gente, sabe, como diz o outro, quando você vê sua filha no sufoco você vira uma leoa né. E eu acabei batendo nesse rapaz no terminal, bati no rosto dele, é uma coisa que eu não... Sabe, assim, quando depois você cai em si e fala assim “meu Deus, que coisa feia”. Hoje eu passo lá no terminal e eu fico pensando “será que essas pessoas lembram de mim daquele dia, meu Deus?”. Minha cara queima quando eu lembro, sabe. Aí eu vou dar conselho pra ela, ela não aceita. Eu falo “Valentina, você ta cometendo os mesmos erros que eu cometi”. Com uma diferença, Vivian, eu não tinha minha mãe pra me orientar. Eu nunca tive meu pai, minha mãe pra me botar dentro de casa quando eu tive meus filhos, pra ir no hospital pra ficar... A minha mãe não quis nem ver a cara da minha menina quando ela nasceu. Meu pai não foi diferente com meu filho. Então, assim, eu vejo ela cometendo os mesmos erros que eu. Só que como que eu vou cobrar dela? Não tem como eu cobrar nada dela... Bom, Vivian, nesse meio tempo eu já separei do meu marido de novo. Eu separei a primeira, que eu vim embora sozinha e depois de uns três anos que eu tava aqui... Eu... Assim, eu tava cansada de trabalhar, trabalhar, chegar em casa e briga, briga, briga, briga...

E: vocês brigavam por quê?

R: por causa das filhas. E daí o que que aconteceu? Nesse meio tempo a gente brigava, brigava, brigava, e eu tava saindo com o Tom. Ele vinha aqui a cada quinze dias, então ele me dava tudo aquilo que eu não tinha dentro de casa. Ele me dava atenção, ele me dava carinho, ele conversava comigo, ele era meu amigo, sabe, além dele ser a pessoa que eu gostava, ele era meu amigo, sabe, porque ele me escutava. Ele entendia meus problema, ele me aconselhava muito, igual das outras vez ele me ajudava, quando meu neto nasceu eu precisava de dinheiro pra fazer uma consulta. Há doze anos atrás era duzentos e oitenta reais um cardiograma pra bebê e ele mandou o dinheiro pra mim. Então ele me ajudava, ele era uma pessoa para todas as horas. Todas as horas que você precisava dele, você podia ligar que ele tava ali. Enquanto aquele que você tinha dentro de casa só te virava as costas, só te botava defeito. Aí eu falei “acho que eu não mereço isso”. Aí nesse meio tempo a Ana tava em casa ainda? Não... Tava, a Ana tava em casa ainda, aí eu tirei ela do serviço e a Thais eu tirei da escola e mandei de volta pra minha cidade e abandonei a casa. Arrumei a mesma casinha que eu arrumei quando cheguei aqui, fui lá, conversei com o dono e fui morar sozinha.

E: as meninas foram pra sua cidade por quê?

R: porque eu ia começar tudo de novo. Eu fui começar do começo. Porque eu sai de dentro da casa que era nossa... Eu larguei tudo, a gente não tinha nada. A gente tava pagando a casa ainda, acho que faltava duas parcelas pra pagar, eu não me lembro muito bem... Mas aí eu não aguentava mais. E daí... Eu continuei trabalhando de segunda a segunda e ele ficou na casa nossa com as duas filhas. E no fundo da casa nossa tinha um cafezal, vamos se dizer, era um bairro de café. Eu saía do serviço e ele tava lá em baixo me esperando. Eu levantava de manhã cedo pra ir trabalhar, ele tava no ponto me esperando. Era meia noite, uma hora da

manhã, ele tava batendo na minha porta e as meninas ficava sozinha lá naquela casa, não tinha vizinho por perto, não tinha nada... Ele largava as filhas lá e ia atrás de mim. Ele chegava nos meus pés e ele ajoelhava, ele chorava pedindo pra mim voltar pra ele... E eu... O Tom tava me ajudando a pagar aluguel, tudo, né... Na esperança que eu ia largar dele. E daí eu fiquei com dó das meninas de novo, eu ficava pensando como seria minhas filhas ficar sozinha daquele jeito. Ele não fazia comida pras meninas, a Marcia tava com dez anos, a Livia ia completa nove. Daí os vizinhos começaram a contar pra mim dentro do ônibus “olha, Rosa, eu não sei não como estão essas meninas. Ele não faz comida pra elas, passa lá pra você ver” e eu passava. Eu chegava lá “vocês comeram?”, “ah, não, o pai saiu cedo e até agora o pai não chegou”. Eu fazia comida, deixava pra elas e ia embora. Quando era lá pra meia noite, uma hora da manhã, ele tava lá de novo. Foi o que? Acho que um mês assim.

E: como era pra você quando ele pedia pra voltar?

R: eu não gostava dele mais. Eu não gostava. Ele ajoelhava, ele implorava, ele chorava... Mas eu falava “eu não gosto mais de você, eu não quero mais você”, “eu sei que você gosta de mim ainda, eu sei que você me ama”. Sabe, ele acreditava que eu amava ele ainda. Aí, assim, um dia na circular, o motorista falou assim pra mim “Rosa, se você não voltar pra aquele homem ele vai enlouquecer, porque hoje eu já fiz umas quinze viagens e toda vez que eu fui eu via esse homem que subia e descia, subia e descia, subia e descia”. Pra você ter noção, ele perdeu todos os documentos dele no meio do caminho, desse trajeto que ele fazia, ele perdeu todos os documentos. Ele emagreceu uns dez quilos durante esse mês. Assim, ele ficou, assim, meio atordoado, não trabalhava, aí eu fiquei com dó e voltei pra trás. Aí quando eu voltei pra trás eu falei pra ele que eu ia voltar, mas qualquer tempo que fosse eu não saía mais de casa, se tivesse que separar, ele que ia ter que sair. Entendeu? E dali pra cá, Vivian, as coisas foi só briga, briga, briga, briga. Hoje, eu vou falar pra você, hoje eu me sinto tão mal que eu to na terapia aqui hoje por causa disso. Ele é muito ruim pra mim, ele é muito egoísta.

E: o que ele faz?

R: ah, ele faz pouco caso de mim. Sabe, esses dias... Eu fui viajar e a filha dele estragou a minha televisão. Eu comprei uma televisão daquelas de led, né, coloquei no meu quarto e como ela queria assistir o SBT ela tirou a antena local pra colocar a da TV a cabo. E ela ao invés de desrosquear, ela puxou e arrancou com tudo. E eu fui falar pra ele, aí a hora que ele falou assim “mas você viu se foi ela?” eu falei “não, mas só tinha ela em casa”, aí ela viu que ele deu ousadia pra ela né, ela veio na cozinha, nossa, mas me xingou, falou um monte pra mim, assim, sabe. Que eu respirei, voltei de novo e falei “meu Deus, me dá força, eu não vou fazer o que ele ta querendo”. Aí ele começou “é, porque você é uma crente linguaruda, uma crente levantadora de falso que você ta falando que foi ela sendo que você nem viu se foi ela. Foi seus neto que vive aqui dentro de casa”, eu falei “uma criança vai ter força pra...” meus neto tem dois anos e meio, três anos e quatro anos, eles tem essa força pra rancar um negócio daquele? Eu falei “é muito fácil você fazer as coisas errada e jogar a culpa numa criança, é muito fácil fazer isso”. Aí ele começou a me xingar, sabe, mas falou cada nome horrível, assim... Que eu fiquei quieta, eu chorei, chorei, chorei, chorei. Daí ele falou assim “eu tenho vergonha de sair com você, eu tenho raiva de você, eu não gosto de você, eu tenho nojo de

olhar pra sua cara” (chora). Então, assim, foram palavras que me feriu muito... (chora). Me magoou tanto que você não tem noção. Aquele dia ali, se existia algum sentimento por ele, acabou. Tanto por ele como pela filha dele. Assim, sabe, eu me afastei dos dois. A gente mora na mesma casa, a gente dorme junto... Ele me procura, eu falo assim “você quer? Você usa, só que você não me peça nada em troca porque eu não tenho mais sentimento nenhum”. Foi isso que eu falei pra ele. Falei “aquelas palavras que você falou pra mim, você me matou aquele dia, então você não espera mais nada de mim. Pra mim é indiferente se você tá ou deixa de tá aqui em casa”. Então, assim, eu acho que foi por conveniência.

E: conveniência?

R: porque, assim, Patrícia

E: quem é Patrícia?

R: ai Jesus, eu te confundi com a Patrícia. É minha ex-patroa. É que eu conversava assim com ela, sabe. Eu conversava com ela dos assuntos assim (risos). E você é, assim, meio parecida com ela (risos). É, eu tava querendo lembrar com quem você se parecia e é a Patrícia (risos). E daí... Assim... Que nem eu te falei, ele não tinha nada. Depois que chegou aqui em Maringá nós compramos aquela casa no Olímpico, ele comprou um carrinho velho, desse carrinho velho ele comprou um mais novo... Aí eu não gostava daquela casa lá, eu conversei com ele e troquei aquela casa em outra casa maior, uma casa melhor, precisava de uma boa reforma... E ele nunca, assim, se prontificou a reformar a casa. Aí no começo do ano, quando terminou o ano eu falei assim “o meu objetivo de dois mil e quatorze é reformar a casa”. Então em dois mil e treze eu troquei todos os piso de casa, de dentro. Dois mil e quatorze eu trabalhei em janeiro... Eu tava de férias, eu trabalhei só pra comprar o forro, comprei todo o forro, o telhado precisava trocar e eu comprei... E daí... Depois dessa casa ele tinha um corsinha daí ele vendeu e comprou um siena que era um carro melhor. Quando ele comprou esse siena, com noventa dias ele ganhou um carro num sorteio... E a partir do dia que ele ganhou aquele carro, se ele já tinha se achado, ele se achou muito mais. Você entendeu? Ele hoje ele se acha o cara. Ele é mais novo do que eu seis anos, parece, assim, que ele é mais novo do que eu trinta anos. Ele se sente, você entendeu? Ele se sente assim como se ele fosse um garotão de vinte anos, é assim que ele se sente. Então, ah... Ele começou a me humilhar, me humilhar, só que... Eu não consigo sair de casa, eu já tentei o suicídio duas vezes e eu não sei por que eu não consigo sair de casa. Porque mesmo com tudo que ta acontecendo eu continuo reformando a minha casa... Ele vendeu um carro, ficou só com um, ele não me deu um centavo desse dinheiro pra me ajudar a reformar a casa. Ele agora deu um dinheiro pra filha dele comprar uma casa. Essa filha dele, a Marcia, é igualzinha ele, em todos os sentidos que você imaginar... No egoísmo, na ruindade, na ignorância... Ele nunca mais me bateu, mas eu digo pra você, Vivian, palavra machuca mais do que pancada, viu. A pancada você deixa de sentir a dor, e as palavras não, elas fere mortalmente o coração da gente.

E: o que você sente por ele hoje?

R: não sinto nada. Talvez pena.

E: pena dele?

R: é.

E: pena do que?

R: olha, se você conversar com ele, Vivian, você vai ver que ele não é uma pessoa que conversa assim igual a gente... Ele não fala coisa com coisa, tem hora que ele fala cada coisa sem nexos que você fica... Sabe uma coisa que não tem nada a ver com aquilo que você tá conversando? Ah... Até eu falei pra ele um dia que ele precisava de uma terapia e na verdade, Patrícia... O Jesus amado, Vivian (risos)... Olha, a Marcia precisava de uma terapia. Futuramente ela vai sofrer muito com o estilo de vida que ela quer. A Livia já tá sofrendo muito porque ela saiu de casa com dezoito anos, grávida de um menino de dezesseis, se enfiou na casa dos pais desse menino, tá lá até hoje... O pai dele já falou umas dez vezes lá em casa pra nós tirar ela de lá porque ele não suporta mais, porque ela tem mania de ser o que não é, você entendeu? Ela quer ser rica sem ser. E... Quem tem que manter tudo isso? Os pais do rapaz, porque o rapaz não quis mais ela, já arrumou outra, já tá morando com outra, já tem filho com a outra, mas ela disse que não vai sair dali porque ele ainda vai voltar pra ela. Então, sabe, assim, se tornou uma coisa doente, uma... uma... Coisa doentia. Até um dia eu deixei o nome dela aqui, falei “vai lá fazer terapia, vai te ajudar”, mas ela não quis. E o meu marido, ele precisaria, sim, porque ele foi uma pessoa que aos treze anos ele perdeu o pai e a mãe, acho que aos dez ele perdeu a mãe e treze ele perdeu o pai. Então ele acabou de se criar sozinho, o irmão mais velho dele morreu, o outro casou e foi embora, a irmã também se envolveu com uma pessoa e foi embora, daí ele ficou sozinho. Ele trabalha na roça também como eu, ele contava pra gente que ele levava pão com mortadela pra roça. Trabalhava de dia, estudava de noite, ele foi sempre uma pessoa bem esforçada. A história dele é mais ou menos parecida com a minha, com uma diferença né, que eu, por mais que eu tenha sofrido, na minha infância eu tive meu pai, minha mãe, que na maneira deles eles souberam me dar carinho, eles me ensinaram... Respeitar o próximo, ter amor pelas pessoas. E ele não, ele é egoísta, ele não tem dó dos outros, sabe, ele parece que sente prazer em humilhar as pessoas. Quando ele vê que as pessoas tem menos que ele, ele quer humilhar, você entendeu? Então, e as filhas dele é a mesma coisa... Eu hoje não quero sair da minha casa... Olha, Patrícia, ou (risos) Vivian... Não sei por que, o seu sorriso parece muito com a Patrícia. Olha, Vivian... Ah... Ele já falou muitas vezes de sair de casa, vira e mexe ele fala que vai sair de casa. E ele falou pra filha dele que ele tá só esperando ela casar. Ele falou pra ela, assim, que ele não gosta mais de mim, que ele tá esperando só ela casar pra ele sair de casa. Entendeu? E pra mim ele sempre fala que vai sair de casa.

E: e como você se sente ouvindo isso?

R: eu me sinto, assim, que... Se ele sair, saiu. Se ele não sair, vai ficar do mesmo jeito que tá, porque eu não vou sair. Olha, a última conta que eu fiz agora, só o piso e a argamassa deu mil novecentos e vinte e quatro reais, o piso da calçada. Mais a mão de obra vai dar uns mil e seiscentos, por aí. Você entendeu? Era uma coisa assim que era pra ele tá fazendo, e eu tô fazendo. Ele tem a outra casa na cidade que a gente morava que ele tá aumentando, tem o dinheiro do carro que ele vendeu, tem um terreno em Paiçandu, tem essa casa que a gente

mora, tem o carro dele que ta na garagem... Se ele sair de casa ele vai ficar deixando eu morar lá até eu morrer, o dia que eu morrer ele vai lá e pega tudo. Você entendeu? Ele não divide o que é dele. Eu posso ta enganada, mas eu acho que ele tem outra pessoa.

E: e você?

R: eu fiquei com o Tom por uns cinco anos, depois o relacionamento acabou. Eu queria que acabasse.

E: você queria que acabasse?

R: eu queria. Eu fiz um voto com Deus, pra Deus tirar aquele sentimento que eu tinha dentro do meu coração. E tirou. Hoje o que eu sinto por ele, se eu ver ele, é como um amigo.

E: ontem você disse da dificuldade de se imaginar sozinha, como seria se seu marido saísse e você ficasse sozinha?

R: eu vivo sozinha. Eu passo o domingo sozinha, eu passo o sábado sozinha, porque ele pode ta sem trabalhar, mas ele não fica em casa. Ele pega o carro e sai, chega nove, dez horas da noite. A gente não conversa, a única conversa que ele tem comigo é “você fez isso? Você fez aquilo?”. Ou então os assuntos do trabalho dele que ele chega contando e que eu finjo que to escutando, mas não to. Ele “você ta me escutando?”, eu “to”. Mas entra por um ouvido e sai pelo outro, e não era assim.

E: e por que ficou assim?

R: eu acho que mudou porque ele tem outra pessoa. Depois que ele saiu com aquela mulher que eu descobri as coisas mudaram. Eu acho que ele tem outra pessoa, de quatro anos pra cá ele mudou mais ainda. Porque antes a gente brigava, a gente brigava, brigava, brigava como fosse, mas brigava feio mesmo, a gente só não se pegava, mas verbalmente, assim, nossa... A gente se engarfinhava mesmo, mas quando chegava na cama a gente se acertava. Você entendeu? E de quatro anos pra cá a gente não se dá mais bem na cama.

E: como assim?

R: ele me procura, mas ele passou a me procurar de uma maneira, assim, muito... Muito nojenta, sabe. Ele passou a me procurar assim, como se eu fosse uma prostituta. Ele queria me usar como se eu fosse uma prostituta. E eu não aceitei isso. Falei “eu não vou aceitar isso de você”. Ele queria coisas que a gente nunca tinha feito. A gente sempre se dava bem, a gente sentia prazer, né, a gente chegava no orgasmo sem precisar de certo tipo de... Vamo dizer o que... De fetiche, entendeu? Aí ele já começou a propor pra comprar isso, comprar aquilo, querendo comprar um pênis de borracha, essas coisas... Eu falei “não, não é por aí”, aí ele começou... Assim, quando ele tava me abraçando, me chamar de vagabunda, de biscate, olha isso aí me acabou comigo Patr... Vivian, isso aí acabou comigo... Daí pra mim, ó, esfriei, esfriei, eu falo pra você, a partir do momento que ele começou a criar ilusão como se eu fosse uma mulher de rua, prostituta, ele perdeu o respeito por mim, ele não me respeita mais. Então eu não vou me submeter a esses desejo dele. Se ele quiser, ele vai procurar lá, mas não

comigo, comigo não. Eu poderia, sim, matar os desejos dele de outra maneira, mas não ele me xingando. Porque isso aí é muito doído... O seu marido que tinha que te amar, que tinha que gostar de você, ficar tratando você como se você fosse uma vagabunda. Ele chegou ao ponto de falar pra mim que queria ver eu transando com outra pessoa. Agora me diz se uma pessoa dessa não precisa se tratar... Ele chegou ao ponto de falar pra mim que ele queria ver eu transando com uma amiga minha. Pra mim ele ta doente. Pra mim ele, sinceramente, ele ta doente. Então ele precisa se tratar. Eu já cansei de falar isso pra ele, que ele precisa se tratar. Você entendeu? Então pra mim, assim, todo o sentimento que eu tinha por ele, todo o respeito que eu tinha por ele acabou. Porque antes, mesmo eu tando com ele e saindo com o Tom, eu nunca cheguei nesse nível com ele, entendeu? De tratar ele na cama como se ele fosse outra pessoa, nunca. Eu tinha meu caso, mas era escondida dele. Ele nunca nem sonhou com isso, tanto que eu posso falar pra ele que eu vou pro Japão que ele confia em mim. Você entendeu? Ele não é ciumento, nunca teve ciúmes de mim, Vivian. Ele sempre falou que tinha muita confiança em mim, nunca teve ciúmes. Ele tinha ciúmes, assim, se eu tivesse num lugar e o Tom aparecesse. Do Tom ele sempre teve ciúmes, sabe. Mas, assim, de outra pessoa ele nunca teve. Só que ele é o tipo de pessoa, assim, que ninguém vai na sua casa. Vai os meus filhos, mas ainda quando ele não ta, porque se ele tiver meus filhos também não vão. E... Amigo dele, nunca levou um amigo em casa. E quando foi esses tempos, minhas amigas sempre vai uma ou outra, e quando foi esses tempo uma amiga minha foi e ele deu um tampa na bunda dela, dentro de casa. Aí ela veio e me contou “ó, Rosa, seu marido fez isso, isso e isso e eu não gosto dele por causa disso”. Você entendeu? Então, assim, ele é muito estranho... Agora já é quase cinco e quinze, eu tenho que ir porque a (estagiária de psicologia) deve ta me esperando. Mas tem muita coisa ainda pra te contar, viu. Quarta-feira eu te conto tudinho, tem muita coisa ainda que eu pulei, não falei... Você vai falando uma coisa e de repente passa pra outras né... Assim, obrigada por ta me ouvindo, Vivian. Até semana que vem.

E: eu que te agradeço. Nos vemos na quarta.

TERCEIRO ENCONTRO

R: Já tinha avisado minha nova patroa. Ela queria que eu começasse hoje lá na casa dela, mas eu falei que só ia de manhã e que a tarde eu tinha um compromisso com você, daí não iria. Eu consigo falar não pras pessoas, pro meu marido é mais difícil. As vezes eu acabo cedendo só pra não dar briga... Mas, olha, Vivian... Eu... Você disse que era pra eu falar sempre a primeira coisa que viesse na minha cabeça né... Eu fiquei pensando nas coisas que já te contei. Lembra que eu te contei que a minha mãe não me quis mais aos quinze dias de nascida? Daí

quando eu tinha uns três anos ela foi embora, né, ela foi lá na minha mãe adotiva pra se despedir. E eu lembrava dela, quando eu tinha três anos eu me lembrava que ela era a minha mãe e quando eu tinha sete anos ela voltou.

E: como você sabia que ela era a sua mãe?

R: porque ah... Minha madrinha ela sempre me falou que ela era minha mãe e minha mãe adotiva sempre me levava onde ela morava pra mim ver ela, mas ela não fazia conta de me ver. A minha madrinha levava porque achava que ela tinha que me levar, aí a... E... Logo que eu tinha quinze dias precisava de um leite, alguma coisa assim, minha mãe era muito pobrezinha, a minha mãe que me adotou, então eles trabalhavam na roça, e no começo ela levava o leite, depois ela falou assim, pra minha mãe adotiva, “Ah, dá caldo de feijão pra ela, não vou trazer mais leite, não, agora você fica com ela pra você”. E daí quando eu tinha três anos...

E: sua madrinha que te contou essa história?

R: é, ela sempre contava né... Pras pessoas as vezes que perguntava, né. Porque que ela me adotou, então ela falava que era porque minha mãe não me queria e nem ia lá me ver, nada. Aí quando eu tinha três anos eu me lembro... A minha irmã de criação, ela acha assim muito interessante que eu lembro de coisas de quando eu era muito pequena.

E: como o que?

R: ah, tipo assim, uma roupa que ela comprava pra mim. Eu me lembro de quando eu não tinha nem três anos ainda, porque isso foi bem antes da minha mãe ir embora, eu me lembro que essa minha irmã adotiva ela trabalhava de doméstica e antigamente as pessoas passavam vendendo ouro na casa da gente. E a minha irmã comprou pra mim uma pulseirinha com uma plaquinha e me comprou um brinquinho que era uma bolinha de ouro e uma gotinha azul. Então são coisas, assim, de quando eu era muito pequena e que eu me lembro. Daí minha irmã diz “mas, Rosa, eu não me lembro mais disso e você lembra”. Eu lembro que ela comprou um pra ela, que era uma bolinha de ouro bem maior e pra mim ela comprou aquele de gotinha azul e a pulseirinha, então eu lembro, assim, de muita coisa. E depois que eu fiz três anos então, eu lembro das cores das roupas que elas compravam, eu lembro que ela ia pentear meu cabelo e eu chorava, porque meu cabelo era comprido né, e era cacheado nas pontas. Ah... É muita coisa que eu lembro... Pessoas que ia na nossa casa, assim, parentes, sabe. Então é muita coisa que eu guardo na minha memória, eu não sei por que, mas é muita coisa que ficou armazenado do meu passado... Quando eu tinha sete anos, nossa casa era coberta de tabuinha, tinha uma escada que era mais alta do chão, eu tava sentada na escada e naquele tempo não tinha esses carros assim, era aqueles jipes de quatro portas. Eu lembro que aquele jipe parou na porta da casa da minha mãe adotiva e quando eu olhei ela eu falei assim “é a mãe Célia”. Minha mãe adotiva usava umas saia longa assim, toda franzida, e eu lembro que eu entrei em baixo da saia dela.

E: por que?

R: ah, eu creio que fiquei com medo né. Quando eu vi ela descendo do carro, eu levantei da porta e saí gritando pra minha mãe “é a mãe Célia, é a mãe Célia” e entrei de baixo da saia e grudei nas perna dela, e pra me tirar dali? Foi difícil. Não queria sair dali. Eu acho que fiquei com medo dela me levar embora. E daí ela também, assim, não fez muita conta de mim, sabe. Eu lembro que ela foi embora e pra mim foi normal, eu nunca tive ela como mãe. E nesse dia ela veio pra ver os meus pais que eram compadres dela, ela gostava muito, mas eu... Nem tchum. Ela nunca teve sentimento de mãe por mim, nunca.

E: você sentia isso?

R: sempre eu senti isso, até hoje.

E: ela está viva?

R: ela tá. Até hoje. Ela mora em (cidade) e ela também não me tem como filha. Ela tem todos os outros filhos dela... Eu não tenho vontade de conversar com ela, eu não tenho vontade de ver ela, eu não tenho vontade de ir na casa dela, eu não tenho vontade de ligar pra ela pra saber como que ela tá. Eu ligo pro meu irmão, meu irmão liga pra mim...

E: seu irmão biológico?

R: é, com ele eu tenho contato. Com ele e com os três mais novo do que eu. a minha irmã caçula, não, porque ela é assim, sabe assim... Ela quer ser o que não é, ela quer ser rica sem ser. Pobre metida a besta, eu digo. Então, assim, comigo ela não tem muito entrosamento não. Mas os outros três irmãos mais novo do que eu, a gente se dá muito bem... Eles ligam pra mim, eu ligo pra eles... Eu tenho um irmão que sofreu um acidente e daí ele não fala, não anda, faz mais de anos que ele está vegetando né. Mas eu me preocupo com ele, eu sofro por ele... Os mais velhos não, porque eu tenho uma irmã mais velha, acima de mim, que eu nem conheço ela. Conheço por nome, por foto, mas eu não conheço ela. E eu creio que ela nunca sentiu vontade de me conhecer, porque as outras três... As outras duas mais velhas do que eu foram me conhecer. As três irmãs mais velhas foi minha vó que tomou conta e só ficou com a minha mãe o mais novo do que eu e o mais velho de todos nós. As três mais velhas, acima de mim, foi a minha vó que criou. Já eu nunca vi minha vó, nem sei quem é. Já ouvi falar dela, mas nunca vi ela. Acho que ela já faleceu. O meu vô eu sei que já faleceu porque no dia que ele morreu meu irmão ligou pra mim perguntando se eu queria ir conhecer ele nem que fosse depois de morto, né. Mas quando nós chegamos na cidade ele já tinha sido enterrado, porque a gente não tinha carro né. Não deu tempo de chegar. Então eu não conheci meu vô, não conheci minha vó, eu conheci um tio meu só, que era irmão da minha mãe que ela sempre frisou assim que ela não gostava de mim porque eu era preta, porque as minhas irmãs são tudo branquinha que nem você, a caçula não, a caçula é um pouco mais moreninha, mais clara do que eu, mais puxada pro moreno, e as mais velhas são tudo loira. Minha mãe biológica sempre frisou isso “eu não gosto daquela nega”, e ela é da minha cor. Das filhas todas a que se parece com ela sou eu. Que ironia né? (risos). Meus irmãos falam pra ela “a senhora fala tanto da Rosa, que ela é nega, chama ela de preta, mas você é igual ela e ela é a sua cara. Não sei porque você não gosta dela, porque ela é a sua cara. A única filha que se parece com você é ela, acho que é porque você não gosta dela”. Há pouco tempo, eu tava lá na casa da minha

irmã adotiva né, que ela é minha mãe, é minha amiga, é minha irmã, ela é tudo pra mim... E daí o meu irmão foi pra lá, pra (cidade), e daí ele me ligou que ele tava na casa do cunhado que fica há duas quadras da casa da minha irmã. “Ah, to ligando, nega, pra saber se você tá por aqui... se você tiver por aqui, desce aqui na casa do Leo”. Daí eu desci, eu fui lá na casa do Leo só tava o meu irmão, o cunhado dele e a esposa dele. Daí ele disse assim “ah, a mãe vem vindo aí atrás”. Aí fiquei ali conversando com ele, daí parou um carro lá na frente e ele falou “ah, a mãe chegou”. Aí ele me chamou lá pra fora pra acompanhar ele e eu fui, daí fui pro lado dela pra cumprimentar ela... Você sabe, assim, quando você vai pra cumprimentar a pessoa e a pessoa sai de lado, assim, faz de conta que nem te viu (suspira). Nossa... Naquilo a minha cara caiu no chão, sabe. Eu tava na casa dos outros, gente estranha né, nossa, eu me segurei na hora, sabe, mas aí eu comecei a chorar... (chora). Eu nem sei te dizer o que eu senti, mesmo eu não gostando dela, é dolorido. (chora). É muito dolorido, mesmo eu não gostando dela, não tendo amor de mãe... De filha por ela, é muito dolorido. Você imaginar, assim, que a pessoa que era pra ter te amado te rejeitou e te rejeita até hoje... Aí eu não aguentei, comecei a chorar, aí meu irmão veio, me abraçou e falou assim “não fica assim não, mana, a mãe é doida”. Eu falei “que doida o que, ela não tem nada de doida, não”. Aí ele pegou e entrou lá dentro e falou um monte pra ela, sabe. Daí ela voltou e falou “ah, desculpa, eu não vi que era você” e eu falei “ta que você não me viu”. Virei as costas e fui embora. Aí depois meu irmão foi lá onde eu tava. Então, assim... Ela foi morar com meu irmão, depois disso eu não tenho mais vontade de ir na casa dele. Ele liga pra mim, fala “mana, você não vai vir aqui? Eu mando a passagem pra você”, porque, como meu marido não vai, nem me dá dinheiro pra ir, então ele compra a passagem lá e eu retiro aqui e vou. Mas eu não tenho vontade de ir mais lá por causa dela.

E: e como era sua relação com seus pais adotivos?

R: ah... Era aquele povo antigo né, que criava a gente assim, com rédea curta. Você não tinha um chinelo pra por no pé, você não tinha uma roupa, você não tinha nada. Eu me lembro que meu primeiro ano pra mim ir pra escola eu ganhei dois cadernos da fundepar, na escola, a minha bolsa era um saquinho de arroz, nem sacolinha de mercado não tinha, meu uniforme era um guardapó de saco fino de açúcar que minha mãe lavou bem lavado e fez o guardapó pra mim ir pra escola... Ah, meu calçado era aquelas alpargata ou então Conga... Assim, foi uma infância muito pobre, mas eu era feliz. Eu era feliz, porque meu pai e minha mãe sempre me tratou bem, da maneira deles, mas eles sempre me deram carinho, eles me ensinaram o que é ter família... Hoje eu digo, assim, que as crianças de hoje não tem a infância que eu tive... Eu brincava de terra, de casinha, eu saía pra brincar com as crianças na frente de casa que era aqueles areião, não tinha asfalto, a gente brincava naquele areião, daí você ia tomar um banho e ia dormir... Quando era férias de escola você ia com eles pra roça, você brincava na roça... O serviço deles pra gente era uma brincadeira. A gente ficava brincando de baixo dos pé de café, então, assim, da maneira que eles puderam me dar e me educar, eu fui feliz... Eu me sentia amada, principalmente pela minha mãe, meu pai era mais secão, mas minha mãe, nossa, me defendia de tudo e de todos. Ela foi uma mãezona, aí quando a minha irmã casou, eu tinha sete anos, aí foi que ela me deixou um pouco de lado... Porque como a outra era filha única dela, então, minha irmã casou e foi embora pro Mato Grosso, daí ela ia visitar

minha irmã e me deixava com a minha cunhada, meu irmão, meu pai, e ela ia pro Mato Grosso. Antigamente, daqui até lá dava dois ou três dias de viagem. Aí ela ia e ficava um mês lá... Então, a gente dormia no mesmo quarto que o casal... Então tinha a cama da minha cunhada e do meu irmão e no pé da cama deles tinha a caminha de solteiro... Não era caminha, era uma tarimba, vamos dizer assim, tinha umas tábuas, tipo um caixote, e um colchão de talha... Ali eu dormia. Eu era menina ainda né. E eu me lembro, assim, que a noite eles deitavam e dormiam e eu ficava chorando, chorando... Tinha dia, assim, que eu chorava quase que a noite inteira.

E: por que?

R: eu sentia saudade da minha mãe. Eu chorava muito, muito, muito, porque eu tinha muita saudade dela (chora). Daí foi indo, foi indo, até que eu acostumei. Quando ela ia embora eu sentia uma dor dentro de mim, sabe, uma dor, uma tristeza... Era só tristeza mesmo, saudade. Eu acho que eu sinto essa tristeza até hoje... Dela (chora). Você sabe, Vivian, assim, eu sinto um vazio, um vazio tão grande dentro de mim, que eu não consigo preencher esse vazio... E eu já tentei descobrir porque que eu sinto esse vazio... (chora). É um sentimento, assim, que parece que você não consegue amar ninguém (chora)... Tem dias, assim, que eu começo a imaginar, assim, que parece que nem pelos meus filhos eu sinto aquele amor de mãe pelos meus filhos, sabe (chora)... Por causa desse vazio. E esse vazio é muito ruim. Muito ruim esse vazio que eu sinto.

E: quando foi que você começou a sentir isso?

R: desde sempre... Sempre eu senti, assim, por mais que uma pessoa goste de mim, eu acho que ela não gosta. Família, homem, qualquer pessoa... Filhos, sabe... Que eu tenho assim, eu to numa família que eles demonstram que me amam muito, tipo a minha sobrinha, filha dessa minha irmã, os filhos das minhas sobrinhas, sabe, mas tem hora assim... Que me bate aquela tristeza, sei lá, parece que não é amor. É um vazio que eu não consigo te explicar o que que é, eu não consigo entender esse vazio que eu sinto dentro de mim. Eu me sinto uma pessoa muito sozinha, assim... Eu converso com você aqui, mas se passar de cinco pessoas no lugar eu já fico assim, meio... Como se diz, assim... Eu não fico a vontade, não sei por que. Eu não gosto de ir em festa, não gosto de ir em lugares que tem pessoas. Eu não me sinto bem. Eu não me sinto bem, eu fico com vergonha das pessoas, parece que as pessoas ficam me observando, sabe, então eu não gosto. (chora). Uma coisa, assim, que... Eu vou aprender, se Deus quiser, Deus vai me dar força pra eu conseguir não me humilhar mais pra ninguém, não me rebaixar mais pra ninguém.

E: como assim?

R: ah, as pessoas, vamos supor... Uma comparação no meu trabalho. As pessoas falam as coisas e mesmo eu vendo que eu to certa, eu me calo, eu não falo nada. Eu vou prum canto, eu choro, choro, choro e me calo. E eu acho que não é por aí, eu acho que quando a gente vê que a gente ta certo, a gente tem que falar, e eu ainda não to conseguindo fazer isso, mas eu vou conseguir. Essa semana eu tomei uma atitude, não sei se foi o certo que eu fiz, pra não discutir eu acabei prejudicando eu mesma. Eu pedi minhas contas essa semana. Há dias que a pessoa

vem falando coisas pra mim e eu venho guardando. Eu não respondi nada, só fui no escritório, mandei bater meu aviso... Vou perder tudo meus direito que eu tenho, mas, pelo menos é uma parte que ta me incomodando que eu vou... A minha vontade seria chegar pra ela e falar muita coisa, mas eu não consigo... Ela perdeu minha carteira, ela não sabe onde ela colocou, depois ela tentou botar a culpa em mim, falando que já tinha me devolvido... Aí falou pra mim assim, eu falei assim “ó, se você acha que não to dando certo, você me manda embora”, falei isso pra ela, e ela falou “não, se você quiser, você peça as contas”. E eu fiquei quieta, não falei nada. Aí quando foi segunda-feira ela veio me pagar o salário, quinze dias de serviço, cento e setenta e seis reais. E ainda reclamou porque eu perdi duas horas pra ir no médico, mas eu já tinha repostas as horas, já tinha pagado as duas horas, mas porque eu não comuniquei ela que eu ia pagar aquele dia, ela achou ruim “você tinha que ter me comunicado, eu não vi se você pagou”. Poxa, eu to dando a minha palavra... Então, assim, se eu trabalho pra você e você não tem confiança ne mim... Então eu não posso trabalhar pra você. Eu to ali faz três anos e meio, né, o outro síndico eu trabalhei dois anos e meio pra ele, até hoje a gente se da bem, eu não tenho o que falar dele, nem ele de mim. E ela entrou agora faz um ano e começou só me bombardear, só falar, só falar, e eu pra não discutir com ela, eu pedi as contas... Eu sempre fui assim, sempre fui de me calar. Eu sempre fui assim, na minha sabe. Porque os pais de antigamente não conversavam com a gente, se eles estavam sentados conversando com duas ou três pessoas e você chegasse na porta, dali você podia voltar, porque não podia entrar. Se não, depois, a cinta comia. Então você sempre ficava arredio, ficava pra trás, Deus me livre alguém conversar e a gente entrar no meio. Então eu acho que por causa disso eu sempre fui assim. Ó, pra você ter ideia, quando eu tinha oito anos tinha uma mulher perto de casa que tinha uma menininha pequena de dois, três anos, e ela pediu pra minha mãe deixar eu ir lá cuidar, brincar com a menina, que ela me dava chinelo, caderno, lancheira pra levar pra escola... E eu fui, então desde pequena eu comecei a trabalhar. Quando eu tinha dez pra onze anos eu já trabalhava na casa dos outros de doméstica, naquele tempo a gente tinha que passar escovão, era piso de vermelhão, então com dez anos eu já tinha que trabalhar de doméstica. As vezes a patroa era ruim, assim, me maltratava... Aí eu pegava e não ia mais, eu não ia lá nem receber, as vezes a minha mãe que tinha que ir lá receber pra mim. Eu me lembro também dos sete aos dez anos, quando eu não tava cuidando de criança dos outro, tinha um senhor lá que tinha muita bananeira, aí eu pagava aquelas bacias de banana, pnhava na cabeça e saía pra vender na rua. Quando não era banana, era verdura, pra poder ganhar alguma coisa, porque meu pai e minha mãe não podiam me dar nada. Então, assim, desde pequena eu comecei a trabalhar pros outros, só que as pessoas aproveitavam porque eu nunca sabia responder, porque essa foi a minha criação, respeitar os mais velhos, então sempre foi assim. E hoje eu continuo do mesmo jeito, quando eu vou responder a pessoa, que a pessoa fala duas ou três palavras a mais do que eu, aí eu já perco o rebolado, viro as costas e saio. Entendeu? E na minha casa não é diferente... Na minha casa é a mesma coisa, até, assim... Às vezes pra chamar atenção do meu marido eu falo pra ele assim “ah, porque lá atrás era assim, assim”, daí ele fala “ah, porque você vive de passado, eu não vivo de passado”. Aí hoje eu falei pra ele “quem não tem passado, não tem futuro”, eu penso dessa maneira. Porque se você não tem um passado, você viveu o que? Nada? Porque eu acho que a gente tem que ter um passado, um presente, pra poder ter o futuro. Agora, se eu lembrar só do presente e do futuro, e o que ficou lá pra trás? Então eu não vivi aquilo? Então, assim, é coisa que às vezes

incomoda meu marido quando eu falo do passado. Porque eu sofri muito no passado, nossa, você não tem noção, Vivian, do que eu já passei nessa vida. Eu já passei fome, eu nunca falei isso pra ninguém, agora, como você me perguntou tudo, eu vou te falar... Teve uma época da minha vida, Vivian, que eu fiquei sem serviço (emociona-se), foi antes de eu ficar com o Tom, foi logo que meu marido foi pro garimpo... Eu não tinha o que comer em casa, e daí não tinha serviço, eu tinha sofrido o acidente, me queimado, então eu não arrumava serviço. Aí chegou uma menina na minha casa e falou “olha, Rosa, eu sei que você não é disso, mas lá em (cidade) tem uma casa de mulher, vamo lá. uma noite que você ficar lá e sair com alguém, você já ganha dinheiro pra fazer uma compra”. Falei “então vamo”, não tinha como ficar mais perdida do que eu já tava, e eu fui. Aí cheguei lá e ela me apresentou pra dona da casa, tudo, isso era umas cinco horas da tarde, quando foi umas oito horas da noite começou a chegar homi e homi e eu lá no canto, com vergonha, com medo, nunca tinha passado por isso, me prostituir, nunca na minha vida. Aí eu lembro que chegou um senhor de mais ou menos uns cinquenta anos e daí a mulher mandou eu sentar na mesa com ele. Eu sentei na mesa, ele olhou pra mim e falou assim “você não é daqui, né?”, eu falei “não”, e ele falou “você também não é dessa vida”, eu falei “não, é o primeiro dia”. Ele falou “o que você ta fazendo aqui?”, aí eu comecei a contar pra ele o porque eu tava ali né, falei “eu to aqui por causa disso, disso, eu não consigo trabalho, doméstica tem que lavar roupa e eu me acidentei, não tem como lavar roupa porque feria minhas mãos”, ele foi e falou pra mim assim “você não vai ficar aqui, não, você vai embora amanhã cedo. E outra coisa, você pode ficar aqui, você faz de conta que você bebe, deixa o resto comigo. Vou te dar cinquenta reais, você não precisa ficar bebendo a vontade, só faz de conta que bebe, eu vou gastar cinquenta reais com você aqui e vou te dar cinquenta reais depois, aí depois eu vou falar que você ta bêbada e que você vai pro quarto dormir”. Aí ele me deu cinquenta reais, aí falou que eu tava bêbada, que eu não tava em condições de ficar no salão e que ele ia pagar pra mim ir dormir. E me pagou pra mim ir dormir, pra eu não ficar com ninguém aquela noite e também não ficou comigo e no outro dia cedo falou “você vai embora, não fica aqui, você é uma mulher honesta e não vai ficar aqui nessa casa”. Nossa, no outro dia a mulher ficou tão brava quando eu falei que não ia ficar mais lá. a mulher fez eu limpar a casa dela todinha, era um sobrado, aí eu escondi o dinheiro que ele me deu, que era dinheiro há vinte e poucos anos atrás, aí eu limpei toda a casa da mulher, lavei a roupa, daí de tarde eu peguei o ônibus e fui embora. Foi, assim, uma experiência muito triste, sabe, você se ver numa situação dessa. E hoje eu falo pra qualquer pessoa que a única coisa que eu não fiz nessa vida foi roubar e me prostituir pra poder ter dinheiro... Mas foi por pouco, porque se Deus não tivesse colocado aquele senhor ali no meu caminho, eu não sei o que seria de mim. Porque eu nunca na minha vida eu tinha praticado isso, nunca, nunca, nunca. Eu fui mãe solteira, tudo, mas eu nunca fui de me prostituir. De repente eu me vi ali e se não fosse aquele anjo de Deus eu tinha me prostituído. Vai saber Deus com quantos homens eu ia ter que ficar aquela noite pra ganhar aquele cinquenta reais. Então, hoje, eu fico pensando, assim, o que teria sido de mim? Então foi situações que olha... É muito triste lembrar dessas coisas, eu não gosto de lembrar, coisas que eu tento apagar da minha mente.

E: e como é quando você se lembra disso?

R: no dia eu me senti um lixo, me senti uma das piores pessoas do mundo, sabe, eu ter que tá ali, me prostituindo pra poder levar comida pros meus filhos... Eu me senti muito mal. Foi depois disso que eu me divorciei. Porque ele foi pro garimpo, não mandava dinheiro, aí depois que ele falou pra mim me virar foi que eu fiquei com o Tom e nesse meio tempo que eu tava com o Tom foi que eu fui pra lá. eu tinha vergonha de pedir pro Tom me ajudar, ele nunca soube disso, meu marido não sabe, ninguém sabe disso. É uma coisa que eu nunca contei pra ninguém mesmo. Só quem sabe disso é a menina que foi comigo, eu nem sei onde ela anda, ela continua na vida. Agora eu não, e eu falo pra você, se eu tivesse que me prostituir eu ia passar fome, eu ia continuar passando fome com meus filhos, porque... Toda a vida eu trabalhei pra ganhar meu dinheiro, eu fui honesta pra ganhar dinheiro, nunca precisei disso. De repente eu me vi ali, ó, e se não é aquela pessoa aparecer pra pagar as contas pra mim, eu ia ser obrigada, porque você chegou ali, você é obrigada a se prostituir. Não tem dessa de eu não quero, eu não vou... Não, você chegou ali, você tem que se prostituir. Se não chegar alguém ali pra te bancar, pagar tudo e mandar você ir embora... Mesmo assim elas fazem você fazer serviço, né. Então foi muito difícil, foi uma experiência que eu falo pra você, não desejo pra ninguém, ninguém mesmo. Aí depois disso eu consegui trabalho, Deus foi me abençoando, me ajudando... E támo aí.

E: Você falou sobre sua mãe e seus irmãos biológicos, e o seu pai?

R: ah, o meu pai, quando eu tinha sete anos, esse dia eu nunca me esqueço, ficou na minha mente, eu nunca tinha visto ele. Quando a minha mãe engravidou ela descobriu que ele era casado, daí ela mandou ele embora e pra você ter noção, ele morava a vinte e cinco quilômetros da minha cidade. E daí um belo... Quando eu tava com sete pra oito anos... Mais ou menos isso, sete pra oito anos, mudou uma mulher perto da minha casa e ela tinha o marido dela, mas ela tinha um amante que era de (cidade) e daí conversa vai e conversa vem, esse senhor conhecia meu pai e até hoje não fiquei sabendo como eles chegaram no assunto da cidade que eu morava. Aí meu pai foi e falou pra esse senhor “eu tenho uma filha que mora nessa cidade, ela chama Rosa, mas desde que ela nasceu eu nunca vi ela... Mas essa menina não foi criada com a mãe dela, essa menina foi criada por um casal que a mulher chama Maria e o homem chama Zé, mas dona Maria chama todo mundo de compadre e comadre”, daí esse senhor lembrou que a amante dele morava na frente da nossa casa. Ele falou assim “ó, pode ser que não seja, mas lá perto da casa da minha mulher tem uma pessoa morena que chama todo mundo de comadre e compadre e ela tem uma filha que chama Rosa” e falou a idade né. Daí, um belo dum dia, eu tô na escola, apareceu a minha mãe, esse homem e a amante dele. Aquela mulher não devia ser esposa dele, acho que era amante dele também. Eu tava no segundo ano, tinha oito anos. Daí minha mãe chegou na porta da sala de aula, falou com a professora, ela me liberou pra sair, aí eu saí lá fora do colégio, aí ela falou assim (bocejou) “ó, esse aqui é seu pai verdadeiro”, mas pra mim ele era um estranho. Ele era branco, bem branquinho, cabelo cacheado, meio baixinho, eu lembro do jeitinho dele. Aí ele me levou na loja, comprou um sapato chique, que eu nunca tinha pnhado um sapato chique daquele no meu pé... Também foi o que ele me deu, o sapato, uma meia, era um sapato muito lindo. Um sapato de verniz, com saltinho, pensa bem, pra quem andava de alpargata e ganha um sapato daquele, nossa, que felicidade.

E: como foi esse encontro pra você?

R: ah, indiferente, não tem sentimento.

E: você não tinha curiosidade pra saber quem era seu pai?

R: não, não tinha. Aí ele foi embora, ficou aqueles momento ali e foi embora. Quando eu tava com quatorze anos eu trabalhava de doméstica na casa de uma professora e o marido dela era o juiz da cidade. Você pensa bem, eu com treze anos, eu passava, cozinhava, limpava... Antigamente era passado, não é que nem hoje não, você tinha que engomar, tinha que fazer goma pra você engomar toalha, engomar a gola das camisas do doutor... Aí depois do meio dia eu tava lá limpando, a professora tinha ido dar aula, aí chegou a minha mãe de novo com ele. Aí ele falou comigo um pouquinho ali, falou se eu podia ir na loja com ele, pra ele comprar umas roupas pra mim, aí eu falei “ah, eu não posso sair daqui, não”. Daí a minha mãe foi com ele, aí minha mãe comprou três corte de tecido, aí dali mesmo ele se despediu de mim, da loja ele foi embora e nunca mais eu vi ele. Quando a minha filha mais velha tava com seis meses... Aí eu tava trabalhando também, aí as irmãs da minha patroa estudava em Curitiba, faziam odontologia, e os meus dente tava tudo estragando. Aí ela ia pra Curitiba e me levou junto com ela pra fazer o tratamento lá na faculdade. Daí... Quando eu voltei dessa viagem, aí me deram a notícia que ele tinha morrido. Eu sei que eu tenho irmãos por parte do meu pai, sei que tenho vários irmãos, mas não conheço, não sei quem é, não sei nem o sobrenome, porque no meu registro nem tem o nome dele. O nome dele era Antonio e no meu registro tá João da Silva.

E: quem é João da Silva?

R: não sei (risos). Não sei, não conheço. Então, o pai que eu tenho no meu registro é uma pessoa estranha, eu não sei quem é, porque não é nem meu pai nem meu pai adotivo. Você entendeu? Meu pai não é esse João que ela me registrou. Você viu que confusão? Então é coisa assim, muito confusa pra sua cabeça, é coisa que eu nunca nem tentei entender. Quem que é esse João? Nunca nem vou perguntar quem que é esse João, porque eu não tenho nem cara de chegar e perguntar quem é né. Eu tenho um irmão pra baixo de mim que ele nem sabe quem é o pai dele. Até de vez em quando ele ta na internet conversando comigo, daí ele fala “mana, pelo amor de Deus, tenta descobrir quem que era meu pai” mas eu não consegui descobrir quem que é o pai dele, o pai dele era caminhoneiro, e ele vai perguntar pra ela, ela fica brava, ela desconversa, os dois briga por causa disso. Ela é uma pessoa muito difícil, ela é uma pessoa, assim, ela teve meu irmão mais velho, depois teve as três meninas e separou, daí teve eu e não ficou com meu pai, daí teve o meu irmão e também não ficou com o pai dele, daí teve os mais novo e também não ficou com o pai deles. Ele não aguentou ela, ela é muito difícil, ela é aquela pessoa, assim, que mexe com macumbaria, com essas coisas, sabe, ela é uma pessoa muito estranha (risos). É isso que eu tenho pra te dizer, ela não tem nada a ver comigo, eu não tenho nada a ver com ela...

E: e como era o relacionamento entre os seus pais adotivos?

R: eles dormiam em camas separadas, toda a vida, desde quando eles me adotaram... Meu pai dormia num quarto e minha mãe dormia no outro.

E: por que?

R: porque a minha mãe sempre contava pra mim que um dia ela pegou ele com a vizinha. Pegou ele namorando a vizinha, disse que ele teve um filho com essa vizinha, então ela separou de cama, separou de quarto. Isso desde que eu fui pra lá.

E: eles demonstravam carinho um pelo outro?

R: não, não, nunca vi eles se abraçando, se beijando, eu que dormia com a minha mãe, desde pequenininha, eu e minha irmã. A companhia dela na cama era eu e minha irmã. Eu nunca vi eles brigar, nada.

E: e eles tiveram outros relacionamentos depois?

R: não, a minha mãe não, se meu pai tinha era lá fora. A minha mãe não, minha mãe nunca teve outro relacionamento. Vixe, ela tinha raiva de homem, ela falava que homem era traiçoeiro (risos). Esses povo é antigo né, ela morreu com noventa e dois anos. Ela já tinha bem idade que ela me adotou, sabe. Você vê, já faz vinte e dois anos que ela morreu. Ela tinha mais de cinquenta quando me adotou. Eu nunca vi eles brigar, nunca, nunca, nunca. Meu pai trabalhava, ponhava as coisas dentro de casa, mas ele bebia, bebia, bebia. Chegava final de semana, ele comprava aquelas garrafas, se trancava no quarto e bebia, bebia, bebia...

E: trancado no quarto?

R: trancado no quarto, sozinho. Aí ele dormia, quando ele acordava ele ia na rua, comprava outra e continuava bebendo. Mas minha mãe fazia tudo pra ele, lavava a roupa dele, cozinhava pra ele... Mas não tinha aquela convivência homem e mulher, era cada um no seu quarto. Se ele tinha os relacionamento dele, era lá fora, eu nunca fiquei sabendo, a única coisa que fiquei sabendo foi esse aí, depois de grande já né, porque um falava daqui, outro falava dali, porque essas coisas não se falava perto de criança né, daí quando eu fiquei mais adulta que eu perguntava pra minha irmã, daí minha irmã falava.

E: você perguntava o que?

R: por que que eles não dormia junto né. Daí ela falava que a minha mãe pegou ele com a vizinha, só isso que ela falava também, eles era muito reservado né, essas pessoa antiga. Aí... Deles eu não tenho o que dizer, eu acho que fui amada (risos). Eu acho que fui amada. Eu sinto esse vazio dentro de mim, a única coisa que me incomoda é esse vazio. Eu não sei se você já se sentiu assim, sem sentimento, sem... Nem sentimento de raiva, nem de amor, nem de nada, é um vazio, um vazio. Eu não sei te explicar.

E: isso te ocorre com frequência?

R: é sempre. Qualquer momento... Parece assim que você não tem coração, você não tem sentimento, nem de amor, nem ódio, nem de raiva, é um vazio. Parece que falta alguma coisa,

é como se eu não tivesse um coração, é um coração. Esse vazio é doído, esse vazio entristece, esse vazio dói que você não tem noção. É um vazio muito grande e parece que cada ano que passa vai ficando pior, porque antes ainda parecia que eu podia amar alguém, que eu podia... E agora não. Parece que cada ano que passa, parece que eu vou me fechando mais. E o pior de tudo isso é que parece que esse sentimento meu eu acabei passando pros meus filhos. Eles são frios também, comigo. Eles são muito frios...

E: em qual sentido?

R: em todos os sentidos. Assim, eles só lembram da mãe quando eles precisam de alguma coisa. Eles não se importam se a mãe ta doente, se a mãe precisa deles, entendeu? A única que tem, acredito que ela tem um amor muito grande por mim, é a mais velha. Mas os outros não. Pra você ter noção, no ano passado eu fiquei uma semana internada, não foi um filho me visitar. Ah... A Ana tava trabalhando dentro do hospital, fazendo estágio, ela tava na UTI, duas portas a frente de onde eu tava, ela só chegou na porta de onde eu tava, dois dias depois, e falou assim “ah mãe, é você que tá aí, tchau”. Só. Aí quando foi na sexta-feira... Aí meu marido com toda a ignorância dele, ele ia lá todo dia me ver. Aí quando foi na quinta-feira ele chegou e eu tava chorando daí ele falou “por que você ta chorando?”, falei “pra você ver, tantos filhos e não tem nenhum que vem me visitar”. Aí quando foi a noite, ele chamou a filha dele e levou, mas porque ele chamou, porque se ele não tivesse chamado ela também não tinha ido. Então você sente que as pessoas não tem sentimento por você, não tão nem aí. E eu não, eu sou diferente. Quando uma filha tem um bebê eu passo duas ou três noites com ela, né... Passo a noite toda em branco, cuidando delas, no outro dia saio do hospital e vou trabalhar o da inteiro. Então você sente que você pode ser mãe, mas eles não podem ser filho a hora que você precisa. O meu filho mesmo é um, ele só vai em casa quando ta precisando, quando precisa por gasolina no carro, quando quebra alguma peça do carro, ele precisa do meu cartão, aí ele vai em casa, do contrário não vai. A Ana me liga a cada quinze, vinte dias. Eu me vejo assim, Vivian, se uma hora eu precisar de uma companhia, eu não sei se eu vou ter, eu não sei se eu vou ter. Eu vivo numa situação muito difícil na minha casa, só xingam, só maltratam, só... Como que fala... Só desprezo, mas eu não tenho coragem de sair de casa, já tive, outras vezes já tive. Uma vez eu me separei dele, não aguentava mais tanta briga, briga, briga, briga. Falei “já deu”, aluguei uma casinha e fui morar sozinha, não levei nada de casa. Com quinze dias eu consegui cama, guarda-roupa, geladeira, fogão. As pessoas que eu trabalhava, todo mundo me ajudou. Faz dezesseis anos que eu trabalho na zona sete e todo mundo me conhece. O pouco que a gente tinha eu deixei tudo pra ele, deixei casa, deixei tudo. Mas como ele tinha as duas filhas pequenas, ele precisava de mim. Daí fiquei com dó das meninas e acabei voltando. Só que elas cresceram e não precisam mais de mim. E hoje o que que eu ganho? Só maltrato.

E: você voltou por causa das meninas?

R: por causa das meninas, não por causa dele. Eu fiquei com muita pena das meninas, ele deixava as meninas dele sozinhas e ia lá em casa atrás de mim. Daí eu descia ele ficava me esperando, de manhã quando eu saia pra pegar a circular, ele tava no ponto de ônibus chorando, ajoelhava nos meus pés, chorava, pedia pelo amor de Deus pra eu voltar porque ele

não conseguia viver sem eu. e hoje eu vejo que não era nada disso. Me arrependo de ter voltado porque hoje as filhas dele cresceu e ele não precisa mais de mim.

E: por que você acha que da outra vez você conseguiu sair?

R: você sabe por que? Porque o Tom me apoiou. Ele me apoiou tanto que depois que eu voltei minha filha voltou de Portugal e ele que trouxe ela pra cá, do aeroporto, daí ele falou pra ela assim “eu desisti da sua mãe, eu tento ajudar sua mãe pra ela sair dessa, mas ela voltou pra trás, eu desisti”. Você entendeu? Então toda vez que eu precisei dele ele me ajudou, ele me deu a força pra eu vir pra cá, me ajudou, eu vim, depois quando eu tava com problemas aqui também, ele me deu a força pra eu poder sair de casa, pagou meu aluguel, fez mercado pra mim durante dois meses pra mim começar de novo, e eu acabei voltando pra trás. Então eu pensei mais nos outros do que ne mim, hoje não era pra mim ta nessa situação que eu to, aguentando desaforo, engolindo bucha.

E: então você acha que hoje você não consegue sair porque não tem quem te apoie?

R: exatamente. E porque também eu não quero deixar o que eu construí. Eu não acho justo comigo eu sair e deixar tudo pra trás. Eu suei muito pra chegar ali. Pensar que quando eu conheci ele, ele não tinha nada, nem roupa pra vestir ele tinha. E hoje ele tem tudo e ele me esnoba. Ele olha na minha cara e ele fala assim “eu tenho vergonha de sair com você, eu não gosto de você, eu tenho nojo da sua cara”, mas ainda me procura. Só que quando vai me procurar ainda me cobra aquilo que eu não tenho mais pra dar.

E: o que ele te cobra?

R: ele me cobra carinho, me cobra sentimento, e eu não tenho, Vivian, nada disso pra dar. Eu esfriei, eu morri, eu to me sentindo uma morta viva. Eu não tenho mais atração por ele. Eu não sei o que acontece (chora). Mas eu falo “da minha cama também eu não saio”, eu falo “tem dois quartos, você podia ir pra um desses quartos” e ele fala “ah, se for pra eu sair da cama eu vou embora” e eu respondo “faça o que você quiser”. Então eu to deixando a disposição dele pra ver até onde vai. Só que da minha cama eu não saio, da minha casa eu não saio, porque pra mim chegar ali eu ralei viu, eu ralei muito, muito, eu engoli muita bucha pra chegar ali e eu não vou sair. Você vê, a casa tava precisando de reforma, ele não ajudou, eu que enfiei a cara, aos trancos e barrancos eu que to terminando a reforma. Precisava de um guarda-roupa, pra você ter noção, eu precisava de um guarda-roupa porque o meu desmontou quatro vezes e acabou, já tinha caído a porta do meio e tudo, falei pra ele “vai lá, compra pelo menos um guarda-roupa, eu to endividada, eu comprei mais de quatro mil real em material, eu comprei o forro, o telhado, comprei o material pra poder... eu fiz as contas, ó, essa reforma vai ficar nuns oito mil reais”. Ele tinha acabado de vender o carro, ele tinha dinheiro, daí eu peguei, fui lá na loja e comprei um guarda-roupa nas minhas condições, ainda paguei mil e duzentos reais no guarda-roupa. Aí, o rapaz foi montar o guarda-roupa lá e ele “nossa, que guarda-roupa feio”, sabe? Eu só falei pra ele assim “é mais bonito do que aquele que você comprou”, só falei isso pra ele. Aí fui comprar o piso da calçada, eu tava lá na casa São Paulo e liguei pra ele, falei “ó, o piso tá assim, assim e assim. tem como você me ajudar?”, “ah, eu não vou comprar piso, não” e desligou o telefone na minha cara. Quando foi sábado meu filho

foi assentar o piso, daí ele chegou “nossa que piso horrível”, aí, aquilo me deu uma raiva, daí sabe quando você engole pra não falar nada?

E: por que você não podia falar nada?

R: não, porque eu não queria dar esse gosto pra ele. Daí meu filho terminou de fazer uma parte bem grande, aí ficou muito lindo sabe... Aí a filha dele chegou e falou “nossa que piso bonito” e eu falei “não, seu pai acabou de falar pra mim que ta feio”, aí ele falou pra ela “ah, falei só por falar” sabe assim? Parece que faz pra te ferir mesmo. E daí antes de ontem ele veio me procurar e eu falei um monte de coisa pra ele sabe, foi quando ele falou que eu só vivo de passado, não sei o que... Aí ele falou pra mim assim “ah, você é doente mental”, quando foi hoje ele falou a mesma coisa pra mim. Aí é coisa assim, sabe, que vai te derrubando, vai te jogando pra baixo, você vai se sentindo um lixo, você vai se sentindo uma das piores pessoas sabe... Mas mesmo meu passado tendo altos e baixos eu quero lembrar do meu passado. Na hora eu fiquei tão irada, assim, que ele falou que eu sou doente mental, aí eu falei pra ele assim “pois é, mas na minha família não tem nenhum doente mental, na sua família tem”. E o pior é que tem, viu. E eu vou dizer pra você, Vivian, se você conversar com ele, você vai perceber que ele tem algum problema.

E: que tipo de problema?

R: ele é uma pessoa que ele não fala coisa com coisa, tem hora que ele fala umas coisas tão sem nexos que você fica abestaiada.

E: desde quando você percebe isso?

R: sempre, desde quando nos conhecemos. Minha família falava “Rosa, ele não é certo da cabeça”. É coisa muito sem nexos, coisa sem pé nem cabeça, coisa sem... Eu não sei te explicar (risos). A hora que ele falar umas frases dessas eu vou anotar pra te falar uma hora (risos), porque é bem esquisito, sabe. É muito esquisito. Assim, quando você gosta, você não percebe tanto, parece que você fica meio cega, ou você vê e faz de conta que não quer ver. Só, Vivian, que tem um porém, hoje eu não falo, hoje eu não sou de discutir, mas eu já fui de discutir. Há uns dez anos atrás, quando ele vinha falar eu não ficava calada, eu falava, eu estourava, eu explodia, só que eu não sei porque foi passando os anos e eu fui me acovardando, eu não sei mais falar. Porque, olha, assim, a gente discutia muito, mas assim, eu alterava a voz mas eu falava como eu to falando com você aqui, eu só alterava a voz. E eu me lembro que teve um dia que eu cheguei, eu tinha feito uma diária no domingo, eu cheguei uma hora da tarde e tava tudo pra mim fazer. Eu não sei o que ele tava fazendo, mas onde eu ia ele tava atrás, e ele “tetete tetete tetete” e eu “eu não quero briga, não quero discutir”, “tetete tetete tetete” e eu fui pro lado e fui pro outro e ele indo atrás discutindo, acho que era por causa das filhas dele se não me engano. E a pia lotada de louça, minha menina tava lá dentro estudando, aí eu “pelo amor de Deus homi, você me deixa em paz, eu não quero discutir, eu to cansada, eu tenho um monte de serviço pra fazer, pelo amor de Deus, vai assistir televisão e me deixa em paz” e eu fui pra cozinha, aí eu saí e ele saiu atrás. Aí eu encostei na pia pra lavar louça e ele encostou no fogão e começou “tetete tetete tetete”. Vivian, quando eu vi eu tava com uma faca na mão. Eu peguei a faca e fui em cima dele, aí quando eu fui com a faca pra cima dele... Eu ia matar

ele mesmo, naquela hora ali eu tava tão irada que eu ia matar ele, porque ali eu percebi que você faz coisas que você se arrepende depois, mas ali na hora você fica tão passada que você faz. Eu peguei aquela faca e fui pra cima dele, mas ele me segurou, daí eu pensei ele com as perna no fogão e ele não conseguia sair dali, aí ele começou a gritar a Ana, “Ana, corre aqui que tua mãe ta doida, corre, Ana, me ajuda”. Eu não sei onde que eu arrumei tanta força, que eu fui descendo a faca, fui descendo a faca e ele prensado no fogão não tinha como ele usa a força que ele tinha também né, aí foi que a Ana chegou por trás e ajudou ele a me segurar. A hora que ele saiu, ó, sumiu, desapareceu. Eu fiquei com tanta raiva, com tanta raiva que eu peguei uma bolsa, ponhei umas peças de roupa dentro, liguei pra minha vizinha e falei pra ela ficar com as meninas até no outro dia, subi lá em cima na rodovia, peguei uma carona e fui para na casa da minha irmã. Dormi a noite lá e no outro dia eu vim embora porque eu tinha que trabalhar cedo, mas, assim, sabe quando você fica louca? Você perde o sentido, você perde tudo... Eu fiquei assim, parecia que eu tinha enlouquecido mesmo naquele dia. Eu não queria ficar ali, eu queria sair dali e foi numa dessas vezes aí que eu saí de casa, sabe, você fica cansada, você... Eu trabalhava muito, Vivian, eu trabalhava de segunda a segunda. Eu não tinha domingo, não tinha feriado, não tinha nada, era direitão.

E: e o que aconteceu que, como você disse, você parou de falar as coisas?

R: eu não sei. Porque as filhas dele começou a falar coisas pra ele que não era verdade.

E: como o que?

R: é isso que eu queria saber.

E: você não sabe?

R: eu não sei, eu só sei que eu trouxe uma sobrinha dele pra morar aí em casa, tudo, porque ela disse que ia vir pra estudar e eu trouxe ela e daí... Um dia eu cheguei em casa e ele tava bravo, tava cuspidando fogo daí eu falei “o que ta acontecendo?” e ele falou “nada, não ta acontecendo nada”, só falou isso pra mim. Pegou a moto saiu, foi pro bar, chegou bêbado, porque ele bebe todo dia, todo dia ele bebe. Aí... Passou uns dias e a sobrinha dele falou pra mim “tia, vou falar uma coisa pra você, você cuidado com as coisas que você fala aqui dentro de casa porque quando o tio chega em casa a Marcia fala um monte de coisa pra ele, até o que você não falou, ela fala”. Ta. Aí eu comecei a me calar. Quando foi antes de ontem que a gente tava discutindo, que ele chamou eu de doente mental, ele falou pra mim assim “é, porque você vive se metendo na vida da Marcia, porque ela não vê a hora de se casar e não sei o quê, porque ela vive num inferno” daí eu fui e falei assim “mas eu não sei que inferno que ela vive, ela chega do serviço, ela entra no banheiro e toma banho, fica quinze minutos no chuveiro, depois ela faz um copo de chá, um prato de sanduíche, entra pro quarto dela, liga o computador dela, o DVD dela pra assistir televisão e a internet, eu faço a janta, ela levanta, faz a marmitta dele e depois volta pro quarto dormir. Eu lavo a roupa dela, eu estendo, eu recolho a roupa dela. O que eu to fazendo de errado pra ela?”. Você entendeu? Então eu não sei o que ela fala pra ele porque eu não abro a minha boca.

E: você acha que esse foi o motivo que te fez parar de falar?

R: exatamente. Porque um dia lá, discutindo lá, foi por causa da minha menina, tava discutindo com a minha menina e ela foi entrar no meio daí eu falei “olha, Marcia, faz favor, o assunto aqui não é seu, é meu e dela”. Aí ela começou a me xingar, me mandou pro inferno, queria que eu morresse, que não sei o que, tetete. Daquele dia pra cá eu parei de conversar muito com ela, só falo só o necessário mesmo, e no dia que ela estragou a minha televisão que eu fui reclamar. Eu preferia que ela chegasse em mim e falasse “ó, eu estraguei a sua televisão, não dá pra mim arrumar, você me desculpa” ou que nem pedisse desculpa, mas pelo menos assumisse o que ela fez né. E foi o contrário, ela começou a gritar comigo, ele também e eu fiquei quieta. Então, assim, ali é assim, nada deles estraga. Nada que é deles estraga, agora o que é meu estraga. Meu micro-ondas estragou, não sei o que ela pôs lá dentro, descascou tudo a porta... Eu não sei e sei. Aqueles negócio de depilar ela aquecia no micro-ondas. Mas como que eu vou chegar nele e dizer que foi isso, fala pra mim. A porta do micro-ondas assim descascou toda, achei incrível porque isso nunca aconteceu. Em todos os lugares que eu trabalhei na minha vida eu nunca vi acontecer isso. Agora, aquele negócio de depilação, é química aquilo ali, mas como que eu vou chegar nele ou nela e falar que foi ela que fez? Não posso porque se não vai dar briga, então eu fico quieta. Eu comprei o forro da casa e foi ele que colocou e no dia que ele colou eu fui trabalhar. Antes de eu sair eu ainda perguntei pra ele “você vai por o forro da sala hoje?” e ele falou que não. Eu tenho um móveis que eu comprei de uma mulher aqui da zona sete, sabe aqueles móveis bem chique? De madeira maciça mesmo, ela me vendeu por duzentos e cinquenta reais porque não tinha onde ela deixar no apartamento que era pequeno. Ela falou “olha, Rosa, custou mais de dois mil reais, mas eu vou te vender por duzentos e cinquenta” e eu fui e comprei. Você acredita que ele subiu de sapatão em cima do meu móveis pra ponha o forro, derrubou o martelo, riscou tudo meu móveis, onde caiu o martelo, onde bateu aquela ponta ali, rancou a madeira. E eu vou falar o que? Se eu falar dá confusão. Eu só chorei. Aí eu tenho uma raque também que eu ganhei, eu deixei uma no meu quarto né e deixei outra na sala. Aí a que tava no meu quarto eu ponhei na sala e a da sala veio pro meu quarto, porque ficou muito feia, riscou muito e pra arrumar aquilo ali é caro, agora, por enquanto, eu não tenho condições. Daí eu tirei a do meu quarto e ponhei na sala, uma sala de visita que eu fiz, sala de estar. E quando eu coloquei a porta de vidro tinha que pintar primeiro a grade pra depois ponhar o vidro. Ele foi e comprou o compressor, pagou setecentos reais só pra pintar uma porta, só pra você ter ideia, eu ainda falei pra ele “você não vai pintar isso se eu não tiver em casa, pelo amor de Deus, se você for pintar você ponha jornal pra isso não espirrar dentro de casa”. Era melhor ter falado “não, você pode meter tinta aí”. Tinha uma toalha de crochê em cima da raque e ele dali tinta. Ficou a marca certinho, porque a raque é escura e a tinta branca, ficou tudo respingado de tinta meu móveis. E eu tive que ficar quieta, você entendeu? Você vai falar o que, Vivian? Se eu for falar é pior então eu me calo e choro. A única coisa que eu faço é me calar e chorar.

E: tem mais alguma coisa que você quer me falar?

R: ah, não sei, falei bastante já né (risos).

E: Rosa, agradeço muito sua disponibilidade tanto de vir até aqui como de me contar sua história.

R: ai, pra mim foi muito bom, foi muito bom. Eu falo pra você, foi muito gratificante você me ouvir. Eu acho que isso vai me servir muito, sabe. Eu também tenho que te agradecer.

E: eu é que te agradeço. Por confiar em mim e por ter se deslocado até aqui.

R: eu saí do trabalho. Eu ia trabalhar agora a tarde né, daí eu falei pra minha patroa “ah, Rose, eu vou porque é muito importante pra mim, pra mim ta sendo muito importante então eu vou”.

E: que bom.

R: sabe, Vivian, eu gostaria de mudar a minha história, eu já sofri muito, eu não to... Eu não queria acabar meus dias sofrendo desse jeito, eu queria poder amar e ser amada, sabe. Sabe, as vezes eu fico pensando assim, quantas vezes a mulher do Tom não deve ter chorado por causa de mim? Eu penso nisso também, sabe? Porque diz que tudo nessa vida tem volta, né.

E: você se sente culpada?

R: as vezes. Eu falo pra você, eu não to vivendo. Eu não to vivendo, porque meus melhores momentos é quando eu to trabalhando, eu cheguei dentro de casa, acabou.

E: entendo. Bom, Rosa, muito obrigada por todas as informações, disponível em me ajudar com a sua história, agradeço muito.

R: nossa, e tinha mais coisas ainda (risos). Eu queria ser feliz de novo, poder sorrir, mesmo que fosse sozinha. Eu não sei sorrir mais, eu não consigo dar um sorriso e é muito triste você não conseguir sorrir. Ó, pra você ter noção, isso aí é desde que meus filhos são pequenos, se as crianças começassem a brincar e sorrir dentro de casa ele ficava bravo, ninguém podia rir dentro de casa. A gente deixou de sorrir, não só eu como as meninas também. Nós deixamos de sorrir por causa dele.

E: entendo, parece que vocês dão muito poder a ele.

R: então, agora eu to assim, ele me procura e eu falo pra ele “eu não quero”, “ah, mas eu quero”, “ah, você quer? Então você usa”. Simplesmente, eu fico igual uma estátua e ele usa e acabou. Eu não vou mais... Porque eu já fingi muito sabe, Vivian, fingi que tava bem, que tava gostando só pra poder agradar a ele. Não, eu não finjo mais. e eu falei pra ele que não vou viver fingindo pra agradar ele, não vou fazer carícias só pra agradar, só porque ele quer. Então eu, nessa parte eu to aprendendo a falar não e eu acho que isso pra mim já é importante, porque antes eu não falava. Antes ele falava “eu quero isso” e eu fazia, e hoje não, eu não faço mais. Depois que eu... ó, faz pouco tempo que eu to com a (estagiária de psicologia) e eu to aprendendo a dizer não pra ele, eu to aprendendo me impor naquilo que eu... Porque antes, eu vou falar pra você, antes era muito difícil. Ele queria me usar como se eu fosse prostituta, sabe? E começava a me dar tapa, aquilo que me dava uma ira, uma ira, aquilo eu chorava, eu chorava... Você não tem noção. A pessoa ta transando com você e você chorando com aquela ira sabe... Olha... Num... Não tem como eu te explicar, é muito dolorido, sabe a pessoa te

usando como se você fosse um lixo, uma prostituta, nossa... De quatro anos pra cá, assim, ele ta sendo muito cruel comigo e eu queria entender isso, o porquê entendeu?

E: acho que as vezes é difícil entendermos o outro, a única coisa que podemos dar conta é de entender o porque nós aceitamos algumas situações.

R: é, mas eu to aprendendo a não aceitar mais que ele faça isso comigo, ele apenas me usa, mas como era antes eu não aceito mais. Mas eu chego lá. Se você precisar de mais alguma coisa você pode me ligar que eu venho. Muito obrigada, Vivian, é muito bom ter alguém pra ouvir a gente.